

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

A invenção da “Manchester Paulista”: embates culturais em Sorocaba (1903-1914)

Autor: Arnaldo Pinto Junior

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Carolina Bovério Galzerani

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado defendida por Arnaldo Pinto Junior e aprovada pela Comissão Julgadora.
Data: 27/08/2003

Assinatura:.....

Orientadora

Comissão Julgadora:

© by Arnaldo Pinto Junior, 2003.

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/ UNICAMP**

Bibliotecário: Gilденir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

P658i Pinto Junior, Arnaldo.
A invenção da “ Manchester Paulista” : embates culturais em Sorocaba
(1903-1914) / Arnaldo Pinto Junior. -- Campinas, SP: [s.n.], 2003.

Orientador: Maria Carolina Boverio Galzerani.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Sorocaba (SP) – História. 2. Modernidade. 3. Almanagues – História.
4. Periódicos – História. 5. História – Estudo e ensino. I. Galzerani, Maria
Carolina Boverio. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade
de Educação. III. Título.

03-130-BFE

Sumário

| | |
|--|------|
| Abreviaturas..... | V |
| Lista de Imagens..... | VI |
| Agradecimentos..... | VIII |
| Resumo..... | X |
| Abstract..... | XI |
| Memorial..... | XII |
| | |
| Introdução – Apresentando e justificando o tema da pesquisa..... | 1 |
| Um retrato com motivações diferentes..... | 1 |
| A explicitação dos sentidos historiográficos..... | 10 |
| Ampliando o diálogo com a historiografia local e nacional..... | 21 |
| | |
| Capítulo 1 – O cenário da cidade moderna..... | 27 |
| O despertar da cidade..... | 27 |
| Inventando uma “nova” etapa histórica..... | 31 |
| O cinematógrafo, fantasmagoria da cidade moderna..... | 38 |
| Contradições do viver urbano moderno..... | 43 |
| | |
| Capítulo 2 – Adentrando a invenção da <i>Manchester Paulista</i> : dialogando com produções historiográficas e (re)conhecendo especificidades..... | 47 |
| O “progresso” transformando a “velha” cidade do século XIX..... | 47 |
| Um desafio para a cidade moderna: a febre amarela..... | 52 |
| A trajetória do PRP sorocabano..... | 62 |

| | |
|---|-----|
| Capítulo 3 – Inventando uma “nova” cidade..... | 69 |
| A construção da imagem de <i>Manchester Paulista</i> | 69 |
| A “República Tipográfica”..... | 78 |
| As tipografias sorocabanas, oficinas das imagens modernas..... | 84 |
| Jornal <i>O Operario</i> | 94 |
| | |
| Capítulo 4 – Apresentando os almanaques e as revistas: adentrando seu formato, estrutura, revisitando seus redatores..... | 101 |
| A primeira série de almanaques sorocabanos..... | 101 |
| O almanaque para 1914..... | 113 |
| Uma revista mensal..... | 121 |
| Os redatores e colaboradores do centro urbano moderno..... | 126 |
| | |
| Capítulo 5 – Civilização / Europa / Progresso! Por que não?..... | 139 |
| Imagens impressas em revista e nos almanaques..... | 139 |
| Relações modernas de trabalho e educação..... | 146 |
| | |
| Considerações Finais..... | 185 |
| | |
| Fontes..... | 191 |
| | |
| Referências Bibliográficas..... | 191 |

Abreviaturas

AEL – Arquivo Edgard Leuenroth

AESP – Arquivo do Estado de São Paulo

BMS – Biblioteca Municipal de Sorocaba

BN – Biblioteca Nacional

CAPES – Centro de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo

CMU – Centro de Memória da UNICAMP

CSIC – Consejo Superior de Investigaciones Cientificas

EFS – Estrada de Ferro Sorocabana

EFUSY – Estrada de Ferro União Sorocabana e Ytuana

GLS – Gabinete de Leitura Sorocabano

FE – Faculdade de Educação

IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

IHGGS – Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba

MHS – Museu Histórico Sorocabano

PUCCAMP – Pontifícia Universidade Católica de Campinas

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UNISO – Universidade de Sorocaba

USP – Universidade de São Paulo

Lista de Imagens

Imagem nº 1 – p. 105. “Agencia do Correio”. Almanach de Sorocaba para 1904. Sorocaba – SP: Typographia 15 de Novembro Editora, 1903, p. 73.

Imagem nº 2 – p. 106. “Gabinete de Leitura Sorocabano – Bibliotheca” (antiga sede). Almanach de Sorocaba para 1904. Sorocaba – SP: Typographia 15 de Novembro Editora, 1903, página sem numeração entre as páginas 80 e 81.

Imagem nº 3 – p. 107. Publicidade do Almanach de Sorocaba para 1904. Sorocaba – SP: Typographia 15 de Novembro Editora, 1903, página sem numeração.

Imagem nº 4 – p. 108. “Capa” do Almanach de Sorocaba para 1904. Sorocaba – SP: Typographia 15 de Novembro Editora, 1903.

Imagem nº 5 – p. 116. Propaganda do Almanach Illustrado de Sorocaba (1914). Revista A B C ..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Abril de 1914, nº 1.

Imagem nº 6 – p. 132. “Redacção d’ A B C... O LULÚ (Luiz Gonzaga de C. Fleury)”. Revista A B C..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Abril de 1914, nº 1.

Imagem nº 7 – p. 157. “Alguns bons predios de Sorocaba” Revista A B C ..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Abril de 1914, nº 1.

Imagem nº 8 – p. 158. “Sorocaba em flagrante. Os nossos instantaneos”. Revista A B C ..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Abril de 1914, nº 1.

Imagem nº 9 – p. 159. “Aspectos Locaes – Um trecho do Jardim Publico da Praça Frei Baraúna”. Revista A B C ..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Junho de 1914, nº 3.

Imagem nº 10 – p. 164. “Costumes Locaes – O tradicional carro de bois.” Revista A B C ..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Abril de 1914, nº 1.

Imagem nº 11 – p. 174. “Fabrica Santa Rosalia – Um aspecto da sala de cardas”. Revista A B C ..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Setembro de 1914, nº 5.

Imagem nº 12 – p. 175. “Fabrica Santa Rosalia – Vista da sala de batedor”. Revista A B C ..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Setembro de 1914, nº 5.

Imagem nº 13 – p. 176. “Fabrica Santa Rosalia – Sala de Carreteis e Urdideiras”. Revista A B C ..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Setembro de 1914, nº 5.

Imagem nº 14 – p. 177. “Aspectos Locaes. Fabrica de tecidos Santa Rosalia”. Revista A B C..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Setembro de 1914, nº 5.

Imagem nº 15 – p. 179. “Fabrica Votorantim – Uma parte da secção de fiação”. Revista A B C ..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Julho de 1914, nº 4.

Imagem nº 16 – p. 180. “Fabrica Votorantim – Uma parte da secção de tecelagem”. Revista A B C ..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Julho de 1914, nº 4.

Imagem nº 17 – p. 181. “Fabrica Votorantim – Uma parte da secção de Fiação”. Revista A B C ..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Julho de 1914, nº 4.

Imagem nº 18 – p. 182. “Industria local. Fabrica Votorantim – Um aspecto da villa operaria”. Revista A B C..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Julho de 1914, nº 4.

Imagem nº 19 – p. 183. “Industria local. Um aspecto da Fabrica Votorantim: tecelagem”. Revista A B C..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Julho de 1914, nº 4.

Agradecimentos

Após três anos e meio de trabalho dedicados à pesquisa, ao estudo e à reflexão sobre meu tema de mestrado, chego ao final com a sensação de missão cumprida. Esses anos foram férteis em diversos sentidos, principalmente no que diz respeito às relações que vivenciei. Com muitas pessoas convivi, dialoguei e fiz boas amizades. Assim, a tarefa de agradecer não é fácil. Muitos foram aqueles que contribuíram para a realização desse projeto de pesquisa. Muitos foram aqueles que entraram em contato e puderam pensar, criticar, auxiliar minhas reflexões. Agora, tenho a impressão que vou esquecer de algumas pessoas. Por isso, peço a compreensão daqueles que não se encontram nessas próximas linhas, pois sei que rememorar também significa esquecer. Além disso, tenho a certeza que não vou expressar em palavras toda a gratidão que tenho pelas pessoas que auxiliaram esse trabalho, mas vou tentar.

Meus agradecimentos iniciais são para o grupo Memória, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Ao grupo devo a oportunidade de realizar esse trabalho, os incentivos dos seus integrantes para a concretização da pesquisa e elaboração das minhas reflexões. Em especial, para as professoras Ernesta, Vera e Carminha.

Meu profundo respeito à professora Maria Carolina Bovério Galzerani. Entre inúmeras aulas, conversas, simpósios, congressos e reuniões de orientação, meu respeito e admiração pelo seu trabalho foi aumentando. Com a professora Maria Carolina pude aprender novos sentidos da história e educação, além de poder contar com uma orientação impecável. Meus agradecimentos ultrapassam as questões profissionais; à minha orientadora devo paciência e estímulo constantes em momentos cruciais.

Aos membros da banca de qualificação e de defesa da dissertação, professores Vera Lúcia Sabongi De Rossi e Luiz Carlos Barreira, devo uma leitura atenta, sugestões importantes, ajuda em uma fase de intenso trabalho que envolve a qualificação e a defesa final do mestrado, além de incentivo para o prosseguimento da reflexão.

Ao amigo João Batista Gonçalves Bueno, grande companheiro na caminhada do meu trabalho, sempre presente nas horas fundamentais dessa pesquisa. Muito obrigado pelas incontáveis e valiosas sugestões.

Ao amigo Valter José Cobo, pela ajuda em alguns estágios da pesquisa e pelo incentivo de trilhar uma carreira acadêmica.

À professora Dinara de Luna Pedrosa Fernandes, que em conversas envolventes e alentadoras, fizeram com que refletisse muito e pensasse que os verbos sonhar, desejar, realizar e educar devem ser conjugados concomitantemente.

Aos meus parentes que estiveram torcendo pelo meu trabalho desde a fase inicial, como também aos amigos que acompanharam a trajetória da pesquisa. Muito obrigado pelo auxílio constante e desculpem-me pelo afastamento temporário.

Aos professores Paulo Celso da Silva e José Paulo Marsola e ao pesquisador Rubens Menon Filho, pessoas que procuraram contribuir com dicas, sugestões, documentos e informações valiosas.

Aos funcionários de bibliotecas, museus, arquivos, do Gabinete de Leitura Sorocabano e da Casa Aluísio de Almeida. Foram tantas pessoas incentivando meus estudos que seria injusto citar algumas e excluir outras. Todos vocês possibilitaram o avanço de meus trabalhos de forma inestimável.

Aos meus pais, pela minha formação e por tudo que fizeram para a realização desse trabalho. Mãe, obrigado por sempre apoiar o professor que você acreditou que seria competente. Pai, obrigado por me ensinar que o trabalho construído com prazer realiza o homem.

Meu maior agradecimento vai para minha família. Minha esposa e meu filho que compartilharam momentos de muita emoção e agitação nos meses finais da dissertação. Maitê, companheira que batalhou desde o início para a realização desse trabalho. João, filho que viveu o último ano da dissertação. Minhas razões de viver, não posso traduzir em palavras o quanto vocês são importantes para mim. Maitê, muito obrigado pela paciência, pelo carinho, pelo amor, pelo incentivo, por cuidar do nosso filho, por segurar a barra, por você estar comigo. João, quem diria, mais um amor na minha vida. A você peço desculpas por não te atender como eu gostaria. Não sei se você percebeu, mas seu pai trabalhou bastante nesses últimos tempos.

Pronto filho! Venha com seu pai; agora vamos poder brincar sem parar.

Campinas, Agosto de 2003.

Resumo

Neste trabalho reflito sobre as relações entre cultura e cidade, com o objetivo de (re)construir historicamente o processo de engendramento das concepções da modernidade capitalista em Sorocaba (SP), no início do século XX. Focalizando os almanaques produzidos entre 1903 e 1914 e a revista literária *A B C...* (1914), procuro compreender os significados culturais dessas publicações sorocabanas face às transformações do viver urbano dessa cidade, onde seus moradores vivenciavam novas experiências com o acelerado crescimento demográfico. Tanto os jornais sorocabanos do período como as publicações tipográficas analisadas trazem à tona as especificidades dos embates sócio-culturais locais, defendendo concepções plurais e contraditórias da modernidade brasileira. Entendo essas publicações como meios veiculadores de concepções liberais, românticas e positivistas, instituintes de imagens modernas sobre a cidade, em meio a uma guerra de símbolos com especificidades locais, mas articulada à macro-história. Resultado de projetos tipográficos de dois estabelecimentos sorocabanos, os documentos focalizados são produtos importantes para sua época, representando prestígio o dos seus redatores e colaboradores. Estabeleço no trabalho as possíveis relações entre os editores, redatores e principais colaboradores das publicações com os poderes públicos, as classes sociais e seus objetivos político-culturais. Para discutir o avanço do sistema capitalista no Brasil e os seus desdobramentos na relação com as especificidades sorocabanas, atento às tensões e resistências sócio-culturais que compuseram esse processo histórico, destaco sentidos historiográficos e potencialidades educacionais da história local.

ABSTRACT

In the present study I meditate about the relationships between culture and the city, in which the main goal is to historically rebuild the engendering process of the capitalist modernity at Sorocaba City (São Paulo), at the early XXth century. Centering the almanacs produced between 1903 and 1914 and the literary magazine ABC... (1914) I intend to understand this city's publications cultural meanings facing the city's urban living transformations, whereas its residents live new experiences with the accelerated demographic growth. Both city's period's newspapers and typography publications reviewed show the local social and cultural clash peculiarities, withstanding contradictory and plural notions of the Brazilian modernity. I understand these publications as means to spread out liberal notions, romantics and positivists, building modern images about the city, among the local peculiarities symbolic's conflict, even so linked to the macro-history. As a result of typographic projects from two of Sorocaba's establishments, the researched documents are substantial outputs to their time, representing its editors and collaborators reputation. I establish the possible links between editors, publishers and main collaborators to the publications with the civil powers, the social groups and their political and cultural goals. In order to debate Brazilian's capitalist system's advance and its following events related to Sorocaba's peculiarities; observing the social and cultural strains and resistences that composed this historical process, I emphasize historiographic meanings and educational potentials of the local history.

*Coisas que a gente se esquece de dizer
frases que o vento vem às vezes
me lembrar
coisas que ficaram muito tempo
por dizer
na canção do vento não se cansam
de voar*

(“O trem azul” – Lô Borges e Ronaldo Bastos)

MEMORIAL

Em meio a muitas incertezas e medos iniciei a redação deste memorial. Eu não sabia o que escrever. Contar a minha vida? Começar por onde? Quais momentos foram decisivos para minha formação? Como cheguei até aqui? Apresentar a minha trajetória de vida poderia revelar detalhes significativos para os leitores? Alguns momentos poderiam provocar risos, ou até pior, rejeição. Aos poucos o interesse pelo trabalho foi ocupando o lugar do medo na produção deste memorial. Aos poucos fui percebendo o significado deste trabalho para a recuperação das minhas memórias e dos sujeitos que fizeram ou ainda fazem parte da minha vida.

Partindo do meu presente, procurei rememorar os momentos plenos de significados na minha vida. Estas rememorações conseguiram trazer à tona experiências que foram vividas intensamente. Sentindo emoções diferentes a cada lembrança, pude registrar momentos de tristeza e felicidade. Minhas descobertas de infância, minhas quedas doloridas, o início e o final de amizades e amores não vão aparecer neste texto. Entre as rememorações registradas, o esquecimento também faz parte desse trabalho. Como as experiências vividas foram muitas, resgato algumas passagens que considero marcantes para a minha formação pessoal e profissional. Elegendo minhas memórias, revelo neste memorial parte da minha história.

Sou integrante de uma família pequena: somos eu, meu pai e minha mãe. Como filho único, tive uma infância e adolescência que muitos consideram propícia para a

formação de uma criança mimada. Discordando às vezes desse rótulo, tenho que vestir a carapuça em outros momentos. Mas não creio que sou uma pessoa interessada em atender apenas aos meus caprichos. As experiências acumuladas na vida trouxeram-me preocupações sociais amplas, para além da minha pessoa e dos sujeitos que compuseram meu círculo social mais próximo. Acredito que minhas origens explicam bastante as visões de mundo que tenho atualmente e as opções que tomei ao longo da vida.

O convívio familiar foi marcante para minha formação social. A figura do meu avô materno (Antônio) sempre esteve próxima de mim na infância. Dono de um armazém de secos e molhados que não vi funcionar, ele conseguiu durante a vida de trabalho junto à minha avó, construir algumas casas que acabou doando para suas filhas. Numa delas, moravam meu avô e meus pais após o casamento, e eu a partir de 1968. As filhas do espanhol Antônio Peres Rodolpho – minha mãe (Dolores) e minhas tias (Estela e Dirce) – sempre que possível, reuniam os maridos, filhos e outros parentes para refeições e festas nos finais de semana. Recordações de infância remetem-me para a casa da minha tia Estela, onde aos sábados e domingos a família passava os dias comendo e conversando.

Tive como “irmãos” os meus primos por parte de mãe, bem próximos de mim, da infância até a juventude. Como meus pais trabalhavam fora da cidade, eu passei boa parte dos meus primeiros anos de vida sob o olhar atento da minha tia Estela. Ela e meu tio Luiz – meus padrinhos de batismo – ficaram com a tarefa de cuidar do afilhado enquanto meus pais estavam fora de casa. Morávamos em casas de parede e meia e, com isso, estávamos sempre juntos. Mais novo que meus primos Ana Maria e Luiz (filhos da tia Estela), eu era um agregado da família enquanto minha mãe ou meu pai não chegava do trabalho. É evidente que meu avô, que dividia o quarto comigo na infância, também ajudava a cuidar de mim. Segundo meu pai, ele preparava gemadas e sucos sem o açúcar, fazendo o neto tomar tudo mesmo com a choradeira provocada pela ausência do gosto adocicado. Para completar, meus tios e prima de Itapetininga (Dirce, Laércio e Adriana, respectivamente) todos os finais de semana estavam na cidade onde nasci e morei – Sorocaba – aumentando o número de familiares em circulação entre as casas dos meus tios e dos meus pais.

Os finais de semana eram momentos em que eu ouvia histórias daquelas e de outras pessoas. Recentes ou mais antigas, as histórias me encantavam. Nelas, “conheci”

minha avó materna Maria, que faleceu antes de eu nascer. Nelas, realizei minhas primeiras “viagens” pelo mundo, ouvindo meu avô falar da Espanha, dos seus pais e irmãos, do navio que os transportou da Península Ibérica para o Brasil, das plantações de café em São Manoel, que a família trabalhou quando chegou ao país, de Sorocaba na primeira metade do século XX. Foram meus tios Luiz e Laércio que proporcionaram inúmeras viagens de fato, para Mongaguá, São Pedro, São Paulo e Itapetininga.

Desde pequeno gostava de ouvir histórias, de imaginar outros lugares, de sentir as emoções daqueles que fizeram parte delas. Se meu avô materno era uma figura presente na minha infância, meu avô paterno que morava em São Roque, aparecia esporadicamente. Recebendo ou realizando visitas, eu o encontrava também para ouvir histórias da outra parte da família. Meu avô João era filho de portugueses que fixaram residência na cidade de São Roque nas primeiras décadas do século XX. Ali meu bisavô comprou terras e passou a vida fazendo negócios. Quando este foi envelhecendo, perdeu praticamente todo o patrimônio, passando o que restou para um tio-avô que soube aproveitar para si o pouco que restou. Sem herança, meu avô trabalhou como agricultor e mais tarde tornou-se pedreiro. Até os setenta anos de vida o “vô” João trabalhou construindo casas. A avó paterna eu também não conheci, pois ela faleceu antes do meu nascimento.

Meu pai (Arnaldo) não era uma figura que participava freqüentemente das reuniões familiares nos finais de semana. Trabalhando numa empresa de ônibus como motorista intermunicipal, invariavelmente estava viajando aos sábados e domingos. Suas folgas aconteciam nos dias da semana. Vivendo nas estradas que ligavam Sorocaba à São Paulo, ele também gostava de contar suas histórias. Não só das viagens diárias, mas também da infância no sítio em Maylasky, distrito de São Roque. Ele sempre me contava que desde criança trabalhava na roça, ajudando meu avô na agricultura, junto com outros irmãos. Um dos oito filhos do casal João e Zilda, meu pai contava suas histórias e as de outras pessoas da cidade que me despertavam grande interesse. Uma delas dizia respeito aos combatentes da Segunda Guerra Mundial que saíram de São Roque para a Itália. Alguns morreram, outros retornaram mutilados, poucos saíram dos combates sem traumas. Relatos de mortes, tiros e explosões impressionavam-me bastante. Saber que pessoas lutavam até a morte para dar a vitória a um país deixava-me comovido e, ao mesmo tempo,

intrigado. A vitória do Brasil na guerra era comemorada pelos narradores, mas se o Brasil perdeu tantas vidas com a vitória, quantas vidas não foram perdidas pelos derrotados?

Para além das casas dos meus parentes, as edificações da vizinhança constituíam o mundo que eu conhecia na infância. O antigo armazém de meu avô junto a nossa casa ficava na esquina das ruas Teresa Lopes e Quinzinho de Barros. Do outro lado da rua Quinzinho de Barros ficava a padaria dos pais de um amigo de infância. Na esquina debaixo, o Tiro de Guerra da cidade. No final desta mesma rua, o edifício da escola que eu iria estudar muitos anos. Na continuidade do terreno da escola, a fábrica de tecidos Santa Maria. O bairro residencial que eu morei deixava de ter estas características perto da casa de meus pais. A movimentação da fábrica, o entra e sai de alunos na escola, os atiradores do exército fazendo exercícios militares e a própria padaria em frente de casa, agitavam aquela rua.

Em frente à minha casa, mesmo com o movimento de carros e de pessoas, partidas memoráveis de futebol aconteceram. Eu e meus colegas do bairro improvisávamos traves nas paredes da casa de meus pais e da padaria para realizarmos os “clássicos” futebolísticos da criançada. Os paralelepípedos da rua atrapalhavam o controle da bola e machucavam o “atleta” que caía durante a partida. Mesmo assim, quase todos os finais de tarde e início de noite eram ocupados por jogos disputados na rua. Não foram poucas as vezes que um vidro da janela de casa ou da padaria acabou sendo estilhaçado por um chute fora de direção. Os campos de grama, melhor dizendo, mato e terra onde ocorriam as partidas com menos obstáculos (entenda-se carros, pessoas, bicicletas, paralelepípedos, guias) ficavam próximos à escola. Empinar pipa e brincar de pega-pega não eram minhas diversões prediletas, até porque nelas eu me sentia meio desajeitado. Jogar bola foi a grande diversão da minha infância. A bola completava meus dias nessa fase da vida. No gol ou na linha, a diversão era garantida.

Penso que o futebol, difundido como um símbolo da cultura nacional pelos meios de comunicação na ditadura, me foi apresentado como uma atividade social indispensável. Garotos deveriam praticar esse esporte, pois o futebol representava uma paixão nacional, que o povo brasileiro deveria jogar muito bem. Gostar tanto de bola, identificar times desde pequeno, eleger os craques que eu encarnava nas brincadeiras, contou fortemente com a participação dos meios de comunicação, principalmente da

televisão na década de 1970. Mas também, no meu caso, torcer para o Corinthians foi um desdobramento das conversas infundáveis com um corinthiano-mor, meu pai. Hoje acredito que se eu não torcesse para o Corinthians, “seu” Arnaldo poderia ser um pai frustrado.

Minhas recordações escolares passam por duas escolas. A primeira foi a “Santa Escolástica”, dirigida por madres, onde estudei o pré-primário e a primeira série do então denominado primário. Lá experimentei minhas primeiras relações sociais mais amplas. Localizada no centro da cidade, a “Santa Escolástica” tinha um prédio grande, vários andares com salas de aula, espaços grandes nos diversos pátios e uma igreja para as cerimônias religiosas. Em frente ao Largo do Rosário e próxima à estação ferroviária, a escola era uma referência no espaço central da cidade. Eu era levado à escola pela Dona Adelaide, senhora que trabalhava na casa dos meus pais. Pegávamos o ônibus num ponto da rua Teresa Lopes e a viagem até a escola sempre reservava descobertas para mim.

Rememorando esse percurso, andar de ônibus despertava sentimentos diferentes. Veículo grande, alto, imponente, barulhento, o passageiro tem uma visão privilegiada de suas janelas. Fruto da convivência com o meu pai, o fato de ser transportado por um ônibus significava a oportunidade de conhecer pessoas e lugares diferentes a todo instante. Logo após subir no ônibus, eu procurava uma “janelinha” para poder observar o movimento, olhar casas, carros e pessoas que estavam ao meu alcance. Eu queria ver o que estava acontecendo fora do ônibus, lembrar o caminho percorrido, saber a hora de descer. Eu queria, desde pequeno, “dirigir” o ônibus até a escola, alertar o motorista se ele perdesse o itinerário, dizer: “pare seu motorista, eu vou descer aqui na minha escola”. Eu chegava a imaginar que o ônibus que me levava à escola, era dirigido pelo meu pai. Isso nunca aconteceu.

A segunda escola foi uma municipal que se localizava a um quarteirão da casa de meus pais. Chama-se até hoje “Dr. Achilles de Almeida”. Ali estudei da segunda série do primeiro grau até o terceiro ano do curso de contabilidade. A mudança de escola, segundo minha mãe, ocorreu por dois motivos: a escola pública era próxima de casa e não pesava no orçamento da família. Com isso, meus passeios de ônibus deixaram de ser diários. Por outro lado, não perdia um minuto entre o portão de casa e o portão da escola.

Entre as aulas mais marcantes do primário, destaco as de educação física e de estudos sociais. Esperar a hora da professora de educação física chamar os alunos na

classe, sair para o pátio sem o peso do material escolar, poder disputar competições contra o sexo oposto, “mexia” particularmente comigo, bem como os demais alunos da classe. Vencer as meninas era uma questão de honra, como também era motivação para brincadeiras entre os alunos. Correr, pular, gritar, brincar, competir, essas aulas eram assunto para vários dias. Aguardar a próxima aula para começar tudo de novo era estimulante.

Tão esperadas quanto às aulas de educação física eram as aulas de estudos sociais. Eu gostava de saber as características geográficas de Sorocaba, da região, do estado de São Paulo. Pensar em diferentes espaços, climas, temperaturas, trazia-me a sensação de uma “viagem” por lugares antes desconhecidos. Ouvir histórias de homens e mulheres que viveram muitos anos atrás atraía a minha atenção. Eu vibrava com as informações transmitidas em sala de aula. As comemorações cívicas e as festas populares eram destacadas pelas professoras, dando assim um aspecto formal aos sujeitos que construíram a história focalizada pela escola. Porém, em algumas aulas, os tons oficial e factual da história distanciavam-me do assunto abordado.

Nesses pontos, surgiram as primeiras dúvidas em relação à disciplina. Comparando com as histórias orais que eu tinha ouvido dos meus familiares, as histórias relatadas na escola tinham um “status” de verdade absoluta, para a qual os textos escritos e as imagens iconográficas apresentados em aula, corroboravam. A impessoalidade e a oficialidade das versões históricas escolares distanciavam os alunos dos sujeitos envolvidos nos processos descritos. Heróis e vilões apareciam para se oporem numa luta maniqueísta. Torcendo para o lado do bem, os alunos acompanhavam as histórias esperando a vitória dos heróis contra o mal. Em algumas passagens históricas, os heróis acabavam martirizados, nem sempre saíam vitoriosos ou vivos de suas lutas. O final infeliz indignava meus colegas de classe. Refletindo hoje sobre essas aulas, não sei se as decepções com as histórias trabalhadas em sala de aula – contadas como uma “guerra entre o bem e o mal” – poderiam criar uma rejeição dos meus colegas à disciplina diante de tantos “resultados injustos nesses embates”. Acredito que a maioria dos meus colegas de classe não compartilhava o sentimento de euforia que as aulas de história propiciavam a mim, quem sabe, por não concordarem com as vicissitudes ou pela negatividade transmitida por alguns processos históricos.

Em casa, a história contada envolvia os familiares, os amigos, os conhecidos ou os parentes distantes. Sem a “verdade” das palavras impressas num livro, elas teciam relações de sensibilidades entre os narradores e os sujeitos. O choque entre as versões foi interessante porque eu buscava em outros livros, ou mesmo com meus parentes, informações que solucionassem minhas indagações. Conversando com minha mãe, que era professora primária da rede pública estadual, eu procurava acabar com as dúvidas. “Tia Dolores” (como minha mãe era chamada por seus alunos), sempre preocupada com a educação do filho, incentivava a leitura de livros, enciclopédias, revistas e até mesmo jornais. Para mim, algumas leituras eram insuportáveis, pois traziam o mesmo discurso formal das versões utilizadas em aula. Sem responder todas as dúvidas, minha atenção mudava de foco quando eu encontrava textos escritos que tratassem de história ou geografia numa linguagem mais acessível, mais próxima do meu universo infantil.

Ainda nas primeiras séries do primeiro grau, estudando a história local sorocabana, comecei a me interessar pelo passado da cidade. A fundação da cidade pelo “herói” bandeirante Baltazar Fernandes, os “ciclos” econômicos que desenvolveram a vila colonial, a elevação da vila em cidade, a urbanização e o crescimento demográfico eram temas abordados superficialmente nas aulas de estudos sociais. Foi na terceira série, se não estou enganado, que ouvi pela primeira vez a denominação *Manchester Paulista*, referência ao crescimento industrial da cidade no final do século XIX e início do século XX. Estudando numa escola que ficava ao lado de uma fábrica de tecidos, comecei a prestar mais atenção nas construções industriais da cidade. A partir da aula, a *Manchester* apareceu com maior frequência no meu cotidiano. Ora nas locuções esportivas das rádios sorocabanas, ora na Viação Manchester, empresa de ônibus urbano que por um período foi detentora exclusiva da concessão do transporte de passageiros na cidade, além dos nomes de bairros (Nova Manchester, Parque Manchester) e de artigos nos jornais locais, que destacavam o passado glorioso da indústria sorocabana. Passeando pela cidade, as fábricas com características arquitetônicas inglesas destacavam-se do restante do conjunto.

É evidente que no campo do conhecimento humano minhas primeiras leituras foram baseadas em textos que circulavam no período do regime militar. Eu ingressei no primeiro grau durante a presidência do general Geisel e concluí a segunda parte do primeiro grau (antigo ginásio) durante o governo Figueiredo. Passei longe dos

movimentos sociais que mobilizaram parte dos brasileiros nos últimos governos da ditadura. Acabei participando de mobilizações sociais apenas a partir da graduação, já morando em Campinas após 1987.

Entretanto, se não participei diretamente das manifestações pela redemocratização do país, participei do regime militar como um estudante que em sala de aula observava professores que não expressavam posições políticas mais críticas à ditadura. A única professora de estudos sociais que fazia uma aula mais dinâmica e crítica foi uma substituta que não ficou um mês na escola. A professora era Tânia Bacelli, atualmente vereadora pelo PT em Sorocaba. Esta professora despertou uma grande curiosidade no seu aluno de 8ª série, que posteriormente foi traduzida em admiração definitiva pela disciplina história. Por discordar de alguns pontos com a direção, a professora Tânia foi substituída por outra professora.

A escola municipal que estudei boa parte da vida tinha como diretor uma figura “interessante”, o professor Milton Marinho Martins, vivo ainda hoje. O “seu” Milton era um diretor autoritário, disciplinador, intransigente e em muitas ocasiões, mal humorado. Alunos, e em alguns casos professores, temiam a severidade do diretor. Com uma postura de policial repressor, ele aparecia no pátio da escola para verificar o que estava acontecendo durante os intervalos de aula. A presença do “seu” Milton era notada porque os alunos receosos ficavam quietos, paravam até de conversar quando ele aparecia. Crianças que estavam brincando de correr ficavam imóveis de um instante para outro. Aquele momento que deveria ser um descanso entre as aulas do dia, tornava-se tenso pelo medo da repressão do diretor. Não eram raros os casos em que o diretor levava alunos desavisados, os considerados “baderneiros” para sua sala, onde após registrá-los em seu livro preto, estes eram humilhados com palavras nada motivadoras.

Recordo que nesta escola o uniforme tinha que ser impecável. Os inspetores esperavam os alunos no portão para conferir camisas, calças, meias e sapatos. Aqueles que não estavam devidamente uniformizados eram repreendidos ou na chegada ou na própria sala de aula. Insistir no “erro” de burlar o uniforme oficial poderia acarretar o impedimento de acesso às aulas. Esta postura da escola prejudicava alunos de famílias de baixa renda, pois comprar o material didático – que era exigido por professores em sala de aula – e

manter um uniforme sempre limpo, principalmente no início do ano, deveria pesar no bolso de muitos pais.

O diretor também ficava escondido em salas de aula para verificar a disciplina dos alunos no retorno após o intervalo. Querendo instaurar um clima de espionagem com os inspetores de alunos, a direção colocava-se atrás de portas para apanhar os alunos “indisciplinados”. Por sorte, nunca fui surpreendido pelo “aparelho de repressão à baderna” da escola.

Os alunos que freqüentavam a escola “Achilles de Almeida” ouviam desde os primeiros dias histórias sobre o famoso e temido diretor. Histórias de professores e alunos repreendidos em público, além da apavorante repressão na sala do diretor. A idéia de ser mandado para a diretoria era um martírio. O medo do diretor, de suas palavras e de suas punições era tão grande, que a maioria dos alunos assistiam às aulas pensando em não desrespeitar os professores. Vários destes amparavam-se na figura do diretor para manter a disciplina em suas aulas e/ou classes.

Apesar dos métodos nada democráticos de ensino, estudar nesta escola significava um privilégio para pais e filhos. Sendo uma escola pública municipal, a comunidade entendia que o corpo docente era um dos melhores na cidade. Situada num bairro próximo ao centro, a escola atendia, em geral, famílias de classe média que tinham dificuldades de pagar mensalidades em escolas particulares. Preferindo ver seus filhos numa escola pública reconhecida por todos, com um diretor disciplinador, bons professores e educação “puxada”, os pais imaginavam que ter os filhos estudando neste estabelecimento era um orgulho para toda a família. Além disso, nas décadas de 1970 e 1980 o ensino público ainda possibilitava aos alunos educação de qualidade, superando as escolas particulares, sem nenhuma dificuldade.

A confirmação desse reconhecimento se dava nos desfiles cívicos que ocorriam no bairro. As comemorações do descobrimento do Brasil, da inconfidência mineira, da revolução de 64, do 7 de setembro ou da proclamação da república, eram marcadas por desfiles e solenidades que envolviam alunos de todas as séries. Os alunos das séries iniciais desfilavam nas ruas próximas à escola, nos dias que antecediam as comemorações. Os alunos da 5ª à 8ª séries do 1º grau e os de 2º grau eram convocados para os desfiles e outros eventos nos feriados, isto é, na data da comemoração. Tanto no bairro

como nas ruas centrais da cidade, os alunos eram obrigados a comparecer, registrando ainda a sua presença. Faltar da festividade era caso de suspensão. Se isso era uma “chatice” para os alunos mais velhos, para a comunidade reconhecer seus filhos nos desfiles era um orgulho. Antes mesmo de entrar na escola municipal, eu era levado por minha mãe para assistir meus primos mais velhos desfilando.

Entrando para o curso de técnico em contabilidade no 2º grau, meu distanciamento em relação às outras disciplinas foi confirmado. Com poucas aulas de história ou de geografia no curso, senti a falta de mais aulas da área. Nesse período, já estava habituado a ler jornais, revistas e livros relacionados à história. Assim, o meu interesse pela história foi canalizado durante o curso de contabilidade, para a mídia em geral e para as aulas de português, especificamente literatura. Lendo obras de Machado de Assis, Mário de Andrade, Lima Barreto, entre outros, procurei compensar minhas preferências diante do “massacre” das disciplinas técnicas.

Para minha sorte, alguns professores agitavam a escola com “excursões” ao Teatro Municipal de Sorocaba. Em meados da década de 1980, a cidade recebia freqüentemente boas montagens teatrais, e melhor, com artistas consagrados. Como os estudantes de escolas municipais tinham um grande desconto nos ingressos, aproveitei o período para assistir vários espetáculos. Entre uma aula de mecanografia e uma peça com Paulo Autran, eu ficava com a segunda. Poder sair das aulas, não receber falta e ainda ver um bom espetáculo, tudo isso era formidável. Fugindo das disciplinas que pouco me motivavam, as estrelas do teatro nacional reforçaram minha tendência em relação às humanidades.

Das inúmeras peças que assisti, “Piaf” com Bibi Ferreira foi inesquecível. Durante o espetáculo, “viajei” com Edith Piaf pelo mundo. Ora estava andando pelas ruas de Paris, ora embarcava num avião para Nova York dos anos 40. Gostei tanto da vida da cantora francesa que coloquei na minha cabeça: tenho que aprender francês. Fascinado por essa e outras histórias de vida, senti que deveria realizar a graduação em história. Eu precisava entender como as pessoas viveram, o que elas pensavam, por que relações de poder eram tão intensas, como o passado da humanidade gerava desdobramentos sobre minha vida.

Com o tempo, a idéia de cursar a graduação em história foi consolidada. Incentivado pela minha mãe, que acreditava nas minhas potencialidades como profissional da área de pesquisa e educação, ao final do 3º ano de contabilidade (1986) prestei vestibular na UNICAMP. A opção por esta universidade se deu pelo curso ser gratuito, ser considerado um dos melhores do país, o vestibular ser dissertativo e pela cidade de Campinas apresentar um melhor padrão de qualidade de vida na época em comparação à São Paulo.

Realizar o curso de história foi um desafio que enfrentei com a ajuda financeira da minha família. Vivíamos a “década perdida”, o Plano Cruzado já era um fracasso, a inflação voltava a crescer. Um curso integral dificultava a minha colocação no mercado de trabalho e por isso, meus pais comprometeram-se a ficar com todo o custo da minha manutenção em Campinas. Essa situação não me deixou confortável. Depender dos pais com 18, 19, 20 anos de idade era um incômodo para mim. Enquanto muitos amigos estavam trabalhando, eu só estudava. Para minha sorte, tia Dirce sempre ajudava nas contas do mês.

As experiências vividas na UNICAMP abriram perspectivas que eu nunca havia imaginado na minha cidade natal. Os novos relacionamentos sociais, o contato com os professores e colegas, pessoas de vários estados do país, estrangeiros, a vida nas repúblicas, a cidade de Campinas. Estas vivências trouxeram alegrias e tristezas, novos amigos e também alguns inimigos. Experiências todas válidas para a minha formação. A vida acadêmica me fez refletir mais intensamente sobre os caminhos que eu deveria tomar dali em diante.

Recordando agora minha passagem pelo IFCH (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas), viver a segunda metade da década de 1980 com as expectativas de mudanças e as frustrações da Nova República, não foi fácil para ninguém. Com o fim da censura e do regime militar, a imprensa tinha liberdade de denunciar a corrupção, questionar os índices de inflação, mostrar a insatisfação popular, o sucateamento das instituições públicas de ensino, acirrando ainda mais a tensão social no país e o clima de descontentamento no Instituto onde me encontrava.

Minha família acompanhou a sociedade brasileira nas dificuldades sócio-econômicas enfrentadas nesse período. Enquanto meus pais bancavam minha estada em

Campinas, eu via as contas de casa ficarem cada vez mais apertadas. Querendo diminuir meu peso no orçamento doméstico, num determinado momento da graduação, mais precisamente após uma greve que ocorreu no segundo semestre de 1988, eu pensei em deixar o curso de história. Expus minhas idéias para alguns colegas e professores. Ouvi que a decisão era minha, que eu deveria pensar melhor, antes de me desligar do curso e outras palavras do gênero. Contudo, um diálogo foi fundamental para eu reconsiderar a idéia de deixar o curso e voltar para Sorocaba. Um dos professores que eu mais admirava na graduação, José Roberto do Amaral Lapa, me convenceu que a graduação em história era importante para minha formação pessoal. Com palavras alentadoras, elogiando minhas características de aluno, ele expôs o quanto eu perderia não realizando o curso até o final, ressaltando aspectos de um profissional que no futuro poderia realizar-se na carreira de professor e historiador.

Logo após esse diálogo com o professor Lapa, acabei me inscrevendo para a monitoria do curso de história. Ocupando uma das vagas disponíveis, fui monitor em 1989 e 1990, trabalhando em diversos serviços no AEL (Arquivo Edgard Leuenroth). Nesse período, pude me aproximar de pesquisas realizadas por professores da UNICAMP e por pesquisadores em geral junto aos documentos do arquivo. Para quem pensava em desistir do curso de história, a monitoria apareceu para reverter completamente minhas perspectivas profissionais. Cada dia de trabalho no arquivo instigava ainda mais minhas relações com o trabalho de pesquisa. Ser um pesquisador, buscar e analisar documentos, produzir conhecimento histórico tornaram-se meus principais objetivos de vida a partir de então. A bolsa de monitoria nos últimos dois anos da graduação ajudou a estabilizar minha situação econômica. Mesmo o valor sendo baixo, o dinheiro ajudava a pagar as contas do mês. Com isso, a dependência em relação aos meus pais diminuía.

Nesse período da graduação, as disciplinas da licenciatura começaram a ser oferecidas todos os semestres. Como eu cursava bacharelado e licenciatura concomitantemente, eu pensava que não poderia perder tempo e deveria concluir o curso em no máximo 4 anos, para não gerar novos gastos em Campinas com mais um ou dois semestres. Além das perspectivas de trabalhar com pesquisa, a licenciatura abriu outras possibilidades profissionais. Antes de cursar as disciplinas relacionadas à licenciatura, o bacharelado em história remetia-me apenas à idéia de realizar pesquisas. Valorizando o

pesquisador e o professor universitário, a docência de 1º e 2º graus era encarada como uma atividade menor para os historiadores, idéia essa que a maioria dos professores e alunos do IFCH manifestavam nas entrelinhas de seus discursos. Mas os cursos ministrados pelas professoras Ernesta Zamboni e Maria Carolina Bovério Galzerani questionaram o “senso comum” do departamento de história da UNICAMP. Valorizando a produção de conhecimento histórico em todas as instâncias/esferas, estas professoras contribuíram positivamente em minha formação, pois trouxeram à tona experiências docentes instigantes, articuladas ao exercício da pesquisa histórica.

Trabalhando diretamente com documentos no AEL, descobrindo novas possibilidades de atuação profissional como docente, posso afirmar que os dois últimos anos de graduação foram de enorme satisfação. Para melhorar ainda mais a situação, no último ano da faculdade consegui uma vaga na moradia da UNICAMP, fato que acabou com gastos de aluguel e transporte. Sem pagar para morar, ainda ganhei uma bicicleta “Barra Forte” do meu pai para me deslocar em Barão Geraldo. O ano de 1990 foi o mais tranquilo de toda a fase da faculdade. Poucos gastos, mobilidade garantida com a bicicleta, uma república maravilhosa com os amigos Marcos, Ronaldo e Luís, perspectivas instigantes de atuação profissional.

Porém, quando as oportunidades de pesquisa estavam se ampliando na UNICAMP, quando as experiências vividas estavam amadurecendo minha pessoa, quando eu morava na casa mais interessante do período da graduação, o curso acaba, recebo os diplomas de bacharel e licenciado em história no início de 1991. Sem ninguém me dizer, tenho que tomar um rumo, tenho que encontrar um emprego, tenho que sair da moradia. Ansioso, sem saber o que iria acontecer, aulas de história aparecem em Sorocaba logo após a conclusão do curso. Não pude recusar, deixei Campinas, minha república e amigos com um “nó na garganta”.

A atuação profissional teve início na mesma escola que estudei a maior parte da vida – a escola municipal “Dr. Achilles de Almeida”. Voltei a Sorocaba após quatro anos de graduação e trabalhei com o diretor que tanto causava-me medo na época do primário e ginásio. Trabalhando numa escola pública municipal, tive a oportunidade de construir relações profissionais que permanecem até hoje. Alguns colegas de trabalho foram meus professores desde o curso primário. A experiência de vida junto a essas pessoas

trouxe grande alegria para mim. Fiz amizades e aprendi intensamente com o exercício da docência. Iniciar minha carreira docente numa escola pública foi especial, ainda mais porque esta era a escola que teve um peso marcante na minha formação. Trabalhar no mesmo bairro da infância e juventude, ser reconhecido pela comunidade, atender os filhos de parentes próximos e distantes, de vizinhos, de moradores em geral, era uma responsabilidade e um prazer enorme.

O trabalho pedagógico, contudo, não saiu como eu esperava no início. Dando aula para alunos da 5ª série do primeiro grau até a 3ª série do segundo grau, senti dificuldades no relacionamento com as classes. Professor novo, 22 anos de idade, conhecido no bairro, os alunos sentiam que eu era menos experiente e autoritário que boa parte do corpo docente. Morando perto da escola, os alunos acreditavam que poderiam ter maior trânsito comigo, pois sabiam onde eu morava. Em alguns momentos essa proximidade era interessante, mas a minha postura incomodou o diretor da escola. Querendo uma uniformização das práticas de ensino, fui chamado várias vezes para ouvir o que o diretor tinha a comentar sobre meu trabalho. Seguro das minhas posições consegui com o tempo um melhor relacionamento com a direção, respeitando suas idéias, mas não correspondendo às suas visões autoritárias de educação.

Ainda no primeiro ano de trabalho docente, atuei em duas escolas particulares. Uma em Itapetininga e outra em Sorocaba. Utilizando material apostilado, voltado para a preparação dos alunos visando os vestibulares, tive meu contato inicial com esse tipo de ensino. Sem dúvida, tudo era diferente nestas escolas, desde as concepções pedagógicas até o relacionamento entre os docentes. Trabalhando com alunos de uma classe média com maior poder aquisitivo, as relações professores/alunos eram um pouco mais tensas. Enfrentando os desafios cotidianos, acabei aprendendo a evitar atritos pessoais e construí canais interessantes para dialogar com meus alunos.

Do “Achilles de Almeida” em 1991, passei para outra escola municipal, a “Getúlio Vargas”, onde trabalhei em 1992 e 1993. A atribuição de aulas no município fez com que eu mudasse de escola, o que foi interessante para mim, pois os novos alunos não ficariam sabendo onde eu morava. A nova escola tinha as mesmas características: alunos de classe média em sua maioria, fama de ser uma escola bem equipada, de ter um bom corpo docente, enfim, de ser uma escola tradicional da cidade.

A satisfação do trabalho na rede pública era superior ao trabalho na rede particular. Mas a rede pública tinha seus inconvenientes. Além de salários menores, a cada ano, a atribuição de aulas me remetia para horários diferentes. Outras turmas, novos colegas de trabalho, nova adaptação ao corpo docente e discente. Como eu não era concursado, o risco de ficar sem aula era considerável. Quer dizer, o dia da atribuição era de grandes emoções, e de incertezas a serem enfrentadas.

De volta à universidade, entre 1993 e 1994 participei de uma pesquisa no CMU (Centro de Memória da Unicamp) em que meu trabalho consistia na coleta de dados sobre a história dos bairros Cambuí e Vila Industrial desde a formação, a partir da segunda metade do século XIX, até 1940. O trabalho coordenado pela professora doutora Olga Rodrigues Moraes von Simson contava com a participação de pesquisadores de várias áreas, possibilitando uma troca de experiências profissionais valiosas para mim. Essa nova experiência com pesquisa em arquivos me fez pensar seriamente em retornar à universidade para uma pós-graduação. O sonho de realizar um mestrado e um doutorado nunca deixou de existir desde a graduação. O afastamento temporário dos meios acadêmicos não significou a completa paralização de uma pesquisa que comecei a desenvolver em 1990. Trabalhando como monitor de história social no AEL, fiquei motivado a estudar a imigração espanhola para a região de Sorocaba no período da república velha. Descendente de espanhóis, sabendo da força desse fluxo imigratório, da quantidade de imigrantes que trabalharam nos setores agrícola, comercial e industrial da região, eu não compreendia a ausência de pesquisas acadêmicas sobre esse tema. Tentando contribuir para que a lacuna historiográfica fosse em parte suprimida, desenvolvia um levantamento de dados nos arquivos e bibliotecas da cidade.

Depois de trabalhar três anos entre escolas públicas e particulares, 1994 foi um ano de mudanças. Procurei realizar um sonho maior: entrar num programa de pós-graduação na Espanha. Fiz contatos, troquei correspondência com pesquisadores espanhóis e acabei viajando para encontrar a possível orientadora da minha tese. Chegando em Madrid, iniciei os trâmites para conquistar uma vaga no doutorado. Após várias entrevistas com professores, recebi a carta de aceite da Universidad Complutense e fui convidado para participar de um grupo de pesquisadores do CSIC (Consejo Superior de Investigaciones Científicas) que também fomentava estudos sobre a América Latina. Minha pesquisa

iniciada no Brasil poderia ser ampliada nos arquivos e bibliotecas da Espanha, com documentos e publicações até então desconhecidos por mim.

Porém, após garantir a vaga no doutorado, faltavam os recursos financeiros para a sua concretização. Pela Espanha não foi possível receber uma bolsa estando em território europeu. Assim, minhas esperanças recaíram sobre a Capes e uma bolsa oferecida a estudantes latino-americanos que pretendiam estudar na Espanha. Com o dinheiro acabando e as oportunidades concretas de receber auxílio financeiro localizadas no Brasil, resolvi retornar para agilizar a documentação necessária visando concorrer às possíveis bolsas.

Quando voltei da Espanha no início de 1995, esperava receber a tão almejada bolsa de estudo. Contudo, o tempo foi passando e aulas apareceram em diversas escolas. Para recuperar o “tempo econômico perdido”, fui completando meu horário da semana. Em março de 1995, eu estava novamente com manhãs, tardes e algumas noites tomadas de aula. Ainda assim, esperava receber uma das bolsas para voltar à Espanha no segundo semestre. Enquanto pensava em concretizar a realização do meu doutorado, as experiências vividas em território espanhol voltavam em minha memória. Enfrentar de 3 a 4 anos na Europa, distante da família, namorada, amigos, casa, enfim, de tudo que eu estimava, preocupava-me. Não permaneci nem 1 ano da primeira vez e senti muita saudade das pessoas que aqui ficaram. Pensar na hipótese de ficar longe do Brasil durante todo o doutorado constituiu fator de não estímulo a partir deste momento. Para completar a mudança de planos, as bolsas não saíram. Sem ser contemplado e vivendo próximo das pessoas que eu queria, resolvi não tentar mais o doutorado em Madrid e assumi definitivamente que meu lugar é o Brasil.

Trabalhando apenas em colégios particulares e em cursos pré-vestibulares, minhas pretensões acadêmicas ficavam cada dia mais distante. Oportunidades de emprego surgiram em diversas cidades e, buscando bons salários aliados a condições de trabalho, passei por Tatuí, Tietê, Boituva, Capão Bonito, Indaiatuba, além de Sorocaba. Com aulas baseadas em apostilas, observava a resistência de alunos frente a um trabalho que pretendia ir além dos assuntos abordados pelo material didático. Mesmo sofrendo críticas e resistências no início, acabei convencendo diretores, coordenadores e boa parte das classes que aulas teóricas e reflexivas ajudavam os alunos a vencerem o desafio dos vestibulares.

Não foram poucas às vezes que ouvi de outros professores para desistir de aulas mais aprofundadas. Professores mais experientes diziam-me que aos alunos bastava o conteúdo da apostila. Estes lembraram-me da instabilidade do emprego, do “ibope” que as escolas aplicavam para os alunos avaliarem os docentes, da força que a apostila exercia sobre os alunos.

Contudo, minhas concepções relativas ao ensino de história impediram-me de “matar” as aulas apenas com conteúdos limitados. Pensando numa história menos factual e progressista, buscava em minhas aulas incentivar a reflexão histórica dos alunos através de textos, imagens, filmes, peças teatrais e, até mesmo, pesquisas – uma “heresia” para cursos apostilados que pretendem ser completos por “natureza”. Vencendo resistências, pude trabalhar com certa liberdade na busca de produção de conhecimento histórico com meus alunos, mesmo tendo apostilas como uma referência nos colégios que trabalhei.

Após quatro anos de viagens e dedicação exclusiva ao magistério, entre 1995 e 1998, resolvi que era hora de retomar o caminho das pesquisas e me aproximar da universidade. Enquanto estive trabalhando e viajando, sentia a vontade de conciliar docência e produção acadêmica. Minhas experiências anteriores, junto à universidade, remetiam-me a momentos de prazer, que poderiam ser acrescentados a minha realização profissional como docente.

Em 1998 casei com a Maitê. Nos conhecemos na cidade de Campinas por intermédio de uma amiga em comum, quando éramos estudantes. Ela fazia fisioterapia na PUCCAMP e também entrou na graduação em 1987. Começamos a namorar no final de 1988 e, depois de algumas separações e reatamentos, resolvemos partir para uma vida conjunta. Montamos um apartamento em Sorocaba e passamos a compartilhar mais intensamente nossas vidas e sonhos. Companheira de muitas experiências, tem estado ao meu lado, apoiando-me e incentivando-me em todos os momentos. Lógico, não deixou de brigar quando discordava de minhas idéias e atitudes. A ela credito grande parte das alegrias que senti nesses últimos anos de vida.

Na busca por uma reaproximação a um programa de pós-graduação, encontrei na Faculdade de Educação da UNICAMP um espaço dialogal que era impensável até então para minhas pretensões, onde eu poderia aliar minha formação de historiador com

minhas experiências de professor. Dentro da F. E., o grupo Memória foi o que mais me motivou a ingressar no mestrado, pois era composto por professoras com formação em história e preocupadas também com questões relativas às práticas de ensino.

Com essas perspectivas, procurei desenvolver uma pesquisa que trouxesse à tona a história da cidade de Sorocaba na relação com as memórias coletivas dos seus moradores. Sabendo que na historiografia relativa a Sorocaba existiam lacunas sobre personagens e processos, entendi que uma dessas lacunas poderia ser parcialmente suprimida com o meu trabalho. Questionando as tendências globalizantes, os movimentos homogeneizadores da modernidade capitalista, as visões hegemônicas dos grupos dominantes, o apagamento de memórias locais, a desqualificação do “outro”, elegi como temas centrais da pesquisa a ser desenvolvida no mestrado a história local e as suas imbricações culturais. Sem perder as relações existentes com a macro-história, trabalhei com a história de Sorocaba num momento de intensificação do discurso defensor da técnica, da racionalidade, da civilização e da sociabilidade moderna. Partindo em busca da compreensão do processo de construção da imagem de *Manchester Paulista*, procurei analisar como parte da imprensa local difundiu as concepções modernas no início do século XX. Pesquisando almanaques e revistas do período, pude problematizar o avanço da modernidade capitalista em Sorocaba a partir desses documentos impressos.

Além do trabalho de pesquisa histórica, pude observar as brechas educacionais, as potencialidades para o desenvolvimento de novas práticas de ensino de história. Colocando-me como pesquisador em busca de memórias, tecei reflexões que imbricam minhas memórias em relação aos sujeitos históricos da minha cidade. Procurando ampliar a imagem social do pesquisador, frente a um turbilhão de idéias que experimentamos, com as certezas e incertezas do sujeito comum, fiz da minha lembrança o ponto de partida para a aproximação de outras memórias e histórias locais.

O desenvolvimento dessa pesquisa propiciou-me a possibilidade de refletir sobre minhas raízes culturais na articulação com as memórias de outras pessoas que viveram em Sorocaba, presentes tanto nos documentos analisados como em vozes que ainda são captáveis no cotidiano local. Penso que as minhas experiências vividas valorizam a busca de formas de compreensão da história local. Acredito que posso contribuir para as práticas dos professores de história e na formação de alunos, em relação à produção de

conhecimentos históricos. Neste sentido, os trabalhos com memórias coletivas e individuais, articulados com uma pesquisa documental, podem permitir aos alunos a produção de conhecimentos históricos, distanciando-se das práticas da mera transmissão e reprodução dos conteúdos veiculados por materiais didáticos uniformizadores.

Passando pela seleção no segundo semestre de 1999, iniciei o mestrado em 2000, com a orientação da professora doutora Maria Carolina Bovério Galzerani. Atenta às necessidades do orientando, Maria Carolina sempre incentivou meu trabalho de pesquisa, apoiando com o máximo cuidado meus passos dentro dos cursos realizados.

Durante a realização dos cursos da pós-graduação, diminuí o número de aulas dadas e, conseqüentemente, de viagens realizadas por semana. Para aproveitar melhor os cursos, desenvolver a pesquisa e aprofundar as leituras propostas, decidi que o melhor caminho seria pedir demissão de algumas escolas. Feito isto, pude dedicar boa parte da semana ao desenvolvimento do meu trabalho. Este foi auxiliado de forma considerável pelo grupo Memória. As reuniões com as professoras Ernesta, Vera, Carminha e Maria Carolina, seus orientandos e pesquisadores do grupo, proporcionaram-me o aprofundamento de conceitos educacionais e historiográficos fundamentais para o desenvolvimento da minha pesquisa. As discussões realizadas pelo grupo têm-me possibilitado maior autonomia no que se refere à produção de conhecimentos históricos-educacionais.

Com os cursos realizados no programa de pós-graduação da F. E., entrei também em contato com estudos direcionados para a história da educação brasileira na imbricação com a história cultural, quando pude refletir sobre o liberalismo, o positivismo e o romantismo, correntes de pensamento que estiveram relacionadas à trajetória educacional brasileira nos séculos XIX e XX.

Incentivado pela minha orientadora, retomei leituras que foram realizadas ainda na graduação e realizei outras leituras buscando ampliar minhas análises. Para discutir os conceitos de modernidade capitalista, memória, experiência vivida (Walter Benjamin), produção de conhecimento (Le Goff, E. P. Thompson), de práticas de leitura (Darnton, Chartier) e de saberes – poderes (Foucault), contei com os textos dos teóricos que foram propostos em cursos ou pela própria Maria Carolina.

Participando com a apresentação do meu trabalho de simpósios e encontros da minha área de pesquisa, pude dialogar com pesquisadores de várias regiões do país. As

participações nesses espaços de debate contribuíram para o amadurecimento da pesquisa. As trocas de idéias e informações durante os encontros trouxeram outras perspectivas de análise para o meu trabalho.

Entre os colegas que encontrei na Faculdade de Educação, que não foram poucos, um acabou se transformando em amigo de “todas as horas”. Fazendo críticas e sugestões, apoiou minhas trajetórias de vida e de pesquisa a partir de 2000. Meu amigo João Batista Gonçalves Bueno não imagina o quanto eu devo da minha dissertação aos nossos diálogos. Rendo meus sinceros agradecimentos, desejando-lhe muita saúde para caminharmos juntos por muito mais tempo.

Em meio às inúmeras atividades desenvolvidas dentro e fora da Faculdade de Educação, eu e Maitê concebemos nosso filho. O João chegou em julho de 2002, para a felicidade de toda a família. Novas emoções e responsabilidades surgiram a partir de então. Mesmo não sendo um “pai coruja”, afirmo sem medo de errar: meu filho é a criança mais linda e simpática do mundo!

Acredito que minhas memórias apresentam um pouco das muitas experiências vividas. Finalmente paro de escrever, mas a lembrança não cessa. Para quem estava com medo de escrever sobre a própria vida, para quem não sabia por qual momento começar, as páginas aqui tecidas provam que o medo foi vencido.

Introdução - Apresentando e justificando o tema da pesquisa

Um retrato com motivações diferentes

Se dividirmos os retratos existentes de cidades em dois grupos, conforme o lugar de nascimento do autor, perceberemos que os escritos por autóctones são minoria. O motivo superficial, o exótico, o pitoresco só atrai os de fora. Para o autóctone obter a imagem de sua cidade, são necessárias motivações diferentes, mais profundas. Motivações de quem, em vez de viajar para longe, viaja para o passado. Sempre o retrato urbano do autóctone terá afinidade com o livro de memórias, não é à toa que o escritor passou sua infância nesse lugar.

(Walter Benjamin)

Minhas relações com a cidade onde nasci e morei na maior parte da vida, sempre trouxeram-me indagações sobre os significados mais amplos do viver urbano. As recordações de infância e juventude que surgem, muitas vezes, quando menos espero, apresentam aspectos de um centro urbano agitado, um pouco poluído, com sons de veículos acelerando e brecando, trens em movimento durante o dia e a noite. Da casa de meus pais eu podia observar alunos uniformizados dirigindo-se às suas escolas, um charreteiro tocando corneta pela manhã para anunciar a venda de peixes, veículos em trânsito passando pelas ruas próximas e, também, chegava a ouvir fábricas tocando suas sirenes características de entrada ou saída dos turnos de trabalho de seus operários. Aos olhos de uma criança, muito daquilo era incompreensível. Sons produzidos incessantemente, movimentação de pessoas, horários determinados e cheiros algumas vezes desagradáveis. Diversas perguntas “ingênuas” ficavam sem resposta. Onde moravam tantas crianças? A que horas aquele charreteiro, com sua grande barba grisalha e corneta estridente, pescava os peixes que ele vendia desde cedo nas ruas? Quando o trem parava para dormir? Qual era o tamanho das sirenes que faziam aqueles sons altos e duradouros que vinham de pontos distantes da cidade? Que tipo de roupa as fábricas estavam produzindo? Como as pessoas que trabalhavam nas fábricas de tecidos vestiam-se?

Para as minhas percepções de infância, a indústria têxtil, que ficava a um quarteirão da casa de meus pais, era um espaço grandioso, encoberto por muros altos que escondiam as pessoas trabalhando, os depósitos abarrotados de tecidos e as bases das altas chaminés. Com o tempo, minha noção de espaço foi mudando e o tamanho da fábrica passou a não se apresentar tão grande quanto na infância. Os muros também ficaram menores para o adolescente em crescimento, tanto que eu os pulava com certa facilidade para apanhar a bola de futebol que um “pé-torto” qualquer – incluindo os meus pés nessa história – insistia em chutar na direção errada. Quer dizer, com o passar dos anos muitas das curiosidades infanto-juvenis foram sendo substituídas por outras do mundo adulto.

Essa fase de crescimento físico rápido, de ampliação das relações sociais, de idade escolar foi vivida no regime militar nas décadas de 1970 e 1980. Experimentei intensamente com meus pais, parentes e amigos as vicissitudes da sociedade brasileira nos últimos anos da ditadura. Assim, minhas memórias/recordações escolares estão relacionadas aos desdobramentos das diretrizes pedagógicas dos governos militares. Estudando em uma escola pública municipal, encontrei alguns professores temerosos dentro das salas de aula, trabalhando com seus alunos sem liberdade de manifestação, mesmo depois de iniciada a abertura política no governo do General Geisel. Correspondendo ao período ditatorial, a valorização técnica do conhecimento sobrepôs a educação humana, sensível, crítica, produtora de conhecimento na relação com o aluno. Sentindo as dificuldades do regime ditatorial, com a ajuda de familiares, percebi logo cedo que a educação escolar estava atrelada aos objetivos de um governo que não tinha compromissos sociais amplos, democráticos e transformadores e que os educadores enfrentavam limitações cada vez maiores para desenvolver seu trabalho. O “decoreba” em todas as disciplinas, principalmente em Estudos Sociais, Educação Moral e Cívica, Organização Social e Política Brasileira, marcou minhas avaliações na adolescência.

Cursando os antigos 1º e 2º graus, entrei em contato e acabei por (re)produzir percepções modernas – nas suas acepções plurais, contraditórias – na relação com as especificidades sorocabanas, paulistas e brasileiras. Minha formação como sujeito está inserida num contexto de defesa das concepções progressistas do sistema capitalista. Envolvido pelo discurso da modernidade nas relações sociais, acabei (re)produzindo visões maniqueístas, mecânicas. Como adolescente tagarela, manifestei impressões de mundo,

sem, muitas vezes, questionar os padrões homogeneizadores que me eram transmitidos. Quando a juventude aproximou-se, comecei a explicitar um certo desconforto diante de percepções que me provocavam irritação. Sentindo as diferenciações sociais, as manifestações preconceituosas, os problemas estruturais do Brasil, uma inquietação muito forte fez-me refletir sobre as condições em que vivíamos cotidianamente.

Nesse sentido, as histórias deste país e, mais especificamente, da cidade de Sorocaba e dos moradores que construíram seu passado, sempre instigaram-me muito. Gostando de histórias, acabei realizando a Graduação, tornando-me professor da disciplina e realizando pesquisas sobre o passado da cidade de Sorocaba, no qual minhas memórias estão inseridas.

Portanto, o objetivo fundamental deste trabalho é (re)construir historicamente o engendramento das concepções de modernidade na cidade de Sorocaba (SP), processo esse que foi acelerado a partir das duas primeiras décadas do século XX. Presentes nas publicações em geral e nas vozes de seus moradores – as quais ressignificadas ainda ressoam através de diversas vias na contemporaneidade –, essas concepções foram construídas por diferentes sujeitos, diferentes grupos sociais, situados no início do século XX nesta cidade.

A construção da modernidade na cidade de Sorocaba esteve, como está ainda hoje, diretamente relacionada ao avanço do sistema capitalista. O crescimento demográfico, a geração e distribuição de energia elétrica, o surgimento de novos bairros, a expansão da estrada de ferro, a instalação de estabelecimentos industriais, a abertura de casas comerciais, o número de operários nas fábricas, a ampliação de vagas nas escolas, foram algumas das características ressaltadas pelo discurso triunfante na cidade no início do século XX. Dentro dessa perspectiva de defesa do avanço da técnica e do progresso urbano, procuro compreender os significados culturais das transformações que envolveram os moradores de Sorocaba, no período focalizado.

O meu trabalho de pesquisa analisa as imagens de modernidade capitalista que foram produzidas na imprensa local, na relação também com a nacional, no início do século passado. Procurando evidenciar as possíveis ressignificações desses discursos junto aos moradores da cidade, minhas análises pretendem ampliar o entendimento de textos escritos, de imagens iconográficas e de vozes no processo de constituição das concepções

modernas em Sorocaba, captáveis através do contato com familiares, amigos, conterrâneos, além das minhas próprias memórias. Trabalhando tanto as “novas” ideias de modernidade como as concepções tradicionais, típicas do período colonial, as análises apresentam as permanências e mudanças no cenário cultural local, inseridas no contexto de transformações que diversos países experimentaram após a Revolução Científico-Tecnológica. (SEVCENKO, 1998: 8)

Posicionando-me como pesquisador da história local e da cultura – na relação com a macro-história –, procuro refletir sobre o processo de avanço das visões e sensibilidades relacionadas à modernidade em Sorocaba, que muitas delas permanecem em nosso cotidiano. A busca de sentidos desse processo propicia-me o posicionamento como sujeito histórico, como pesquisador interessado na minha própria formação cultural, na relação com outras histórias. Vivendo um outro momento cultural, com suas particularidades, entendo que a modernidade capitalista apresenta novos desafios aos sujeitos da atualidade. Porém, aspectos difundidos como fundamentais para a caracterização da sociedade moderna, ainda hoje são defendidos como no início do século XX. A valorização da ciência, da técnica, da produção de riqueza acumulativa, do progresso contínuo, do letramento, a hierarquização dos saberes, a racionalidade instrumental, a compartimentalização do social, a diluição da figura do sujeito, dentre outros, são pontos referenciais das chamadas sociedades avançadas.

Procurei privilegiar o período de 1903 a 1914 para esta pesquisa porque entendo este momento histórico como representativo para a cidade de Sorocaba, como uma fase de aceleração das transformações nos meios urbano e social. Como expressão dessas transformações, em 1903 a sociedade sorocabana observa a recuperação da confiança na cidade, após as epidemias de febre amarela ocorridas no final do século XIX.¹ Nesse mesmo ano, organiza-se o jornal *Cruzeiro do Sul*, dirigido por dissidentes das elites locais que procuravam uma posição de vanguarda frente à administração municipal e, ainda, são produzidos os almanaques da cidade para 1903 e 1904.

O período focalizado também corresponde à aceleração das transformações urbanas de outras cidades brasileiras. Não quero afirmar com isso que Sorocaba viveu, nas mesmas proporções, os processos de transformação urbanística, arquitetônica, viária,

¹ No capítulo 2 deste trabalho, essa questão será abordada com mais atenção.

higienizadora de cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife, Campinas, etc. Mas as transformações de outros grandes centros urbanos do país inspiraram as elites dominantes da cidade a pensarem nas próprias ações urbanísticas e civilizadoras locais, ressignificando-as. As reformas urbanas da capital federal, promovidas pelo presidente Rodrigues Alves e pelo prefeito Pereira Passos, impulsionaram projetos de reurbanização de inúmeras cidades brasileiras. A busca de uma aproximação em relação a esse universo urbano civilizado fez do Rio de Janeiro a metrópole-modelo para os grupos interessados em administrar seu processo civilizatório. (idem: 522)

Na maioria dos meios de comunicação controlados por republicanos liberais no Brasil, as palavras urbanização e civilização fundiam-se. As idéias relacionadas ao progresso e à ordem positivista ressaltavam a importância da razão, da ciência e da técnica para a civilização. Nesse caso, Sorocaba não estava distante, segundo os liberais e positivistas, da idéia de cidade civilizada, pois era possível visualizar no seu espaço urbano, indústrias que apresentavam o avanço técnico na produção de riqueza. Para os liberais sorocabanos, o capitalismo industrial não encontrava obstáculos nesta cidade, promovendo seu enriquecimento e progresso².

É lógico que os números não eram comparáveis aos de uma metrópole, mas segundo os sujeitos envolvidos na construção de um olhar moderno, a provinciana cidade de Sorocaba no início do século XX seguia rumo à metropolização em passos firmes. Os ufanistas locais percebiam na cidade um grande potencial econômico, porque mesmo sendo pequena na comparação com outros centros, ela produzia muito. Quer dizer, a produtividade era excelente e os custos de produção eram mais baixos na comparação com cidades maiores. Para um bom entendedor do capitalismo, o retorno do investimento em Sorocaba era maior que em outras cidades brasileiras porque a mão-de-obra era farta, a matéria-prima era retirada da região, os trabalhadores estavam disciplinados e produziam com qualidade e em grande quantidade. Em seus discursos, estava presente a imagem de

² Um dos textos que defenderam estas posições foi publicado na **Revista A B C...** nº 5, de setembro de 1914, com o título *Industria Sorocabana: Fabrica Santa Rosalia*. Entre outras afirmações, destaco a seguinte: “Desnecessario se torna pôr em evidencia o impulso forte que ao progresso de um povo traz um estabelecimento fabril; e ocioso por demais é repetil-o em Sorocaba, cujo nome é por longes terras conhecido, devido ao alto grau de importancia a que attingiu a sua poderosa industria.”

que melhor cidade não havia para o capitalista interessado em lucrar rápido, com segurança de seus investimentos³.

Porém, a década de 1910 é um período de difíceis condições para as sociedades capitalistas. Em São Paulo, até o ano de 1920, sérios problemas de saúde pública, movimentos sociais (SEVCENKO, 1992: 24) e recessão econômica tornaram essa década um momento de grandes desafios. No Brasil, o governo do presidente Hermes da Fonseca (1910/1914) é marcado por crises políticas e institucionais que pareciam intermináveis. Desde a sua campanha presidencial, Hermes da Fonseca enfrentou forte oposição de algumas lideranças estaduais que apoiaram a Campanha Civilista de Rui Barbosa. Essa situação provocou a desestabilização temporária da aliança política nacional conhecida como política dos governadores, principalmente após a política de salvações implementada pelo presidente. No campo econômico, as dificuldades eram notadas com as renegociações dos títulos da dívida externa brasileira, que promoveu um segundo *funding loan*. Pressionado pelos credores internacionais e pela desvalorização das sacas de café no mercado externo, o governo federal adotou uma política econômica recessiva, cortando gastos públicos em geral, excetuando-se os incentivos a política de valorização do café, colocada em prática após as reivindicações dos grandes produtores articuladas pelo Convênio de Taubaté (1906). Contrastando com os discursos liberais que sempre esperavam dias melhores para a produção e circulação de riquezas, a partir de 1911 os brasileiros em geral sentiram a desaceleração da economia com o arrocho salarial, o desemprego e a queda do consumo no mercado interno.

Para completar o quadro de crise social, as tensões belicistas entre as grandes potências mundiais do período aumentaram ano após ano no século XX. A denominada Paz Armada adquiriu contornos dramáticos na década de 1910, quando os conflitos militares que ocorriam em regiões coloniais da Ásia e África, intensificaram-se no continente europeu. As batalhas travadas em torno das questões nacionalistas nos Bálcãs de 1911 à 1913 indicavam a proximidade do grande conflito entre os países membros da Entente e da Aliança. O ano de 1914 é de indefinição para muitas nações capitalistas diante da eminente guerra. As conversações diplomáticas realizadas pelos países ocidentais desde os primeiros anos do século XX, não evitaram que a guerra mundial fosse iniciada em meados de 1914.

³ “A indústria em Sorocaba”. In: **Almanach Ilustrado de Sorocaba para 1914**, pp. 236-238

Dessa forma, posso pensar que a deflagração da Primeira Guerra Mundial é expressão da crise aguda do sistema capitalista. Segundo Eric Hobsbawm, a Primeira Guerra Mundial assinalou o colapso da civilização ocidental do século XIX. (HOBSBAWN, 1995: 16)

Tratava-se de uma civilização capitalista na economia; liberal na estrutura legal e constitucional; burguesa na imagem de sua classe hegemônica característica; exultante com o avanço da ciência, do conhecimento e da educação e também com o progresso material e moral; e profundamente convencida da centralidade da Europa, berço das revoluções da ciência, das artes, da política e da indústria e cuja economia prevalecera na maior parte do mundo, que seus soldados haviam conquistado e subjugado; uma Europa cujas populações (incluindo-se o vasto e crescente fluxo de emigrantes europeus e seus descendentes) haviam crescido até somar um terço da raça humana; e cujos maiores Estados constituíam o sistema da política mundial.” (idem)

Hobsbawm afirma, ainda, que as primeiras décadas do século XX até à Segunda Guerra Mundial foram a “Era da Catástrofe” para essa civilização ocidental. (idem: 16-17) Estando em crise o sistema, os fundamentos do discurso da modernidade capitalista também estavam sendo questionados. A Primeira Guerra Mundial arrasta consigo para a crise, parte das concepções liberais que defendiam a concorrência entre as nações, a disputa por mercados e o livre cambismo como formas salutares de progresso e de desenvolvimento das forças produtivas. Os ideais de educação, racionalidade e diplomacia, construídos pelas sociedades civilizadas, não foram capazes de impedir um confronto militar de grandes proporções como a Primeira Guerra Mundial.

Enfrentando a sua maior crise internacional até então, as sociedades capitalistas observaram algumas mudanças nos discursos do sistema. As alterações notadas pretendiam até justificar a necessidade da guerra como um componente indispensável para o desenvolvimento dos povos civilizados. Nesse sentido, o historiador Michel de Certeau afirma que

as ações culturais constituem movimentos. Elas inserem criações nas coerências legais e contratuais. Inscrevem trajetórias, não indeterminadas, mas inesperadas, que alteram, corroem e mudam pouco a pouco os equilíbrios das constelações sociais.(...)

Em primeiro lugar, a própria possibilidade dessas ações implica que os sistemas não sejam mais pensados como objetos estáveis perante o olhar imóvel do saber. Esse saber apóia-se em uma posição de força. Considera como adquirida por uma classe burguesa ou uma sociedade européia a concessão perpétua do lugar privilegiado que ela ocupa. Os sistemas aparecem antes como estruturas em processo de deslocamento, como equilíbrios de forças em conflito. (CERTEAU, 1995: 250)

Por isso, a Primeira Guerra Mundial, que desdobra-se num processo de transformações significativas para as relações da civilização ocidental, registra um marco histórico importante para o recorte temporal final da minha pesquisa. Acredito que os discursos liberais produzidos após o início da Primeira Guerra trouxeram referenciais diferenciados daqueles que analiso nos documentos publicados até 1914. Ampliar o recorte temporal para além desse ano representaria outros focos de análise neste trabalho de pesquisa.

O recorte temporal desta pesquisa justifica-se também face às especificidades das fontes documentais privilegiadas. Contando com os jornais locais como suportes para o trabalho, minhas análises estão concentradas nos almanaques e revistas literárias que foram produzidos durante o período focalizado. Entendendo essas fontes como meios fundamentais para a propagação de concepções modernas, elegi o *Almanach de Sorocaba – 1904*, o *Almanach Ilustrado de Sorocaba – 1914*, e a *Revista A B C...*, publicada em cinco números no ano de 1914, como os objetos fundamentais para análise do período.

No início do século XX, parte da imprensa sorocabana começa a enfatizar em suas páginas as referências à cidade moderna, urbanizada, civilizada, industrial, capaz de produzir riquezas com técnicas avançadas, portadora de novos benefícios para todos os

seus moradores e também para o desenvolvimento do país⁴. Acompanhando o crescimento da cidade, a imprensa tipográfica local aumentou a produção de publicações, atendendo as necessidades de consumo dos moradores e os objetivos culturais dos editores, interessados tanto na divulgação de suas visões e sensibilidades, como na circulação de informações que consolidassem sua posição social. Não é por acaso que em 1903, os grupos sociais mais atuantes na política partidária local tivessem jornais próprios para defender seus projetos para a cidade⁵.

Diferente dos jornais, as publicações focalizadas instituem formas específicas de comunicação, possibilitando “outras” formas de leitura na comparação com publicações tradicionais da época. Os jornais traziam a notícia recente, os assuntos relacionados ao passado próximo dos leitores, a informação “necessária” para o dia-a-dia do sujeito civilizado, culto, produtivo, enfim, moderno. Os almanaques e as revistas literárias eram publicações que também pretendiam atender as necessidades do sujeito moderno, porém, a partir de referências diferenciadas. Produzidos para ter periodicidade maior⁶ que os jornais, essas publicações promoviam leituras recorrentes, distanciando-se das leituras imediatistas dos periódicos de notícias. As páginas dos almanaques e das revistas literárias deveriam ser (re)visitadas pelos leitores durante o período proposto, ou até mesmo para além dele, pois essas publicações – ao incluírem o calendário (no que refere-se aos almanaques) e/ou as “tentadoras simplificações” (GAY, 1988: 33-36) (sobretudo nas revistas), também ratificadas através das iconografias em profusão – constituíam fontes de informações valiosas, atraentes, sobre as sociedades que as produziam.

Ao privilegiar as revistas literárias e os almanaques como documentos fundamentais de pesquisa, procuro identificar nestas produções fragmentos da história (Walter Benjamin) de uma cidade, que estão dispersos na elaboração dos mesmos.

A (re)construção histórica dos fragmentos culturais registrados nestas publicações tem a intenção de mostrar os sujeitos envolvidos no processo de construção das

⁴ Entre as fontes que posso apontar sem citar os almanaques e revistas focalizadas pela pesquisa, destaco os jornais sorocabanos *O 15 de Novembro*, *Cruzeiro do Sul* e *Diário de Sorocaba*.

⁵ Em 1903, as lideranças políticas de Sorocaba que controlavam a Câmara Municipal tinham o apoio do jornal *O 15 de Novembro*. A dissidência do PRP local montou o jornal *Cruzeiro do Sul* nesse ano para promover críticas aos integrantes da Câmara e para divulgar suas metas, dando visibilidade social aos opositores da cidade.

concepções de modernidade em Sorocaba. Sujeitos que produzem visões e sensibilidades relacionadas à modernidade, mas que também podem ter sido decisivos para a ressignificação de parte da história cultural do passado local.

A explicitação dos sentidos historiográficos

Como expressei anteriormente, a idéia de compreender a (re)construção histórica da cidade de Sorocaba está relacionada intimamente às minhas experiências pessoais, à minha formação como historiador e professor de história. Dentro de uma perspectiva de (re)construção das minhas próprias raízes na relação com outras histórias, as constituições do espaço urbano e da sociedade sorocabanos a partir do início do século XX, revelam as relações culturais que me aproximam dos sujeitos que contribuíram para a formação desse processo histórico.

Insatisfeito com a exigüidade de informações históricas que me eram apresentadas sobre a cidade no período que me instigava, iniciei ainda na Graduação uma pesquisa que não correspondeu às minhas expectativas. Sem trabalhos acadêmicos que abordassem o período, sem uma documentação organizada em arquivos que indicasse a possibilidade de viabilização da pesquisa, acabei frustrado pela limitação de informações disponíveis. Acabei pensando que o início do século XX seria uma fase da história de Sorocaba difícil de ser efetivamente (re)construída.

Contudo, insistindo nesta busca de enraizamento cultural, reiniciei a pesquisa histórica sobre Sorocaba para a realização do Mestrado. Agora, com novas motivações e visões ampliadas através de outras leituras e pelo próprio amadurecimento profissional, pude eleger documentos que antes eram descartados por mim como fontes históricas, mais precisamente os almanaques e as revistas literárias.

Buscando novas referências bibliográficas e historiográficas para compor meu trabalho de pesquisa, foi interessante notar que o período focalizado ainda não havia recebido uma atenção significativa de outros pesquisadores empenhados na produção de análises sobre a cidade de Sorocaba. As mudanças ocorridas no quadro de produções historiográficas do final da década de 1980 para a década de 2000 quase não alteraram as

⁶ No caso dos documentos analisados, os almanaques eram anuais e a *Revista A B C...* pretendia ser mensal.

características anteriores. Pouco acrescentando e/ou mantendo a linha das décadas passadas, a historiografia local continuou privilegiando a comercialização de animais na cidade, principalmente referentes a meados do século XIX, e refletiu pouco sobre os desdobramentos do crescimento populacional e urbano, a industrialização, a formação de um proletariado urbano em Sorocaba e as transformações culturais a partir do final do século XIX.

Os sujeitos que viveram a virada do século XIX para o XX, foram esquecidos pela historiografia sorocabana. Mesmo algumas figuras da elite local tiveram suas memórias apagadas no século que passou. Quais seriam as motivações desse esquecimento? Poderíamos considerar o período pouco documentado para a produção de trabalhos historiográficos? As tensões sociais desse período não despertam questões significativas para os pesquisadores que analisam a história da cidade? Será que os historiadores que produziram trabalhos sobre Sorocaba preferiram (re)construir apenas um passado mais distante, buscando as “verdadeiras raízes” locais?

As versões históricas mais conhecidas em relação à cidade de Sorocaba apresentam a sua historicidade de forma muitas vezes homogeneizadora, reducionista. Ressaltando a atuação de personagens considerados fundamentais, a ousadia e pioneirismo de sujeitos ou de grupos que contribuíram para o progresso local, a dinâmica da pluralidade dos personagens em torno de suas lutas sócio-culturais foi excluída. O panorama geral da história da cidade acaba sendo, assim, a (re)construção única e precisa do passado. Destacando um viés economicista, os poderes públicos e a sociedade giram em torno da produção da riqueza material.

A maioria dos trabalhos sobre a história de Sorocaba está concentrada na análise das feiras de muares, e de sua importância para o desenvolvimento urbano da cidade entre os séculos XVIII e XIX. Com poucas incursões em outros períodos, a historiografia sorocabana deixa uma lacuna considerável a partir da proclamação da república. Assim, o avanço da modernidade capitalista no início do século XX em Sorocaba apenas é abordado em aspectos quantitativos, relativamente ao processo de crescimento demográfico e industrial, com o objetivo de confirmar a atuação pioneira das elites dominantes empenhadas no progresso da cidade.

Entendendo a industrialização consolidada no início da república como um desdobramento natural da acumulação de capitais propiciada pelas feiras de muares do período imperial, grande parte dos trabalhos historiográficos locais perdem as especificidades desse processo histórico. Assim, a chegada de novos trabalhadores atende apenas ao espírito empreendedor do povo sorocabano, confirmando a vocação de cidade próspera.

Entre os trabalhos históricos relativos a Sorocaba, os do monsenhor Luiz Castanho de Almeida são considerados fundamentais pela maioria dos pesquisadores. Escrevendo com o pseudônimo de Aluísio de Almeida, o monsenhor deixou inúmeras produções, desde a síntese histórica sobre a cidade – trabalho publicado pela primeira vez em 1969 com o título de *História de Sorocaba* - até artigos escritos para diversos jornais de Sorocaba e de outras cidades do estado de São Paulo.

Mesmo não sendo sorocabano de origem, foi o pesquisador que mais contribuiu para a (re)construção da história da cidade. Natural de Guareí (1904), Luiz Castanho teve uma formação cristã católica que o levou ao seminário⁷. Após completar seus primeiros estudos eclesiásticos, formado em Filosofia e iniciando o curso de Teologia, em 1924 foi convocado para trabalhar na então recém-criada diocese de Sorocaba, onde deveria secretariar o bispo Dom José Carlos de Aguirre.

Sua carreira sacerdotal teve início em 1927, quando recebeu licença papal para ordenar-se antes mesmo da idade mínima estipulada pela Igreja Católica. A partir desse momento, passou por diversas cidades da região: Piedade, Araçoiaba da Serra, Itararé, Guareí e Itapetininga. Retornou a Sorocaba em 1933, exercendo funções eclesiásticas em diferentes localidades da cidade. Nesse mesmo ano, assumiu a paróquia do Bom Jesus dos Aflitos, no bairro do Além Ponte.

No final da década de 1930, monsenhor Castanho começou a sentir os problemas de saúde que o afastaram do sacerdócio. Longe das atividades diárias da vida eclesiástica, prosseguiu os estudos históricos relativos à região sudoeste do estado de São Paulo, transformando-se na figura mais destacada entre os seus historiadores.

⁷ Sobre a vida do monsenhor, consultar DANTAS, Arruda. **Monsenhor Castanho / Aluísio de Almeida**. São Paulo: Editora Pannartz, 1985.

Como pesquisador, percorreu inúmeros arquivos e bibliotecas do estado para levantar documentos da história regional. Conseguindo ter acesso à documentação, transitando sem grandes problemas por instituições públicas e privadas⁸, acabou produzindo uma grande quantidade de resenhas, artigos e crônicas sobre famílias, práticas culturais, características econômicas e os embates políticos de vários municípios.

Procurado por jornais de diversas cidades, começa a publicar parte de sua produção. Sendo reconhecido como um pesquisador do folclore e das tradições culturais da região, também publicou textos em revistas especializadas. Especialmente sobre Sorocaba, o mosenhor dedicou boa parte de seu tempo de pesquisa, tornando-se assim um produtor de textos e um arquivista destacado.

Reunindo suas produções desde a década de 1930, o mosenhor organizou a partir da década de 1960 os livros que serão considerados suas maiores contribuições para a historiografia sorocabana. Os títulos dos livros são: *O tropeirismo e a feira de Sorocaba* (1968), *História de Sorocaba* (1969) e *Vida e morte do tropeiro* (1971).

Estas obras marcam os rumos das análises históricas produzidas posteriormente sobre a cidade. Utilizando o conceito de *tropeirismo*⁹ como chave da interpretação das relações sociais que ocorreram em Sorocaba a partir de meados do século XVIII, sua abordagem economicista foi entendida como a mais significativa contribuição pelos pesquisadores que realizaram trabalhos históricos nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Aluísio de Almeida compõe uma análise que ressalta a importância das feiras de muares de Sorocaba para o desenvolvimento da região centro-sul do país, particularmente de São Paulo.

Identificando o comércio de muares e de outros animais como a atividade econômica fundamental da cidade nos séculos XVIII e XIX, o autor considera que o “ciclo

⁸ Essa informação devo ao folclorista Waldemar Iglesias Fernandes, amigo próximo do mosenhor Castanho, que foi diretor da Casa Aluísio de Almeida em Sorocaba. Grande incentivador do meu trabalho na época da graduação, confidenciou-me algumas artimanhas usadas pelo mosenhor para adentrar em arquivos e bibliotecas mais restritas. Essas e outras informações sobre a vida e a obra do mosenhor foram-me transmitidas em conversas informais entre 1988/1990, que acabei registrando em meu diário de campo da primeira pesquisa sobre a história de Sorocaba.

⁹ Sobre o conceito de tropeirismo, verificar a análise da historiadora Cássia Maria Baddini, que apresenta elementos importantes para a compreensão da historiografia sorocabana, relativamente aos estudos sobre o século XVIII e XIX. Em seu trabalho, Cássia Baddini questiona inúmeros pontos das interpretações históricas produzidas a partir de estudos de Aluísio de Almeida. Parte das minhas reflexões sobre a historiografia local é produzida no diálogo com o trabalho da referida historiadora.

do mar” propiciou os processos de urbanização e de acumulação de capitais por parte de grandes comerciantes de Sorocaba. Com o tempo, a cidade reuniria condições financeiras para dar início ao processo de industrialização, que ocorreu a partir da segunda metade do século XIX.

Entendendo o processo histórico da cidade através de “ciclos econômicos”, Aluísio de Almeida gera uma interpretação etapista. Apresentando seus estudos históricos locais a partir dos primeiros povoadores de origem ibérica, sua *História de Sorocaba* localiza os bandeirantes à procura de metais preciosos na região no final do século XVI. Na fundação da cidade (1654), o papel do “bravo” bandeirante Baltazar Fernandes reforça o papel do “ciclo do bandeirantismo” como responsável pelo surgimento do povoado que viria ser a “próspera” cidade do futuro. A figura do bandeirante, articulada aos religiosos que fundaram o mosteiro de São Bento no século XVII, aparece como o civilizador, homem engajado na difusão da cultura européia para os nativos brasileiros. Mas os esforços civilizatórios não foram capazes de transformar Sorocaba rapidamente em um local de prosperidade. O pequeno povoado não teve grande desenvolvimento social até que, em meados do século XVIII, o estabelecimento “régio” do Registro de Animais e a realização das feiras de muares proporcionaram as condições que faltavam para a concentração de forças econômicas na região. Superado o “ciclo do bandeirantismo”, agora aparecia o “ciclo dos muares”. Por mais de um século as feiras trouxeram/atraíram riquezas e pessoas para a cidade. Aproveitando-se da condição geográfica estratégica na ligação entre as regiões Sul e Sudeste, comerciantes locais desenvolveram seus negócios e controlaram o poder público local nesse período.

Pela quantidade de textos escritos sobre o século XIX, ou mesmo por afirmações em seus apontamentos, Aluísio de Almeida considera este século o auge do progresso econômico e político da cidade. Destacando os valores arrecadados pela Registro de Animais, a circulação de tropas pela cidade, as possibilidades de negócios realizados em suas feiras e a participação política de lideranças locais no cenário paulista e brasileiro, o autor ratifica a participação sorocabana na geração de riqueza para a província e nos espaços do poder público da nação.

Para Aluísio de Almeida, a Revolução Liberal de 1842 leva Sorocaba ao centro das decisões políticas da província, representando o auge das elites locais no cenário

nacional. O movimento liderado por políticos do Partido Liberal, terá na figura do sorocabano Rafael Tobias de Aguiar um de seus maiores articuladores. Na luta contra o conservadorismo¹⁰ do império, a inclusão de sujeitos nascidos em Sorocaba reforça o espírito de liberdade que os moradores da cidade sempre defenderam. Pensando as lideranças políticas locais como personagens dispostos a defenderem a descentralização do poder, o autor deixa de mencionar o caráter elitista do movimento quando não explicita as principais metas do partido Liberal no conflito de 1842. Após perderam o controle do gabinete ministerial e a maioria das cadeiras da Câmara através da dissolução decretada pelo Imperador D. Pedro II, os liberais organizaram esse movimento armado para reverter a ascensão dos conservadores. Os ideais do movimento não incluíam uma efetiva descentralização do poder, nem a sua democratização popular. Derrotados no conflito armado, os liberais perderam temporariamente espaço na política imperial. Para as elites locais, a derrota política de Rafael Tobias de Aguiar significou o início da decadência de Sorocaba no cenário político brasileiro.

Segundo as análises de Aluísio de Almeida, com a construção das ferrovias nas províncias de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais a partir de meados do século XIX, as feiras de muares perderam gradativamente sua importância econômica. O país substituiu as tropas de carga por novas tecnologias de transporte, afetando de forma direta os comerciantes e a cidade de Sorocaba. Além disso, o autor afirma que a decadência das feiras impulsionou os capitalistas locais a investirem suas riquezas em negócios mais arrojados, como a construção da Estrada de Ferro Sorocabana – inaugurada em 1875 – e a instalação das indústrias têxteis. Assim, o desenvolvimento da cidade passaria a ter um novo motor, o “ciclo das indústrias”, hegemônico com o fim das feiras em 1897.

Além da *História de Sorocaba*, as obras *O tropeirismo e a feira de Sorocaba* e *Vida e morte do tropeiro* tornaram-se paradigmáticas para os pesquisadores que procuraram desenvolver a tarefa de (re)construção histórica de Sorocaba. Seguindo as idéias de Aluísio de Almeida, os trabalhos relativos à Sorocaba não apenas concentraram-se no tema feira de muares, mas também (re)produziram os conceitos propostos pelo autor. Valorizando o “ciclo dos muares” para a história local, consolidaram uma versão que

¹⁰ Os embates políticos entre o Partido Liberal e o Partido Conservador marcaram todo o período do segundo reinado, mas na década de 1840, esses grupos chegaram a lutar militarmente por mais espaço no cenário imperial.

exaltava os séculos XVIII e XIX como a fase mais importante da prosperidade sorocabana, buscando inclusive identificar o sorocabano como um sujeito forte, descendente de bandeirantes, que jamais deixou de lutar no ambiente hostil da natureza e que encontrou no *tropeirismo* a sua verdadeira vocação de trabalho.

Um dos textos que apresenta o valor do povo sorocabano para a história do Brasil, desenvolvendo as concepções de Aluísio de Almeida, é o da professora Vera Job, no qual ela defende que:

*“(...) os tropeiros e as tropas desempenharam no Brasil e na América, um papel dos mais relevantes, quer como realizadores do progresso econômico, quer como incentivadores da unidade nacional. Se, em meados do século XVIII, quando teve início este significativo ciclo econômico, coube a nós sorocabanos o privilégio de servir de entreposto de mercadoria altamente desejada e de local de encontro não só de brasileiros de todas as regiões, como de estrangeiros, cabe-nos agora, a responsabilidade de divulgar junto às novas gerações, a grandiosidade de sua obra, a pujança de sua figura intemorata, para que todos juntos possamos reverenciar o Tropeiro, o lídimo representante de nossa gente, o homem simples que de modo efetivo, consolidou a tarefa do Bandeirante, refazendo a conquista e a posse da terra em cada viagem, e promoveu, com o entrecruzar de mercadorias e notícias, a unidade nacional”.*¹¹

Construindo uma identidade cultural para o sorocabano, a pesquisadora Vera Job justifica o desenvolvimento da atividade econômica comercial como uma tarefa maior: a de realizar a unidade do país. Assim, o sorocabano tropeiro realizou um dos papéis mais importantes para o desenvolvimento da nação: ele uniu o território nacional. É interessante notar que a idéia de um sorocabano nacionalista – sujeito envolvido diretamente na unidade territorial da nação – é produzida a partir da década de 1970. Provavelmente o discurso ufanista do “Brasil potência” no regime militar, do “gigante territorial”, estabeleceu parâmetros para as análises dos pesquisadores sorocabanos.

¹¹ JOB, Vera Ravagnani. “Origens e importância do ciclo do tropeirismo”. In: **Tropeirismo e identidade cultural da região de Sorocaba**. Sorocaba, SP: Academia Sorocabana de Letras, maio de 1983, pp. 5-10. Apud, BADDINI, Cássia Maria. **Sorocaba no império: comércio de animais e desenvolvimento urbano**. Dissertação de mestrado. São Paulo: Departamento de História, FFLCH / USP, 2000, p. 12.

Obras exemplares sobre essas concepções históricas são *O tropeirismo e identidade cultural na região de Sorocaba* (1983) e *O tropeirismo e a formação do Brasil* (1984). Entre os artigos reunidos para essas obras, os pesquisadores Vera Job, Geraldo Bonadio, Mário Mattos, Rogich Vieira e Adolfo Frioli reafirmam as idéias fundamentais de Aluísio de Almeida. Também poderia citar inúmeros artigos e crônicas publicadas nos jornais locais que defendiam essas visões etapistas e homogeneizadoras do passado da cidade.

Não pretendo com isso questionar a qualidade, nem desvalorizar os trabalhos produzidos por esse grupo de pesquisadores. Porém, essas versões históricas difundidas através das obras citadas e também de outros artigos em jornais da cidade, não potencializam a (re)construção de um processo histórico dinâmico, vivo, com seus problemas e contradições, onde os sujeitos envolvidos movimentam-se não apenas por interesses financeiros, quando embates culturais são comuns e dissonâncias aparecem com frequência.

Dessa forma, a maior parte dos trabalhos historiográficos produzidos por pesquisadores da cidade de Sorocaba nas últimas quatro décadas, podem ser caracterizados como modernos. Essas produções modernas se desdobram em olhares românticos quando idealizam personagens e processos; são positivistas na análise compartimentalizada de momentos históricos e segmentos sociais; são liberais na desqualificação de grupos sociais populares, na valorização das elites que potencializam a acumulação de capitais, lutando posteriormente pela sua consolidação. Essas versões modernas acabam retratando o crescimento da cidade como um desdobramento da ação dos “bravos” bandeirantes, homens de fibra capazes de lutar contra a natureza e os nativos hostis; segundo essas versões, também contribuíram para o apogeu de centro urbano os intrépidos tropeiros, homens que rasgavam os sertões do centro-sul brasileiro para construir uma nação maior, mais desenvolvida e mais rica. A origem bandeirante atesta a “bravura” de um povo que sempre lutou para superar as dificuldades, e que encontrou no tropeirismo a continuidade de uma “saga invejável”.

Com as pesquisas históricas concentradas nas feiras de muares e em seus desdobramentos na relação com a sociedade sorocabana, é evidente que há uma escassa produção historiográfica sobre as possíveis transformações e as permanências do período

da instalação das fábricas de tecidos na virada do século XIX para o XX. Dentro dessa perspectiva, atualmente a “terra dos tropeiros” tem mais visibilidade social do que a *Manchester Paulista* em Sorocaba.

Se a “terra dos tropeiros” é mais divulgada que a *Manchester Paulista*, atualmente fica evidenciado o volume de trabalhos produzidos e expostos referentes ao “ciclo do luar”. Analisando essa situação, não pretendo defender a denominação ufanista dos liberais republicanos do século XX, que exaltaram o crescimento industrial da cidade no período. Apenas procuro explicitar uma lacuna importante sobre a história mais recente de uma cidade que atualmente cultua um passado distante e pouco reflete sobre um passado recente.

Diante desse quadro, meu trabalho busca contribuir para a valorização de um período pouco estudado da história de Sorocaba, na relação com trajetórias outras de sua historicidade. Período pleno de significados para a constituição do imaginário moderno da cidade. Mantendo algumas antigas tradições e práticas culturais dos séculos anteriores, a sociedade do século XX ressignifica tanto as concepções que circulavam no passado como as concepções que foram instituídas com o avanço da modernidade no Brasil.

Portanto, procuro realizar leituras plurais sobre os documentos focalizados na pesquisa, ampliando as possibilidades de interpretação histórica da cidade de Sorocaba. Partindo de produções que visavam atender as perspectivas do avanço capitalista, entendo que a hegemonia de certos grupos não inviabiliza a manifestação de sujeitos componentes das classes trabalhadoras.

É evidente que as visões românticas, positivistas e liberais dominaram as produções que construíram a modernidade na cidade de Sorocaba. Segundo os “inventores” da *Manchester Paulista*, Sorocaba mostrava claros sinais de um salto qualitativo na sua produção técnica e econômica, novas relações sociais e maior destaque político para seus moradores. Para confirmar essa visão, produziram-se textos escritos e imagens iconográficas que reforçavam as concepções da modernidade capitalista como verdades absolutas, que caminhavam rumo ao cientificismo histórico, baseado na razão instrumental e na busca de ordem, progresso e civilização, entendidos como adiestramento do indivíduo às regras sociais. A própria (re)produção de imagens iconográficas junto aos textos escritos já indicava que a imprensa local também utilizava instrumentos da modernidade para

“melhor informar” seus leitores. Os olhares modernos pretendiam implementar a ordem e a racionalidade do desenvolvimento da indústria, da ciência, da técnica, não apenas no mundo da fábrica, mas para além dela.

Pensando nos conceitos de verdade e poder, entendo como Michel Foucault, que a pesquisa entra em uma área de combate histórico.

“Há um combate “pela verdade” ou, ao menos, “em torno da verdade” – entendendo-se, mais uma vez, que por verdade não quero dizer “o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou fazer aceitar”, mas o “conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder”; entendendo-se também que não se trata de um combate “em favor” da verdade, mas em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha.” (FOUCAULT, 1979: 13)

A verdade estabelecida pelas versões dominantes está ligada à modernidade, ao mundo capitalista industrial, ao desenvolvimento urbano, ao progresso tecnológico. Estas visões, na maioria das vezes, não identificam ou não valorizam a experiência do “outro”. Elas ressaltam a importância dos grandes homens empreendedores, os fatos que mudaram o rumo da história, a ausência dos conflitos sociais.

Desvalorizando os sujeitos históricos, os trabalhadores em geral e suas produções de conhecimento, as versões dominantes silenciam os diferentes grupos, ou os supostos opositores, valorizando apenas as concepções desejadas relacionadas ao progresso científico e técnico, o que acaba hierarquizando as relações dos saberes. Essas versões imputaram adjetivos menores para o passado e privilegiaram a aceção de modernidade capitalista, desqualificando os homens comuns e suas relações culturais.

Desta forma, entendo que os documentos produzidos para conceber a modernidade capitalista de Sorocaba devem ser lidos a contrapêlo (BENJAMIN, 1985), com o objetivo de observarmos elementos históricos que nos revelam o olhar do homem comum sobre a sua cidade, que experimentou variadas relações sócio-culturais, as quais não estão explícitas em sua totalidade nos discursos impressos nos documentos analisados. Relacionando o processo de construção da modernidade capitalista com as memórias

coletivas, parto para uma discussão da história local onde a versão oficial poderá ser questionada, abrindo espaço para versões plurais que devem aparecer numa leitura benjaminiana dos documentos. A partir de evidências históricas, como nos propõe E. P. Thompson, podemos (re)construir experiências de sujeitos desvalorizados pelas elites dominantes interessadas em consolidar seus valores e projetos culturais.

Em relação ao conceito de modernidade, dialogo com o filósofo Walter Benjamin, que em várias obras abordou as perspectivas culturais construídas pelas sociedades capitalistas após a revolução industrial.

O século XIX não soube corresponder às novas possibilidades técnicas com uma nova ordem social. Assim se impuseram as mediações falaciosas entre o velho e o novo, que eram o termo de suas fantasmagorias. O mundo dominado por essas fantasmagorias é – uma palavra-chave encontrada por Baudelaire – a Modernidade. (Benjamin, 1985: 92)

Porém, não posso analisar a construção da modernidade capitalista em Sorocaba como uma luta desigual entre um grupo social dominante que impôs sua visão histórica e um outro grupo, o de trabalhadores desqualificados pelas elites, sem condições para impedir uma dominação completa. Estamos tratando de uma relação cultural dinâmica, dialética, de aproximação e confronto ao mesmo tempo, de incessante movimento entre grupos que pretendem manter ou expandir suas posições perante a sociedade, tratando suas idéias como verdadeiras e outros sujeitos interessados em sobreviver no sentido mais amplo. Muitas vezes, contestadores das concepções homogeneizadoras ditadas por qualquer força política, detentores de objetivos diferenciados, os trabalhadores produziam saberes mesclando visões dominantes à resistências culturais.

Quando abordo o conceito de cultura imbricado ao universo social, não pretendo dividir minha abordagem em dois blocos distintos, que definem a cultura erudita como a única responsável pela concepção da *Manchester Paulista*, versus a cultura popular, que trabalha as concepções dos homens comuns como incapazes de se colocarem frente à força do pensamento elitista. Esta posição me parece unidimensional, maniqueísta, limitadora. Mesmo porque, a *Manchester Paulista* idealizada por determinados sujeitos

envolvidos com a história da cidade, acabou recebendo tanto críticas como contribuições dos sujeitos desvalorizados pelo discurso uniformizador.

Uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sobre uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de “sistema”. E na verdade, o próprio termo “cultura”, com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto. (THOMPSON, 1998: 17)

Acredito, como Thompson, que a existência de diferenças no modo de ver, pensar e agir dos grupos sociais que moravam em uma cidade, não inviabiliza a cultura como espaço de trocas constantes.

Ampliando o diálogo com a historiografia local e nacional

A pesquisa sobre as produções culturais de Sorocaba revelou-me um conjunto de histórias e de memórias significativas referentes à vida na cidade no início do século XX. Os documentos analisados apresentam cenários construídos no centro urbano, movimentações dos sujeitos, práticas culturais e projetos dos grupos que difundiam seus ideais, inclusive o de letramento dos moradores da cidade, através dos órgãos de imprensa. Observando os vínculos sociais dos grupos defensores da cultura letrada, podemos avançar para a compreensão da formação dos grupos de leitores e dos significados culturais dessa prática social.

Pensando em ampliar as fontes históricas, recorri às memórias de moradores que viveram o período focalizado. Entre as memórias registradas, destaco dois livros que trazem contribuições importantes para o processo histórico estudado. O primeiro livro é o de Antônio Francisco Gaspar, que deixou várias obras publicadas sobre a cidade, sua cultura e a sociedade em geral. Além dos textos que tratam de assuntos variados, as

memórias de infância e juventude de Antônio Gaspar são importantes contribuições para a (re)construção dos ambientes sorocabanos no início do século XX. A obra que registra suas memórias é *Minhas memórias: Sorocaba – São Paulo – Santos e vice versa (1896 a 1909)*¹². O conteúdo desta obra traz as experiências do menino Antônio desde os últimos anos do século XIX até 1909, quando este já entrava em sua juventude a começava a trabalhar em vários estabelecimentos comerciais e fabris da cidade. Suas memórias revelam uma cidade plena de vida, com problemas e atrativos, onde personagens se movimentavam por ruas, casas comerciais, indústrias, oficinas e festas religiosas. Delas, pude extrair valiosos momentos que ampliam meu olhar sobre a vida cultural de Sorocaba no período focalizado pela pesquisa.

Já o livro *Belenzinho: 1910. Retrato de uma época*¹³, do professor Jacob Penteadó, traz algumas páginas sobre suas experiências vividas em Sorocaba. Mesmo sendo um livro dedicado aos relatos de experiências vividas em bairros operários de São Paulo, alguns trechos são reservados à história de sua família em Sorocaba. Essas partes possibilitam uma visão privilegiada sobre a cidade, seus moradores, suas indústrias e sua cultura. Os registros do autor seguem parcialmente o ideário burguês da *Manchester Paulista*, porém trazem impressões significativas sobre a vida dos trabalhadores na cidade no início do século XX. Filho de operários da indústria têxtil local no período, Jacob apresenta as condições de trabalho dos pais e relata o cotidiano de crianças que, como ele, viviam em vilas operárias.

No que se refere às produções historiográficas que abordam a cidade de Sorocaba, trabalhei principalmente com pesquisas ou publicações realizadas a partir da década de 1990. Sem desmerecer as produções anteriores, procurei as pesquisas mais recentes porque elas estão mais próximas do meu objeto de estudo.

O trabalho do geógrafo Paulo Celso da Silva – *De novelo de linha à Manchester Paulista. Fábrica têxtil e cotidiano do início do século em Sorocaba*¹⁴ – tem por objetivo recuperar o processo de formação da classe operária da cidade, problematizando suas condições de trabalho, as possibilidades de mobilização social dos trabalhadores, a produção dos imaginários burguês e operário sobre a cidade no início do

¹² Obra publicada originalmente em 1967.

¹³ Obra publicada originalmente em 1962.

¹⁴ Obra publicada em 2000, defendida na USP no Dep. de Geografia.

século XX. Partindo dos referenciais teóricos da geografia, a dissertação apresenta reflexões históricas e dados importantes para o período focalizado. Porém, a concepção de documentação histórica produz análises que não problematizam as fontes, aproximando-se às vezes aos aspectos da historiografia positivista que envolve a maior parte das produções sobre a cidade. Contudo, mesmo sendo um trabalho voltado para o campo da geografia, é uma importante contribuição para a história social sorocabana na primeira república.

A dissertação de Mestrado produzida por Geraldo Bonadio - *Espaço urbano e vida social sob o impacto da atividade fabril: Sorocaba Industrial (1841/1995)*¹⁵ – procura abordar todo o processo de industrialização que a cidade viveu de meados do século XIX até o final do século XX. A dissertação apresenta documentos escritos interessantes sobre o crescimento industrial da cidade. Porém, alguns pontos não são analisados mais detalhadamente, provavelmente pelo amplo objetivo proposto, analisando um período de tempo tão extenso. Mesmo assim, o cuidado com a documentação histórica e com os sujeitos envolvidos no processo de industrialização local revelam um trabalho historiográfico importante para a (re)construção do passado da cidade.

O livro “Os Espanhóis”¹⁶ escrito e editado pelo jornalista Sérgio Coelho de Oliveira é uma obra interessante sobre a virada do século XIX para o XX, mais especificamente sobre a colônia espanhola formada a partir da década de 1890, na região do Além Ponte em Sorocaba. Relatando a saga da imigração espanhola que culminou no desenvolvimento de um popular bairro na cidade, o livro destaca a participação desses imigrantes na sociedade sorocabana no período republicano de nossa história. Mesmo não sendo um trabalho historiográfico, a obra faz aproximações aos textos acadêmicos. Analisando documentos escritos, iconográficos e relatos orais de integrantes da colônia na cidade, o autor valoriza as memórias das famílias de imigrantes para (re)construir as relações sócio-culturais dos trabalhadores espanhóis e de seus descendentes em Sorocaba.

Recentemente lançado, o livro “Sorocaba: 3 séculos de história”¹⁷ complementa a edição dos textos do monsenhor Luiz Castanho de Almeida. Preparado por membros do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, o livro recupera parte dos originais que Aluísio de Almeida (pseudônimo do monsenhor) produziu e ainda

¹⁵ Dissertação defendida em 1995 na UNG.

¹⁶ Obra publicada em 2001.

¹⁷ Obra publicada em 2002.

não haviam sido publicados. A primeira obra que tentou sistematizar a história sorocabana foi editada em 1969, como afirmei anteriormente. Na primeira versão, segundo os editores da recente publicação, os originais tinham sido aproveitados parcialmente e foram publicados, em alguns casos, de forma resumida. Finalizado o trabalho de cópia dos originais, revisões gráficas e atualização ortográfica, a nova obra traz mais registros sobre o passado da cidade. Porém, os textos que foram publicados no livro pouco acrescentam sobre a história da república em Sorocaba. As principais complementações estão localizadas nas épocas colonial e imperial do Brasil. Assim sendo, o livro “História de Sorocaba” já era uma publicação significativa da contribuição de Aluísio de Almeida sobre a história republicana local.

A tese de Doutorado do professor Og Natal Menon – *A educação escolarizada em Sorocaba entre o império e a república*¹⁸ – traz as práticas escolares na cidade entre 1870 e 1906. Analisando a documentação produzida por sujeitos envolvidos diretamente com o processo escolar, como também pela imprensa local, o trabalho relaciona as concepções de ensino predominantes no país com as escolas locais. Discutindo tanto o ensino público como o privado, o autor coloca em questão os projetos pedagógicos e as reivindicações sociais nos diferentes contextos políticos.

A dissertação da historiadora Cássia Maria Baddini - *Sorocaba no império: comércio de animais e desenvolvimento urbano*¹⁹ - mesmo não focalizando a época que estudo em meu trabalho, identifica importantes aspectos da cidade para a fase republicana. Considero ser este o principal trabalho historiográfico já produzido em relação à Sorocaba imperial. Fruto de uma pesquisa meticulosa, a historiadora apresenta o crescimento da cidade no Império, relacionando os conflitos políticos e os desdobramentos sociais que envolveram esse processo. Ao contrário de outros trabalhos, essa dissertação rompe com a idéia de que a cidade era dependente exclusiva da feira de animais que ocorria anualmente, para defender que entre outras atividades econômicas realizadas em Sorocaba, a feira tinha sim sua importância, mas não era o único motor do desenvolvimento local. Desconstruindo o conceito de tropeirismo defendido por outros pesquisadores desde Aluísio de Almeida, questionando a idéia de “ciclo econômico” na caracterização da história da cidade, a autora

¹⁸ Tese defendida em 2000 no departamento de História da PUC-SP.

¹⁹ Dissertação defendida em 2000 no departamento de História da USP, recentemente publicada pela editora Annablume.

destaca as especificidades dos diferentes contextos do império e revela a dinâmica da sociedade urbana local.

Na elaboração da presente dissertação, busquei outros autores mais próximos do tema da pesquisa, que contribuíssem para a articulação de análises sobre a produção de publicações específicas, a expansão da cultura letrada urbana, a história local e o avanço das concepções de modernidade no Brasil, principalmente na república velha.

Para a análise dos almanaques, destaco a tese de Doutorado da historiadora Maria Carolina Bovério Galzerani, *O almanaque, a locomotiva da cidade moderna: Campinas, décadas de 1870 e 1880*.²⁰ Este trabalho indica tanto caminhos fundamentais para a interpretação desses documentos como para a compreensão do cenário cultural que envolve a sua publicação e distribuição. Relacionando o avanço da modernidade capitalista à cidade de Campinas oitocentista, a autora analisa a sociedade local a partir da produção dessas publicações, que traziam em suas páginas as concepções positivistas, republicanas, liberais e românticas do período. Trabalhando a construção de imagens modernas para a cidade de Campinas, a tese entende os almanaques como produções culturais instituintes de sensibilidades, práticas modernas de leitura e de identidades sociais.

A tese de Doutorado da historiadora Heloisa de Faria Cruz, *Na cidade, sobre a cidade: Cultura Letrada, Periodismo e Vida Urbana – São Paulo (1890-1915)*²¹, também é um trabalho estimulante. (Esta tese foi publicada em 2000 com o título *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana (1890-1915)*. Como a publicação não alterou o corpo central da tese, analisei o texto original disponível na USP.) Refletindo sobre as relações entre cidade e cultura, a autora busca compreender o processo de formação da metrópole paulistana na aproximação da cultura letrada com a vida urbana. Assim, destacando o movimento de expansão da imprensa periódica, o trabalho analisa as facetas culturais do processo de transformação urbana em São Paulo.

Sobre as revistas literárias, a obra de Ana Luiza Martins, *Revista em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1920)*²², é uma importante contribuição. As reflexões da historiadora observam a cidade de São Paulo na república velha, quando a expansão urbana gerou condições para a especialização do

²⁰ Tese defendida no Dep. de História, IFCH, UNICAMP, em 1998.

²¹ Tese defendida em 1994, na USP.

²² Obra publicada em 2001.

mercado produtor de publicações, respondendo a diversificação social do período e a ampliação do número de leitores. Pesquisando as relações entre o crescimento populacional, a formação de novos consumidores literários e o atendimento da demanda de um mercado consumidor, a autora analisa os lançamentos, os sucessos e fracassos editoriais da metrópole paulistana, identificando a linguagem dos diferentes gêneros de revista, os recursos técnicos adotados e a busca da mercantilização da metrópole paulista.

O período republicano abordado na pesquisa é revisto fundamentalmente através dos trabalhos do historiador Nicolau Sevcenko, dos quais destaco *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República* e *História da vida privada no Brasil n.3: da Belle Époque à Era do Rádio*. Sobre este período também dialogo com os conhecidos textos do cientista político José Murilo de Carvalho, dos quais destaco *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil* e *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*.

Outro trabalho estimulante relacionado ao meu tema de pesquisa é o de Flora Süssekind, autora de *Cinematógrafo de Letras*. Esta obra traz contribuições interessantes para a problematização das relações entre modernidade, técnica e literatura no Brasil da república velha.

No trabalho de escolha e amadurecimento do tema central da pesquisa, algumas leituras foram fundamentais. Minhas referências teóricas passam pelos conceitos de modernidade capitalista (Walter Benjamin), produção de conhecimento (E. P. Thompson) e saberes / poderes (Michel Foucault). Discutindo os resultados da pesquisa, procuro ampliar ainda mais minhas reflexões no diálogo com obras de Eric Hobsbawm, Richard Sennett, Peter Gay e Maria Stella Bresciani, dentre tantos outros.

Assim, com tais paradigmas metodológicos, analiso a pluralidade das produções culturais, relativas à história de Sorocaba, e com a inserção da dimensão cultural no social, compreendo a relação entre as diversas produções, os diversos saberes, como um cenário de embates e de resistências constantes.

Capítulo 1 - O cenário da cidade moderna

O despertar da cidade

Quatro horas da manhã. O apito da fábrica de tecidos Nossa Senhora da Ponte chama seus operários para mais um dia de trabalho (GASPAR, 1967: 88). Vários apitos soam na cidade com uma pequena diferença de tempo entre um e outro. Ao clarear do dia, operários das fábricas instaladas em diversos pontos da cidade darão início a uma nova jornada de trabalho em suas unidades de produção. Próxima do centro, a fábrica Nossa Senhora da Ponte também ajuda os moradores dessa região a controlar o seu tempo. Os galos cantando na madrugada já deixaram de ser os principais referenciais das horas para muitas pessoas, que optando pela pontualidade e pela altura dos sons produzidos nas sirenes, substituíram os sons das criações de animais. Aqueles que acordam mais cedo esperam o apito para sair de casa, rumo à roça. Outros ouvem o apito para levantar da cama, começando a preparação de seus afazeres diários. A população da cidade percebe as primeiras movimentações de seus moradores dentro das casas, com o bater de painéis e estalos da lenha no fogão; nas ruas, com o caminhar de pedestres, homens a cavalo e o trânsito de veículos, muitos desses apressados buscando chegar na hora certa em seus destinos. A movimentação de pessoas se mistura aos sons do trabalho urbano, das casas comerciais que recebem seus primeiros clientes, da partida do trem que vai para São Paulo. Os teares, as carroças, os passos arrastados no chão de terra, os cumprimentos matinais e as conversas fiadas produzem a trilha sonora de mais uma manhã urbana.

Cinco e quinze. Os primeiros raios do sol iluminam a cidade na manhã do dia 30 de novembro. O ano é 1903. No Largo da Matriz, crianças brincam na terra com pedras e bolas de gude, em frente à entrada principal da igreja. Morando junto de seus familiares nos cortiços próximos à fábrica de tecidos, habitados principalmente por trabalhadores de origem italiana, logo cedo a garotada sai para acompanhar o movimento do centro urbano. Rajadas de vento levantam a poeira do chão, atrapalhando momentaneamente os transeuntes e as crianças em suas brincadeiras. A temperatura ainda amena da manhã propicia corridas refrescantes atrás de cães e gatos que circulam próximos

da praça. Os animais de rua a procura de alimentos, mesmo desconfiados, misturam-se às crianças. Alguns meninos e meninas param suas diversões e observam a carroça do leiteiro que desce a rua São Bento rumo à rua da Ponte. Como acontecem quase todos os dias, vendendo seu produto, que balança dentro dos galões devido aos obstáculos das ruas centrais da cidade²³, o condutor grita “olha o leeeeeeite”, para seus fregueses anteciparem a sua passagem frente a suas casas. Antes da freguesia notar a passagem do leiteiro, a criançada passa a acompanhar a carroça, correndo em volta do veículo puxado por um velho cavalo malhado.

Seis horas. O carregamento de leite fresco está praticamente entregue. A temperatura começa a subir rápido, pois a primavera é quente nessa região do estado. Quanto antes entregar a mercadoria, mais cedo o leiteiro volta para o sítio e menor é o risco do leite azedar. Várias crianças acompanham o trabalho do leiteiro até o fim. O cavalo velho, a carroça de madeira, os gritos do leiteiro chamam a atenção. Sobretudo o leite é um atrativo; as crianças que brincam pelas ruas da cidade são, na maioria, de origem humilde, viram seus pais e irmãos mais velhos saírem cedo para o trabalho (na roça, nas fábricas ou nos estabelecimentos comerciais) e agora aproveitam a manhã para brincar e pedir um pouco de alimento para pessoas que estão habituadas a ajudar “aquela gente”. Vários são os sitiantes que distribuem as mercadorias não comercializadas para crianças e adultos que sempre circulam pelo centro da cidade, pedindo as sobras de seus carregamentos.

Quase sete horas da manhã. Dois professores atravessam o Largo da Matriz em direção à rua das Flores. Apressados, procuram adiantar os passos para prepararem suas salas de aula no Grupo Escolar “Antônio Padilha”. Alguns alunos do grupo também passam pelo Largo, porém, com mais tempo aproveitam para jogar pedras nos telhados e venezianas do casario construído de forma irregular nas ruas que levam à escola. Com estilingues ou com as mãos, os alunos atiram pedras com força para fazer barulho nas janelas que ainda estão fechadas nessa hora da manhã. Acertar a janela, fazer barulho, correr do morador da casa, são brincadeiras recorrentes para um grupo de crianças que passa pelas ruas centrais da cidade todos os dias antes das aulas começarem.

²³ O jornal *Cruzeiro do Sul*, em várias edições do segundo semestre de 1903, pedia insistentemente que os poderes públicos agissem para consertar as ruas centrais da cidade, conhecidas pelos buracos e valetas que atrapalhavam o trânsito de veículos e causavam acidentes aos pedestres.

Sem nenhuma novidade, mais um dia está começando em Sorocaba. Situações rotineiras acabam se repetindo em diversos pontos da cidade, onde a maioria da população está envolvida com suas ocupações cotidianas. Não fossem as conversas relativas aos espetáculos exibidos na noite anterior, um pequeno grupo de moradores teria mais um dia comum. Ontem, por volta das 19:00 horas, ocorreu o primeiro espetáculo cinematográfico da cidade. No Largo da Matriz, bem próximo da principal igreja da cidade, o Club Aymorés anunciava há dias, através de cartazes na fachada de seu salão, a exibição de “novas vistas”. O Cinematógrafo Grand Prix da Empresa Sul Americana foi instalado no Salão Teatro do Aymorés para vários dias de espetáculos²⁴.

Em meio aos hábitos de uma cidade pacata, a notícia do cinematógrafo espalha-se rapidamente. Curiosos com os relatos que descreviam o espetáculo como uma novidade tecnológica apenas vista por moradores de grandes cidades do mundo, não foram poucos os sorocabanos que agitam-se frente à possibilidade de participar das exibições programadas.

O frisson dos sorocabanos curiosos aumentava com os relatos de moradores que já tinham assistido ao espetáculo em outras cidades. Homens e mulheres, que viajavam com frequência ao Rio e São Paulo ou que moraram por algum tempo num grande centro, contavam que os cinematógrafos instalados nessas cidades reuniam multidões nos finais de semana. Com sessões concorridas, a população das grandes cidades disputa entradas para não perder as novidades que chegam da Europa.

Com a chancela de novidade internacional, um grupo da sociedade sorocabana esperou ansioso o início das primeiras exibições, para poder desfrutar de uma diversão reservada a poucos no mundo. Além de ser um espetáculo da tecnologia, o cinematógrafo é “exclusivo” para grupos seletos, integrantes privilegiados da civilização moderna.

Diferente dos circos, das trupes dramáticas e das touradas que visitam a cidade de Sorocaba com grandes intervalos (GASPAR, 1954: 120), o cinematógrafo traz a novidade técnica como atração principal. Os espetáculos circenses e as corridas de touro sempre conseguem atrair um público razoável. Esse público que assiste a essas

²⁴ Os jornais *O 15 de Novembro* e *Cruzeiro do Sul* anunciaram por vários dias as exibições programadas para o final de 1903 em Sorocaba, nas edições de novembro e dezembro.

apresentações é cativo. As platéias animadas aplaudem com entusiasmo os corajosos domadores de feras, riem com os palhaços, temem a exposição dos intrépidos toureiros frente aos “perigosos” animais.

Porém, o interesse agora é pela exibição que traz uma “nova” arte. A sedução do espetáculo das imagens está relacionada ao “novo” meio de entretenimento que também impressiona pela tecnologia. O cinematógrafo leva às multidões emoções aliadas à técnica de reprodução de imagens. Com ele o público pode sentir e sonhar com os artistas projetados na tela, ao mesmo tempo em que compartilha socialmente do espetáculo da modernidade. Dividir a sala de projeção com outras pessoas da cidade é ter acesso a um dos mais modernos meios de comunicação e entretenimento do período, como também se apresentar num ambiente onde a tecnologia é uma grande atração do espetáculo.

Assim, alguns moradores ilustres da cidade, além de suas atividades rotineiras nos domingos, tiveram ontem um dever social: participar do espetáculo da tecnologia, viver as novas oportunidades de lazer que a modernidade confere aos homens e mulheres civilizados. Sentindo o progresso cada vez mais próximo, os moradores a partir desse dia poderão desfrutar em Sorocaba da diversão que poucos no mundo tiveram acesso.

Com o número de convites limitados, a disputa por um lugar no primeiro dia de exibição tornara-se um grande trunfo aos detentores de uma entrada. Ser um dos poucos “escolhidos” foi uma honra e distinção. Autoridades, homens de negócio, jornalistas, funcionários públicos, membros do clero tiveram a primazia na distribuição dos convites. Uma platéia eminentemente masculina tomou os assentos neste domingo. Esse grupo pode experimentar antes da maioria dos moradores da cidade a novidade, cuja maioria não imagina como é produzida. É esse grupo hoje que conta suas impressões sobre as “vistas” exibidas. Descrevendo o espetáculo como uma atração imperdível, as pessoas que participaram da primeira exibição querem impressionar seus interlocutores. Sem economizar elogios, a platéia nomeia as imagens, projetadas na tela, como fantásticas, emocionantes, inesquecíveis (PENTEADO, 1962: 33). Para reforçar suas palavras, alguns afirmam que pretendem voltar ao Club Aymorés para as próximas exibições programadas. Aos ouvintes, fica a idéia de que o cinematógrafo é um surpreendente espetáculo, sem igual até então. Agora, só resta esperar as futuras sessões, para tentar ocupar uma das cadeiras disponíveis.

Para alguns moradores de Sorocaba, que acompanham o discurso progressista dos republicanos no país, finalmente a cidade entra no século XX. O espetáculo da modernidade ratifica essa “nova” condição. Sorocaba agora desfruta também de um lazer moderno, representante da evolução tecnológica que o mundo civilizado desenvolveu, reservando-o aos povos de vanguarda. Nada mais significativo para um povo em constante evolução que receber como prêmio o entretenimento dos países mais avançados.

Inventando uma “nova” etapa histórica

Refletir à distância do tempo sobre os eventos programados para o fim do ano de 1903 em Sorocaba, pode significar muito pouco para pessoas como nós, habituadas às “imagens em movimento”. Quando alguns moradores de uma cidade poderiam discutir a importância de um espetáculo cinematográfico? Como pessoas ficariam eufóricas esperando a simples exibição de um filme? Por que esperar as sessões de cinema para se divertir?

“Pegar um cinema” para conferir os últimos lançamentos da temporada, assistir à programação dos canais de TV aberta ou por assinatura, acompanhar um show “navegando” pela internet, hoje são práticas rotineiras para aqueles que tem acesso às tecnologias disponíveis e condições financeiras para pagá-las.

Contudo, se hoje boa parte das pessoas tem contato com imagens projetadas nas mais diferentes formas, as exibições do primeiro cinematógrafo na França foram envolvidas inicialmente pelo desinteresse, seguidas por grande curiosidade, espanto e encantamento. Nicolau Sevchenko, comentando as reações diante da nova técnica, afirma:

“A primeira apresentação desse filme (“A chegada do trem na estação”, de Louis Lumière – 1895) se deu em Lyon, durante o Congresso das Sociedades Fotográficas Francesas. O tipo de público reunido nesse evento era bastante familiarizado portanto com o instrumentos óticos e recursos relacionados à fotografia, não sendo de esperar que fosse se alterar muito com o espetáculo. Mas o que sucedeu foi curioso. Quando houve o anúncio da primeira exibição de cinema, o desinteresse foi completo, os participantes do

Congresso reagiram com ceticismo e pouco-caso à suposta “novidade”. Apenas 33 gatos-pingados tomaram assento no salão para conferir a engenhoca. (...) Após a projeção os espectadores saíram comentando sua experiência e, em breve, o salão de Lumière estava completamente lotado. As pessoas viam e voltavam para rever, já acompanhadas de outros céticos. Nos dias seguintes havia disputa para conseguir entrar, os mais afoitos tentavam forçar a entrada, começaram os sopapos e bengaladas, a polícia foi chamada e o tumulto virou um caso de segurança pública.” (SEVCENKO, 1998: 517-518)

Reações inusitadas, concorrência do público, brigas e agressões físicas. O mundo civilizado que tinha a França como um de seus modelos, observou seus homens não se conterem diante de tamanha novidade. Num congresso de supostos especialistas, o público passou da indiferença ao puro entusiasmo. Desse momento em diante, os espetáculos cinematográficos foram conquistando novas platéias pelo mundo.

Eric Hobsbawm afirma que para a sua popularização,

“o cinema desfrutou de uma vantagem não prevista, mas absolutamente crucial. Dado que até a década de 20 ele era apenas capaz de reproduzir imagens, mas não palavras, era forçado ao silêncio interrompido apenas pelos sons do acompanhamento musical (...) Livre das restrições da Torre de Babel, o cinema desenvolveu, portanto, uma linguagem universal que, de fato, lhe permitiu explorar o mercado mundial, independente do idioma.” (HOBSBAWM, 1988: 334)

Com uma linguagem universal, o cinema expandiu-se rapidamente e tornou-se, em pouco tempo, um grande sucesso de público na virada do século XIX para o XX. Utilizando técnicas totalmente novas para o período, essa forma de entretenimento não necessitava deslocar um grupo de artistas para representar a “realidade” em suas imagens. Bastava transportar o cinematógrafo, seus filmes e os técnicos para a realização do espetáculo.

Em menos de duas décadas, as platéias da Europa e dos EUA já estavam habituadas ao cinema.

“Embora os franceses tenham sido os principais pioneiros na exibição dessas imagens em movimento, filmes curtos foram primeiro projetados como novidade de vaudevilles e feiras em 1895-1896, quase simultaneamente em Paris, Berlim, Londres, Bruxelas e Nova Iorque. No máximo uma dúzia de anos mais tarde, 26 milhões de americanos iam ver filmes toda semana, provavelmente nos 8 a 10 mil pequenos cinematógrafos; quer dizer, uma cifra que não chega a 20% de toda a população dos EUA. Quanto à Europa, até na atrasada Itália havia, à época, quase quinhentos cinemas nas cidades principais, sendo quarenta só em Milão. Em 1914, o público norte-americano de cinema chegava a quase 50 milhões. O cinema era agora um grande negócio.” (idem: 333)

No Brasil, as primeiras exibições tiveram grande repercussão social²⁵. Acompanhando as reações observadas na França, o público brasileiro também passou da desconfiança inicial ao encantamento. Nas palavras de Flora Süssekind:

“É, pois, com misto de cautela e deslumbramento diante da “magnífica impressão da vida real” que se reage ao cinematógrafo por aqui. Mais encantamento do que cautela. E em 7 e 8 de agosto de 1896 se realizaram as primeiras sessões também em São Paulo (a primeira exibição de um cinematógrafo no país ocorreu em 8 de julho de 1896 no Rio de Janeiro); em 31 de julho de 1897 seria inaugurado o Salão de Novidades de Paris, no Rio, e já em 1898 se fariam as primeiras filmagens locais, dando início a uma produção cinematográfica brasileira.” (SÜSSEKIND, 1987: 41)

Confirmando as repercussões entusiasmadas que vinham da Europa, a primeira apresentação no Rio de Janeiro foi precedida por grande interesse devido aos comentários difundidos pelos jornais cariocas.

“A novidade era anunciada com entusiasmo pela imprensa, nos dias que antecederam a exibição, como sendo “uma maravilha da ciência moderna, tão

²⁵ Cf. o trabalho de Flora Süssekind, **Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil**, especialmente o capítulo 3.

surpreendente em suas descobertas e aplicações”, ou ainda como a “maravilhosa lanterna mágica da ciência”.(SEVCENKO, 1998: 519)

Se em países da Europa, nos EUA e nas grandes metrópoles brasileiras os primeiros espetáculos produzidos pelos cinematógrafos recebiam rasgados elogios e grandes públicos, representavam a evolução científica voltada para a diversão das civilizações modernas, a sua simples passagem por uma cidade do interior do país poderia provocar uma enorme repercussão social.

Combinação de um espetáculo de luzes que projetam imagens num ambiente escuro, aparelho movido à energia elétrica, o cinematógrafo presenteava o público com imagens geradas pela técnica. Na “era da ciência”, o mundo usufruía dos avanços do progresso conquistado pela humanidade. Os seres humanos civilizados não tinham limites dominando a natureza. A velocidade da vida moderna chegava a todos os cantos de forma irresistível e irreversível. No caminho do progresso, Sorocaba recebia no início do século XX mais um dos símbolos da modernidade capitalista: o cinematógrafo ambulante.

Os dias que antecederam a primeira exibição do cinematógrafo Grand Prix na cidade foram de expectativa para a parte da população interessada no novo tipo de lazer. Sorocaba recebia esporadicamente atrações para a diversão de seus moradores (GASPAR, 1954: 120). Era comum a cidade ficar meses sem receber nenhuma companhia de espetáculos para a apresentação de suas atrações. Os moradores dessa cidade estavam mais habituados a participar de festas religiosas em finais de semana ou em dias considerados santos pela Igreja Católica (PENTEADO, 1962: 32), que frequentar atrações itinerantes voltadas para públicos noturnos. Contando com essas práticas culturais, a maior parte população local ainda não tinha hábitos noturnos de sociabilidade.

Segundo o memorialista Antônio Francisco Gaspar, em 1905

“Sorocaba já possuía luz elétrica, mas muito insignificante.

A luz elétrica era conservada em funcionamento desde ao anoitecer e apagada à uma hora da madrugada.

Nessa época não existiam Bares, Cinemas, Teatros, Bilhares, Cafés, etc. (...)

As casas de comércio [de] fazendas, calçados, armarinhos, padarias e mais ramos de negócios fechavam suas portas as nove horas da noite com o toque de recolhida assinalado pelo badalar de um sino especial colocado no alto da torre de nossa Catedral.

Depois dessa hora, tudo se tornava em silêncio na cidade inteira, inclusive as residências particulares.” (GASPAR, 1954: 192)

Ao recolher dos moradores, poucos eram vistos vagando pela cidade. Esporadicamente, pequenos grupos de rapazes saíam pelas ruas para fazer serenatas às suas amadas, às suas namoradas ou mesmo para seus amigos (idem: 193). Cantando modinhas e canções de amor, os grupos percorriam as ruas de Sorocaba com a autorização prévia, escrita pelo delegado de polícia. Evitando a repressão dos guardas que faziam a ronda noturna com a permissão da autoridade policial, estes seresteiros podiam tocar seus instrumentos e cantar as melodias em frente às casas escolhidas (idem: 193-198).

Porém, não eram muitos os moradores que apreciavam ou participavam das serenatas. Dormir cedo para acordar cedo era um costume da maior parte dos moradores no início do século XX. Outras formas de lazer eram mais praticadas durante o dia nesse período, como pescar no rio Sorocaba, realizar “excursões” a chácaras, fazer “pic-nics” junto às cachoeiras da região²⁶. Expandia-se também nesse início de século a prática de esportes. Nos anos de 1902 e 1903, vários clubes foram formados na cidade com o objetivo de ampliar as práticas esportivas. Associando aos esportistas a idéia de saúde, bem estar e beleza, essas práticas eram difundidas como modelizações dos homens e mulheres modernos (SEVCENKO, 1998: 568-577).

Entre os clubes organizados, os que pretendiam difundir o futebol eram os mais comuns. Os clubes futebolísticos desse período tiveram destaque na sociedade, principalmente o *Club Athletico Sorocabano*, o *E.F.U.S.Y. Foot-ball Club*, o *Athletic Club Votorantim*, o *Infantis Sport Club São Bento* e o *Sport Club Sorocabano*. (GASPAR, 1954: 185)

O *E.F.U.S.Y. Foot-ball Club* (Estrada de Ferro União Sorocabana e Ytuana) foi organizado por diretores dessa companhia de transportes para atender uma sugestão do seu superintendente, Alfredo Eugênio de Almeida Maia, que propôs a formação de mais

²⁶ Cf. as edições três e quatro da **Revista A B C...**

uma equipe de futebol na cidade. Composto então para a diversão dos funcionários da companhia, as primeiras partidas do *team E.F.U.S.Y.* tiveram como jogadores os diretores, auxiliares graduados e engenheiros da empresa.

Sem apelos populares, os primeiros times sorocabanos foram formados por homens de “reputação” na cidade. O destaque social desses sujeitos era reconhecido pela imprensa local que registrava as partidas nos jornais, com nuances, inclusive, românticos.

NOTICIÁRIO

FOOT-BALL – Com regular concorrência, realizou-se hontem na Chácara Carvalho o match de foot-ball entre o EFUSY CLUB e o ATHLETICO SOROCABANO.

O jogo esteve muito animado, conseguindo o team do ATHLETICO fazer 2 goals á 0.

Serviu de Juiz o Snr. John Snape.

Ao Club Athletico foi oferecido um bello bouquet de flôres naturaes.²⁷

As “concorridas” partidas eram cercadas pela presença de homens e mulheres da “sociedade” local. Os sinais de civilidade e respeito entre os atletas eram visualizados na premiação final, na troca de presentes entre os clubes e, posteriormente, no registro do evento realizado pela imprensa da cidade²⁸. Essas partidas tiveram tanto interesse que o *Almanach de Sorocaba* de 1904 em sua *Chronologia Sorocabana – 1903*, traz vários jogos realizados entre clubes da cidade. No dia 22 de janeiro de 1903,

Realisa-se na Chacara Carvalho um match de foot-ball promovido pelo Club Athletico Sorocabano.²⁹

Outras partidas foram destacadas na mesma *Chronologia Sorocabana*. Entre elas, “um novo *match* de *foot-ball* promovido pelo Club Athletico Sorocabano (no dia 1º de

²⁷ “Noticiario”, jornal *O 15 de novembro*, 22/10/1903, anno XI, nº 1077, p. 2.

²⁸ Sobre a elitização inicial e posterior popularização do futebol, cf. Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA, “O jogo dos sentidos: os literatos e a popularização do futebol no Rio de Janeiro”. In: CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda (org.). **A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

²⁹ “Chronologia Sorocabana – 1903”. In: **Almanach de Sorocaba para 1904**, p. 60.

fevereiro); um *match* de *foot-ball* entre os Clubs Athletico Sorocabano e Votorantim Athletic (no dia 1º de setembro); *match* entre Efusy e Club Athletico Sorocabano (em 17 de outubro); no Votorantim ha um *match* entre os clubs Votorantim Athletic e Efusy (15 de novembro) e um *match* de *foot-ball* entre os clubs Athletico Sorocabano e Votorantim (em 8 de dezembro)”³⁰.

Entre os esportes praticados na cidade, segundo o *Almanach de Sorocaba* de 1904, corridas de bicicletas foram promovidas pelo *Club Progresso*, a partir da formação desse clube em outubro de 1903.³¹

Enquanto as práticas esportivas avançavam na cidade, a permanência das práticas culturais voltadas para a religiosidade cristã indicava a força da Igreja Católica na cidade. Durante o ano todo, inúmeras festas eram realizadas pelas paróquias com a participação popular. Festas em vilas operárias, festas no centro da cidade, momentos que reuniam milhares de devotos para celebrar a santidade do dia/o dia santo.

Segundo o *Almanach de Sorocaba* de 1904, moradores da cidade acompanharam inúmeras festas religiosas em 1903. Desde o dia 1º de janeiro, quando “*tem lugar, pela manhã, a solemne trasladação da imagem de N. S. da Conceição Aparecida, da sua capella à egreja matriz.*”³² Tradicional festividade religiosa de Sorocaba, a trasladação é uma celebração em que os fiéis fazem uma romaria do bairro da Aparecidinha, distante 14 Km do centro, até a Matriz da cidade. Essa romaria atesta a força social da Igreja Católica em Sorocaba porque fiéis de todas as paróquias da cidade são convocados/convidados a participar da trasladação.

Mas essa é apenas uma das celebrações organizadas pela Igreja Católica em Sorocaba registradas pelo *Almanach de Sorocaba* de 1904. Todos os meses de 1903 trazem ao menos uma celebração católica. Deixando explícita a relação dos editores desse almanaque com o catolicismo, o calendário dessa publicação informa para todo o ano as festividades religiosas, as cerimônias, a santidade do dia e a dedicação mensal que a Igreja Católica realizaria³³.

³⁰ Idem, pp. 60-67.

³¹ Idem, pp. 66-67.

³² Idem, p. 60.

³³ “Calendario”. In: **Almanach de Sorocaba para 1904**, pp. 7-59.

Assim, posso pensar que muitos moradores da cidade tinham o hábito de participar de inúmeras manifestações sociais, inclusive de práticas esportivas que estavam na moda em grandes centros urbanos brasileiros nos primeiros anos da república. Seguindo os apelos da vida urbana moderna, o exibicionismo dos “novos” atletas destacava o sujeito diante da sociedade. Mas esse sujeito moderno estava constantemente a procura de novas formas de entretenimento. Com isso, o cinematógrafo seria mais um lazer adequado a importância que esse sujeito gostaria de assumir diante da sociedade. Preocupados com os “novos” ritmos e relações da vida urbana, os divertimentos noturnos abririam mais um espaço de visibilidade social, conformando identidades modernas.

O cinematógrafo, fantasmagoria da cidade moderna

Como as práticas culturais da cidade geralmente não incluíam diversões noturnas para os moradores da cidade até o início do século XX, o cinematógrafo era uma oportunidade que surgia para pessoas que pretendiam seguir as práticas de grandes centros urbanos brasileiros. Representando uma nova modalidade de divertimento, o cinematógrafo ambulante levava o público a exceder o horário habitual de movimentação de pessoas na cidade.

As primeiras exibições do cinematógrafo na cidade foram comentadas laconicamente pelo jornal *Cruzeiro do Sul* em sua edição do dia 2 de dezembro de 1903:

CINEMATOGRAFO

No dia 29 do passado mês, domingo, estreou no Salão do Club Aymorés este apreciado divertimento.

Hontem houve nova exibição e amanhã haverá outra.

*Esplêndidos espetáculos.*³⁴

Sem o entusiasmo dos jornais do Rio de Janeiro e São Paulo frente às primeiras exibições no país, o texto sério e sem muitos adjetivos do órgão de imprensa

³⁴ “Cinematografo”, jornal *Cruzeiro do Sul*, 02/12/1903, ano I, nº 45, p. 2.

sorocabano até nos remete a idéia de pouca empolgação em relação aos espetáculos cinematográficos.

Já um outro jornal sorocabano, *O 15 de Novembro*, noticiou a mesma apresentação com mais detalhes na sua edição de 3 de dezembro:

CINEMATOGRAFO

A Empresa Sul Americana fez a primeira apresentação do Cinematografo Gran Prinx, domingo ultimo no salão teatro do Club Aymorés com uma bôa concorrência, agradando geralmente às vistas animadas que foram exibidas.

*- Alem desta a segunda função e, graças aos melhoramentos introduzidos nos aparêlhos, a exibição das vistas deu-se com mais nitidez, sendo todas elas de um inegalável e sumptuoso efeito.*³⁵

Descrevendo com mais informações, *O 15 de Novembro* nos apresenta um quadro diferente das primeiras exibições. Além de informar que o público participante foi “bom”, este jornal afirma que “às vistas animadas” agradaram a “concorrência”, apontando que os problemas de nitidez na primeira exibição foram superados para melhor projetar as fitas e seus suntuosos efeitos. Mais empolgante, a notícia chama a atenção para o espetáculo produzido pelo cinematógrafo.

Por sinal, o cinematógrafo da Empresa Sul Americana provavelmente atraiu um público expressivo na cidade, pois no mês de dezembro mais exibições foram programadas. No dia 5 de dezembro, o *Cruzeiro do Sul* anunciava novos espetáculos:

CINEMATOGRAFO

Hoje e amanhã no Salão do Club Aymorés, serão exibidos novas vistas.

*É de esperar que o público não deixe de ir apreciar a perfeição daquele aparelho que reproduz os quadros com perfeição admirável.*³⁶

³⁵ “Cinematografo”, jornal *O 15 de Novembro*, 03/12/1903, ano XI, n° 1089, p. 3.

³⁶ “Cinematografo”, jornal *Cruzeiro do Sul*, 05/12/1903, ano I, n° 46, p. 2.

Provavelmente superando os problemas técnicos ocorridos no primeiro dia de exibição, o cinematógrafo agora contava com mais um jornal chamando os moradores para as próximas apresentações. O inicialmente lacônico *Cruzeiro do Sul* também entrava na divulgação das exibições para atender as expectativas de público do entretenimento moderno na cidade.

A imprensa teve papel importante na divulgação das exibições. Além de anunciar a nova atração que passava pela cidade, os jornais contribuíram para a compreensão social do espetáculo noturno. Com as prováveis reações plurais/contraditórias, vários sujeitos da cidade deram sua opinião sobre a máquina de reprodução de imagens. A expectativa do novo, o estranhamento, a desconfiança, sentimentos diferentes rondaram as mentes da cidade naqueles dias. Não podendo afirmar categoricamente quais tipos de reações foram as mais comuns, posso pensar que os mais diversos comentários surgiram em torno das exibições que estavam sendo realizadas.

Com isso, os jornais contribuíram para a valorização do espetáculo, confirmando em seus noticiários a exuberância das imagens, o bom gosto das produções e o resultado agradável das exibições. Divulgando a beleza das “vistas” e a satisfação do público, a imprensa local fazia sua parte na publicidade do novo entretenimento.

Comentando mais uma exibição, o jornal *Cruzeiro do Sul* noticiou no dia 9 de dezembro:

CINEMATOGRAFO

Hontem houve nova exibição, representando a pedido, PAIXÃO DE CRISTO.

O Salão dos Aymorés estava repleto e o espetáculo muito agradou.³⁷

Casa cheia, belo espetáculo, público satisfeito. Após uma temporada na cidade, o cinematógrafo ambulante encerrava muito bem suas exibições na cidade. Noticiando a última exibição, o jornal deixa claro que um público local esteve interessado

³⁷ “Cinematografo”, jornal *Cruzeiro do Sul*, 09/12/1903, ano I, nº 47, p. 2.

nos espetáculos modernos. Partindo para outro lugar, o cinematógrafo ambulante deixava para trás um público que começava a se habituar com a velocidade acelerada das imagens e com os efeitos técnicos do aparelho. Velocidade e técnica, duas importantes características do mundo moderno que se encontravam no espetáculo cinematográfico para o entretenimento das massas.

O significado das primeiras exposições cinematográficas em Sorocaba transcende a idéia de um espetáculo novo, de novas técnicas, de máquinas modernas a serviço da sociedade urbana. O cinematógrafo abria na cidade uma “nova” forma de percepção, constituía um “novo” olhar sobre o mundo, olhar “fantasmagórico”, capaz de construir “casas de sonhos”, como bases do ideário moderno, capitalista. (BENJAMIN, 1985) A diversão do público era mais um dos objetivos da técnica cinematográfica que se apresentava como uma obra de arte acessível às massas.

Para Walter Benjamin,

“A massa é a matriz da qual emana, no momento atual, toda uma atitude nova com relação à obra de arte. A quantidade converteu-se em qualidade. O número substancialmente maior de participantes produziu um novo modo de participação. O fato de que esse modo tenha se apresentado inicialmente sob uma forma desacreditada não deve induzir em erro o observador. Afirma-se que as massas procuram na obra de arte distração, enquanto o conhecedor a aborda com recolhimento. Para as massas, a obra de arte seria objeto de diversão, e para o conhecedor, objeto de devoção.” (BENJAMIN, 1985: 192)

O grande público era a meta das empresas cinematográficas. Motivações econômicas levavam os espetáculos para diversas regiões que tivessem potencialidade para adquirir os ingressos cobrados pelos proprietários dos aparelhos ambulantes. Encontrar cidades com espaços para as exposições, alugar os espaços e lucrar com os ingressos vendidos fazia parte da realização do espetáculo. Porém, o público era ao mesmo tempo o provedor/cliente dos espetáculos e um de seus integrantes. Fazendo parte das massas, o espectador tinha naquele tipo de espetáculo seu momento de distração perante a moderna vida urbana.

“A recepção através da distração, que se observa crescentemente em todos os domínios da arte e constitui o sintoma de transformações profundas nas estruturas perceptivas, tem no cinema o seu cenário privilegiado. *E aqui, onde a coletividade procura a distração, não falta de modo algum a dominante tátil, que rege a reestruturação do sistema perceptivo. É na arquitetura que ela está em seu elemento, de forma mais originária. Mas nada revela mais claramente as violentas tensões do nosso tempo que o fato de que essa dominante tátil prevalece no próprio universo da ótica. É justamente o que acontece no cinema, através do efeito de choque de suas seqüências de imagens. O cinema se revela assim, também desse ponto de vista, o objeto atualmente mais importante daquela ciência da percepção que os gregos chamavam de estética.*” (idem: 194)

A visualização das imagens no *écran* não apenas constituía um fabuloso espetáculo para o período, mas era um importante canal de divulgação dos avanços científicos e técnicos da modernidade, como o automóvel, a locomotiva, ao mesmo tempo em que apresentava os reis, rainhas, figuras políticas de destaques em seus palácios, gabinetes e congressos. As metrópoles também foram objetos de filmagens que eram exibidas pelos cinematógrafos. Com isso, o moderno entretenimento difundia concepções em meio à construção de um olhar diferenciado, o olhar dos sujeitos que aprendiam a viver e a perceber os ritmos, as forças, a intensidade dos deslocamentos nas cidades contemporâneas.

Assim, as vozes ufanistas da cidade comemoravam mais uma conquista da sociedade sorocabana. Contando na época com outros símbolos do mundo moderno, dentre os quais as fantasmagorias cinematográficas, o entusiasmo progressista ganha espaço junto aos moradores da cidade. Quem poderia negar que as grandes indústrias têxteis de Sorocaba representavam um dos parques fabris mais importantes do Brasil? Quem poderia questionar o avanço da saúde pública com a inauguração do novo edifício da Santa Casa de Misericórdia e a instalação da rede de água e esgoto na cidade? Quem poderia duvidar do potencial educacional dos moradores locais com as escolas que funcionavam na cidade? Quais moradores teriam a coragem de dizer que o município era isolado com a Estrada de Ferro Sorocabana servindo a população local?

Sem dúvida, a cidade contava com alguns ícones da modernidade capitalista. A locomotiva, a energia elétrica, o telégrafo, a imprensa de notícias, o hospital público, as fábricas, todos esses elementos compunham um centro urbano adequado aos homens e mulheres civilizados. Somando-se ao campo da tecnologia/ciência, a sociedade também apresentava seus novos protagonistas.

Sorocaba era uma cidade em grande expansão demográfica, recebendo continuamente brasileiros e estrangeiros interessados em novas oportunidades de trabalho e de vida. Para projetar essa expansão em números, no início da década de 1870 a população da cidade era de 13.999 moradores. Em 1920, Sorocaba passou a ter 39.586 moradores³⁸. Atraindo mais pessoas, o centro urbano poderia prosperar como as grandes cidades do mundo, poderia seguir o caminho das metrópoles brasileiras, transformar-se numa cidade produtora de riquezas e de tecnologia. O crescimento populacional era entendido como um poderoso aliado do progresso. Mais pessoas trabalhando por uma cidade, mais potencial a mesma iria concentrar. Sem colocar os problemas sociais advindos de um crescimento desordenado, os grupos defensores do avanço capitalista festejavam o aumento dos números populacionais. Isto é, progresso também é expansão da urbe, mesmo que esta não ofereça as melhores condições para seus moradores.

Contradições do viver urbano moderno

As rápidas transformações observadas nas grandes metrópoles do mundo, a partir de meados do século XIX, eram difundidas pela imprensa de notícias como mais um dos aspectos das civilizações modernas. Enquanto o discurso da revolução urbana (SENNETT, 1997: 261) encantava diferentes sujeitos, as populações que viviam o turbilhão dos grandes centros sentiam os problemas advindos com a expansão demográfica das urbes.

Comentando o segundo volume da “Democracia na América” de Alexis de Tocqueville, o sociólogo Richard Sennett ressalta a afirmação do pensador francês sobre o século XIX; para ele a “Idade do Individualismo”, quando o auto-respeito era uma espécie de solidão cívica:

³⁸ No ano de 1872, o censo demográfico apontou 13.999 habitantes. Em 1890, a população cresceu para 17.068, e em 1920, são contados 39.586 habitantes. Recenseamentos do Brasil, de 1872, 1890 e 1920, RJ, Tip. do Estado.

“Tocqueville pensou que isso poderia assegurar uma determinada ordem – a coexistência de pessoas voltadas para dentro de si tolerando-se umas às outras por mútua indiferença. Mas, no espaço urbano, o individualismo assumia um sentido particular. As cidades planejadas do século XIX pretendiam tanto facilitar a livre circulação das multidões quanto desencorajar os movimentos de grupos organizados. Corpos individuais que transitam pela cidade tornam-se gradualmente desligados dos lugares em que se movem e das pessoas com quem convivem nesses espaços, desvalorizando-os através da locomoção e perdendo a noção de destino compartilhado.” (idem: 264)

Diante das diferentes condições de vida estimuladas pela grande cidade contemporânea, os sujeitos cada vez mais desligam-se dos lugares, desenraizando-se, como também das pessoas, cada vez menos encontrando-se tanto física como psicologicamente. Diante do avanço da modernidade capitalista, novos desafios foram colocados para o homem, que aturdido, perdia referências importantes de sua sociabilidade.

Sobre o individualismo recorrente nas grandes cidades do século XIX, Sennett também comenta outra obra que aborda este tema.

“O triunfo do individualismo também estava nas cogitações do romancista E. M. Forster, em 1910, quando escreveu Howards End, livro cuja epígrafe maravilhosa – “Juntar, apenas...” – clama por uma ordem tão social quanto psicológica. O romance de Forster passa-se numa comunidade coesa justamente porque seus habitantes não mantêm relações pessoais; vidas isoladas e mutuamente indiferentes garantem um equilíbrio social infeliz.

O autor faz uma reflexão sobre a transformação extraordinariamente rápida de Londres, durante a revolução urbana; como para muitos outros de seu tempo, Forster julgava que a velocidade era o fato mais importante da vida moderna.” (idem: 264)

Sennett, referindo-se a obra de Forster, afirma que o ritmo das transformações frenéticas de Londres no século XIX provoca uma apatia dos sentidos em

seus moradores; essa insensibilidade está presente na conduta cotidiana dos sujeitos urbanos, tanto entre as elites e os que procuram acompanhar a moda, como entre os trabalhadores diante do vazio fluxo da vida.

“Juntos, individualismo e velocidade, amortecem o corpo moderno; não permitem, que ele se vincule.” (idem: 265)

Novos ambientes urbanos, novas sensibilidades. Os sujeitos habituados aos modos de vida em família, aos encontros sociais frequentes, aos ritmos menos acelerados de trabalho, não receberam as transformações exigidas pelo progresso das técnicas de produção com tranqüilidade. O individualismo percebido nas grandes cidades, a velocidade da produção, dos deslocamentos, da difusão das notícias, dentre outros aspectos da vida moderna, deixavam as pessoas atordoadas e estilhaçavam dimensões de tempo, de espaço e de relações sociais. (BENJAMIN, 1985)

Os choques entre os antigos hábitos e as novas exigências da sociedade moderna trouxeram a necessidade da construção de modelos de comportamento, etiqueta e sociabilidade para as cidades em rápido crescimento. Buscar esses modelos em lugares distantes e desconhecidos, para a maioria das populações urbanas, pode ter sido uma grande estratégia de debelar as resistências ao processo de transformações modernas que a sociedade passou a experimentar. As grandes cidades, indecifráveis até para seus próprios moradores, tornaram-se paradigmas de progresso e de oportunidades aos sujeitos interessados em produzir sua ascensão social. Muitas vezes confusos, diante das transições culturais do mundo de então, os sujeitos foram envolvidos por um discurso fantasmagórico de riqueza e tecnologia acessível a todos.

Diante desse quadro de rápidas transformações da vida nas cidades, das visões e sensibilidades dos sujeitos modernos, a compreensão dos espetáculos cinematográficos passa pela reflexão do avanço da modernidade. Com estas movimentações cênicas, pretendo adentrar na (re)construção da historicidade local, na relação com outras dimensões macro-históricas. História que se passou no início do século XX, que envolveu moradores da cidade de Sorocaba, pessoas de diferentes origens, etnias,

gêneros, idades, classes sociais, formações culturais, que se encontraram e conviveram dentro de um espaço urbano em constante transformação.

A metáfora do espetáculo cinematográfico é uma representação que me auxilia a (re)produzir a constituição histórica da cidade moderna de Sorocaba, no início do século XX. Entendendo que as sociedades capitalistas mais desenvolvidas tecnicamente buscavam construir um imaginário grandioso, espetacular, fantasmagóricos mesmo, para as suas denominadas conquistas científicas, penso que os grupos envolvidos/empenhados nesse discurso queriam ressignificar tal imaginário, diante do avanço do sistema capitalista na cidade.

Capítulo 2 - Adentrando a invenção da *Manchester Paulista*: dialogando com produções historiográficas e (re)conhecendo especificidades

O progresso transformando a “velha” cidade do século XIX

O século XX prometia ser um período de prosperidade em todos os sentidos para a humanidade. Os exultantes progressistas acreditavam que na “era da ciência”, iniciada em meados do século XIX, os avanços técnicos, a descobertas científicas e o desenvolvimento social seriam trunfos inseparáveis dos povos civilizados. A velocidade dos novos meios de transporte – como a locomotiva, o navio transatlântico e o automóvel – e dos novos meios de comunicação – como o telégrafo, o telefone e o rádio – trariam agilidade e conforto aos seres humanos empenhados na construção de sociedades modernas. Em busca de novas descobertas científicas, os sujeitos pretendiam dominar as forças da natureza. A imaginação dos eufóricos progressistas alimentava as projeções de um futuro melhor, de confiança e segurança na concretização de sociedades onde a ordem, a prosperidade econômica contínua, a paz e a justiça seriam possíveis.

De certa forma, a euforia representada pela esperança de um futuro melhor era um desdobramento da Revolução Científico-Tecnológica, desencadeada nos países capitalistas mais industrializados no século XIX. As conquistas tecnológicas geravam novas condições de produção em diversas áreas, impulsionando mais pesquisas científicas, que buscavam ampliar ao máximo os setores produtivos. Com a diversificação de pesquisas científicas, também foram realizados investimentos em laboratórios voltados para a prevenção e/ou a cura de doenças que afligiam a humanidade. Para o historiador Nicolau Sevcenko, a Revolução Científico-Tecnológica

“possibilitou o desenvolvimento de novos potenciais energéticos, como a eletricidade e os derivados de petróleo, dando assim origem a novos campos de exploração industrial, como os altos-fornos, as indústrias químicas, novos ramos metalúrgicos, como os de alumínio, do níquel, do cobre e dos aços especiais, além de desenvolvimentos nas áreas da microbiologia, bacteriologia e da bioquímica, com efeitos dramáticos sobre a

produção e conservação de alimentos, ou na farmacologia, medicina, higiene e profilaxia, com um impacto decisivo sobre o controle das moléstias, a natalidade e o prolongamento da vida.” (SEVCENKO, 1998: 8-9)

Portanto, no campo da saúde os avanços da ciência seriam fundamentais, pois as nações preocupadas com a proliferação de doenças, poderiam erradicá-las, principalmente as doenças que atingiam as grandes metrópoles em processo de acelerado crescimento. Porém, as potencialidades das conquistas científicas não eram estendidas a todos. Nesse processo de expansão urbana, grande parte dos moradores foi marginalizada pelos programas de saneamento básico, gerando problemas sociais e péssimas condições de vida às classes trabalhadoras. Voltados às reivindicações das classes dominantes, os projetos de modernização dos centros urbanos atendiam principalmente as áreas em que os grupos sociais mais destacados se concentravam.

Assim, a Revolução Científico-Tecnológica que produzia o avanço do sistema capitalista de produção, aprofundava contradições sociais, consolidando a hierarquização das relações de classes, contribuindo para o aumento da massa de excluídos e marginalizados.

No Brasil, o processo de metropolização foi detonado nas últimas décadas do século XIX, ainda no regime imperial. Cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife tiveram uma expansão urbana acentuada que contou com uma explosão demográfica. Da mesma forma que foi observada em cidades da Europa e dos Estados Unidos, a metropolização no Brasil gerou a separação das classes sociais com o surgimento de espaços privilegiados para as elites. Pressionados pelos projetos de reurbanização implementados no período, os trabalhadores das cidades brasileiras em expansão enfrentaram problemas ainda mais sérios de moradia, saneamento básico, saúde pública, violência e desemprego do que os existentes anteriormente.

Mesmo assim, o discurso da expansão urbana no Brasil foi defendido pelos liberais como um fator de crescimento econômico, gerador de oportunidades sociais e de produção de riqueza para a nação. Nessas palavras, nada de novo no que diz respeito ao avanço das concepções capitalistas pelo mundo. Os exemplos de urbanização de países da Europa e da América do Norte eram modelos para os projetos nacionais de urbanização.

Transformar-se num país urbanizado seria, segundo alguns progressistas brasileiros, uma conquista diante da sociedade rural da época. Os capitalistas que defendiam o processo de urbanização eram, muitas vezes, latifundiários exportadores que tinham na agricultura monocultora sua principal fonte de produção de riqueza particular. Pretendendo diversificar seus investimentos e viver em cidades modernas como as elites européias e norte-americanas, alguns capitalistas rurais reivindicavam escolas de qualidade, espaços “coletivos” de lazer, casas de espetáculos modernas, eletrificação, saneamento básico e racionalização urbana.

Sorocaba não era um município que se enquadrava no modelo agrário exportador brasileiro. Sem contar com produtos de exportação de grande valor no mercado internacional, principalmente o café, os latifundiários da região desenvolviam atividades econômicas voltadas para o mercado interno. Excetuando o cultivo de algodão que por alguns anos foi exportado para a Europa com boa lucratividade (SILVA, 2000: 49-61), a economia regional era considerada doméstica, isto é, voltada para a demanda nacional.

Neste sentido, reconhecida como a principal feira de animais do centro-sul do país, a cidade cresceu no século XIX também pela força econômica que girava em torno desses negócios³⁹. Podemos confirmar essa situação quando nos deparamos com os sujeitos que dominaram a política local no período imperial. As grandes fortunas e as maiores forças políticas estavam ligadas ao comércio de muares. Os proprietários rurais e urbanos de Sorocaba tinham algum tipo de relação com o comércio de animais⁴⁰. Estes acumularam parte ou toda a sua riqueza através de negócios articulados às feiras.

Contudo, desde meados do século XIX, a atividade econômica que mais chamava atenção na cidade estava em decadência. As feiras anuais de muares perdiam ano após ano, vendedores e compradores de animais. Tanto o comércio de animais quanto o comércio de artigos relacionados à feira sofreram perdas que diminuíram as oportunidades de negócios em Sorocaba.

Assim sendo, a diversificação das atividades econômicas teve espaço entre os capitalistas locais a partir do segundo reinado. Muitos capitalistas investiram também na produção agrícola algodoeira, no comércio urbano – implementando, por exemplo,

³⁹ Cf. o trabalho de Cássia Maria BADDINI, **Sorocaba no império: comércio de animais e desenvolvimento urbano**.

⁴⁰ Idem.

armazéns de secos e molhados – em indústrias, na construção civil, ampliando as possibilidades de acumulação de capitais⁴¹. Um dos empreendimentos que surgiram no período imperial e que se concretizou com capitais de comerciantes e latifundiários da cidade, foi a Estrada de Ferro Sorocabana⁴². Num momento de transformação do sistema de transportes na região sudeste do país, pessoas que comercializavam tropas de muares investiram, a partir de 1870, na construção da própria estrada de ferro que ligaria a cidade e região a capital da província⁴³.

Especificamente na década de 1880, a inauguração da Fábrica de tecidos Nossa Senhora da Ponte trouxe mais um aspecto moderno para uma cidade em crescimento (SILVA, 2000: 83-94). A exaltação ao industrial e sua fábrica foi uma constante para os defensores do progresso urbano de Sorocaba (idem).

Para alimentar a idéia do progresso urbano defendido pelos liberais, a cidade observou um rápido crescimento demográfico a partir da década de 1890 e o surgimento de novas indústrias consideradas de grande porte para o período (Votorantim, Santa Maria e Santa Rosália).

Tanto a construção da estrada de ferro como a instalação das indústrias têxteis em Sorocaba, atraíram novos trabalhadores. Num período em que o país recebia um grande número de imigrantes a cada ano e as tensões no campo transferiam mão-de-obra para os centros urbanos, uma cidade que apresentasse alguma oportunidade de emprego era um ponto de atração para trabalhadores e suas famílias.

Para os capitalistas sorocabanos empenhados no crescimento de seus negócios, a chegada de novos trabalhadores na cidade era bem vinda. Contar com um contingente de sujeitos pobres significava poder expandir os negócios com trabalhadores “locais” e manter salários arrojados devido à grande oferta de mão-de-obra.

Como era comum no período em outras cidades do Sudeste brasileiro, o centro urbano focalizado recebia inúmeras pessoas que, desacompanhadas ou com seus familiares, procuravam melhores condições de vida, novas oportunidades de trabalho,

⁴¹ Idem.

⁴² Cf. em Antônio Francisco GASPAR, **Histórico do início, fundação, construção e inauguração da Estrada de Ferro Sorocabana (1870-1875)**. São Paulo: Editora Cupolo, 1930.

⁴³ Idem.

chegavam com o sonho de construir um futuro mais digno. Somando-se aos moradores estabelecidos há tempo, a população crescia consideravelmente nesta época.

Os trabalhadores nacionais e estrangeiros que escolheram Sorocaba para morar (e trabalhar), mesmo que temporariamente, encontraram uma cidade que estava em vias de experimentar mudanças significativas.

O crescimento populacional de Sorocaba, entre as últimas décadas do império e as primeiras do século XX, ocorreu mais rapidamente do que em outras cidades da mesma região do estado. Dentro do quadro social do final do século XIX no Brasil, desenvolvendo-se a partir do cultivo de algodão (ALMEIDA, 1969: 237-240), a cidade observa a implantação das diretrizes determinadas pelos proprietários rurais que aproveitaram a grande quantidade de trabalhadores disponíveis para desvalorizar sua mão-de-obra (PINTO, 1994: 34). A distorção provocada entre a oferta de trabalho e a abundância de mão-de-obra disponível, acrescentada pela miséria que se abatia sobre a maioria da população que vivia em função do trabalho temporário e flutuante, configura o quadro sócio-econômico montado pelo sistema capitalista que tem como finalidade à acumulação de capital, com base na expropriação de trabalho não pago.

Os números populacionais comprovam o grande crescimento demográfico⁴⁴ que a cidade teve em função de suas atividades sócio-econômicas, articuladas às “novas” mentalidades, que atraíram não só uma nova população estrangeira como migrantes das áreas rurais.

A expansão urbana e populacional de Sorocaba nesse período ocorreu devido à consolidação da monocultura do algodão, ao desenvolvimento das linhas da Estrada de Ferro Sorocabana, aos investimentos no setor industrial têxtil e às atividades urbanas decorrentes das necessidades sociais que se apresentavam no cotidiano da cidade. Essas atividades desenvolvidas ao redor ou no próprio centro urbano geravam grande quantidade de trabalho. O crescimento populacional contou, assim, com migrantes e imigrantes que transformaram as relações sociais e o perfil cultural de Sorocaba.

Porém, os capitalistas que esperavam um ritmo acelerado da expansão urbana e do crescimento populacional de Sorocaba, visando a potencialização de seus

⁴⁴ No ano de 1872, o censo demográfico apontou 13.999 habitantes. Em 1890, a população cresceu para 17.068, e em 1920, são contados 39.586 habitantes. Recenseamentos do Brasil, de 1872, 1890 e 1920, RJ, Tip. do Estado.

investimentos, creditaram que as epidemias de febre amarela obstruíram temporariamente o progresso da cidade. Para aqueles que buscavam melhores condições de vida, aliadas as oportunidades de acumulação de capital, as epidemias poderiam espantar moradores preocupados com a sua saúde. Assim, a sociedade sorocabana enfrentou períodos de medo e incerteza com a proliferação da doença no final do século XIX.

Um desafio para a cidade moderna: a febre amarela

Previsões sombrias sobre o futuro daquele centro urbano apareceram ao final do século XIX. Contando com um fluxo crescente de novos trabalhadores, atividades urbanas diversificadas, prósperas indústrias e meios de transportes modernos até meados da década de 1890, Sorocaba era considerada pelos grupos liberais locais uma cidade em franco crescimento.

Entretanto, uma doença perigosa alertou a população local. A febre amarela, que chegou em forma de epidemia, colocou em questão a capacidade de crescimento da cidade. Seria possível vencer a doença sem contar com meios técnicos disponíveis? A cidade era compatível com os níveis de crescimento populacional observado nos anos anteriores? Não seria melhor morar numa cidade menor, sem crescimento acentuado, mas com saúde pública garantida? Quem trouxe a doença para este centro urbano?

Somente os primeiros anos do século XX trouxeram a esperança de dias melhores. Após enfrentar duas epidemias sucessivas de febre amarela – a primeira em 1897 e a segunda entre 1899 e 1900 – os moradores de Sorocaba puderam sentir o alívio de viver numa cidade “saneada”, com a recuperação do ritmo normal de vida das pessoas. O ânimo de trabalhar sem o medo das mortes, que eram recorrentes nos anos anteriores, foi reconquistado. Antigos moradores começavam a retornar à cidade, engrossando as fileiras daqueles que pretendiam restabelecer suas famílias no “pacato” município do interior paulista (GASPAR, 1967: 23-24). Observando casas e estabelecimentos comerciais fechados em diversas ruas, a população da cidade passou a virada do século XIX para o século XX vendo muitos de seus conterrâneos fugirem da doença ameaçadora.

As epidemias de febre amarela afetaram a cidade, desacelerando temporariamente o crescimento urbano e social observados nas últimas décadas do século

XIX. Para os grupos sociais interessados no crescimento populacional, a notícia de uma epidemia na cidade era muito negativa, criando obstáculos tanto para a chegada de novos moradores como para a permanência dos antigos. Centros urbanos onde moléstias se alastravam, nunca foram convidativos para pessoas que buscavam trabalho e oportunidades melhores de vida.

Vencer a guerra sanitária contra a febre amarela era afastar o medo de contaminação e morte, como também era gerar melhores expectativas para atrair potenciais trabalhadores interessados em morar neste centro urbano. Ainda, era uma confirmação do progresso social e urbano, através da idéia de uma cidade higienizada.

Segundo os capitalistas e administradores públicos da cidade, para recuperar o ritmo do progresso econômico de Sorocaba, eram fundamentais práticas de higiene que deveriam ser colocadas em ação por todos os moradores para a erradicação da febre amarela e a prevenção de novas epidemias⁴⁵. O ideal da cidade industrial, civilizada, progressista tinha na saúde de seus moradores um aspecto indispensável. Mesmo que as elites não tivessem preocupações sociais mais amplas, a imagem de uma cidade doente criava certo descompasso para a projeção do progresso local.

Mas a notícia das epidemias em Sorocaba foi propagada na época. Seus moradores vivenciaram o medo de contrair a doença e de falecer em sua decorrência. Já as pessoas de outras cidades do estado de São Paulo, ou mesmo de outros estados do país, recebendo a informação das mortes em Sorocaba, provavelmente evitariam a passagem ou a mudança para esta cidade.

O primeiro surto epidêmico da febre amarela foi menos intenso do que o segundo. Segundo Aluísio de Almeida, em 1897:

“Houve 42 vítimas.

A febre começou a 23 de abril. A Semana Santa passou-se no meio de grande calor. Choveu pouco e esquentou mais. Morreram alemães, espanhóis, portugueses e brasileiros.

⁴⁵ Cf. no jornal *O 15 de Novembro*, nas edições de 1897, 1899 e 1900 que relataram a preocupação da sociedade e do poder público com a proliferação da doença.

Após o surto epidêmico, fez-se uma festa a São Roque.” (ALMEIDA, 2002: 391)

As notícias que divulgavam as mortes de moradores da cidade deveriam provocar maior preocupação com a epidemia. Apontando os nomes e as nacionalidades dos mortos, os jornais contribuíam para que o receio da população aumentasse diante da possibilidade de contaminação.

A propagação da doença neste ano recuperou uma antiga discussão entre os moradores da cidade. Alguns sorocabanos acreditavam que a febre amarela apareceu na cidade devido às feiras de muares e ao trânsito, indesejado por muitos, de animais pelas ruas centrais. A historiadora Cássia Maria Baddini aborda essa discussão em sua dissertação, afirmando:

“Somente no final do século, e ainda motivado por uma circunstância externa, é que o trânsito de animais foi definitivamente deslocado da área urbana. Mesmo com a extinção do Registro em 1891, os pastos particulares e as margens continuaram a ser utilizados pelos condutores. Mas em 1897, uma ocorrência imprevista ia abalar a manutenção do trânsito de tropas pela cidade: a febre amarela, que se acreditava trazida à região por dois "camaradas" de tropas.

Naquele ano houve o primeiro surto, provocando a saída urgente dos vendedores e compradores de animais.” (BADDINI, 2000: 192)⁴⁶

Além de vários moradores saírem da cidade com suas famílias para sítios ou fazendas na região, alguns procurarem outras cidades, e até mesmo seus países de origem no caso dos imigrantes, a população local viu sua última feira de muares em 1897, ano da primeira epidemia. Conhecida pelos negócios e pela agitação social das feiras de muares, a cidade perdia com a febre amarela uma fonte de recursos econômicos que fazia circular anualmente vendedores e compradores de muares. A febre amarela não só dizimou muitas vidas como também arruinou definitivamente um dos negócios mais tradicionais para o

comércio local no decorrer do século XIX. Não há dúvida que nesse período das epidemias, as feiras de muares estavam decadentes, já não representavam mais a principal atividade econômica do município. Porém, o fim do comércio de muares significou um grande prejuízo para os comerciantes da cidade que ainda resistiam à decadência dessa atividade econômica, para aqueles que mantinham seus principais negócios relacionados às feiras de animais.

Um indício interessante que podemos extrair do texto da historiadora Cássia Baddini é que alguns moradores acreditavam na possibilidade da febre amarela ter chegado em Sorocaba com “camaradas” de tropas. Encontrando-se os “culpados” – no caso pessoas relacionadas às feiras de muares – os moradores da cidade que pretendiam afastar o trânsito das tropas do centro urbano, tinham argumentos “irrefutáveis” para conquistar seus objetivos. Criticando as feiras, o trânsito de animais pelas áreas centrais da cidade, a circulação de pessoas “indesejáveis”, os defensores de um centro urbano sadio, livre de doenças, enfim, moderno, acusavam o comércio tradicional de proliferar problemas variados, inclusive epidemias.

Afastando moradores, visitantes e comerciantes tradicionais, a temível doença provocou uma retração temporária da economia local, ao mesmo tempo em que motivou transformações na cidade. Mudaram alguns hábitos de comércio, sujeitos que dominavam as atividades econômicas tradicionais da cidade investiram em outros negócios e foi definitivamente alavancado o setor industrial que já se desenvolvia desde o final do período imperial.

Assim, as epidemias e doenças eram consideradas problemas do passado comercial. Desde a década de 1870 alguns sujeitos já manifestavam a sua indignação com as doenças que proliferavam na cidade, causadas – segundo estes moradores – pelos animais que eram vendidos nas tradicionais feiras. Buscando modernizar a cidade, um grupo de capitalistas defendeu seus projetos enquanto desvalorizavam o comércio de muares.

⁴⁶ Segundo a historiadora, camarada era a denominação usada para designar o condutor de tropas soltas, contratado para o serviço ou empregado do verdadeiro proprietário dos animais.

“Para alguns, era preciso desestimular essa atividade mercantil para carrear maiores investimentos nos setores agrícola e industrial.

Com esse pensamento é que o grupo fundador da Companhia Sorocabana de Estradas de Ferro em 1870 buscou apoio da população local. Através do periódico O Sorocabano, propagou a idéia de que a feira de animais era uma prática rústica, tendente ao declínio e que não assegurava estabilidade econômica à cidade. Para justificar sua argumentação, lembrava uma ocorrência local em 1863, que afetara a comercialização das tropas naquela e nas feiras subseqüentes: a epidemia de varíola, que vitimou entre 400 e 500 pessoas logo nos primeiros meses do ano – época que coincidiu com a chegada dos animais para venda em Sorocaba.

Naquela ocasião, a notícia da doença rapidamente se espalhou, provocando a saída da maior parte dos vendedores e compradores de tropas. Passado o surto, o medo de uma nova epidemia ainda afastaria as pessoas nos anos seguintes.” (idem: 152)

A associação das feiras de animais com as epidemias na cidade não eram novas. As críticas ao comércio de animais no centro urbano entre as décadas de 1870 e 1880, não resultaram em mudanças substanciais das práticas sócio-culturais de Sorocaba. Somente diante da epidemia de 1897, quando esta atividade não representava mais o interesse de grupos fortes na política local, é que as feiras realmente desapareceram do centro urbano.

Para as pessoas que não tinham relação direta com as decadentes feiras, o fim da comercialização de animais, aliado ao novo impulso econômico produzido pela indústria e comércio para o século XX, poderia representar a superação dos problemas sanitários do passado e gerar novas condições de saúde pública que se apresentavam como necessárias.

Mas o fim das feiras não representou o fim das doenças. Mais uma vez a cidade enfrentou problemas sérios com a febre amarela, agora em seu segundo surto. Antônio Francisco Gaspar morava nessa época na cidade e em suas memórias de infância recordou que:

“Em meados de 1899, surgiu a febre amarela, a qual se propagava com intensidade em Sorocaba. Meu pai, desejando escapar, com a família, despediu-se de seus amigos e fregueses pela imprensa, comunicando, também, que vendia o armazém e retirava-se para Portugal (Mertola), sua terra natal.

Sorocaba foi flagelada. Todos sofreram. Centenas de sorocabanos morreram. O comércio fechou. A vida da cidade decaiu.” (GASPAR, 1967: 12-13)

As memórias, do então menino Antônio, nos possibilita pensar nos problemas causados por esse segundo surto epidêmico. Seu pai era um imigrante português radicado na cidade que tinha um armazém no centro, além de um loteamento de terrenos no bairro do Além Ponte. Estabilizado economicamente, segundo as memórias de Antônio Gaspar, seu pai não vacilou diante da intensidade da epidemia, e procurou sair de Sorocaba para proteger os integrantes de sua família. Completando suas lembranças infantis sobre esse período, Antônio Gaspar afirma que:

“A febre amarela grassava veemente em Sorocaba, ceifando indivíduos ricos e pobres. Era uma calamidade incomparável. Médicos, farmacêuticos, eclesiásticos, enfermeiros e inúmeras pessoas do povo, ajudavam a socorrer os doentes atacados daquela infausta febre.

Pelas ruas de Sorocaba, os carretões da higiene andavam com seus homens. Levavam instrumentos desinfetadores com substâncias fortes, ácido fênico, creolina, etc. e penetravam de casa em casa, com o fim de esguicharem pelas paredes de todos os cômodos aqueles desinfetantes, procurando, assim, dissipar essa moléstia fatal.

Os basbaques apelidaram de “Rabecão” um carro fechado e puxado por animal. Transportava, para o Cemitério da Saudade, os inúmeros sorocabanos que sucumbiam quotidianamente. As sepulturas eram abertas com 14 palmos de profundidade na última quadra dêsse Cemitério, do lado esquerdo de quem entra nêle.

Muitas famílias fugiram de Sorocaba para cidades vizinhas ou procuravam sítios nos arredores da cidade flagelada. Até a nossa Câmara Municipal estêve em Ipanema, convocando suas sessões extraordinárias.

Meu pai, vendo todo êsse caos, também procurou salvaguardar sua família.” (idem: 23-24)

O número de mortos na segunda epidemia foi muito maior do que na primeira. Segundo Aluísio de Almeida, eram várias as versões sobre as vítimas fatais:

“O povo fala em mil. Contamos e recontamos no “15 de Novembro” e alcançamos 500 mais ou menos. A estatística mais plausível é a do “Correio Paulistano” da época: houve 3000 doentes e 600 óbitos. Fajardo (um dos médicos que combateu a doença na cidade) anotou seus próprios doentes: eram 500 e morreram 34.” (ALMEIDA, 2000: 393)

Como se pode verificar, o número e mortos não é preciso, mas é aproximadamente 10 vezes maior do que da primeira epidemia, segundo Aluísio de Almeida. Além dos números diferentes, a situação da sociedade e das atividades econômicas locais também não foram um consenso. O memorialista Antônio Francisco Gaspar afirma que a cidade perdeu muito com a epidemia de 1899 – 1900. Para Antônio Gaspar:

“Em meados de 1903, já estava exterminada a febre amarela na terra de Baltazar Fernandes (bandeirante fundador da cidade), e como a cidade começava a se movimentar e o comércio levantava-se do letargo em que ficara devido a essa fatal epidemia, meu pai entendeu de vir novamente para Sorocaba.

Muitos negociantes faleceram dêsse terrível mal e, na cidade, havia alguns armazéns fechados à espera de que aparecessem compradores dos fundos dessas casas de negócios.” (GASPAR, 1967: 83)

Em suas palavras encontramos uma situação de abandono do comércio na cidade até 1903. A crise do comércio local começou com o fim da realização das feiras de muares em 1897, e se agravou com os problemas de saúde pública enfrentados entre 1899-1900. Se a epidemia foi debelada em 1900, a cidade ainda contava os prejuízos em 1903.

Na versão de Aluísio de Almeida, não é fácil precisar a situação sócio-econômica local. Almeida comenta as condições da cidade, mas não afirma com detalhes o tempo da crise. Segundo este autor:

“Momentaneamente houve prejuízo para a indústria e comércio, que depois se recuperaram. A Casa Araújo, Costa e Cia. mudou-se para São Paulo. Muitas famílias se retiraram para o Ipanema e os bairros. Só a cidade foi atingida.” (ALMEIDA, 2002: 393)

De forma superficial, o texto não fornece subsídios para uma análise mais clara do quadro sócio-econômico de Sorocaba. Se as informações não são precisas, uma transformação importante é certa: a população da cidade não observou mais a realização das feiras e o intenso trânsito de tropas de animais pelas ruas centrais. As epidemias de febre amarela expulsaram os compradores e vendedores de Sorocaba e deslocaram a passagem para a região periférica da cidade. Segundo Cássia Baddini:

“Passada a epidemia, já no início do século XX, os moradores retomaram à cidade. Mas o medo de um novo surto epidêmico reforçou o projeto de desvio do trânsito de animais pela área urbana. Definitivamente, a passagem de tropas foi deslocada da cidade e a comercialização do gado, em conseqüência, se restringiu aos bairros do entorno, então caracterizados como áreas rurais do município. O comércio local se recobrou, buscando novos parâmetros para legitimar a importância econômica da cidade, que foram encontrados na industrialização incipiente. A feira, como contraponto dessa realidade, cristalizou-se como prática típica da área rural.” (BADDINI, 2000: 192-193)

Com as epidemias, o poder público municipal foi pressionado pela população para resolver um dos graves problemas da cidade na época: o saneamento básico. Até o final do século XIX, Sorocaba não contava com uma rede de água e esgoto encanados. Antes da reurbanização do Rio de Janeiro ter suas obras aceleradas no governo do presidente Rodrigues Alves, processo que desencadeou a Revolta da Vacina em 1904, os moradores de Sorocaba pressionaram o poder público para que as obras de saneamento básico fossem realizadas. Sem pretender comparar o processo de “regeneração” da capital

federal (SEVCENKO, 1999: 56-59) com as obras da rede de água e esgoto em Sorocaba, o projeto local de higienização foi colocado em prática após as pressões sociais que tanto a intendência como o governo do estado, sofreram nesse período de epidemias na cidade.

Diante da pressão dos moradores da cidade, as autoridades municipais agiram no sentido de atender, parcialmente, as reivindicações sociais. Com recursos do estado, as obras começaram em meados de 1900 e ficaram prontas em 1903. (ALMEIDA, 2002: 375)

“Mas a cidade estava tão crescida que esse primeiro encanamento ficou deficiente desde logo. Na visita do Secretário Carlos Botelho (da Agricultura) em julho de 1904, a Caixa (do Cerrado) estava quase vazia. Prometeu enviar material...” (idem: 376)

Atendendo basicamente a região central da cidade, habitada por pessoas de maior poder aquisitivo, as obras de saneamento deixaram a desejar para a população que morava em áreas periféricas. Sem chegar aos bairros populares em expansão e atendendo precariamente as edificações do centro, os moradores de Sorocaba tiveram que esperar mais alguns anos para utilizar uma rede de água e esgoto eficiente.

“Somente em 1908 o prefeito João Clímaco levou o serviço de água e esgoto ao bairro do Além Ponte.

Em 1908 e 1909 foi construída a adutora de Itupararanga.” (idem: 376)

Entre 1913 e 1914 foram instaladas as tubulações que ligaram a represa da Light com a caixa do Cerrado. A partir desse momento, o serviço de água da cidade foi estabilizado para a região central, mas manteve problemas de fornecimento para as regiões periféricas da cidade.

Mas o funcionamento da rede para a região central da cidade já significava muito para a imprensa situacionista. O *Almanach Ilustrado de Sorocaba* para 1914 tinham uma opinião diferente dos moradores que reclamavam desses serviços na cidade.

No texto “A industria sorocabana”, o autor João de Cunto se refere a Sorocaba como

“sendo hoje uma cidade perfeitamente saneada, com admiravel rêde de agua e exgottos, optima illuminação electrica, possuindo magnifica linha de telephones e de telegrapho nacional, com linhas de automoveis, fazendo-se approximar deste modo aos municipios que lhe são adjacentes, gozando de um clima magnifico, (...) Sorocaba offerece por tudo isso, aos srs. capitalistas que desejam bem empregar os seus recursos monetarios em novas e desconhecidas industrias, campo vasto de exploração, pela facilidade que ha em obter força motriz e ainda porque aqui se encontram operarios habilitados para qualquer ramo de industria.”⁴⁷

A projeção da imagem de cidade moderna no texto do *Almanach Illustrado de Sorocaba* para 1914 é uma idealização do centro urbano para os seus moradores e possíveis leitores de outras localidades. Apresentando a cidade com ícones da modernidade capitalista, o autor constrói um ambiente perfeito para investidores e trabalhadores. Bem diferente do quadro social do final do século XIX, quando os moradores da época temiam a contaminação diante das epidemias, a cidade divulgada por esse texto escrito é um espaço capaz de promover tanto condições ideais de vida para seus moradores como novas oportunidades de produção de riqueza acumulativa para seus empreendedores.

Essa “invenção” da cidade industrial, saneada, repleta de oportunidades, adequada ao avanço da modernidade capitalista, foi um processo desenvolvido pelos grupos sociais dominantes – em suas relações com os grupos dominados –, interessados na divulgação de suas realizações frente a administração pública, na construção da imagem de sociedade civilizada, higienizada, pronta para enfrentar os novos desafios do mundo contemporâneo.

Hierarquizando os saberes/poderes (Michel Foucault), a *Manchester Paulista* constitui um símbolo de superação de uma sociedade, como tantas outras no Brasil, que enfrentou problemas de transformação, foi dependente de uma produção de riqueza agrícola e comercial, lutou contra doenças endêmicas e que, finalmente, venceu o atraso representado pelo passado e assegurou um posto entre as cidades civilizadas e modernas no país.

⁴⁷ “A industria sorocabana”. In: **Almanach Illustrado de Sorocaba para 1914**, pp. 237-238.

A trajetória do PRP sorocabano

Pensando nas forças políticas sorocabanas que controlaram os poderes públicos no período focalizado, acredito ser necessário retroceder ao final do Império para acompanhar a formação do Partido Republicano Paulista na cidade, desde suas primeiras manifestações.

Para a historiadora Emília Viotti da Costa, “*o ano de 1889 não significou uma ruptura do processo histórico brasileiro*”.(COSTA, 1987: 361) Em sua visão, a proclamação da república, ou se preferirem, o golpe de estado que derrubou a monarquia não trouxe grandes transformações para a sociedade brasileira, pois as condições de vida dos trabalhadores rurais não se alteraram, o sistema de produção agrícola exportador permaneceu como o setor econômico mais privilegiado pelo Estado e a dependência em relação aos capitais estrangeiros manteve-se inalterada. (idem: 361)

No espaço de exercício do poder público, as atuações efetivas ficaram restritas inicialmente aos grupos sociais que participaram do movimento republicano golpista e, com o tempo, tornaram-se mais limitadas e elitistas, concentrando-se apenas dentro das alianças políticas oligárquicas. (idem: 360)

Partindo dessa abordagem, posso pensar que a passagem da monarquia para a república não representou uma alteração significativa nas forças políticas sorocabanas. Como em grande parte do país, as condições das classes sociais foram mantidas, sendo que o novo estado republicano implantado com o golpe de novembro de 1889 também contou com sujeitos que atuaram efetivamente nas instituições de poder do império. O vitorioso movimento republicano não destruiu de forma integral as derrotadas forças políticas do período imperial brasileiro, e nem esse era seu objetivo. Após 15 de novembro ocorreu a substituição de grupos conservadores que controlavam o estado imperial, por ascendentes cafeicultores do Oeste Paulista articulados a setores militares de alta patente do exército nacional e representantes das classes médias urbanas. Nesse ponto, Sorocaba foi mais um

exemplo dessa permanência e atuação na república, das forças sociais existentes no império.

O grupo republicano local articulou-se em 1886 com a organização do partido republicano, tendo à frente Olivério José do Pilar, Joaquim Antônio Dias, Manoel Januário de Vasconcelos e Benedito Antônio Pires (ALMEIDA, 2002: 292). Mesmo existindo um Clube Republicano na cidade, desde junho de 1873, o partido não se organizou formalmente antes de 1886, devido ao grande número de simpatizantes ligados ao partido liberal e a força desse grupo na política local (idem: 290-292). Sem espaços de articulação e destaque na política imperial, a causa republicana na cidade foi adiada por projetos políticos particulares, visto que o partido liberal era um meio mais seguro de garantir uma vaga na administração pública, nas diversas instâncias de poder.

Para reforçar o quadro de manutenção das forças políticas atuantes no império, os articuladores do partido republicano local compartilharam os poderes municipais com antigos administradores do regime monárquico, com antigos liberais e conservadores que apoiaram a república, logo após a sua implantação. Se os liberais não titubearam em apoiar o novo regime prontamente, os antigos integrantes do partido conservador aderiram ao republicanismo vitorioso, sem grandes esforços. Na nomeação da primeira intendência republicana em janeiro de 1890, poucos eram os nomes que tinham participado efetivamente do partido republicano nos últimos anos do império (ALMEIDA, 1969: 244-245).

Sem alterações significativas dos personagens envolvidos, a elitização do cenário político local foi uma característica constante na república velha. Desde o período imperial, as autoridades públicas da cidade estiveram ligadas aos grupos econômicos mais fortes. Grandes proprietários de terras ou de imóveis urbanos, capitalistas em geral e correligionários eram homens que ostentavam as patentes da Guarda Nacional, compunham a Câmara Municipal e administravam a justiça na cidade. As fortunas das famílias tradicionais sorocabanas foram acumuladas através das atividades desenvolvidas nas propriedades rurais ou urbanas, com a agricultura, a pecuária, o comércio de animais ou de mercadorias e, a partir do final do império, com as atividades industriais que surgiam na cidade.

Se os sujeitos envolvidos no cenário político local praticamente eram os mesmos da época imperial, a movimentação política das elites dominantes de Sorocaba ficou em segundo plano no contexto nacional. Ao contrário dos cafeicultores do Oeste Paulista, grandes articuladores do movimento republicano e da queda do império, as elites sorocabanas tiveram participação mínima na construção do novo regime. Se no âmbito local o partido republicano não tinha espaço político dentro da Câmara, no cenário nacional a participação foi praticamente nula. As articulações que levaram à proclamação da república não contaram com a participação decisiva de republicanos radicados em Sorocaba.

Como ocorreu a marginalização dos políticos sorocabanos neste processo histórico? Por que figuras políticas locais não participaram efetivamente da proclamação da república? As elites locais poderiam participar do movimento republicano numa condição de destaque? Partindo das visões econômicas sobre a história da cidade, sem produzir uma versão economicista, eu registraria a decadência das feiras de muares após a década de 1860, como a razão do desprestígio político das lideranças locais no cenário nacional. Também poderia registrar que os latifúndios exportadores não movimentavam a economia local, comparando-a com outras regiões do país.

É certo que as feiras de animais estavam decadentes e o único produto exportado pelos grandes agricultores da região tinha sido o algodão. Porém esse produto tivera boa lucratividade com as exportações durante os anos das décadas de 1860 e 1870, acompanhando a crise de produção dos EUA, decorrente da guerra civil daquele país e o desabastecimento do mercado consumidor europeu. Mas não se pode esquecer que os grupos políticos locais no império, além de não contarem com grandes capitais, se comparados com os produtores de café, tiveram posições conservadoras durante o governo de D. Pedro II. Sem conseguir realizar novas articulações políticas com outros grupos da província e do país, sem acompanhar os desdobramentos das crises do império e a ascensão do movimento republicano nas décadas de 1870 e 1880, as lideranças liberais e conservadoras de Sorocaba concentraram-se nas disputas regionais. A última figura política local de destaque no cenário do império foi o liberal Tobias de Aguiar, que enfrentou o desprestígio após a fracassada Revolução Liberal de 1842.

Contrastando com o discurso republicano de ampliação do universo eleitoral no país, após a queda da monarquia, as disputas políticas do estado de São Paulo ficaram restritas aos membros do PRP. Se a prática política do PRP acabou não atendendo os anseios de transformações estruturais da sociedade paulista e brasileira após o golpe de 15 de novembro, nesse ponto as elites de Sorocaba estiveram próximas das elites nacionais, pois administraram os poderes públicos com o objetivo de consolidar seus interesses sócio-políticos. Nenhuma participação nos poderes públicos foi concedida para as classes trabalhadoras locais.

Comparando o cenário paulista com outras regiões do Brasil, não é difícil identificar a marginalização política das classes trabalhadores. Segundo o historiador José Murilo de Carvalho, ao analisar a participação dos moradores do Rio de Janeiro nos processos eleitorais,

“o exercício da cidadania política tornava-se assim uma caricatura. O cidadão republicano era o marginal mancomunado com os políticos; os verdadeiros cidadãos mantinham-se afastados da participação no governo da cidade e do país. Os representantes do povo não representavam ninguém, os representados não existiam, o ato de votar era uma operação de capangagem. (...) Votavam defuntos e ausentes e as atas eram forjadas. Ninguém mais se escandalizava, pois todos sabiam que o “exercício da soberania popular é uma fantasia, e ninguém a toma a sério”. (...) Como seria de esperar, a ausência de participação eleitoral encontrava sua contrapartida na ausência de partidos políticos.” (CARVALHO, 1987: 89)

Em Sorocaba, as condições de participação política da população não eram muito diferentes. Não existem registros de representantes populares que tiveram participação efetiva na política partidária na velha república. Pior, como era comum no período da primeira república, os poucos eleitores alfabetizados recebiam pressões nos sufrágios que caracterizavam o “voto de cabresto”. A única organização partidária legalizada era o PRP. Sendo o partido único da cidade, as divisões políticas da fase imperial se manifestaram dentro do PRP local. As antigas lideranças liberais e conservadores agora compunham a agremiação partidária hegemônica; por isso nem sempre os correligionários

do PRP tinham as mesmas posições. Mas se na época imperial os partidos eram elitizados, na república o PRP manteve essa característica política no cenário brasileiro.

Mesmo quando a dissidência estadual do PRP em 1901 gerou maior divisão entre os quadros locais, as classes trabalhadoras da cidade não tiveram espaço para atuar efetivamente na administração pública municipal. A partir desse ano, as disputas internas no PRP em todo o estado ficaram mais acirradas. Em Sorocaba a divisão do PRP significou confrontos políticos em espaços institucionais, como a Câmara, ou em espaços públicos como as ruas, praças e estabelecimentos comerciais. As diferenças não estavam no campo social; o confronto transpunha o plano partidário e chegava aos planos pessoal, familiar, das alianças tecidas desde o período imperial. O surgimento das disputas partidárias estaduais foi à brecha para a recuperação de velhas alianças e velhos embates entre os diferentes grupos locais.

A cisão política do PRP em 1901 foi responsável pela organização na cidade dos blocos situacionista e dissidente. Na situação estavam os membros do PRP liderados por Luís Nogueira Martins, que contava com o apoio dos Barros, dos Loureiros e correligionários (ALMEIDA, 2002: 365-369). Principal liderança desde 1897, Nogueira Martins comandava a política local, mesmo residindo grande parte de seu tempo na cidade de São Paulo. Para a capital Nogueira Martins se transferiu após ser eleito deputado e posteriormente senador do estado. Em Sorocaba, o grupo situacionista indicou para o cargo de intendente municipal, entre outros o capitão José Dias de Arruda, o coronel Francisco Loureiro e o coronel José de Barros.

Na dissidência as principais lideranças eram os Pires de Camargo⁴⁸, que para divulgar suas posições fundaram um jornal em 1903. Essa dissidência manteve fortes ataques ao grupo situacionista pelo jornal *Cruzeiro do Sul*. Porém, as divergências entre esses grupos foram aparentemente resolvidas em 1906, ano do “congraçamento” do PRP em todo o estado. A partir desse momento, os Pires de Camargo voltam a participar do grupo dominante da política local enquanto o promotor Luiz Pereira de Campos Vergueiro adere a essas forças políticas. Com o tempo, Nogueira Martins passa a liderança ao

⁴⁸ Sobre a família Pires de Camargo explicitarei seu papel na cidade no capítulo 3, situando o leitor na parte reservada às tipografias sorocabanas.

promotor Campos Vergueiro que comandará a política efetivamente a partir de 1911, quando o promotor é eleito deputado pela região (idem: 369).

Mantendo uma liderança elitista sobre a região, o promotor, deputado e, posteriormente, prefeito de Sorocaba Luiz Pereira de Campos Vergueiro estendeu seu controle partidário até 1927 (BONADIO, 1995: 158). Segundo Geraldo Bonadio:

“Apoiado pelo principal órgão de imprensa na cidade, o jornal “Cruzeiro do Sul”, ele recorre indiscriminadamente à fraude eleitoral ou a violência física para conservar o mando.

No livreto, “As Ocorrências de Sorocaba”, reproduzindo peças do processo, Vergueiro tenta demonstrar que ele e seus correligionários nada tiveram a ver com a morte dos operários Lino Gonçalves, Gastão de Camargo e Belmiro de Oliveira, alcançados por parte dos “mais de 50 tiros de carabina, revólver e garrucha”, disparados contra os manifestantes que haviam acabado de passar em frente ao sobrado em que funcionava o jornal “Cruzeiro do Sul”. Apesar da veemência da denúncia do promotor José Olímpio Dias, Vergueiro e os demais denunciados, inclusive o diretor e redatores do jornal, sequer chegaram a ser pronunciados.” (idem: 157)

Nada muito diferente do denominado “coronelismo”, o cenário político local ganhava expressões violentas, com episódios como o ocorrido em frente à sede do então jornal situacionista *Cruzeiro do Sul*. Comentando os assassinatos de três operários que participavam de uma manifestação em 1911, Geraldo Bonadio reforça que Campos Vergueiro comandava com mãos-de-ferro a cidade, desqualificando a justiça quando esta procurava esclarecer crimes que envolviam correligionários do PRP.

Dirigente político destacado no cenário regional, Campos Vergueiro era um maçom respeitado no Grande Oriente de São Paulo. Na região de Sorocaba ele era membro da Loja Perseverança III, uma das mais importantes instituições maçônicas do estado de São Paulo no período. Entretanto, o discurso liberal de defesa da educação escolar, aspiração que os maçons em geral propagavam, não era uma bandeira pessoal do líder sorocabano. Luiz Pereira de Campos Vergueiro entendia que uma cidade operária não necessitava de escolas secundárias nem preparatórias para o magistério (idem: 158-159).

Segundo o maçom Campos Vergueiro, os trabalhadores que moravam em Sorocaba não precisavam de escolas para desenvolver suas atividades profissionais. E mais, contando com grupos escolares, a cidade já proporcionava a educação básica para a maioria das crianças em idade escolar. Além de julgar improcedente a abertura de escolas secundárias na cidade, Campos Vergueiro criticava a subvenção pública à escola noturna destinada a trabalhadores, que a sua loja maçônica mantinha em funcionamento na cidade (ALEIXO IRMÃO, 1995: 123-129). Quer dizer, para o referido político sorocabano, a educação escolar não deveria ser estendida a todas as crianças, já que as poucas vagas disponíveis na cidade eram reservadas aos filhos de uma reduzida parcela da população local. (MENOM, 2000: 298-302)

Para uma cidade que passava por transformações sociais intensas no início do século XX, as elites locais não abriram espaços para a ascensão de novos grupos. O controle da sociedade sorocabana acabou sendo muito parecido com o de outras regiões urbanas e rurais do país. É curioso notar nesse processo que, enquanto as elites mantinham uma postura conservadora no cenário político, seu discurso era de transformação, progresso, civilidade, higienização, educação escolar. Esse discurso liberal republicano, afinado com as posições das elites nacionais, claramente não teve desdobramentos práticos que privilegiassem todas as classes sociais.

Capítulo 3 – Inventando uma “nova” cidade

A construção da imagem de *Manchester Paulista*

Face à aceleração das transformações sócio-culturais da cidade de Sorocaba, sobretudo a partir da década de 1870, as elites republicanas locais, no início do século XX, projetaram uma “nova” imagem urbana, buscando “novas” visões e sensibilidades sobre a “antiga terra” das feiras de muares. Ou ainda, vivenciando guerras de símbolos, procuraram engendrar uma imagem moderna para seu centro urbano, que representasse a “evolução técnica, o progresso material”, conquistado até aquele momento. Imagem que promovesse o nome de Sorocaba no cenário nacional, como uma cidade próspera, preparada para os desafios do futuro. E essas elites republicanas locais acreditavam que tinham todos os motivos para isso, pois após “vencer a guerra” contra as epidemias de febre amarela, superar o comércio “ultrapassado” de muares, atrair cada vez mais trabalhadores para as fábricas instaladas no município, Sorocaba reunia condições de contribuir para o avanço do sistema de produção capitalista no país. Assim, baseando seu discurso nos referenciais liberais, positivistas e românticos, concepções que predominavam no campo político-cultural da época e procurando incessantemente a concretização do desenvolvimento econômico, as elites locais levaram à frente a imagem de uma cidade industrial, compatível tanto com o discurso da modernidade capitalista dos países mais industrializados, como com os das classes triunfantes brasileiras.

Segundo a historiadora Michelle Perrot, para se instaurar uma sociedade industrial não basta o desenvolvimento técnico dos meios de produção.

“A sociedade industrial implica ordem e racionalidade, ou pelo menos uma nova ordem, uma nova racionalidade. Sua instauração supõe não só transformações econômicas e tecnológicas, mas também a criação de novas regras do jogo, novas disciplinas.” (PERROT, 1988: 53)

Dentro da perspectiva de construção da ordem, da racionalidade e da disciplina numa cidade industrial é que as palavras do superintendente da E.F.U.S.Y. (Estrada de Ferro União Sorocabana e Ytuana), Alfredo Eugênio de Almeida Maia, proferidas em uma visita à cidade em janeiro de 1905, foram tomadas pelas elites sorocabanas como a imagem ideal do progresso local. Referindo-se aos projetos de expansão da companhia de transporte que ele próprio dirigia e ao número de indústrias têxteis instaladas na cidade, consideradas de grande porte para os padrões nacionais da época, o “dr. Alfredo Maia” – como era chamado pela imprensa local – comparou a trajetória de Sorocaba à da cidade inglesa de Manchester.

A visita do “dr. Alfredo Maia” à Sorocaba ocorreu no período em que a *Empreza Electrica* da cidade inaugurava uma nova fase de seus serviços. Em meio às festas comemorativas de inauguração, uma comissão de sorocabanos preparou uma manifestação de apreço ao “digníssimo” superintendente da E.F.U.S.Y., convidado de honra da *Empreza Electrica* e que acabou sendo recebido como a principal autoridade brasileira nos festejos no dia cinco de janeiro de 1905.

Segundo o jornal *O 15 de Novembro*, a manifestação ao dr. Alfredo Maia reuniu

as auctoridades locais as comissões que representavam as diversas sociedades, tendo comparecido com os respectivos estandartes a Societá Italiana de Mutuo Socorro, a Real Sociedade Vasco da Gama, União Operaria e o Club Aymorés formou-se com as bandas de musica Lyra Sorocabana, Santa Rosalia e União Operaria, o prestito que seguiu á estação onde foi aguardar a chegada do trem especial em que devia chegar o sr. dr. Alfredo Maia.

A estação apresentava um aspecto magnifico, artisticamente adornada com bandeiras, folhagens e flores naturaes. Pelas columnas da plataforma subiam, em espiraes festões de madressilva; ligando as columnas, festões de flores naturaes e folhagens. Completavam a ornamentação escudos com datas memoraveis da Estrada de Ferro Sorocabana, ladeada por bandeiras das nações amigas. Todo o trabalho da magnifica ornamentação foi feito pelo pessoal da estação.

*Apezar de conservar-se ameaçador o tempo era consideravel o numero de pessoas que se achavam a espera do illustre cidadão a quem Sorocaba ia testemunhar o elevado apreço em que o tem.*⁴⁹

Um cenário técnico e moderno, caracterizado pela locomotiva, pela estação com suas plataformas, foi preparado pelos funcionários da Sorocabana com toques românticos, onde flores naturais, arranjos de folhagens e bandas musicais envolviam as pessoas que esperavam o ilustre visitante, adornando o ambiente dominado pelas estruturas de ferro e alvenaria da construção da estação. Juntos, capitalistas, autoridades públicas e trabalhadores esperaram o “ilustre cidadão” ouvindo as peças escolhidas pelas bandas presentes, regozitando com as impecáveis apresentações musicais.⁵⁰

Como a notícia do jornal *O 15 de Novembro* procurava informar, não havia distinção entre os moradores da cidade quando o assunto era receber um homem tão importante para a cidade. Os trabalhadores de Sorocaba estavam representados pela “Societá Italiana de Mutuo Soccorso”, a “Real Sociedade Vasco da Gama”, a “União Operaria” e as bandas de musica “Santa Rosalia” e “União Operaria”. Trabalhadores nacionais ou estrangeiros estavam ali representados por suas associações, assim como o Intendente, vários vereadores, um juiz, um promotor, médicos, bacharéis de direito, comerciantes, entre outros, que também fizeram parte da manifestação representando as elites dominantes da cidade.⁵¹

A chegada do superintendente da Sorocabana ocorreu por volta das 18 horas em carro especial, sendo recebido com muitos aplausos e gritos de saudação ao som do

⁴⁹ “As festas de 5. Inauguração dos trabalhos da Empreza Electrica. A manifestação ao Dr. Alfredo Maia”, jornal *O 15 de Novembro*, 10/01/1905, ano XIII, nº 1202, p. 1.

⁵⁰ Jornal *Cruzeiro do Sul*, 07/01/1905, Ano II, nº 163, pp. 1-2.

⁵¹ Segundo o jornal sorocabano *Cruzeiro do Sul*, na edição publicada no dia 07/01/1905, homens de destaque na cidade receberam e acompanharam o sr. Alfredo Maia em sua visita a Sorocaba no dia 05/01/1905. Entre estes homens, estavam: srs. cap. Alfredo Nunes, dr. Ariani, Hercules T. Campos, F. J. Speers, dr. H. Schering, dr. J. P. Silva Barros, José de Barros, Joaquim Braga, F. Catalano, Justiniano M. de Souza, Manoel Athanasio Soares, dr. Riechers, Antonio de Oliveira, Joaquim Silva pelo (15 de Novembro), dr. Machado, J.J. Silva, F. de Mascarenhas, Joaquim Nunes de Oliveira , dr. Horacio Costa, dr. Amandio Sobral, dr. ^a Penido, Bernardo Lichtenfels Junior, dr. Alfredo Maia, João Augusto da Silveira (pela municipalidade), dr. Nabuco de Araujo, Bernardo Lichtenfels Senior, major J. M. França Junior, cap. Azevedo Sampaio, major Arthur Gomes, João Vieira Campos, José de Almeida Tavares Junior e Hermelino Wey (pelo *Cruzeiro do Sul*). “Dr. Alfredo Maia”.Anno II, nº 163, pp. 1-2.

hino nacional⁵². Após a calorosa recepção na plataforma da via férrea, os manifestantes seguiram com o dr. Alfredo Maia para o Hotel Vicente, bem próximo da estação central da cidade, onde discursos foram proferidos enaltecendo o festejado visitante. Falando para o grupo de pessoas que o recepcionavam em sua visita à cidade, o superintendente da E.F.U.S.Y.

*agradeceu, comovido, a significativa manifestação que fazia o povo desta terra que é o berço da Estrada Sorocabana. E passando a referir-se ao desenvolvimento da futura via férrea, afirmou o illustre orador que dentro de não muitos annos, ligada a Matto Grosso, ao Prata, ao Paraguay, será ella a primeira do Brasil. E quando tiver atingido a esse desenvolvimento, quando tudo isso se realisar, disse o orador, Sorocaba será a Manchester Brasileira. E não é isso exagero; a um povo intelligente emprehendedor e generoso como o sorocabano, disse o sr. dr. Maia, pode-se augurar um brilhante futuro. Terminou o illustre manifestado seu discurso entre entusiasticos applausos, saudando a grandeza, o futuro, a gloria de Sorocaba.*⁵³

Os discursos proferidos no final da tarde do dia cinco de janeiro de 1905 marcaram uma troca de amabilidades entre as autoridades presentes. Tanto os oradores sorocabanos como o visitante ilustre não pouparam elogios em suas explanações. As palavras do dr. Alfredo Maia, além de caracterizar um discurso de agradecimento ao “povo” da cidade, revelaram um futuro promissor para Sorocaba. Tomado como um grande símbolo, uma síntese que representava o progresso da cidade, o discurso do superintendente da Sorocabana alcançou grande repercussão entre os moradores que pretendiam construir uma imagem moderna para o seu centro urbano. O superintendente Alfredo Maia contribuiu, e muito, para que as elites locais pudessem defender a capacidade de desenvolvimento sócio-econômico de Sorocaba.

E esse discurso não tardou em aparecer novamente. Semanas depois os jornais da cidade traziam em suas páginas as primeiras referências à *Manchester*

⁵² Jornal *Cruzeiro do Sul*, 07/01/1905, Ano II, nº 163, pp. 1-2.

⁵³ “As festas de 5. Inauguração dos trabalhos da Empresa Electrica. A manifestação ao Dr. Alfredo Maia”, jornal *O 15 de Novembro*, 10/07/1905, ano XIII, nº 1202, p. 1.

Brasileira.⁵⁴ Desconsiderando as palavras do dr. Alfredo Maia sobre a concretização dos projetos da E.F.U.S.Y. para os anos seguintes, os defensores da visão de *Manchester* instituíram que o setor fabril da cidade era representativo do progresso local na comparação com outros centros urbanos, qualificando naquele momento Sorocaba como a verdadeira *Manchester Brasileira*.⁵⁵

Sem poder esperar esses “próximos anos”, a realização dos projetos anunciados por Alfredo Maia, o tempo foi acelerado por alguns “ansiosos” moradores da cidade. Com isso, teve início a ressignificação do discurso do superintendente da E.F.U.S.Y. em sua visita a Sorocaba. É lógico que as palavras de Alfredo Maia ganharam outras visões com o decorrer do tempo. Além de se perder a relação com os projetos de expansão da E.F.U.S.Y. para a concretização do progresso da localidade, o setor têxtil sorocabano acabou sendo o grande responsável pela imagem de modernidade em Sorocaba.

E a ressignificação não parou aí. Mais alguns meses se passaram e de *Manchester Brasileira* Sorocaba já era a *Manchester Paulista*.⁵⁶ Contando com a contribuição “inquestionável” do dr. Alfredo Maia, as elites locais trabalharam as palavras do respeitado cidadão brasileiro, defendendo que o desenvolvimento industrial da cidade, a sua expansão urbana e demográfica já davam condições para a utilização da denominação *Manchester Paulista*.

Quem poderia duvidar dessa afirmação? Que homem seria capaz de colocar em questão as palavras do “honrado” dr. Alfredo Maia? Por que não chamar Sorocaba de *Manchester Paulista* se o dr. Alfredo Maia assim a denominou? Para as elites locais, o dr. Alfredo Maia tinha toda razão e conhecimento para comparar Sorocaba a Manchester.

Mas quem era Alfredo Eugênio de Almeida Maia para ser tão respeitado pelas elites sorocabanas? O engenheiro Alfredo Maia era, como afirmei anteriormente, o superintendente da E.F.U.S.Y., na época em que passou em visita à cidade. Esse cargo foi

⁵⁴ Os jornais *O 15 de Novembro* e *Cruzeiro do Sul* iniciaram a defesa da *Manchester* já no final do mês de janeiro.

⁵⁵ Jornal *Cruzeiro do Sul* e jornal *O 15 de Novembro*. Diversas edições dos meses de janeiro, fevereiro, março e abril 1905. Cabe ressaltar nesta nota que os referidos jornais foram os mais enfáticos defensores da imagem de *Manchester* na década de 1900 na cidade de Sorocaba.

⁵⁶ Menos presunçosos, os redatores dos jornais *Cruzeiro do Sul* e *O 15 de Novembro* trocaram a palavra brasileira por paulista.

exercido pelo referido engenheiro entre 10/01/1903 e 30/06/1907.⁵⁷ Fluminense de Cabo Frio, Alfredo Maia diplomou-se bacharel em Ciências Físicas e Naturais e Matemática pela Escola Central do Rio de Janeiro em 1876. Seguiu seus estudos na Bélgica, onde recebeu o diploma de habilitação especial em engenharia civil na Escola de Flandres Oriental (1878). Retornando ao Brasil, atuou na Estrada de Ferro Dom Pedro II a partir de 1879. Trabalhou nesta empresa até o início da república, quando trocou o Rio de Janeiro por São Paulo. Em 1892, assumiu a Pasta da Agricultura e Obras Públicas do Estado de São Paulo. Logo depois voltou para o Rio de Janeiro e, em 1899, assumiu a direção da Central do Brasil. Em 1900, deixou o cargo para ser ministro de Viação e Obras Públicas, atendendo ao convite do presidente paulista Campos Sales.

Com o final do governo Campos Sales, em novembro de 1902, deixou o ministério. No início de 1903 assumiu a superintendência da E.F.U.S.Y., quando esta empresa enfrentava uma séria crise econômica. Indicado pelo governo federal para sanear as finanças da empresa, Alfredo Maia acabou sendo considerado o “salvador” da empresa de transportes ferroviários, segundo alguns órgãos de imprensa de São Paulo, incluindo aí a imprensa sorocabana. Em meio às mudanças de ordem jurídica⁵⁸, o superintendente foi considerado o “responsável” pelo reaparelhamento do setor técnico, restabelecimento da confiança pública no nome da empresa e pela sua recuperação financeira.

A passagem de Alfredo Maia pela superintendência da empresa foi marcada por sinais de recuperação da credibilidade da Sorocabana. Tendo o Estado brasileiro e, posteriormente, o paulista como controladores da empresa, investimentos foram realizados para recuperar a capacidade de transporte nas linhas atendidas pela Sorocabana. Dessa forma, Alfredo Maia representava para as elites sorocabanas o administrador competente, moralizador, comprometido com os interesses da região. Também era encarado como um canal fundamental para uma aproximação das elites locais em relação aos poderes públicos federal e estadual. Homem indicado pelo governo central, com um *curriculum* de cargos

⁵⁷ **Dirigentes da Sorocabana e Fepasa.** Jundiaí, SP: Gráfica da Fepasa, 1983. Todas as informações sobre Alfredo Maia foram retiradas do livro editado pela Fepasa.

⁵⁸ Em agosto de 1904 a empresa passou para o controle acionário total da União; em janeiro de 1905, a União passou seus direitos administrativos para o estado de São Paulo; e em 1907, o estado passou por arrendamento de 60 anos a empresa a um grupo estrangeiro, quando a E.F.U.S.Y. foi denominada Sorocabana Railway Company. Para maiores considerações sobre a história da empresa, conferir Antônio Francisco GASPAR, **Histórico do início, fundação, construção e inauguração da Estrada de Ferro Sorocabana (1870-1875).** São Paulo: Editora Cupolo, 1930.

públicos administrativos de relevância, Alfredo Maia era bajulado pelas elites locais. Em inúmeros artigos de jornais o superintendente da Sorocabana era elogiado por sua “capacidade administrativa”, pelos “projetos modernos e dinâmicos”, pela “tenacidade e vontade de trabalhar” em prol do crescimento contínuo da empresa, e conseqüentemente, da região do estado servida pela Sorocabana.⁵⁹

Nesse sentido, qualquer manifestação de apreço que Alfredo Maia tivesse para com a cidade de Sorocaba era considerada como um gesto magnífico pelas elites dominantes locais. Sem duvidar das intenções do dr. Alfredo Maia, sem explicitar as possíveis retribuições ao bom tratamento por ele recebido na cidade, o discurso proferido pelo superintendente da Sorocabana casou grande impacto sobre as elites locais, que até aquele momento não tinham pensando numa imagem tão expressiva para o progresso da cidade.

Assim, nada melhor para os interessados em corroborar com o progresso da cidade do que as sábias palavras de um homem conhecedor do Velho Mundo, bacharel em engenharia, pessoa gabaritada para denominar Sorocaba, sem sombra de dúvidas. Experiente, político de expressão nacional, ex-secretário de estado, ex-ministro da república, o dr. Alfredo Maia era a voz que faltava para confirmar a importância da cidade no cenário brasileiro. Dessa forma, as elites locais defenderam, com o aval de um homem tão respeitado no país, que ninguém poderia duvidar do progresso de Sorocaba.

Diante dessa denominação moderna, como ficavam as outras cidades brasileiras que também eram comparadas à inglesa Manchester? Desde o final do século XIX, outras cidades do país também adotaram tal comparação ufanista, a imagem da Manchester industrial para construir um olhar moderno, racional, na relação direta com o capitalismo desenvolvido.

Segundo a historiadora Anicleide Zequini Rossi, a instalação de fábricas de tecidos em Salto (SP), a partir da década de 1870, levou vários jornais da cidade de Itu e da

⁵⁹ Entre 1903 e 1907, quer dizer, enquanto Alfredo Maia ocupou o cargo de superintendente da E.F.U.S.Y., os jornais *O 15 de Novembro* e *Cruzeiro do Sul* publicaram artigos e notícias que informavam as realizações do mesmo ou discorriam sobre suas qualidades de administrador, de homem público, etc.

própria capital do Estado a defenderem que o interior paulista teria nesta localidade a sua pequena *Manchester Paulista*.⁶⁰

Já a historiadora Heloisa de Faria Cruz, em seu estudo sobre a expansão das tipografias paulistanas, também contribuiu para compor a história desse olhar urbano industrial/moderno. Comentando o crescimento acelerado da cidade de São Paulo, a constituição de um novo cenário urbano, a referida autora apresenta as considerações de Jorge Americano, que se referia aos

*quatro bairros industriais (Bom Retiro, Luz, Brás e Mooca) [que] continham toda a indústria paulista.... Seriam trinta ou quarenta chaminés, de fumaça negra de coque da Inglaterra... Os paulistas falavam disso orgulhosamente Manchester brasileira.*⁶¹

Além dos exemplos de Itu, com o seu distrito à época de Salto, e de São Paulo, posso lembrar também que Juiz de Fora, em Minas Gerais, e Joinville, em Santa Catarina, foram outras cidades brasileiras que receberam, por parte de seus moradores triunfalistas, a denominação *Manchester Brasileira*.

Manchester Paulista, Manchester Mineira ou *Manchester Catarinense*. Qual dessas cidades seria a “verdadeira” *Manchester Brasileira* na virada do século XIX para o XX? Não sei se essa questão poderia ter alguma importância para os então defensores das denominações em suas respectivas cidades. Acredito, pela pesquisa nos documentos sorocabanos, que os defensores locais das imagens de cidades industriais nem se preocuparam em discutir qual era a verdadeira *Manchester Brasileira*. Em nenhum instante da pesquisa realizada foi encontrado um texto escrito que questionasse as outras cidades brasileiras que também faziam uso dessa imagem. Por sinal, essa informação nem era veiculada pela imprensa local. Fica a compreensão de que os grupos interessados na construção desta imagem moderna não tinham outro objetivo senão defender a Sorocaba industrial.

⁶⁰ Cf. trabalho de Anicleide Zequini Rossi, “O quintal da fábrica: um estudo de caso”. In: BRESCIANI, Maria Stella M. (org.) **Imagens da cidade: séculos XIX e XX**. São Paulo: Anpuh-SP, Marco Zero, Fapesp, 1994.

Hoje essa questão não parece ser interessante, nem é o ponto fundamental da minha análise. Minhas reflexões estão concentradas no imaginário burguês industrial, no olhar do imperialismo britânico que dirigia vários projetos sociais no Brasil. Em todas essas cidades o ideal de centro urbano industrial, moderno, tecnologicamente avançado estava presente. Em todos esses discursos citados, a visão hegemônica do sistema capitalista se apresenta, a idéia da Inglaterra potência mundial se reafirma, o olhar cultural eurocêntrico se consolida.

É interessante verificar que grupos sociais do país nesse período procuravam construir uma imagem “nova”, moderna, técnica, racional para o seu respectivo centro urbano. Em vários estados brasileiros, a imagem de Manchester se repetia, indicando um paradigma urbano, capitalista, industrial, capaz de produzir as riquezas necessárias para o desenvolvimento de um país. Não é por acaso que um centro urbano inglês, exportador de tecidos desde o século XVIII, apareça como modelo de prosperidade e competência dentro do sistema capitalista.

Se os moradores de várias cidades reivindicaram a denominação *Manchester Brasileira* para sua localidade, o que chama a minha atenção é a necessidade de elaboração de um discurso homogeneizador, voltado para os interesses do capital, instituinte de concepções unidimensionais, socialmente hierarquizador, capaz de apagar manifestações culturais plurais. Responder qual foi a verdadeira *Manchester Brasileira* não é, como afirmei acima, a minha pretensão. Pensar nos significados dessa denominação, nos desdobramentos culturais da “invenção” dessa imagem de cidade industrial, ordenada, racional, burguesa e a difusão desse discurso através da imprensa sorocabana são reflexões importantes para esse trabalho.

Sem pretender dar conta dos significados da imagem de *Manchester* nas cidades citadas, penso nas produções tipográficas que defenderam o discurso técnico, moderno, capitalista em Sorocaba. Inicialmente divulgada através dos jornais, a *Manchester Paulista* foi ganhando espaço na sociedade sorocabana a partir de janeiro de 1905. A rápida transformação de Sorocaba em *Manchester Paulista* expressa a necessidade das elites locais em engendrar uma mentalidade moderna no universo cultural da cidade.

⁶¹ Jorge Americano. São Paulo naquele tempo (1895/1915). São Paulo: Saraiva, 1957, p. 108. Apud CRUZ, Heloisa de Faria, **Na cidade, sobre a cidade: Cultura Letrada, Periodismo e Vida Urbana – São Paulo (1890-1915)**.

Mas qual foi o papel da imprensa local no processo de divulgação do discurso elitista? Como a imprensa sorocabana contribuiu para a invenção da *Manchester Paulista*? Quem fazia parte da imprensa local? Quais foram os principais veículos de construção da imagem de cidade moderna, industrial, burguesa?

A compreensão das produções culturais que envolveram a invenção da *Manchester Paulista* sorocabana é importante para a (re)construção do processo histórico local na relação com as discussões sobre o avanço do sistema capitalista e das concepções de modernidade no Brasil.

Pensando na história de Sorocaba no início do século XX, com seus embates sócio-culturais, procuro analisar os significados das produções tipográficas elaboradas dentro de um cenário de instigantes transformações do viver urbano.

A “República Tipográfica”

Indiscutivelmente, a imprensa local foi um importante instrumento para engendrar as concepções de modernidade capitalista na relação com as elites de Sorocaba no início do século XX. Contando apenas com os jornais num primeiro momento – quando penso nas produções tipográficas –, compondo imagens, muitas vezes contraditórias, plurais, os homens que compunham a imprensa liberal local trataram de divulgar o ideário moderno para os leitores e possíveis interlocutores desse público leitor.

Assim, grande parte dos jornais sorocabanos publicados nas duas primeiras décadas do século XX, (re)produziram a imagem da *Manchester Paulista*.⁶² Defendendo as concepções das classes dominantes brasileiras, amalgamadas, muitas vezes, a outras vezes, grande parte da imprensa local, nos seus discursos, não poupava elogios aos capitalistas e administradores públicos, apontados como os responsáveis pelo progresso material, técnico e social de Sorocaba.

Assim, a imprensa sorocabana, em suas diversas publicações, com seus diversos matizes, relacionava-se diretamente ao paradigma liberal que dominava o regime republicano brasileiro. Entre os objetivos dos homens das letras, localizados nas redações

⁶² Pode-se encontrar o discurso liberal exaltando a *Manchester Paulista*, através de inúmeros matizes nos seguintes jornais pesquisados: *O 15 de Novembro*, *Cruzeiro do Sul* e *Diario de Sorocaba*.

das cidades brasileiras, estavam conquistar novos leitores, divulgar suas concepções culturais, instituir visibilidade e legitimidade aos grupos que administravam o poder público, enquanto eram propostas novas práticas sociais. Para os intelectuais liberais sorocabanos, esses objetivos seriam plenamente alcançados se os exemplo das metrópoles Rio de Janeiro e São Paulo fossem seguidos.

Na visão da historiadora Ana Luiza Martins,

nas três décadas que se seguiram ao fim do Império, estão inscritas duas repúblicas: a República das Confeitarias e a República dos Jornalistas. Naquela, vigente ao fim do Império e primórdios do novo regime, vingaram poetas e romancistas que acertaram suas inspirações às demandas da estética romântica e simbolista, traçando suas obras e destino nas mesas dos cafés de um Rio de Janeiro boêmio, ou de uma São Paulo de acadêmicos e bacharéis letrados. Na remansosa Capital paulista, a Faculdade de Direito funcionava como podium de polemistas da palavra, que daquelas Arcadas alçavam-se para o olimpo da consagração literária ou política. (MARTINS, 2001: 136)

Rio de Janeiro e São Paulo, dentro de seus respectivos processos de metropolização, eram paradigmas para os grupos sociais brasileiros que estavam interessados em estabelecer uma ordem, uma racionalidade, uma estrutura urbanística moderna, capitalista, burguesa. Além da monumentalidade das metrópoles, a vida intensa das ruas, a cultura letrada, a educação dos moradores, as possíveis discussões literárias em cafés, bares, escolas, nas próprias praças deveriam completar um ambiente urbano desenvolvido. Para isso, a profissionalização do mercado de letras contribuiria no processo de formação de uma cidade de escritores e leitores assíduos.

A união da capacidade de produção literária ao crescimento do mercado consumidor de publicações confirmava o progresso de um país, de uma sociedade que sabia valorizar a cultura letrada. O regime republicano, que instituiu um discurso de transformação em relação ao Império, propagandeou a idéia de escolarização do “povo” como um dos instrumentos básicos para o progresso da nação.⁶³

⁶³ Sobre a educação no regime republicano, voltarei a esse tema no capítulo 5.

Crítica em relação aos rumos políticos do regime republicano, Ana Luiza Martins afirma que

esse registro de transformações, contudo, é pertinente tão-só ao território das letras. A mudança da ordem política não correspondeu às transformações que seriam inerentes a uma República que se pretendia inovadora com relação ao Império, conforme vezo de seu discurso legitimador. No campo do impresso, a construção da política editorial ainda se fazia em bases extremamente frágeis, predominando o ensaio e erro e, acima de tudo, a aventura; recursos de uma imprensa que se regia pelo momento histórico político, pelos modismos literários e, sobretudo, pautada pelo tempo econômico em que se vivia.

Esclarecendo melhor, as publicações passaram a ser definidas por uma teia de novas relações, ditadas não apenas pelas preferências das comunidades consumidoras e pela incorporação de avanços técnicos, mas pela busca do lucro, numa sociedade em que o capital comercial dava o tom. Vender e lucrar eram ações prioritárias, ainda que em terreno tão avesso à pecúnia, como propalavam os pálidos poetas, de rotas vestimentas, que estranhamente transitavam nesses novos tempos. Ou, melhor, um período que balizado entre 1890 e 1905 poderia denominar-se a República das Confeitarias, já retratada por Coelho Neto em A Conquista, uma publicação de 1899; ao que se seguiu a República das Letras, em que o literato profissionalizou-se, sobretudo via jornalismo. (idem: 136-137)

Vivendo novos tempos, os literatos brasileiros encontravam condições de trabalho diferenciada na virada do século XIX para o século XX. Transitando entre as correntes românticas, simbolistas, parnasianas, positivistas, pré-modernistas, nacionalistas, regionalistas (idem), os homens de letras observavam no jornalismo das grandes cidades uma oportunidade de poder lucrar com o trabalho intelectual. Buscando reconhecimento social e melhores condições materiais de vida, não era para se desprezar o dinheiro das redações, mesmo que este fosse reduzido. Enfrentar as dificuldades da vida num período de crise econômica fez com que inúmeros escritores deixassem de lado o pudor da venda de

produções literárias e buscassem o trabalho remunerado para atender as necessidades econômicas cotidianas.⁶⁴

A historiadora Heloisa de Faria Cruz também se refere à primeira república como um momento de expansão das tipográficas e da imprensa jornalística no estado de São Paulo⁶⁵. Estudando atentamente o caso da cidade de São Paulo, a historiadora apresenta uma reflexão sobre as relações do crescimento dessa cidade com a expansão do consumo e da produção de peças tipográficas⁶⁶. Para Heloisa Cruz, entre 1900 e 1920,

*a imprensa periódica paulistana experimenta um verdadeiro boom. O ambiente do jornalismo vive um clima de bastante otimismo. Tornam-se freqüentes e concorridas as festas de batismo dos novos periódicos, realizadas com pompa nas confeitarias da moda ou nos parques da cidade, com a presença de toda a classe jornalística.*⁶⁷

Esse *boom* da imprensa periódica paulistana no início do século XX estava associado à crescente demanda do mercado da cidade. A diversificação das atividades produtivas, o crescimento demográfico, os novos padrões sócio-culturais, enfim, o processo de metropolização de São Paulo impulsionou a expansão das tipografias em geral. Porém, na capital do estado mais rico da nação, os homens das tipografias não se caracterizavam como profissionais. O amadorismo dos redatores e a manutenção de técnicas de impressão incipientes marcaram grande parte dos estabelecimentos tipográficos.

Até então, o trabalho de edição, composição e impressão da maioria dos órgãos da imprensa paulistana era realizado como processos separados e quase independentes. Nas seções de obras dos diários ou nas diversas tipografias da cidade, a presença de categorias profissionais tais como tipógrafos, compositores, impressores de alauzet, encadernadores, pautadores, douradores, gravadores, esteriotipistas, zincógrafos

⁶⁴ Nesse ponto, eu entraria numa discussão sobre a profissionalização dos trabalhos literários ou dos literatos junto a grande imprensa brasileira que foge dos objetivos da minha atual pesquisa. Sobre este tema, posso citar, entre inúmeras obras sobre o tema, os trabalhos de Ana Luiza Martins e Heloisa Cruz, com as referências arroladas na bibliografia.

⁶⁵ Cf. trabalho de Heloisa de Faria CRUZ, op. cit.

⁶⁶ Idem, parte II do referido trabalho.

e litógrafos, indica um processo ainda incipiente de mecanização dos processos gráficos. Nas “redações”, o jornalismo se configura como campo de amadores, profissão pouco rentosa, na indignada análise de Pinheiro Júnior, “aberta a todos, inclusive nulos e idiotas”, que após rápidas passagens por pequenas folhas, “já bacharéis ou amanuenses da câmara”, podiam “falar com ênfase das suas pugnias jornalísticas”.⁶⁸

Citando Pinheiro Júnior⁶⁹, Heloisa Cruz indica uma interessante relação do jornalismo no período com a ascensão social. Segundo essa visão, o trabalho nas redações, mesmo que mal remunerado, era compensador. Ser jornalista numa sociedade que procurava consolidar a cultura letrada poderia render respeito nas rodas intelectualizadas da cidade. Fazer parte do corpo de redatores e/ou colaboradores de um jornal, de uma revista, enfim, de uma publicação periódica significaria visibilidade e reconhecimento social.

Nem todos os jornalistas eram figuras de expressão, antes de exercerem suas atividades em um órgão de imprensa, ou mesmo não chegavam a desfrutar essa condição depois de colocarem em prática tal atividade. O reconhecimento social, o bom salário ou a boa remuneração por trabalho publicado, eram reservados aos nomes famosos e vendáveis.(MARTINS, 2001: 416-417)

Dessa forma, o jornalismo profissional abriu vagas reduzidas para os interessados num trabalho exclusivo, suficientemente capaz de assegurar a sobrevivência digna para o trabalhador. A imprensa diária das grandes metrópoles brasileiras era o único espaço disponível para satisfazer essa aspiração profissional. Sem possibilidades de atender a demanda dos profissionais à disposição no mercado de trabalho, a grande imprensa repassou para as pequenas empresas um contingente de jornalistas dispostos a trabalhar sem altos salários, produzindo um caráter artesanal, amador de produção, tornando possível uma expansão significativa das tipografias no país.(CRUZ, 1994: 82)

Essa condição amadora da produção tipográfica incorporou às redações novos escritores/literatos/jornalistas, ampliando o tradicional grupo de homens ricos, bacharéis, escritores que dominavam estes ambientes das letras impressas. Agora também

⁶⁷ Idem, p. 80.

⁶⁸ Idem, p. 81.

⁶⁹ Pinheiro Júnior. “Jornalismo”. In: **Almanach d’O Estado de São Paulo**. São Paulo: Companhia Impressora Paulista, 1916. Apud CRUZ, Heloisa de Faria, p. 81.

circulavam pelas pequenas redações, em expansão por todo o país, mulheres cultas das elites, os imigrantes, as classes médias ascendentes, os profissionais da educação, os burocratas/funcionários públicos, os operários das indústrias, os impressores, etc.

Contando com novos integrantes, a imprensa tipográfica incluía também novos grupos de leitores na sociedade brasileira, ampliando cada vez mais o universo da cultura letrada. Assim, a multifacetada produção tipográfica atendia os diversos grupos de leitores que se apresentavam nesse momento. Tipicamente urbanas essas produções tipográficas aproximavam os moradores em relação aos símbolos da cidade, num processo de articulação das classes sociais que viviam nesse ambiente que se tornava mais excludente e desenraizador com o passar do tempo.

Sobre esse aspecto, Heloisa Cruz afirma que

a agilidade da imprensa, seu caráter mais aberto e democrático a transformaram em um campo muito mais propício à renovação da cultura letrada do que a da produção ficcional. No espaço da imprensa, com a intromissão de “escritas” e olhares de setores e grupos sociais anteriormente alheios aos seus códigos, a cultura letrada tradicional teve que enfrentar inúmeros desafios, colocando-se como um campo privilegiado da disputa cultural no período. Nesse espaço, os caminhos e embates do processo de disputa que configuram a metrópole ganham maior visibilidade.

Ampliando socialmente seus circuitos de difusão, renovando sua linguagem e seu estilo, a imprensa ganha a cidade. Fazer imprensa vira moda e, com os limites impostos por uma sociedade ainda basicamente iletrada, parece que todos devem imprimir e tudo deve ser impresso. O relacionamento público e coletivo passa a ter na imprensa um espaço privilegiado de articulação. (...) Na cidade em expansão, frente aos desafios da ocupação estrangeira trazidos pela imigração, aos perigos representados pelos grupos socialistas e anarco-libertários e das ameaças de “caos” colocadas pela multidão anônima, pobre e liberta, as elites passam progressivamente a disputar o espaço urbano. Nesse novo espaço social da metrópole em formação, desafiados por outros projetos culturais, os modos de viver e pensar das classes dominantes submetem-se a críticas e reelaborações. No processo de ocupação da cidade e na disputa pelo espaço público, o horizonte cultural burguês precisou ir além da burguesia. Produto e momento dessa

conjuntura, a imprensa emerge como um campo dinâmico da disputa pela afirmação desse horizonte burguês. (idem: 83-84)

A expansão da imprensa tipográfica, com suas produções culturais, instituiu canais de articulação para os diversos setores sociais que viviam nas cidades. A cultura letrada, que passava por um momento de redefinição no país diante dos projetos do Estado republicano e dos embates das diferentes classes sociais, incluiu uma população até então marginalizada por setores da imprensa conservadora/tradicional. As médias e grandes cidades brasileiras em transformação, eram cenários onde novos e velhos moradores experimentavam relações sociais mais intensas/tensas, promovendo também através da imprensa, a construção e a circulação de seus ideais sócio-culturais.

Por isso, a imprensa tipográfica ganha importância no período. Suas publicações eram, ao mesmo tempo, meios de acumulação de riqueza para as empresas que procuravam investir nesse ramo e canais de divulgação de diferentes classes sociais que se enfrentavam cotidianamente nas cidades. Os embates sócio-culturais estão evidenciados nas publicações dessa imprensa, pois nelas as classes sociais imprimiam suas concepções culturais, dialogando diretamente com seus leitores explícitos e implícitos.

As tipografias sorocabanas, oficinas das imagens modernas.

Esses estudos realizados sobre a produção tipográfica na cidade de São Paulo, trazem importantes contribuições à compreensão das cidades do interior do estado, se atuarem como perguntas a serem submetidas à maiores pesquisas empíricas, trazendo à tona as especificidades locais. No caso de Sorocaba, o período da primeira república também representou um momento de crescimento urbano e de expansão do mercado tipográfico. O crescimento populacional, o surgimento de postos de trabalho, o aparelhamento dos poderes públicos, a abertura de novas escolas, entre outras possibilidades relacionadas a esse processo de urbanização, demandaram novos profissionais, capazes de registrarem o trabalho realizado, de administrarem a produção de suas empresas, contabilizarem os fluxos de caixa, necessitando assim de uma produção tipográfica maior.

A primeira república apresentou um universo social diferenciado na cidade, mais complexo na comparação com a época imperial. Os embates entre grupos políticos tradicionais e setores sociais em ascensão foram registrados em jornais, revistas, almanaques, panfletos, cartas, etc. Procurando atender, tanto às necessidades de um mercado consumidor em expansão como concorrer com as forças políticas que pretendiam potencializar sua capacidade de articulação – ao mesmo tempo em que buscavam maior visibilidade e legitimidade social –, as classes dominantes sorocabanas investiram na ampliação do parque tipográfico local.

Sorocaba não tinha as mesmas condições do Rio de Janeiro e de São Paulo para acompanhar o crescimento da produção tipográfica. O mercado consumidor era menor, a circulação monetária também, mas as elites locais pretendiam consolidar sua posição na cidade, difundindo suas concepções e projetos através de uma imprensa fiel.

Entre as tipografias que se destacaram no período focalizado, posso citar a *15 de Novembro*, a *Cruzeiro do Sul*, a *Werneck*, a *Diario de Sorocaba* e a *O Clarim da Luz*.⁷⁰ No ramo tipográfico sorocabano, as três primeiras apontadas acima são os estabelecimentos que participaram diretamente da produção, divulgação e distribuição dos almanaques e revistas, documentos fundamentais da presente pesquisa. Porém, antes dessas tipografias representarem os estabelecimentos mais conhecidos da cidade nas décadas iniciais do regime republicano, uma renomada empresa que prestava bons serviços fez sua fama nesse ramo de atividade, inclusive fora de Sorocaba.

Segundo historiadores sorocabanos, a *Casa Dursky* foi uma das mais famosas tipografias do estado de São Paulo, nas primeiras décadas da república brasileira. O nome desse estabelecimento ficou conhecido porque o seu proprietário, o imigrante polonês Julio Wiezerky Dursky, comandava pessoalmente a realização dos trabalhos de fino acabamento, atendendo os pedidos dos clientes mais exigentes. Julio Dursky fixou residência em Sorocaba a partir de 1874, quando chegou à cidade com 24 anos⁷¹. Logo após escolher a cidade, o então novo morador fundou o primeiro atelier fotográfico da urbe⁷². Sempre trabalhando com o ramo comercial, em 1890 Julio Dursky amplia seus

⁷⁰ “Imprensa Sorocabana (1842-1913)”. In: **Almanach Ilustrado de Sorocaba para 1914**, pp. 169-172.

⁷¹ ALMEIDA, Aluísio de. “Cultura sorocabana no tempo das feiras”, jornal *Cruzeiro do Sul*, 20/02/1977. Recorte de jornal encontrado no Museu Histórico Sorocabano, s. n.

⁷² Idem.

negócios e abre uma tipografia em Sorocaba⁷³, sendo que essa nova casa rapidamente foi reconhecida pela qualidade de seus trabalhos, atraindo consumidores de São Paulo e Rio de Janeiro. Pouco tempo depois, o concorrido tipógrafo faleceu em 1893⁷⁴. A *Casa Dursky* continuou seus trabalhos com Julinho Dursky,⁷⁵ o que garantiu a continuidade dos serviços prestados anteriormente. Mas em 1901 o estabelecimento foi transferido para São Paulo. A partir desse momento, Sorocaba deixou de contar com um dos seus estabelecimentos comerciais mais famosos.

A transferência da tipografia para São Paulo não é registrada com exatidão pelo historiador Aluísio de Almeida. Segundo esse autor, que escreveu sobre a *Casa Dursky* em inúmeros artigos, um dos motivos da transferência para a capital do estado seria a possibilidade de atender os melhores clientes que estavam nessa cidade. Já o professor Genésio Machado, que contribuiu para o *Almanaque de Sorocaba do ano santo de 1950*, afirma que a *Casa Dursky*, “o mais importante estabelecimento gráfico do interior, àquele tempo”, foi transferida para São Paulo por motivo de venda⁷⁶.

Porém, nenhum dos autores registra que a cidade sofria entre 1899 e 1900 sua segunda epidemia de febre amarela. Esse é um momento difícil para os moradores da cidade que perderam várias oportunidades de trabalho e de negócios. Com as epidemias de febre amarela – a primeira em 1897 – os negócios e a vida social perderam seu ritmo mais intenso. Conforme afirmei no capítulo 2 deste trabalho, muitos foram os moradores que procuraram sair de Sorocaba para evitar o contágio da doença. Nesse período, a *Casa Dursky* já contava com um escritório em São Paulo, ampliando os contatos comerciais com os clientes da capital do estado. Sem dúvida, o mercado paulistano era mais atraente para uma tipografia – para tomar o exemplo em questão – do que o mercado sorocabano. Se as epidemias não atrapalharam os negócios da família Dursky, o mercado de São Paulo deve ter pesado muito para a transferência do maquinário desse estabelecimento de Sorocaba para a capital.

Após a transferência, ou venda, da *Casa Dursky*, as tipografias *15 de Novembro* e *Cruzeiro do Sul* ficaram em evidência na cidade. A *Typographia 15 de*

⁷³ Idem.

⁷⁴ ALMEIDA, Aluísio de. “Lendas e narrativas sorocabanas: Julio W. Dursky”, jornal *Cruzeiro do Sul*, 02/08/1970. Recorte de jornal encontrado no Museu Histórico Sorocabano, s. n.

⁷⁵ Idem.

Novembro Editora foi fundada na década de 1890 com o objetivo, dentre outros, de publicar um jornal republicano na cidade. O seu proprietário, João José da Silva, era um conhecido comerciante na cidade à época, pois ele tinha se estabelecido em Sorocaba no início da década de 1870.

A chegada de João José da Silva à cidade tem relação com os empreendimentos tipográficos do capitalista Matheus Maylasky, um dos investidores que contribuíram para a formação da Estrada de Ferro Sorocabana no início da década de 1870. Maylasky pretendia, junto com outros capitalistas, fazer circular um jornal que defendesse os interesses do grupo de sorocabanos (BADDINI, 2000:.156) que ele liderava, realizando empreendimentos considerados novos para o período. Devido à resistência dos capitalistas conservadores da cidade, Maylasky defendia a publicação de um jornal para conquistar mais simpatizantes e ampliar seus negócios.

O então novo morador da cidade trabalhou em vários jornais como tipógrafo, periódicos que não tiveram grande duração, mas que lhe proporcionaram experiência no ramo. Começando no jornalismo como tipógrafo de *O Sorocaba*, *O Sorocabano*, *Gazeta Comercial*, (ALEIXO IRMÃO, 1995: 192) todos periódicos locais editados na década de 1870, João José da Silva chegou à condição de jornalista. Como eram comuns os casos no período, muitos profissionais da imprensa começavam pelas oficinas para chegarem às redações (BONADIO, 1995: 153). Além de trabalhar no jornalismo, foi proprietário de um armazém de suprimentos na cidade, como atestam documentos de cartórios sorocabanos, entre os quais hipotecas assinadas por clientes devedores de seu estabelecimento.

Em fevereiro de 1891, o então jornalista e comerciante fundou *O Alfinete*, jornal que circulou por um ano, quando foi substituído pelo jornal *O 15 de Novembro*. A partir desse ano, a *Typographia 15 de Novembro* passou a ter no jornal o seu grande produto. Como quase todos os estabelecimentos tipográficos de Sorocaba no período estudado, a tipografia funcionava no mesmo prédio da papelaria e livraria que tinha o mesmo nome.

Esse tipo de atividade conjunta pode levantar algumas questões. Por que uma tipografia funcionava junto a uma papelaria? O mercado local não era capaz de manter um estabelecimento tipográfico sem venda direta? Um jornal não garantia rentabilidade

⁷⁶ MACHADO, Genésio. “Sorocaba no século XX”. *Almanaque de Sorocaba do ano santo de 1950*, p. 41.

suficiente para a especialização dessa empresa? Infelizmente não tenho informações mais precisas para responder com certeza essas questões, mas acredito que a constituição de uma empresa tipográfica junto a uma papelaria e livraria apenas otimizava os lucros do comerciante. Por sinal, essa era uma prática comum em inúmeras cidades; eram raros os exemplos de tipografias que funcionavam separadas de papelarias ou mesmo livrarias. Com certeza, o mercado da época era menos complexo que o atual e o funcionamento de um negócio como esse deveria ser o mais lucrativo possível.

Como proprietário e redator do jornal *O 15 de Novembro*, João José da Silva sempre esteve muito próximo das elites republicanas da cidade, que controlavam os poderes públicos. Assim, seu jornal foi pautado por uma parcialidade política, cultivando boas relações com os administradores públicos, desde a sua constituição. Nessas condições, o jornal *O 15 de Novembro* foi publicado entre 1892 e 1908⁷⁷.

Em 1902, João José da Silva passou a direção de sua tipografia para a esposa, Maria Vieira da Silva. Nesse ano, João José da Silva prestou exame para efetivação no cargo de 2º tabelião em São Paulo. Depois que passou a trabalhar como tabelião, João José da Silva deixou de ser legalmente o proprietário do jornal, tipografia e papelaria *15 de Novembro*. Porém, não deixou de ter uma atuação social intensa na própria cidade de Sorocaba. Maçom da Loja Perseverança III, chegando a condição de venerável da referida loja, o tabelião João José da Silva administrou por muitos anos com a família os negócios sorocabanos, que funcionavam desde a década de 1890.

Entre os anos de 1907 e 1914, o registro de pagamento de licença da Câmara Municipal de Sorocaba tem como denominação da empresa pagadora, Maria Vieira da Silva & Cia.⁷⁸ Em 1915, a Codificação de Leis da Câmara Municipal de Sorocaba (1914-1915) foi impressa pela *Typographia 15 de Novembro*. Esses dados apontam a longevidade e as boas relações dessa empresa com o poder público local.

A história da *Typographia 15 de Novembro Editora* é interessante porque, além de publicar o jornal *O 15 de Novembro*, foi a empresa responsável pela publicação dos almanaques para 1903 e 1904 da cidade de Sorocaba. E é certo que no período da produção desses almanaques, a referida tipografia correspondia aos interesses dos grupos

⁷⁷ “Imprensa Sorocabana (1842-1913)”. In: **Almanach Ilustrado de Sorocaba para 1914**, pp. 169-172.

⁷⁸ **Livro de Alvarás de Licença (1907-1914)**. Volume 337 do Serviço de Arquivo Geral do Museu Histórico Sorocabano.

que controlavam a Intendência e a Câmara Municipal de Sorocaba. O jornal *O 15 de Novembro* era o maior defensor das autoridades municipais, canal de veiculação dos discursos situacionistas, crítico dos grupos rivais que se manifestavam no período.

Quando da dissidência do PRP em 1901, o jornal *O 15 de Novembro* manteve-se ao lado das forças políticas situacionistas. Esse canal de comunicação era bi-semanário. Defendendo veementemente as lideranças que controlavam a administração pública, esse órgão de imprensa atacava constantemente o grupo dissidente do PRP sorocabano, que não tardou muito para montar seu próprio jornal.

Os embates políticos entre situação e dissidentes promoveram a constituição do jornal *Cruzeiro do Sul*, editado pela *Typographia e Papelaria Cruzeiro do Sul*. Controlado pela família Pires, o *Cruzeiro do Sul* foi publicado pela primeira vez no dia 12 de junho de 1903. Inicialmente bi-semanário, passou a ser publicado três vezes por semana em 1907. No ano seguinte, ocupando o espaço do “concorrente” *O 15 de Novembro* que deixou de ser publicado, transformou-se em jornal diário.⁷⁹

O jornal *Cruzeiro do Sul* era dirigido por Joaquim Firmiano de Camargo Pires. Filho do Cel. Benedito Antonio Pires, nasceu na cidade de Cotia (SP) em 1874, onde seu pai era fazendeiro⁸⁰. O Cel. Benedito Pires mudou-se para Sorocaba com a família em 1877, quando adquiriu uma fazenda de José Ferreira Prestes.⁸¹ Nesse mesmo ano, Benedito Pires comprou “o sobradão do doutor inglês Adams, genro do barão de Mogi-Mirim, à rua das Flores”.⁸² Esse imóvel seria no futuro a sede do jornal controlado pela família.

Logo que chegou em Sorocaba, Benedito Pires aproximou-se do grupo republicano, liderado então por Olivério José do Pilar. Esses dois homens foram os principais líderes republicanos da cidade na década final do Império e, quando a república foi proclamada, o primeiro foi nomeado intendente, enquanto o segundo assumiu a delegacia de polícia local.⁸³

⁷⁹ “Imprensa Sorocabana (1842-1913)”. In: **Almanach Ilustrado de Sorocaba para 1914**, pp. 171.

⁸⁰ “Vultos de Sorocaba: Joaquim Firmiano de Camargo Pires”, jornal *O 3 de Março*, 13/07/1958, Ano II, nº 55, p. 8.

⁸¹ ALMEIDA, Aluísio de. “Biografias sorocabanas: primeira parte – história antiga”. IN: **Revista do Arquivo Municipal**, CLII. São Paulo: Gráfica da Prefeitura Municipal de São Paulo, Secretaria de Educação e Cultura, Departamento de Cultura, 1952, pp. 13-39.

⁸² Idem.

⁸³ ALMEIDA, Aluísio de. “Lendas e narrativas sorocabanas: os Pires de Camargo em Sorocaba”, jornal *Cruzeiro do Sul*, 06/01/1969. Pasta nº 12, Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba.

Junto com o irmão, o Cap. João Climaco de Camargo Pires, Joaquim Firmiano participou ativamente da política em Sorocaba, tanto compondo o PRP local, como lutando por espaços na administração pública da cidade. Nhô Quim, como era conhecido na cidade Joaquim Firmiano, desde 1895 experimentava a condição de jornalista, quando começou a editar um jornal manuscrito que durou até 1902. Com frequência esporádica, o jornal *13 de Março* (nome que indicava a posição política do grupo no momento, pois esta foi a data do falecimento do Marechal Floriano Peixoto) ostentava como subtítulo a epígrafe “Órgão Republicano Intransigente”.⁸⁴ Depois de vários anos contando com contribuições de entusiastas do jornalismo sorocabano e ensaiando a produção de um jornal impresso com técnicas menos rudimentares, Nhô Quim partiu para o enfrentamento político na cidade, quando fundou o *Cruzeiro do Sul*. Este jornal nasceu para combater os grupos situacionistas, que dominavam o poder público de Sorocaba, sendo a “trincheira” dos dissidentes do PRP naquele momento.

Assim, o grupo dissidente também passou a possuir o próprio jornal, importante meio para divulgar suas posições políticas e contra-atacar as críticas das forças situacionistas, baseadas no jornal *O 15 de Novembro*. Com a publicação do *Cruzeiro do Sul*, os leitores da cidade puderam acompanhar um debate acirrado desses grupos antagônicos, através de seus respectivos órgãos de imprensa. Não economizando questionamentos aos homens que governavam Sorocaba, o jornal dos dissidentes por duas vezes sofreu tentativas de empastelamento de suas oficinas⁸⁵. Entre 1903 e 1906, esses jornais continuaram discutindo os rumos da administração da cidade e trocando acusações de cunho político e/ou pessoal, desqualificando os editores, redatores e simpatizantes em geral do grupo adversário.

Depois de publicarem acusações que pareciam não ter fim, o conagraçamento político do PRP no estado, ocorrido em 1906, diluiu, de uma hora para outra (de um dia para o outro), as divergências políticas. Os jornais rivais passaram imediatamente do antagonismo para a convergência de interesses. As duras críticas pessoais, as denúncias de abuso de poder público, os supostos descasos com o dinheiro da municipalidade foram

⁸⁴ “Vultos de Sorocaba: Joaquim Firmiano de Camargo Pires”, jornal *O 3 de Março*, 13/07/1958, Ano II, nº 55, p. 8.

⁸⁵ Idem.

substituídos por elogios, apoios e compromissos de participação na administração do “bem comum”.

Com o conagraçamento político, a existência de dois jornais situacionistas provavelmente perdeu sentido. Dois anos após tal junção, a família de João José da Silva, proprietária do jornal *O 15 de Novembro*, deixou de publicar seu órgão de imprensa, abrindo espaço para que o *Cruzeiro do Sul* passasse a ser um jornal diário. Com o conagraçamento estadual do PRP e a articulação das forças políticas locais, os Pires de Camargo participaram da administração de Sorocaba a partir de 1906, levando o Cap. João Climaco de Camargo Pires ao seu primeiro mandato de Intendente Municipal entre 1908 e 1911.⁸⁶

Assim, o *Cruzeiro do Sul*, jornal fundado para organizar a resistência aos grupos dominantes da cidade, passou a ser o porta-voz desses grupos com o fim do concorrente *O 15 de Novembro*. Interesses iguais, forças elitistas articuladas, a cidade agora contava com um grande jornal situacionista. Próximo dos administradores públicos a partir dessa época, o jornal *Cruzeiro do Sul* é atualmente o órgão de imprensa do interior mais lido na região de Sorocaba. Porém, a família Pires de Camargo deixou de ser a proprietária do jornal em 1926.⁸⁷ Desse ano para cá, o jornal passou por várias administrações, mas poucas vezes deixou de ser um órgão situacionista.

Em 1911⁸⁸, um novo estabelecimento comercial entrou no mercado de Sorocaba. A *Typographia e Papelaria Werneck* surgiu para introduzir nos anos posteriores produtos que o mercado de impressão local ainda não conhecia na cidade, devido à qualidade e sofisticação das publicações para a época.⁸⁹ Essa tipografia foi a responsável pela publicação do *Almanach Ilustrado de Sorocaba para 1914* e da *Revista A B C...*, documentos focalizados nesta pesquisa. Seu proprietário, Braulio Werneck, é um nome com poucos registros na história da cidade. A sua chegada em Sorocaba ocorreu provavelmente no ano em que abriu seu estabelecimento comercial. Como proprietário de

⁸⁶ “Vultos de Sorocaba: Cap. João Climaco de Camargo Pires”, jornal *O 3 de Março*, 17/03/1957, Ano I, nº 8, p. 8.

⁸⁷ “Vultos de Sorocaba: Joaquim Firmiano de Camargo Pires”, jornal *O 3 de Março*, 13/07/1958, Ano II, nº 55, p. 8.

⁸⁸ “Sorocaba Industrial”. In: **Almanach Ilustrado de Sorocaba para 1914**, pp. 89-90.

⁸⁹ Estou me referindo basicamente aos documentos focalizados nesta pesquisa.

uma tipografia e papelaria no centro da cidade, à rua Barão do Rio Branco,⁹⁰ seu nome poderia ter aparecido na primeira década do século XX. Contudo, os primeiros registros estão no Livro de Alvarás de Licenças da Câmara Municipal de Sorocaba.⁹¹ A procura por documentos em cartórios da cidade não gerou resultados. O nome do comerciante não foi encontrado nos cartórios mais antigos de Sorocaba.

Excluindo as informações encontradas nas publicações que o mesmo editou, o seu nome surgiu na imprensa local em 1914, quando o jornal *Cruzeiro do Sul* destacou o lançamento do *Almanach Illustrado de Sorocaba* para esse ano.⁹² Depois dessa data, o mesmo jornal voltou a informar no decorrer de 1914 os novos projetos e lançamentos que Braulio Werneck esteve empenhado, principalmente nos lançamentos da revista literária *A B C ...*

No início do meu trabalho de pesquisa, manuseando os documentos que foram editados pelo sr. Werneck, tive a impressão que seu nome seria um dos mais recorrentes na história da imprensa sorocabana no início do século XX. Porém, no decorrer do trabalho, minha surpresa foi perceber que este comerciante, escritor, tipógrafo deixou raríssimas marcas nessa história. Se ele não teve condições para registrar seu nome, outros personagens e historiadores da cidade também não contribuíram para o esclarecimento de sua participação na vida cultural de Sorocaba.

Acredito que este seria um nome importante da imprensa local na década de 1910, principalmente pela sua participação nos projetos do almanaque de 1914 e da revista literária que seu estabelecimento publicou. Mas a que se deve esse esquecimento? Por que um proprietário de um estabelecimento comercial, com a especificidade de seu ramo, não ficou registrado entre os principais incentivadores da cultura local? Por ter nascido em outra cidade, o referido comerciante acabou desqualificado historicamente? Seu negócio teria falido e com ele sua reputação de comerciante? A crise econômica da década de 1910 provocou o fechamento ou a transferência do negócio para outra cidade? Este tipógrafo não

⁹⁰ A referida rua é ainda hoje uma das mais movimentadas áreas de comércio da cidade. A uma quadra da praça da Matriz, posso afirmar que já em 1911 era um ponto comercial privilegiado de Sorocaba.

⁹¹ A partir de 1911, o comerciante Braulio Werneck paga 75\$000 para a municipalidade. Esse valor era o mesmo que outras tipografias da cidade pagavam no período. **Livro de Alvarás de Licenças (1907 a 1914)** Câmara Municipal de Sorocaba. Volume 337 do Serviço de Arquivo Geral do Museu Histórico Sorocabano.

⁹² “Almanach Illustrado de Sorocaba”, jornal *Cruzeiro do Sul*, 21/01/1914, Anno XI, nº 2333, p. 1.

atendeu aos objetivos das elites locais que controlaram a imprensa pelas décadas seguintes? Seus empreendimentos não foram considerados valiosos para a história da imprensa local?

Não é fácil compreender o apagamento desse homem na história de Sorocaba. Eu poderia pensar que sendo um sujeito natural de outra cidade – não sei dizer qual – Braulio Werneck pode ter contado com a má vontade dos sorocabanos de sua época, para ser reconhecido como uma pessoa importante. Numa cidade que recebia novos moradores constantemente, a situação do sr. Werneck não deixava de incomodar os bairristas de Sorocaba. Apenas pude constatar que Braulio Werneck não era sorocabano com seu texto de apresentação do almanaque de 1914, na qual ele afirma

*sobrepuz ao meu bem particular o bem geral, visando tão somente o engrandecimento desta terra, que, si não é minha pelo nascimento, o é pelo coração.*⁹³

Nenhuma informação complementar, nenhuma indicação que possibilite saber sua terra natal. “Apaixonado” pela cidade, Braulio Werneck foi esquecido posteriormente por seus memorialistas e historiadores. Como essa “paixão” arrebatou o comerciante? O que atraiu o sr. Werneck a Sorocaba? Com quais grupos sociais o sr. Werneck construiu maiores laços? Questões não faltam sobre o referido comerciante e, infelizmente, as informações são escassas sobre sua vida antes, durante e depois de sua passagem por Sorocaba.

Sobre seu período na cidade, tenho algumas hipóteses. Desde que Braulio Werneck chegou à Sorocaba, ele deve ter construído boas relações com as classes dominantes. Como comerciante não poderia desprezar o peso das elites sorocabanas nos seus negócios. Sem poder afirmar qual a razão especificamente que levou esse homem a residir e trabalhar na cidade, uma situação fica evidente: em pouco tempo Braulio Werneck estava próximo do grupo social que controlava o poder público da cidade, participando das rodas sociais dos literatos que colaboravam com o jornal *Cruzeiro do Sul*, atraindo para os projetos em que esteve envolvido (o almanaque de 1914, a revista literária) pessoas que

⁹³ “Apresentando”. In: **Almanach Ilustrado de Sorocaba para 1914**, p. 6.

representavam os interesses dessas elites, inclusive do advogado Luiz Pereira de Campos Vergueiro,⁹⁴ maior liderança política da cidade nas décadas de 1910 e 1920.

É certo que com sua empresa tipográfica e a aproximação dos jornalistas da cidade, Braulio Werneck contribuiu para agitar a vida cultural de Sorocaba, aplicando “grandes esforços” para a publicação do *Almanach Illustrado de Sorocaba para 1914* e da *Revista A B C ...*

Após essas contribuições para a imprensa sorocabana, o editor Braulio Werneck desaparece da história da cidade. Com raríssimas informações, o forasteiro Werneck não é lembrado/reconhecido como o principal editor/organizador do *Almanach Illustrado*, nem da *Revista A B C.*, em textos que discorrem sobre a história da imprensa sorocabana. As raras informações encontradas sobre o referido editor, revelam que este foi considerado um personagem menor para a imprensa local. Pelo menos à distância do tempo, a desvalorização desse homem retrata uma indiferença em torno de seu papel social, ou mesmo de sua atividade profissional.

Uma das constatações interessantes da história dessas tipografias sorocabanas é que nenhum dos principais proprietários desses estabelecimentos comerciais nasceu na cidade, onde a maioria alcançou boa reputação. Julio Dursky, João José da Silva, Joaquim Firmiano de Camargo Pires e Braulio Werneck são todos nascidos fora de Sorocaba. Coincidência significativa para esse período, marcado pela chegada de novos moradores numa cidade em rápido crescimento populacional. Coincidência que também revela a “importação” de técnicos e comerciantes desse ramo para a cidade.

O jornal *O Operario*

Entre os jornais sorocabanos publicados no período focalizado, um se destacou como o “porta-voz” das classes trabalhadoras. O jornal *O Operario* foi um órgão da imprensa local dirigido por trabalhadores da cidade, defendendo a unidade das classes trabalhadoras na luta contra o sistema capitalista opressor e ressignificando em parte o discurso triunfante da *Manchester Paulista*.

⁹⁴ Luiz Pereira de Campos Vergueiro mantinha boas relações com os editores sorocabanos da revista literária *A B C ...* Nessa revista, seu escritório de advocacia estampou anúncios em quatro números.

Sobre este periódico, o historiador Luiz Carlos Barreira desenvolve atualmente pesquisas que abordam os principais eixos temáticos presentes em suas edições: organização operária, trabalho, educação, higiene, saúde pública, mulher e infância, dentre outros. Segundo Barreira,

“o jornal sorocabano O Operario, autodenominado órgão de defesa da classe operária, veio a público a 18 de julho de 1909. Surgiu, inicialmente, com uma proposta de edição quinzenal, mas, a partir do seu sexto número, passou a circular todos os domingos.

Exceção feita a algumas poucas edições, o jornal sempre procurou ser regular e pontual. Nas poucas vezes em que não o conseguiu (umas dez vezes ao longo de todo o seu ciclo de vida), sempre fez questão de informar o seu leitor sobre as razões dos atrasos que, diga-se de passagem, raramente ultrapassavam uma semana. Esse procedimento, bastante incomum na imprensa sorocabana de então, denota, pelo menos, uma certa consideração do editor para com o leitor.

*Ao que tudo indica, 23 de novembro de 1913 foi o último dia em que O Operario circulou na cidade de Sorocaba e região.”*⁹⁵

Editado pela tipografia *O Clarim de Luz*, (BONADIO, 1995: 150) seus primeiros números contaram com a colaboração financeira de estabelecimentos comerciais da cidade, inclusive de capitalistas membros da maçonaria, mais precisamente da Loja Maçônica Perseverança III (idem: 158), a loja que entre seus integrantes contava com o advogado Luiz Pereira de Campos Vergueiro, a liderança política mais atuante no período em Sorocaba. Essa relação inicial de financiamento publicitário não foi constante. Com o tempo, o tom do discurso social do jornal deve ter sido considerado radical e/ou revolucionário por alguns capitalistas da cidade, que diante da situação embaraçosa de financiar um órgão “comunista”, deixaram de anunciar no jornal. Por parte do jornal, a prática de anúncios dos capitalistas não representava a dependência econômica essencial em relação a sua existência. Para o historiador Luiz Barreira, a existência do jornal estava

⁹⁵ Luiz Carlos BARREIRA. *Escola, periodismo e vida urbana: imprensa operária e formação da classe trabalhadora em São Paulo (1888-1925)*.

relacionada às verbas obtidas com o pagamento das assinaturas.⁹⁶ Essa opinião se confirma, porque nem sempre o jornal publicava anúncios e essa situação não significava uma desestabilização das publicações futuras.

É interessante observar que esse órgão de imprensa, dirigido por trabalhadores que lutavam pela causa operária, chegou a vender espaços publicitários para armazéns, alfaiates, estúdios fotográficos e casas de espetáculos. Penso que era mais importante para os comerciantes anunciarem do que para o jornal vender os espaços. Não quero afirmar com isso que o dinheiro da publicidade não auxiliava a publicação do jornal. Apenas considero que os comerciantes buscavam um objetivo específico: ganhar a preferência de uma clientela local engajada nos movimentos sociais. Quer dizer, os anunciantes sabiam das tendências sociais do jornal e, com isso, procuraram mais clientes entre os trabalhadores da cidade, pessoas que simpatizavam com os ideais socialista e anarquista. Com esses anúncios, *O Operario* nos reforça a idéia de que o número de trabalhadores simpatizantes dos movimentos sociais na cidade era expressivo.

De orientação socialista, o jornal não descartava a relação com grupos anarquistas da cidade. Buscando agregar forças entre os trabalhadores para a causa operária, os editores abriam espaço para todos os interessados em discutir os problemas dos trabalhadores sorocabanos e/ou brasileiros.

Por isso, as imagens triunfantes da *Manchester Paulista*, engendradas pelos jornais elitistas de Sorocaba, eram ressignificadas no órgão de imprensa da classe trabalhadora local. Porém, a posição de defensor incondicional das classes trabalhadoras que os redatores de *O Operario* procuravam enfatizar não afastava esse órgão de imprensa de concepções que também os liberais defendiam. A educação é um dos temas que posso destacar como exemplo dessa aproximação entre o discurso liberal das classes dominantes e o discurso socialista do jornal *O Operario*.

Analisando edições do segundo semestre de 1911 do referido jornal, o historiador Luiz Carlos Barreira acompanhou as reivindicações dos trabalhadores sorocabanos que diziam respeito às jornadas diárias nas grandes fábricas de tecidos e da falta de condições para que os mesmos frequentassem as escolas noturnas da cidade.

⁹⁶ Idem.

Reclamando das longas jornadas de trabalho e dos horários de término de produção nas grandes indústrias locais, o jornal cedia espaço aos descontentes operários.⁹⁷

Sinalizando para jornadas de trabalho reduzidas ou antecipadas, o jornal trazia textos de operários que defendiam o direito à educação escolar das classes trabalhadoras, que segundo consta eram impossibilitadas de freqüentar as aulas dos cursos disponíveis devido o regime intenso de produção nas fábricas.

Barreira entende que os redatores e colaboradores do jornal *O Operario* atribuíam a educação escolar um poder redentor contra os males sociais que acometiam os operários. Com a capacidade de livrar os futuros trabalhadores do vício, da corrupção e do crime, a escola ainda era importante para conscientizar a classe.⁹⁸

Nesse sentido, o jornal *O Operario* deixava muito próximo o discurso das classes trabalhadoras em relação aos olhares dominantes. Tanto para os trabalhadores como para as elites a educação institucionalizada tinha um papel emancipador. A defesa do direito à educação que os trabalhadores fizeram através do órgão de imprensa sorocabano corresponde ao ideário burguês de conhecimento formal, necessário para o desenvolvimento pleno do sujeito. Rotulando o analfabeto como um sujeito fadado à infelicidade e à escravidão, o jornal *O Operario* reforçava a concepção de progresso do sujeito através do conhecimento adquirido em instituições de ensino. È evidente que reivindicar escolas para os trabalhadores e seus filhos também significava questionar as relações sociais vigentes. Contudo a imagem da instituição escolar como detentora de poderes emancipadores estabelece diálogos entre os sujeitos das diferentes classes sociais.

Se no tema educação os olhares não eram tão diferenciados, os redatores e colaboradores do jornal *O Operario* questionavam a visão romântica do progresso industrial que as classes dominantes instituía. Diversas matérias apresentavam denúncias das condições de trabalho nas fábricas, de multas aplicadas, de salários descontados e de assédio sexual. Uma das grandes lutas do operariado brasileiro no período era em relação à extensa jornada de trabalho diária. Nas fábricas sorocabanas em 1910, o operário iniciava sua jornada às cinco horas da manhã, estendendo seu turno único até o final do dia.

⁹⁷ O trabalho do historiador Luiz Carlos BARREIRA que estou me referindo é **Teares parados tecem a escola do amanhã: a luta dos tecelões sorocabanos, no início do século XX, pelo direito à educação.**

⁹⁸ Idem.

“As Fábricas de tecidos Santa Maria e Santa Rosalia trabalham até às oito e meia da noite (!!!), e da Nossa Senhora da Ponte até as sete.”⁹⁹

As multas aplicadas às trabalhadoras eram consideradas injustas pelo jornal, que denunciava os métodos “infames” de descontos no salário.

“No dia 10 do corrente, pelas 4 e 15 da tarde, realizou-se, nesta fabrica, o pagamento do pessoal, no escriptorio da mesma (...) as multas impostas pelo Sr. Fletcher, o famigerado Fletcher, foram descontadas nos vencimentos de pobres mulheres que não ganham o sufficiente para manter-se. (...)

O famigerado Fletcher, o heroico subgerente da Fabrica Santa Maria multou á pobres operárias por entrarem com atrazo de cinco minutos! (...)

Imaginem os leitores, uma pobre operaria que ganha apenas uma ninharia por dia, o que não é sufficiente para o seu sustento soffrer uma multa de 2\$000 reis por ter comparecido ao trabalho 3 a 5 minutos depois da hora?

Não é isto uma pouca vergonha, uma baixeza mesmo?(...)

Infamias desta natureza só podem partir de quem não tem uma só gotta de humanidade.”¹⁰⁰.

O trabalho infantil também recebia descontos. Às crianças eram aplicadas as penalidades e os descontos chegavam a ser ainda mais rigorosos.

"Acha-se em nossa redacção um talão de conta, de um menor de 10 a 12 annos mais ou menos que trabalha na fabrica S. Maria, com os seguintes dizeres

| | | |
|-------------------------------|----------------------|----------------|
| <i>29 dias e três quartos</i> | <i>600 réis</i> | <i>17\$850</i> |
| | <i>Foot Boll</i> | <i>1\$000</i> |
| | <i>Multa</i> | <i>1\$000</i> |
| | <i>Botequim</i> | <i>9\$800</i> |
| | <i>P. Votorantim</i> | <i>1\$000</i> |

⁹⁹ “Escolas nocturnas”, jornal *O Operario*, 02/10/1910, anno II, n° 53, p. 01.

Total dos Descontos 12\$800

A receber 5\$050.

Um menor! sofrer tantos descontos de couzas ilícitas, trabalhar uma criança 29 dias e tanto para ganhar 17\$850 e tirão-lhe 12\$800 de botequim e jogo! Que couza de utilidade compraria no botequim esse menor!?”¹⁰¹

Com as mulheres exercendo seu trabalho nas fábricas surgiam tensões que ultrapassavam a relação capital – trabalho, passando a ser constantes as reclamações contra a conduta imprópria/inadequada de mestres e/ou contra-mestres.

“A Senhorita Luiza Alves, retirou-se da fabrica Fonseca, por não supportar as propostas indecorosas que lhe dirigia o mestre da fabrica que além de perder-lhe o respeito, a qualificava de orizontal. Ninguem soube defender a honra dessa pobre moça, não dar uma licção ao atrevido mestre da fabrica.”¹⁰²

Indignados com o atrevimento de funcionários mais graduados na fábrica, os editores do jornal reclamavam também da indiferença dos homens, companheiros de trabalho da mulher, que não lutavam frente a situações como essa. Para o jornal, as mulheres não eram concorrentes da força de trabalho masculina. Ao contrário, homens e mulheres deveriam unir forças contra os abusos do capital e de seus agentes famigerados, como os mestres malfeitores. No entanto, era comum o jornal operário sorocabano fazer reclamações contra o posicionamento machista omissivo dos homens. Segundo *O Operario*, em relação às trabalhadoras desrespeitadas, o trabalhador

“sabe calar quando factos escandalosos e reprovados se succedem diariamente nas fabricas.”¹⁰³

¹⁰⁰ “Os horrores da Santa Maria”, jornal *O Operario*, 18/12/1910, anno II, nº 64, pp. 1-2.

¹⁰¹ “Digno de manifestação”, jornal *O Operario*, 19/12/1909, anno I, nº 14, p. 1.

¹⁰² “A moral na Fabrica Fonseca”, jornal *O Operario*, 11/08/1912, anno IV, nº 144, p. 2. ¹⁰² Idem.

Capítulo 4 - Apresentando os almanaques e as revistas: adentrando seu formato, estrutura, revisitando seus redatores

A primeira série de almanaques

As análises dos documentos focalizados por esta pesquisa serão apresentadas conforme a ordem cronológica de suas publicações e distribuições. Primeiramente, focalizarei almanaques para os anos de 1904 e 1914. Num segundo momento, apresentarei as as edições da revista literária *A B C ...*, produzidas entre abril e setembro de 1914.

Entendo que as tipografias envolvidas na publicação de seus respectivos almanaques estavam empenhadas à época em criar séries desses livros para o público leitor sorocabano e, possivelmente, para os potenciais leitores de outras cidades que tivessem interesse nesse tipo de publicação. Nas leituras das apresentações de ambos almanaques podem-se encontrar referências às projetadas futuras publicações do gênero. Porém, essas publicações não tiveram continuidade.

A primeira série foi idealizada pela *Typographia 15 de Novembro*, que lançou o *Almanach de Sorocaba para 1903* e o *Almanach de Sorocaba para 1904*. Por falta de condições materiais, de dados históricos para o apoio da pesquisa, enfim, de documentos que pudessem viabilizar uma análise do *Almanach de Sorocaba para 1903*, focalizei nesta pesquisa apenas o segundo almanaque dessa série.

As poucas informações disponíveis sobre o *Almanach de Sorocaba para 1903* estão no jornal editado pela mesma tipografia, *O 15 de Novembro*. No artigo “Letras sorocabanas”, de cinco de março de 1903, o jornal informa seus leitores sobre o lançamento dessa publicação.¹⁰⁴ A data do artigo chama a atenção, pois o lançamento de um almanaque, sempre que possível, acontecia no final do ano anterior ou logo no início do ano correspondente.

Como primeira publicação do gênero na cidade, os editores deveriam estar contando com a novidade do produto tipográfico para sanar o suposto atraso de no mínimo três meses. Primeiro de uma série que se pretendia publicar, o almanaque sorocabano de 1903 foi lançado por uma tipografia que contava na época com mais de dez anos de

¹⁰⁴ Jornal *O 15 de Novembro*, 05/03/1903, Anno XI, nº 1005, p. 1.

funcionamento. O suposto atraso, na comparação com outras publicações do gênero, não inviabilizaria a venda do produto, mas poderia torná-lo mais difícil de se comercializar. Estas últimas minhas reflexões baseiam-se em publicações de outros almanaques.¹⁰⁵ Não pretendo desqualificar a experiência que os proprietários da *Typographia 15 de Novembro* acumularam no mercado local desde a década de 1890, nem tenho outros dados para afirmar que o almanaque teve problemas de atraso no cronograma de sua edição. Mas a comercialização dessa publicação não deve ter alcançado os objetivos comerciais estipulados pela tipografia, pois o jornal *O 15 de Novembro* nos dá alguns indícios quando observamos anúncios desse produto de março a julho de 1903.

Os anúncios publicados no jornal *O 15 de Novembro* saíram em todas as edições entre cinco de março e vinte e seis de julho. Para um jornal bi-semanário, a publicação recorrente dos anúncios traz a idéia de que o almanaque não foi vendido tão rápido/prontamente como a tipografia deveria estar esperando. Não preciso pensar em custo de publicidade nesse caso, porque a tipografia que anunciava era a mesma que editava o jornal. As peças de publicidade publicadas foram idênticas em todo o período, trazendo as seguintes inscrições:

Almanach de Sorocaba para 1903

Acaba de apparecer

Esta nova publicação insere indicações uteis, anedotas, charadas, enigmas, variada secção litteraria, detalhada parte indicadora, tanto industrial como commercial, notas historicas sobre Sorocaba, etc., etc.

Finissimas Illustrações

Á venda na Livraria 15 de Novembro

Volume brochdo, 3\$000 * Encadernado, 5\$000

Pelo correio mais \$500

Publicado sempre no tamanho 10 X 11 cms., no mês de março os preços foram os expostos conforme os dados acima. De abril a julho, apenas os preços foram

¹⁰⁵ Sobre a história da publicação de almanaques, dialogo fundamentalmente com o trabalho da historiadora Maria Carolina Bovério Galzerani, **O almanaque, a locomotiva da cidade moderna: Campinas, décadas de 1870 e 1880.**

mudados. O “volume brochdo” custava 2\$000 e o encadernado 4\$000. A diferença de preço a partir de abril e a publicação de anúncios até julho são sugestivas, acabam indicando algumas possibilidades. A primeira seria que a venda ficou realmente abaixo das expectativas da editora, forçando uma redução dos preços e a continuidade da publicidade até se esgotarem os almanaques disponíveis em estoque. A segunda passa pela inexperiência da editora com esse tipo de publicação, que imprimiu mais volumes do que o mercado seria capaz de comprar. A terceira me remete novamente ao atrasado da publicação, que mesmo sendo um produto novo para o mercado local, causou a estagnação das vendas (um volume de vendas abaixo do esperado). Mas continuo sem poder afirmar com segurança tal hipótese, pois não tenho dados sobre o cronograma da publicação dessa edição, o número de almanaques publicados ou o número de almanaques vendidos.

É certo que o primeiro almanaque publicado em Sorocaba, mesmo com os possíveis problemas em sua venda, não desanimou a *Typographia 15 de Novembro*, pois em 1904 surgiu o “segundo anno” da série.

No que se refere à estrutura do *Almanach de Sorocaba para 1903*, o artigo “Letras sorocabanas” informava que essa publicação

destina-se principalmente a fornecer ao leitor “um pallido reflexo do nosso desenvolvimento industrial”. Realmente, depois da leitura, deprende-se facilmente que as atenções da redacção foram principalmente attrahidas para a parte industrial que é cuidadosamente tratada, ornada das vistas das nossas principaes fabricas e melhorada com estatísticas exactas.

Alem dos calendarios, anedotas, charadas e variedades proprias ás publicações desta especie, e parte indicadora bem desenvolvida, insere o novo “Almanach” noticias historicas sobre Sorocaba, sua imprensa, seus principaes edificios e instituições, etc. De sua parte litteraria merece especial menção um estudo do talentoso moço sr. Erasmo Braga, com a epigraphe “Archeologia Oriental”, que no seu gênero, como synopsis technica, é o primeiro trabalho que se publica no Brazil; alem disso é adornado de interessantes clichés, todos elles gravados nas proprias officinas d’ “O 15”. Traz ainda o novo livro, vistas da cidade, praças e ruas, Paço Municipal, egrejas, Santa Casa de Misericordia, pavilhões de tuberculosos, Gabinete de Leitura, Club Aymorés,

Asylo S. Vicente de Paulo e outros edificios. As primeiras paginas abrem com os retratos dos srs. Luiz Nogueira Martins e Joaquim Marques Ferreira Braga. A capa, em papel achamlotado, impressa a tinta azul-celeste é illustrada em estylo “art nouveau”.

Além da descrição da estrutura geral do almanaque, é interessante notar nesta notícia a informação sobre a importância conferida ao “desenvolvimento industrial” de Sorocaba, apresentado com um texto “cuidadoso”, “ornado com vistas” das principais fábricas e “melhorado com estatísticas exatas”. Nesse ponto, o primeiro almanaque sorocabano parece ter sido um produto tipográfico também voltado para a divulgação do progresso local, instituinte de uma visão técnica, racional, baseada em imagens iconográficas e números que corroboram o olhar moderno construído pelos textos escritos.

Pela descrição do artigo, o almanaque de 1904 tem a mesma estrutura do almanaque de 1903. Com uma disposição das seções de forma muito parecida, a edição de 1904 não traz grandes novidades para o público leitor do almanaque anterior. Em certo sentido, é uma continuação da edição do ano anterior, visto que não foram publicados os textos sobre a imprensa sorocabana, o Gabinete de Leitura, as notas históricas e as indústrias locais. No texto publicado no almanaque de 1904 sobre a Santa Casa de Misericórdia, aparece a referência sobre o histórico da instituição presente na edição do ano anterior; após a referência o almanaque de 1904 apenas transcreve o número de pacientes atendidos mês a mês pela instituição em 1903. Assim, a edição de 1904 parece complementar a edição anterior.

O *Almanach de Sorocaba para 1904* é dividido em duas partes básicas. A primeira traz os textos escritos junto a algumas imagens iconográficas, enquanto a segunda parte é reservada apenas para os anunciantes da publicação.

Na primeira parte, os textos foram dispostos na seguinte ordem: *Ao publico, Introdução ao Calendario, Calendario, Chronologia Sorocabana (1903), A astrologia e o destino humano, Philosophia da vontade, Quinto Districto Agronomico, Heroe e martyr, Santa Casa de Misericórdia, Descobridora de fontes, A lua e o corte das arvores, Archeologia Oriental, Raça de portuguezes, Notas diversas, As nossas illustrações, Parte indicadora e o Indice.*

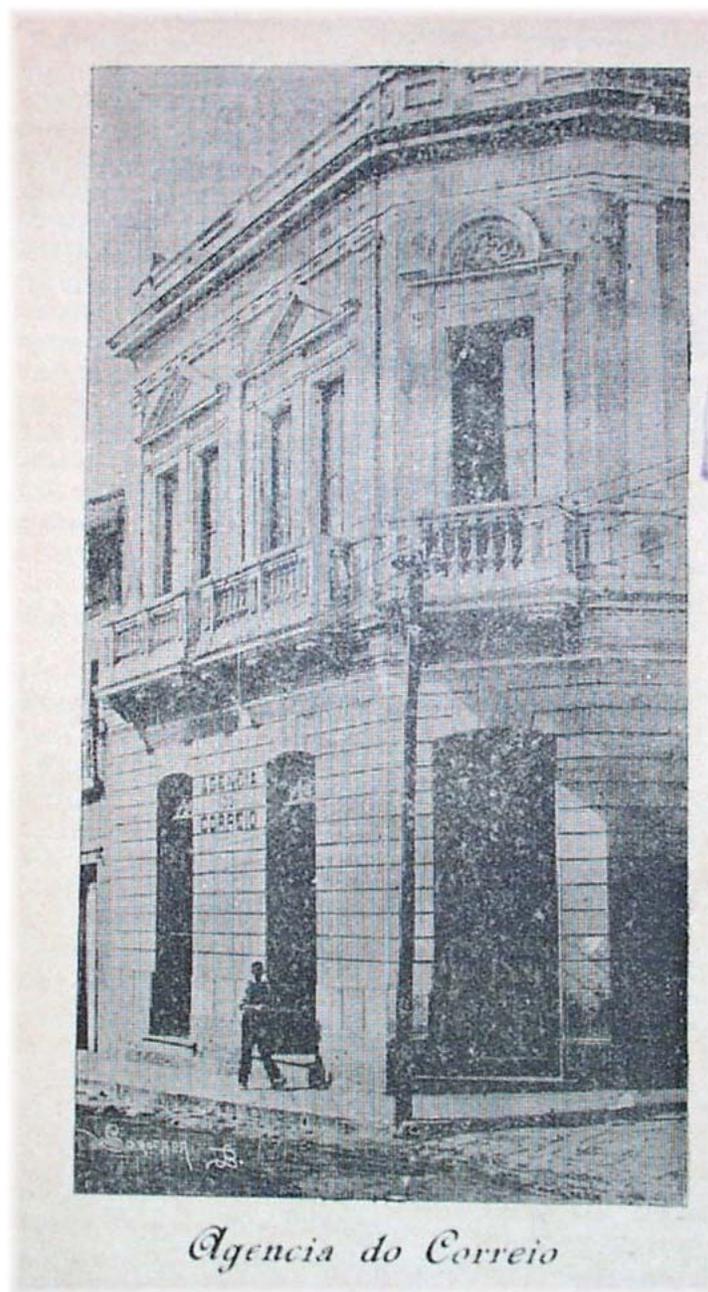


Imagem nº 1 – “Agencia do Correio”. Almanach de Sorocaba para 1904. Sorocaba – SP:
Typographia 15 de Novembro Editora, 1903, p. 73.



Imagem nº 2 – “Gabinete de Leitura Sorocabano – Bibliotheca” (antiga sede).
Almanach de Sorocaba para 1904. Sorocaba – SP: Typographia 15 de Novembro Editora,
1903, página sem numeração entre as páginas 80 e 81.



Imagem nº 3 – Publicidade do Almanach de Sorocaba para 1904. Sorocaba – SP:
Typographia 15 de Novembro Editora, 1903, página sem numeração.

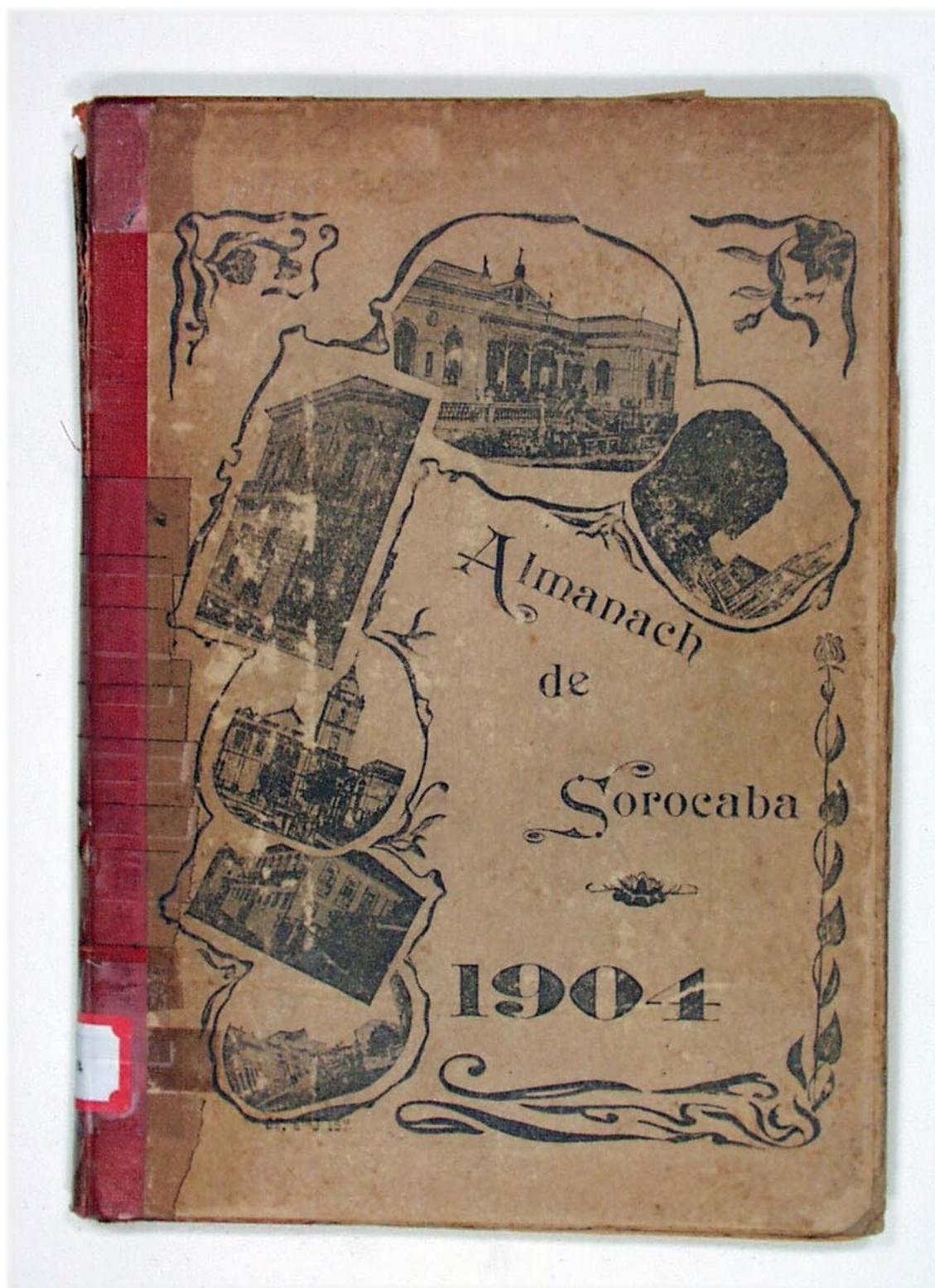


Imagem nº 4 – “Capa” do Almanach de Sorocaba para 1904. Sorocaba – SP: Typographia 15 de Novembro Editora, 1903.

Todos os textos escritos e imagens iconográficas que foram distribuídos na primeira parte ocupam 113 páginas do almanaque. (Imagens nº 1 e nº 2)

A segunda parte, a dos *Annuncios*, se estende pelas 25 páginas finais da publicação. (Imagem nº 3) A publicação totaliza 138 páginas impressas.

Assim, a série composta pelo *Almanach de Sorocaba para 1903* e o *Almanach de Sorocaba para 1904* têm uma estrutura que o remete a uma forma tradicional desse tipo de publicação. Comparando-o com os almanaques campineiros analisados pela historiadora Maria Carolina Bovério Galzerani¹⁰⁶, esses almanaques têm seu conteúdo apresentado de forma semelhante à primeira série dos almanaques campineiros editados por José Maria Lisboa. (GALZERANI, 1998: 79)

O formato do *Almanach de Sorocaba para 1904* é retangular, medindo 21,5 X 15,5 cms. A edição consultada na pesquisa é encadernada com capa dura, (Imagem nº 4) impresso em um tipo de papel jornal mais espesso. A mancha de impressão é de 17 X 11 cms. A publicação é toda impressa com tinta preta, inclusive as imagens iconográficas.

Mas, ao contrário de toda a publicidade recebida pelo *Almanach de Sorocaba para 1903*, o *Almanach de Sorocaba para 1904* foi lançado no mês de janeiro de 1904 sem o mesmo alarde. Além da edição de 1904 não receber nenhum artigo especial no jornal *O 15 de Novembro*, apenas três peças publicitárias foram publicadas. A primeira saiu no dia trinta e um de janeiro, no tamanho 11, 3 X 4 cms, em destaque na primeira página, com as seguintes inscrições:

Almanach de Sorocaba
Numerosas Ilustrações
Livraria 15 de Novembro

Propaganda pequena, sem muitas informações, chamava a atenção do leitor do jornal por estar localizada no centro alto da primeira página do jornal. Mudando pouco a peça para as inserções dos dias sete e onze de fevereiro, com o tamanho de 11 X 5,5 cms., o anúncio apareceu na última página do jornal, em meio às outras propagandas. Disposto na

¹⁰⁶ Cf. a análise dos almanaques da cidade de Campinas (SP) no trabalho da referida historiadora.

vertical, numa página “poluída” por propagandas diferentes, o almanaque foi anunciado com os seguintes dizeres:

Almanach de Sorocaba
Numerosas Ilustrações
Preço 2\$000
A venda na
Livraria 15 de Novembro

Curiosa mudança de 1903 para 1904. Enquanto o primeiro almanaque da série recebeu um tratamento de mercadoria importante, de livro útil, o almanaque de 1904 acabou sendo relegado a segundo plano pela tipografia, pelo menos aparentemente. A idéia de “mercadoria de segunda” da tipografia surge devido ao pequeno esforço de publicidade. Nenhum texto escrito, três inserções, das quais duas na posição vertical, “jogadas” entre outras propagandas mais atraentes.

A comparação nos remete à outras idéias. Depois da experiência com a mercadoria em 1903, a tipografia alterou seu projeto de venda. Iniciou as vendas em janeiro, seguindo um prazo de lançamento mais próximo desse gênero de publicação; colocou à venda um tipo único de mercadoria, com capa dura, ao contrário do ano anterior; vendeu o produto por um preço menor do que no lançamento do ano anterior; encerrou a publicidade em meados de fevereiro. Por que tantas mudanças? Quais seriam os motivos que levaram o estabelecimento comercial a traçar novas estratégias de publicação e venda do produto?

Diante de situações tão diferentes, posso pensar em prejuízos no ano de 1903, ou em menor tiragem no ano de 1904. Mas se não tenho condições de confirmar essas hipóteses, o foco de atenção mais interessante diz respeito ao tratamento conferido a tal mercadoria. Por que o *Almanach de Sorocaba para 1904* não recebeu o mesmo status de livro necessário ao leitor sorocabano? Por que a tipografia que publicou os dois almanaques não se empenhou em trabalhar os significados culturais da edição de 1904?

Recebido com honras de obra prestadora de bons serviços ao leitor,¹⁰⁷ o almanaque de 1903 foi o único nessa condição da primeira série. Tudo leva a crer que a publicação de 1904 foi mais enxuta, teve custos reduzidos de produção, teve uma tiragem menor, o que poupou esforços publicitários para aquele ano. Vale lembrar que o custo da publicidade não foi alterado de um ano para o outro, pois o jornal *O 15 de Novembro* foi mais uma vez o órgão de imprensa que recebeu as inserções. Provavelmente com custo zero, simplesmente a tipografia preferiu veicular às peças publicitárias por um tempo reduzido. Dessa forma, entendo que o almanaque de 1904 foi encarado pela tipografia muito mais como um produto comercial que deveria render lucros máximos e imediatos do que como mais uma produção da série que deveria ter continuidade.

Se a *Typographia 15 de Novembro* preferiu mudar suas estratégias comerciais em relação ao almanaque de 1904, essas mudanças podem ter desestimulado a produção de um novo almanaque para 1905, ou mesmo as mudanças em relação a publicação para 1904 foram uma tentativa de encontrar rentabilidade num produto que no ano anterior não gerou os lucros esperados pela empresa. Se em 1904 a rentabilidade projetada não foi atingida, o projeto do almanaque para 1905 acabou sendo engavetado.

O *Almanach de Sorocaba para 1904* não explicita seus principais redatores e colaboradores. Sem revelar os redatores e colaboradores, o almanaque de 1904 se apresenta como um produto tipográfico moderno, fruto da imprensa de sua época. Num momento que o jornalismo se constituiu como um meio pretensamente imparcial, quando os redatores e colaboradores não assinavam necessariamente seus trabalhos, ou pseudônimos assumiam a elaboração de textos escritos, o almanaque também era um meio que poderia ser impessoal, escrito por anônimos.

Para os jornalistas que pretendiam construir uma imagem de imprensa livre, sem vínculo político, capaz de transmitir a “verdade dos fatos”, fugindo de posições partidárias, ideológicas, esse almanaque representava um bom exemplo de sigilo autoral, de despreocupação com a posição sócio-política do redator, de informação “técnica e precisa, sem compromissos partidários”, de prestação de serviço, de lazer e entretenimento culto.

¹⁰⁷ “Letras sorocabanas”, jornal *O 15 de Novembro*, 05/03/1903, Anno XI, nº 1005, p. 1.

Assim, somente os leitores mais próximos dos redatores poderiam saber quem escreveu o que. Mas a maioria dos possíveis leitores, dentro ou fora de Sorocaba, teria em mãos uma publicação “sem autores definidos”.

Se o almanaque de 1904 – e provavelmente o de 1903 – é uma publicação sem referências explícitas aos redatores, o jornal *15 de novembro* pode ser a grande referência para os possíveis colaboradores dessas publicações. Se os referidos almanaques publicados pela *Typographia 15 de Novembro Editora* não explicitaram seus redatores e colaboradores, o jornal *15 de Novembro* trazia textos de sorocabanos conhecidos.

Segundo Renato Sêneca de Sá Fleury, em seu artigo para o *Almanaque de Sorocaba para 1950*, o referido jornal publicava textos de

Antonio de Oliveira, Artur Soares, Erasmo Braga, Isaltino Costa, prof. Joaquim Silva, dr. Silva Rodrigues, Sabino Loureiro, França Junior, João Padilha, Amaro Egídio, dr. Otavio Mendes, Ferreira Junior, etc”.¹⁰⁸

Entre os colaboradores citados, o professor Joaquim Silva era filho do comerciante João José da Silva, fundador da *Typographia 15 de Novembro*. Sabino Loureiro fazia parte de uma família de tradicionais capitalistas da cidade. O professor França Junior e Ferreira Junior eram atuantes membros do PRP local, como também era o caso do Cel. João Padilha de Camargo, integrante do PRP, da maçonaria e filho de um comerciante respeitado. Quer dizer, entre os colaboradores do jornal *15 de Novembro* estavam pessoas próximas das elites tradicionais de Sorocaba, seja pelo grau de parentesco, seja pelas afinidades políticas.

Partindo dessa premissa, os prováveis colaboradores dos almanaques editados pela *Typographia 15 de Novembro* deveriam estar entre os mesmos colaboradores do jornal editado pelo estabelecimento. Pedagogos, funcionários públicos, capitalistas, pessoas que não eram dependentes exclusivos da profissão jornalística para a sobrevivência, e que acabaram contribuindo de forma assídua com as produções culturais da imprensa tipográfica sorocabana.

¹⁰⁸ “Imprensa Sorocabana”. In: **Almanaque de Sorocaba do ano santo de 1950**, p. 36.

O almanaque para 1914

A segunda série de almanaques deveria surgir com o *Almanach Illustrado de Sorocaba para 1914*, quando a *Typographia Werneck* organizou a publicação. Enfrentando outro cenário sócio-econômico, esse projeto também não teve continuidade. Com resultados comerciais possivelmente piores que a primeira série, a segunda só contou com uma edição.

Se o projeto de Braulio Werneck teve menor sucesso editorial que as publicações da *Typographia 15 de Novembro* no sentido comercial de lucratividade e continuidade, a qualidade técnica e o resultado gráfico da publicação da *Typographia Werneck* parecem muito superiores. Os dez anos que separam a edição de 1904 para a edição de 1914 devem ser um diferencial a ser considerado na análise desses documentos, pensando em consumidores mais exigentes diante de produtos tipográficos de melhor qualidade, além de todas as contribuições e referências técnicas que possam ter aparecido nesse período.

O *Almanach Illustrado de Sorocaba para 1914* foi dividido em duas partes, porém é nítida a diferença de concepção editorial em relação ao almanaque de 1904. A primeira parte, que não é definida como tal forma na publicação, insere os textos escritos para o leitor na seguinte ordem: *Apresentando*, *Calendario*, *Sorocaba Industrial* e os anúncios publicitários. Essa parte ocupa 115 páginas, das quais 23 foram reservadas para os anúncios.

A segunda parte, denominada *Parte Recreativa*, traz os seguintes textos escritos: *Nico, o ingrato*, *Palestra photographica*, *A emboscada*, *Dias que se foram*, *Receitas diversas*, *Desejo posthumo*, *Pagina triste*, *Notas históricas dos principios da povoação desta cidade de Sorocaba em 1661*, *Imprensa Sorocabana (1842-1913)*, *O philosopho Trajano*, *Philanthropia sorocabana Um thesouro occulto*, *Scenas de noivado*, *Nos dominios das sciencias psychologicas*, *Gabinete de Leitura Sorocabano*, *O espirito*, *As queijeiras de Brock*, *De Tolstoi*, *Velho caso*, *O “réquiem” de Mozart*, *Receitas diversas*, *O philosopho Trajano*, *Historia de um suicida*, *A cruz de pedra*, *Asylo de S. Vicente*, *Um repórter*, *Comedia a vapor*, *A industria em Sorocaba*, *O velho, o rapaz e o burro* (*La*

Fontaine), O burro e o boi, O Juvêncio, A Sorocabana Railway Company, A instrução em Sorocaba e o Indice.

O total de páginas da segunda parte é de 150, perfazendo uma publicação de 265 páginas impressas. Comparando esses números com o almanaque de 1904, observando o número de páginas proporcionalmente aos anúncios publicados, é menor o número de inserções no almanaque de 1914. Porém, não tenho condições de afirmar se os valores da publicidade são maiores ou menores, se custo de cada inserção foi maior ou menor, enfim, se a publicação de 1904 foi mais ou menos rentável, se a publicação de 1904 foi mais ou menos custeada pelo patrocínio que a publicação de 1914.

Folheando a publicação, constata-se a ausência da parte indicadora da cidade. As únicas referências próximas a essa parte são os textos “Sorocaba Industrial”, que descreve grandes e pequenas indústrias locais, e “A instrução em Sorocaba”, que apresenta as escolas existentes e seus funcionários. Porém, sem contemplar informações típicas de uma parte indicadora, não estão publicados os nomes dos ocupantes de cargos públicos da cidade. Por exemplo, faltam os nomes do prefeito, vereadores, delegados, juízes, promotores, tabeliões e coletores de renda. Também não foram apresentados os profissionais liberais da cidade, as associações culturais e os estabelecimentos comerciais comuns para uma cidade do porte de Sorocaba. Nesse ponto, o almanaque de 1914 foge do comum, deixando de instituir uma hierarquização social formal em suas páginas. Mas existe sim uma hierarquização social nas entrelinhas do almanaque.

A valorização do setor industrial e da educação escolar, com as apresentações dos respectivos estabelecimentos fabris e escolares locais, remete o leitor à uma concepção de cidade moderna, onde capitalistas/empreendedores em geral e professores são sujeitos destacados. A ausência de outros sujeitos da cidade deixa em evidência os setores apresentados.

A impressão em papel couchê, os sessenta clichês e os acabamentos gráficos são características que destacam o *Almanach Illustrado de Sorocaba para 1914*. Seu formato é retangular, medindo 21 X 14,5 cms. A edição consultada na pesquisa é encadernada com capa de papel cartão. A mancha de impressão é de 18 X 11 cms. O almanaque é impresso basicamente com tinta preta, inclusive as imagens iconográficas. Algumas páginas ganham outras tonalidades, mas nunca excedendo duas cores diferentes.

Com quatro cores (preta, vermelha, azul e verde), a capa tem o objetivo de chamar a atenção do potencial leitor, além de ornamentar a edição.

Apresentado como um produto de qualidade em seu lançamento, o *Almanach Illustrado de Sorocaba para 1914* ganhou uma publicidade significativa no jornal *Cruzeiro do Sul*. Anunciado em peças com 11 X 8 cms., as inserções começaram em vinte sete de março e se estenderam até trinta de maio. As inserções não foram diárias, mas os dizeres eram chamativos:

Almanach Illustrado de Sorocaba

Importante repositório histórico, literário e de informações interessantes

Preço 5\$000

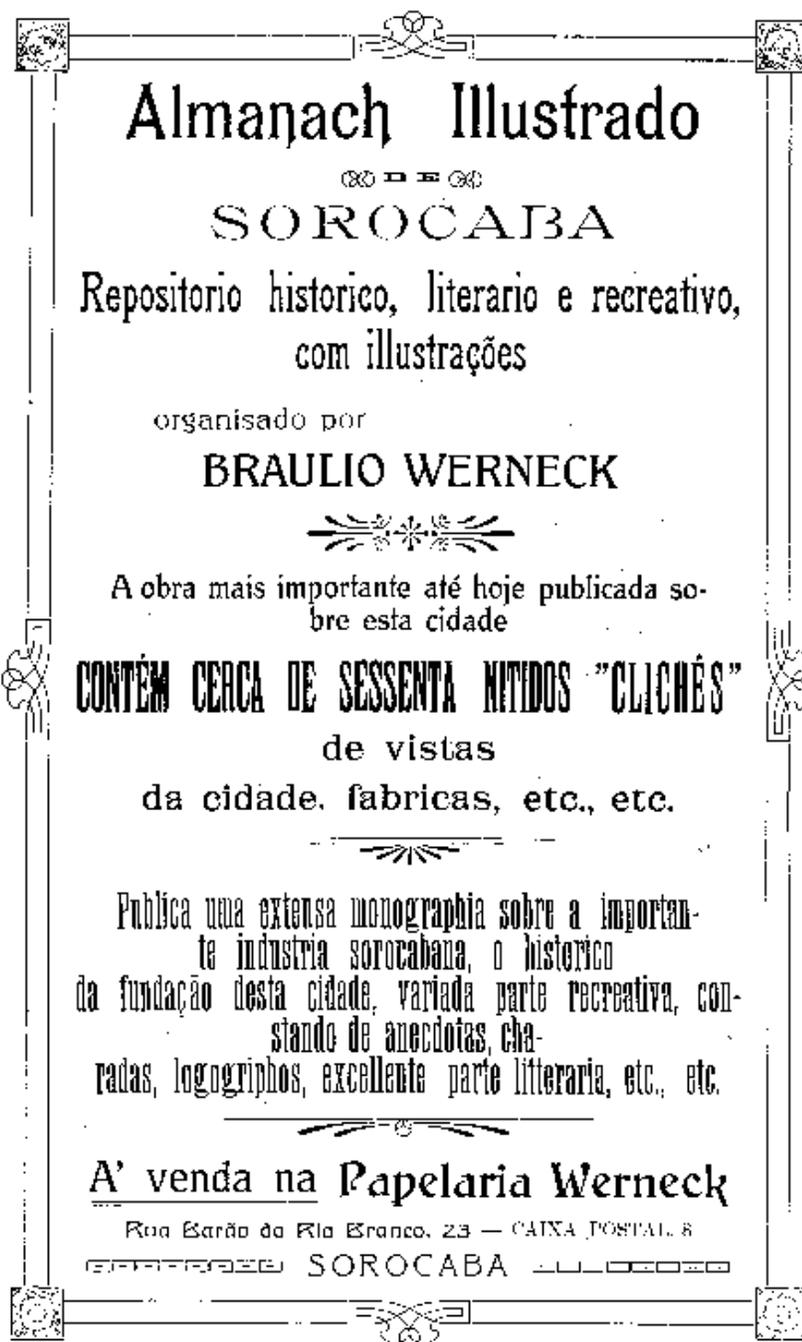
Os poucos exemplares existentes acham-se á venda na Typographia Werneck

A peça publicitária apresenta uma publicação “importante”, trabalhando as idéias de história, literatura, e outras informações que seriam do interesse geral dos leitores. Na revista literária *A B C ...*, em suas duas primeiras edições (abril e maio), o almanaque de 1914 também foi anunciado, sendo que as peças publicitárias cobriam uma página inteira (Imagem nº 5)

Produto da casa, o almanaque foi destacado como “repositório histórico, literário e recreativo”. Ressaltado como a obra mais importante publicada sobre a cidade, o almanaque ainda trazia sessenta “nitidos clichés”. É evidente que a tipografia compôs uma peça publicitária atrativa para seu outro produto, construindo a idéia de uma obra rara para os padrões sorocabanos.

O almanaque de 1914 foi distribuído a partir do final do no mês de janeiro¹⁰⁹, repetindo o mês de lançamento do almanaque de 1904. Porém, a publicação da *Typographia Werneck* expôs os motivos do lançamento já em 1914:

¹⁰⁹ “Almanach Illustrado de Sorocaba”, jornal *Cruzeiro do Sul*, 21/01/1914, Anno XI, nº 2.333, p. 1.



Almanach Illustrado

OO O O O

SOROCABA

Repositorio historico, literario e recreativo,
com illustrações

organizado por

BRAULIO WERNECK

—*—

A obra mais importante até hoje publicada so-
bre esta cidade

CONTÉM CERCA DE SESSENTA NITIDOS "CLICHÉS"
de vistas
da cidade, fabricas, etc., etc.

—*—

Publica uma extensa monographia sobre a importan-
te industria sorocabana, o historico
da fundação desta cidade, variada parte recreativa, con-
stando de aneddotas, cha-
radas, logogriphos, excellente parte litteraria, etc., etc.

—*—

A' venda na Papelaria Werneck

Rua Barão do Rio Branco, 23 — CAIXA POSTAL. 8

SOROCABA

Imagem nº 5 – Propaganda do Almanach Illustrado de Sorocaba (1914). Revista A B C ..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Abril de 1914, nº 1. Esta mesma propaganda também foi reproduzida na edição de Maio de 1914, nº 2.

Explicação necessária

Diversas causas preponderaram para que saísse um pouco retardado o *Almanach Illustrado de Sorocaba* para 1914, avultando, entre ellas, o ter-se quebrado peça importante da machina principal em que elle estava sendo feito e a demora, por parte da casa fornecedora, na entrega dos *clichés* que ornem as suas paginas.

Como consequencia disso e, com o maximo esforço empregado para sanar essa irregularidade, sahiram alguns erros, que o leitor, intelligente e benevolo, facilmente corrigirá, desculpando-os.

1914

O Organizador ¹¹⁰

A publicação que foi elaborada no decorrer de 1913 enfrentou problemas técnicos que impediram que o material fosse produzido na tipografia a tempo de ser vendido no final do mesmo ano. Mesmo assim, essa publicação para 1914 concretizou o primeiro grande projeto tipográfico do editor Braulio Werneck na cidade. Como este afirmou na apresentação do *Almanach Illustrado de Sorocaba*, ele organizou a publicação com o objetivo de auxiliar o “progresso sempre crescente desta cidade”.¹¹¹

Segundo o editor, a superação de obstáculos criados pela má vontade de alguns ou pelo pessimismo de outros foi o grande desafio para a confecção desta publicação. Werneck parece não ter esmorecido diante dos problemas, pois pensando

*“sempre do bem que adviria para Sorocaba com sua publicação, pensando dia a dia nas vantagens de tornar este pedaço de sólo paulista conhecido alem de seus limites territoriaes, não me deixei contaminar pelo desanimo e pela inercia e consegui ver transformado em realidade o meu desideratum.”*¹¹²

Após tantos “obstáculos superados” e “esforços realizados”, o *Almanach Illustrado de Sorocaba* foi exposto à venda. Explicitando a vontade de prosseguir a série de

¹¹⁰ “Explicação necessária”. In: *Almanach Illustrado de Sorocaba para 1914*, p. 2.

¹¹¹ “Apresentando”. In: *Almanach Illustrado de Sorocaba para 1914*, p. 6.

¹¹² Idem, p. 6.

almanaques que tinha iniciado em 1914, Bráulio Werneck afirma em sua apresentação que “do acolhimento que tiver depende sua publicação nos annos subseqüentes, modificado, está claro, em sua factura.”¹¹³ Uma das afirmações mais interessantes da apresentação do almanaque de 1914 é o agradecimento ao jornalista Francisco Camargo Cesar. Pelas palavras de Bráulio Werneck, o conhecido Cecê foi um grande incentivador moral e importante colaborador da publicação. O editor afirma que

Não é, entretanto, só meu, o esforço empregado na organização do Almanach Illustrado de Sorocaba; tive sempre ao meu lado, animando-me, encorajando-me para que o alento não faltasse, um amante filho desta terra, um dedicado amigo de Sorocaba.

Trazendo-me sempre o contingente valoroso de sua penna, a força de seu entusiasmo no incitamento para a luta, Camargo Cesar se revelou sempre dedicado, compartilhando commigo as emoções, mourejando sem tibieza e sem fraqueza, dia a dia, hora a hora.

Não fôra o seu contingente, não fôra o seu incitamento continuo e, certamente, o Almanach Illustrado de Sorocaba seria uma chiméra, uma das muitas ideias que nascem e que se finam como os sonhos.

A elle, pois, á grande industria e ao commercio, que se prestaram de tão boa vontade a me auxiliar nessa primeira tentativa, os meus vivos agradecimentos.

*Sorocaba, 1913.*¹¹⁴

Os agradecimentos especiais aos industriais e comerciantes da cidade indicam o reconhecimento do empreendimento comercial da publicação. As palavras dirigidas ao jornalista Francisco Camargo Cesar confirmam o trabalho desse sorocabano que assinou vários textos nessa publicação. Mas o papel desempenhado pelo jornalista Cecê provavelmente superou a idéia de contribuição moral e intelectual explicitado na apresentação do editor. Camargo Cesar era uma pessoa conhecida na cidade, jornalista do *Cruzeiro do Sul*, homem próximo das elites políticas de Sorocaba. Mesmo não exercendo

¹¹³ Idem, p. 7.

¹¹⁴ Idem, p. 7.

cargos públicos decisórios, era um contato importante para a realização de empreendimentos comerciais, como a publicação de um almanaque.

A aproximação do “forasteiro” Braulio Werneck ao sorocabano Camargo Cesar tem ingredientes diversos. Desde a abertura de sua tipografia em Sorocaba (1911), Werneck deve ter buscado a aproximação junto às classes dominantes da cidade. No ramo tipográfico, sua empresa concorria com as tradicionais casas *15 de Novembro* e *Cruzeiro do Sul*. Mesmo contando com o crescimento da cidade, um novo concorrente no mercado local poderia alterar as posições das antigas casas tipográficas.

Entretanto, os objetivos comerciais de Braulio Werneck não deveriam ser tão fáceis de se alcançar. Por mais que sua empresa realizasse bons serviços, por mais próximo que ele estivesse das elites locais, o ramo tipográfico sorocabano era concorrido, contando com proprietários de estabelecimentos diretamente relacionados às classes que controlavam os poderes públicos da cidade. Se as condições de disputa por uma fatia rentável do mercado local eram desiguais para o recém chegado comerciante Werneck, seria mais rentável investir numa fatia de mercado inexplorada até então. Assim, a lucratividade poderia ser garantida.

Face à dificuldade de concorrer com as tradicionais – e bem relacionadas – tipografias sorocabanas, e perante à oportunidade de explorar uma fatia nova no mercado local, o comerciante Braulio Werneck deve ter pensado em produzir almanaques e revistas literárias na cidade. Vivendo em Sorocaba, conhecendo seus moradores, acompanhando seus hábitos e vislumbrando negócios rentáveis, o sr. Werneck provavelmente observou o consumo de publicações desse gênero literário produzidas em outras cidades brasileiras.¹¹⁵

Querendo acompanhar o boom tipográfico que diversas cidades do país experimentavam no início do século XX, sendo que algumas dessas cidades tinham o mesmo porte de Sorocaba, o sr. Werneck deve ter idealizado os projetos que concretizou, ao menos parcialmente, entre 1913 e 1914.

Por isso, estar próximo dos grupos que representam as elites dominantes da cidade em diversas atividades sociais era uma estratégia importante para Braulio Werneck. O aval das elites sorocabanas seria fundamental para o sucesso de seus projetos. Ganhar a

¹¹⁵ O Gabinete de Leitura Sorocabano possui em seu acervo diversas revistas literárias e almanaques publicados em São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas, Santos, etc., dentro do período focalizado por esta pesquisa.

confiança, conquistar espaço social, receber o apoio dos grupos dominantes traria legitimidade às publicações de seu estabelecimento comercial. Mas o comerciante Braulio Werneck pretendia editar seus produtos para qual público? Somente as elites seriam as leitoras de suas publicações? Por que trabalhar tão próximo das classes dominantes de Sorocaba?

Acredito que os projetos editoriais da *Typographia Werneck* eram produzidos para todas as classes sociais; procuravam captar um público amplo, mas a tendência cultural triunfante correspondia às visões de mundo das classes dominantes. Não pretendo afirmar que seu público alvo seria as elites sociais, pois isto acarretaria produções caras e um mercado consumidor estreito. Os documentos focalizados não têm essa característica. Penso que as publicações aqui analisadas, inseridas no universo cultural liberal, buscavam dialogar com as classes letradas da região de Sorocaba, mas sem esquecer os possíveis leitores indiretos.

A profusão de imagens iconográficas, entremeando os textos escritos, não deixa dúvidas da intenção do editor: apresentar publicações modernas, ilustradas, atraentes, tanto para os leitores alfabetizados como para os não alfabetizados. Imigrantes que não conheciam a língua portuguesa, homens, mulheres e crianças não alfabetizadas poderiam ao menos ler os inúmeros *clichés* publicados nas produções do sr. Werneck.

Contudo, as boas relações com as elites sorocabanas e as visões liberal, positivista, romântica, com fortes tonalidades homogeneizadoras presentes nas produções da *Typographia Werneck* apresentam uma publicação em sintonia com o avanço da modernidade capitalista neta localidade paulista no momento histórico ora focalizado. Vivendo numa sociedade capitalista, dependendo das regras econômicas para manter sua empresa tipográfica, o sr. Werneck realizou projetos editoriais voltados para as elites e classes médias, pois nesses grupos estavam a maior parte dos leitores com capacidade de adquirir seus produtos culturais. Como homem do comércio, o proprietário da *Typographia Werneck* buscava o lucro em seus investimentos. Mesmo porque a especificidade de seus produtos tornava-os praticamente inviáveis para as classes trabalhadoras. Além da barreira da escrita, os preços das publicações não entravam no orçamento apertado dos trabalhadores comuns da época.

Pensando em valores de 1912, na cidade de Sorocaba, o salário de um ajudante têxtil variava entre 1\$800 e 2\$000 por dia.¹¹⁶ Um quilo de arroz era encontrado entre \$566 e \$600, o quilo de feijão variava entre \$233 e \$600 e por uma dúzia de ovos pagava-se entre \$800 e \$850 réis.¹¹⁷ A moradia, “um cubículo fétido, sem espaço mesmo para se mexer, não saía por menos de trinta e cinco (35\$000) a quarenta mil (40\$000) reis por mês de aluguel”.¹¹⁸

Observando esses valores de 1912, tenho ainda que acrescentar aos preços citados uma elevação nominal considerável até 1914, pois os anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial foram de crise econômica, inflação e arrocho salarial. Dessa forma, com preços em alta e salários perdendo sua capacidade de compra, as possibilidades das classes trabalhadoras adquirirem publicações literárias por volta de 5\$000 eram remotas.

Uma revista mensal

Incentivando os colaboradores do almanaque de 1914, atraindo novos interessados em escrever e publicar seus trabalhos numa revista literária, Braulio Werneck colocou sua tipografia à disposição de mais um projeto editorial ousado para os padrões do mercado de Sorocaba no início do século XX. Estimulados pela moda de escrever, de fazer jornalismo, literatura, arte, ciência, pelo ambiente da República Tipográfica – ou República das Letras segundo Ana Luiza Martins – um grupo de sorocabanos decidiu organizar uma revista literária local, que recebeu o nome de *A B C ...*

No que diz respeito à organização do grupo que estava diretamente envolvido na produção da revista, no dia vinte e sete de fevereiro de 1914, o jornal *Cruzeiro do Sul* publicou uma notícia com o título “Pró Sorocaba”, que trazia:

O progresso da imprensa local.

- *Esforços que merecem o apoio publico.*

¹¹⁶ “F. Santa Maria”, jornal *O Operario*, 02/06/1912, anno III, nº 135, p. 01.

¹¹⁷ “Mercado Municipal”, jornal *Cruzeiro do Sul*, 25/01/1912, anno IX, nº 1740, p. 03.

¹¹⁸ “Mercado Municipal”, jornal *Cruzeiro do Sul*, 25/01/1912, anno IX, nº 1740, p. 03.

Demos hontem uma pequena nota, informando aos leitores de que se tratava de fundar aqui uma revista literaria.

Hoje, com prazer, confirmamos essa nota.

Em reunião effectuada por algumas pessoas que se interessam devéras pelo progresso de Sorocaba, procurando levantar cada vez mais o seu merecimento artistico e intellectual, ficou fundada definitivamente uma grande revista mensal, que terá o titulo A B C ... e na qual serão estampados artigos escolhidos sobre literatura, arte, humorismo e sciencias, desenvolvida secção charadistica, nitidos clichés em photogravura, etc.

A B C ... terá o mesmo formato da conhecida Careta, do Rio de Janeiro e será impressa em papel couché.

A sua factura foi confiada à conceituada Typographia Werneck, que ha pouco expos á venda, com sucesso, o Almanach Illustrado de Sorocaba.

São redactores da A B C ...os snrs. Braulio Werneck, F. Camargo Cesar e professores Luiz Fleury, Luiz do Amaral Wagner e Renato Fleury.

E o Cruzeiro do Sul, que sempre patrocinou com entusiasmo as ideas louvaveis e que relacionam com o adeantamento de Sorocaba, receberá com jubilo a apparição da nova collega, aconselhando desde já, ao povo intelligente desta terra, a que auxilie de todos os modos a manutenção de A B C... que será mais o producto de um esforço digno de applausos, onde se evidencia claramente uma grande vontade de elevar sempre a nossa cidade no conceito dos extranhos, do que uma fonte de lucros, pois é conhecida a difficuldade com que tem de lustar toda e qualquer empresa jornalistica do interior.

*Certo, a A B C ... honrarà sobremodo a imprensa sorocabana, porquanto, além da sua feição puramente artistica, cada artigo de seus collaboradores será uma recommendação ao merito intellectual das rarissimas pessoas que aqui cultivam as letras e sabem aproveitar o seu tempo nos ensinamentos que tornaram grandes os homens de todas as epochas.*¹¹⁹

¹¹⁹ “Pró-Sorocaba”, jornal *Cruzeiro do Sul*, Anno XI, Sorocaba, 27/02/1914, n° 2364, p. 2.

Editada pela *Typographia Werneck*, a revista *A B C ...* teve como redatores o próprio Braulio Werneck, o jornalista F. Camargo Cesar (à época redator-chefe do jornal *Cruzeiro do Sul*) e os professores Luiz Fleury, Luiz do Amaral Wagner e Renato Fleury.

Esse encontro entre o mundo do jornalismo e o mundo da educação não foi nenhuma novidade no país, muito menos em Sorocaba. Para citar um exemplo estudado, registro que o jornal *O 15 de Novembro* e provavelmente os almanaques de 1903 e 1904 foram produzidos com a participação efetiva de professores que atuavam em Sorocaba. O sub-título da revista *A B C...* nos dois primeiros números, editados em abril e maio de 1914, era *revista mensal de ciencia, arte, literatura e humorismo*. A partir do terceiro número, esse sub-título não é mais impresso na capa, como também deixam de aparecer os valores da assinatura anual e do número avulso.

O corpo de redatores da revista literária produzida e publicada em 1914 basicamente foi formado “na esteira do sucesso” do almanaque editado pela *Typographia Werneck*. No almanaque para 1914 encontram-se textos de Renato Fleury, Luiz Fleury, Braulio Werneck, Cecê, faltando apenas o nome do professor Luiz Amaral Wagner. Acompanhando a euforia das grandes cidades brasileiras, que no período experimentavam uma avalanche de publicações de diferentes gêneros, esse grupo constituído em Sorocaba contou com o apoio do jornal *Cruzeiro do Sul* para divulgar seus projetos e, posteriormente, fazer a publicidade da revista.

Por sinal, os rasgados elogios do artigo “Pró-Sorocaba” iniciaram a publicidade da revista *A B C...* no mês de fevereiro. Nota-se pelo artigo que os redatores estavam buscando o “progresso de Sorocaba”, e por isso davam sua parcela de contribuição fundando uma revista no formato da carioca *Careta*. Interessantes também são as palavras em relação à elevação do nome da cidade “no conceito dos estranhos”, e a tentativa de descaracterizar a publicação de um empreendimento comercial. O “romantismo literário e artístico” dos fundadores da revista que pondera, pelo menos em nível do discurso, em relação à ânsia do lucro, da acumulação de riqueza material, tão em voga no período. Negando os aspectos econômicos que permeavam o projeto, os redatores da revista questionavam em seu discurso uma visão apenas materialista do sistema de produção capitalista. Segundo os abnegados literatos sorocabanos, o objetivo maior do projeto era fomentar a cultura da cidade, já que raríssimas pessoas de Sorocaba cultivavam as letras e

poucos eram os que poderiam aproveitar seu tempo com o feitiço artístico e civilizador da publicação.

A produção da revista literária *A B C...* foi cercada de cuidados técnicos, sendo uma publicação que acompanhava os padrões de boas revistas publicadas no Rio de Janeiro e São Paulo no período.¹²⁰ O formato da revista é retangular, medindo 27 X 18 cms. Os cinco números publicados – e consultados na pesquisa – são encadernados sem capa dura. A capa seguia o padrão do papel couché do restante da publicação. A mancha de impressão é de 24 X 15 cms. Os cinco números publicados tiveram composição de cores e quantidade de páginas diferentes. A seqüência de publicações, a quantidade de páginas e a utilização de cores foram as seguintes:

| | | | |
|-------------------|--------|------------|--------------------|
| • Abril / 1914 | – nº 1 | 30 páginas | 2 cores por página |
| • Maio / 1914 | – nº 2 | 26 páginas | 2 cores por página |
| • Junho / 1914 | – nº 3 | 36 páginas | 2 cores por página |
| • Julho / 1914 | – nº 4 | 32 páginas | 1 cor por página |
| • Setembro / 1914 | – nº 5 | 28 páginas | 1 cor por página |

Em todas as edições, com as variações expostas acima, a utilização de diversas cores de tinta criava um produto diferenciado. Quando duas cores por página foram utilizadas, a tinta preta era básica, compondo com uma outra cor (vermelha, laranja, amarela, azul, violeta, verde).

A periodicidade da revista *A B C ...* deveria ser mensal. Porém, como expus acima, esse cronograma não foi cumprido, nem a revista chegou a completar seis meses de existência. Para o consumidor sorocabano, o preço da assinatura anual era de 6\$000, enquanto a assinatura semestral era de 4\$000. O número avulso saía por \$700.¹²¹

Mas se a revista não era um empreendimento comercial, por que muitas propagandas foram publicadas? Por que apenas cinco números foram produzidos? Por que

¹²⁰ Comparando os padrões técnicos da revista sorocabana com os das revistas paulistanas e cariocas analisadas por Ana Luiza Martins, acredito que o produto final da *A B C ...* era similar aos acima analisados.

¹²¹ Esses valores eram muito próximos aos cobrados por revistas publicadas em São Paulo no mesmo período. Cf. na obra de Ana Luiza Martins.

explicitar os grandes esforços realizados para a publicação de cada número? Por que em suas páginas eram realizadas cobranças insistentes das assinaturas atrasadas?

Acredito que as palavras dos respeitáveis editores da revista sorocabana não correspondiam à realidade do projeto. Em diversos textos escritos, inclusive na própria publicação, a revista literária era considerada um estímulo à vida inteligente da cidade, aos leitores civilizados, à cultura letrada. Porém, os resultados do projeto tipográfico colocam em questão essa visão apenas cultural da revista. Vender assinaturas anuais, para uma revista de periodicidade mensal, atrasar um mês numa edição e não publicar todas as edições indicam problemas sérios na produção da publicação. Posso pensar em dissolução do grupo de redatores por motivos pessoais, mas o grande entrave deve ter sido as condições do mercado consumidor local.

Buscando informações para entender as possíveis razões da extinção da revista, não encontrei indícios de que algum dos redatores principais tenha falecido, mudado de cidade, abandonado o projeto da publicação. O jornal *Cruzeiro do Sul* noticiaria qualquer situação mais relevante. É preciso destacar, ainda, que do número quatro para o número cinco, a periodicidade da revista deixou de ser mensal, pois o número cinco, que deveria ser publicado em agosto, acabou sendo publicado com a data de setembro. Entre esses dois números, a publicação deixou de ser impressa com duas cores por página, além de perder em quantidade de páginas na comparação com o número três. Pela ausência de registros em outros órgãos de imprensa, o número cinco foi o último publicado pela *Tipografia Werneck*.

Pensando no cenário social da cidade em 1914, as condições econômicas não eram as melhores para a execução de projetos tipográficos como o da revista focalizada. O preço não era acessível a maioria dos trabalhadores de Sorocaba, o produto disputa com publicações tradicionais do Rio e Janeiro e São Paulo um mercado com um poder de compra reduzido e a venda de espaços publicitários para o financiamento da *A B C* ... não deveria ser tão fácil.

Os redatores das publicações focalizadas

Procurando observar mais atentamente quem eram os principais redatores e colaboradores das publicações focalizadas, realizei durante a pesquisa incursões em uma documentação variada, produzida desde o final do século XIX, que pudesse ampliar minhas perspectivas históricas. Poucos resultados foram conseguidos em registros cartoriais, em atas e livros de controle de impostos do poder público municipal. Dessa forma, direcionei minhas buscas principalmente para os jornais da cidade, dos quais pude extrair informações importantes, porém limitadas. Sem encontrar indícios sobre os possíveis redatores do almanaque para 1904, definitivamente não posso afirmar quais foram os sujeitos responsáveis por essa publicação. Porém, tantos os jornais sorocabanos como as produções historiográficas possibilitaram uma compreensão mais ampla dos redatores do *Almanach Illustrado de Sorocaba para 1914* e da revista literária *A B C...*, ambas publicações da *Typographia Werneck*.

Os redatores responsáveis por estas últimas publicações foram praticamente os mesmos. Braulio Werneck, o proprietário da *Typographia*, foi o mais assíduo redator, contribuindo com textos escritos no almanaque e em todas as edições da revista literária. Assinando como Adão Soares, Flam A. Rion, A. de Rosenvaldo e, em poucas ocasiões, como ele próprio, Braulio Werneck escrevia humor, horóscopo, textos literários e comentários sobre ciência. Ocupando muitas páginas de suas publicações, Werneck participava efetivamente das produções literárias, além de ser o seu idealizador, editor e vendedor final.

Os diferentes papéis assumidos por Braulio Werneck indicam que o tipógrafo em questão era um incentivador das produções culturais sorocabanas, ao mesmo tempo em que publicava seus trabalhos. Nesse sentido, os esforços realizados para a edição de suas publicações, que ele tanto fazia questão em evidenciar em seus trabalhos, eram manifestações de um autor que pretendia também apresentar suas criações. Porém, a condição de proprietário do estabelecimento tipográfico o posicionava como um sujeito em busca da rentabilidade comercial, imbuído de interesses sócio-econômicos. É evidente que seus projetos foram desenvolvidos visando o lucro e isso o tornava um sujeito dependente das próprias produções.

A condição do editor Braulio Werneck era interessante. Homem que cultivava as letras possuía sua própria tipografia, onde se encarregava de editar trabalhos que também levavam a sua assinatura. Contando com outras figuras sociais interessadas na difusão de trabalhos literários, o comerciante Braulio ampliava as possibilidades de compartilhar com pessoas reconhecidas pela sociedade local os riscos de seus empreendimentos.

Mas qual era o grau de dependência do editor em relação aos outros redatores? Existia algum tipo de dependência? Em se tratando da *Typographia Werneck*, informações históricas são escassas. Pensar em dependência econômica pode ser uma possibilidade, mas encontrar evidências dessa dependência não é tarefa fácil. Acredito que a relação construída entre o editor e os principais redatores estava dentro da perspectiva cultural, buscando viabilizar a formação de um canal de publicação de trabalhos literários, artístico e/ou afins.

Junto com Braulio Werneck, considero que Francisco Camargo Cesar (Cecê) tenha sido o grande responsável pela publicação do almanaque de 1914, além de contribuir para a formação da revista literária focalizada. Acredito na efetiva participação de Cecê quando penso nas palavras de Braulio Werneck elogiando seu trabalho e dedicação na organização do *Almanach Illustrado*,¹²² nos seus textos escritos que foram publicados na revista literária, mas, sobretudo nos espaços que o jornal *Cruzeiro do Sul* abriu para anunciar as publicações da *Typographia Werneck*. Como jornalista, redator-chefe desse órgão de imprensa à época da publicação da *A B C...*, Cecê incluiu diversos artigos, notícias, comentários sobre as publicações editadas por Werneck. Não tenho dados para afirmar que o jornal tenha cedido espaço publicitário, mas a quantidade de anúncios realizados pelo estabelecimento de Werneck indica, ao menos, descontos consideráveis para uma tipografia que não era a maior nem a mais tradicional da cidade.

Como jornalista conhecido na cidade, Cecê aproveitou as oportunidades dos empreendimentos de Braulio Werneck para projetar ainda mais seu nome entre os seus moradores. Afinal, para homens e mulheres que viviam cultivando as letras, participar de publicações, como as analisadas nesta pesquisa, estabelecia um reconhecimento social indiscutível.

¹²² “Apresentando”. In: *Almanach Illustrado de Sorocaba para 1914*, p. 7.

Entre os sorocabanos envolvidos com as publicações, Cecê era o de origem mais humilde. Nascido em 1889, ele era filho de um carpinteiro e de uma dona de casa. Mulato, desde criança trabalhou enquanto estudava. Foi ajudante no armazém de Manoel Affonso e João do Rego, auxiliar de fotógrafo dos irmãos Alfredo e Júlio Luxardo, aprendiz de ourives na oficina de Álvaro Costa e operário têxtil na fábrica Santa Maria.¹²³

Após passar por vários empregos na cidade, Cecê deixa a fábrica e parte para São Paulo com 15 anos de idade, onde iria procurar outras oportunidades de trabalho e educação. Encontrando dificuldades para se manter no início, conseguiu estabilizar-se quando assumiu a vaga de encadernador na *Casa Espíndola*, a qual, por sua vez, possuía uma tipografia e papelaria com loja na rua Direita. Além de trabalhar o dia todo, procurava ocupar as noites preparando-se para o concurso da Escola Normal da Praça da República. Sem atingir seu principal objetivo em São Paulo – entrar no curso noturno da Escola Normal –, voltou para Sorocaba com 19 anos.

Acumulando experiências em São Paulo, retornou a Sorocaba em 1908 e passou a trabalhar em cargos do funcionalismo público municipal. Também atuou em serviços diversos da justiça local, auxiliando os advogados Otávio Guimarães e Afonso Vergueiro. Além do funcionalismo público, começou a trabalhar no jornal *Cruzeiro do Sul* ainda em 1908. Foi contratado inicialmente como tipógrafo, passando pelas funções de paginador, impressor, gerente da oficina, revisor, redator, noticiarista, redator-chefe, administrador até chegar a condição de co-proprietário do jornal.

Trabalhando concomitantemente no funcionalismo público e no jornalismo, colaborou, entre outros órgão de imprensa, com *O Comércio de Sorocaba*, *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro e *Correio Paulistano*. Sua principal atividade jornalística fora de Sorocaba foi contribuir por 52 anos com o jornal *O Estado de São Paulo*, a partir de 1913. Jornalista reconhecido pela sociedade local, Cecê acabou sendo um dos mais freqüentes redatores das publicações da *Typographia Werneck*.

Além de um dos jornalistas mais atuantes da cidade, Braulio Werneck contou com três professores que garantiram maior credibilidade para as publicações de seu estabelecimento. Se a tipografia do sr. Werneck pretendia conquistar um mercado letrado,

¹²³ As informações sobre a vida de Francisco Camargo Cesar foram extraídas do texto **Cecê: uma vida, um exemplo**, escrito por seu filho Reynaldo Camargo Pires. Sorocaba, 1968. (mimeo)

culto, inteligente, nada melhor do que professores para avaliar culturalmente as publicações.

Os irmãos Renato Sêneca de Sá Fleury e Luiz Gonzaga de Camargo Fleury foram importantes colaboradores da imprensa sorocabana na primeira metade do século XX. Seus primeiros trabalhos literários foram publicados no jornal *Cruzeiro do Sul* e nos documentos focalizados por esta pesquisa. Filhos de uma família tradicional da cidade tiveram uma educação compatível com as aspirações sociais das elites.

O casamento entre Antônio Gonzaga de Sêneca de Sá Fleury e Tereza Guilhermina Grohmann ocorreu em 1888, do qual nasceram quatro filhos, todos escritores e/ou professores.¹²⁴ Antônio Gonzaga nasceu na cidade de Goiás em 1834. Chegou em Sorocaba por volta de 1860.¹²⁵ No comércio de tropas de muares, foi ajudante de seu tio João Francisco de Pádua Fleury, realizando viagens para o Rio Grande do Sul. Na cidade foi membro da Guarda Nacional, chegando a patente de coronel. A partir de 1866, assumiu em várias oportunidades o cargo de delegado de polícia.¹²⁶

Católico e maçom, Antônio Gonzaga integrou a Loja Perseverança III, sendo um personagem bem articulado em Sorocaba. Incentivador das letras foi um dos fundadores do Gabinete de Leitura Sorocabano. O casamento com Tereza Guilhermina uniu o respeitado político local com uma descendente de imigrantes alemães. Tereza Guilhermina era de uma família que contava com músicos, literatos, professores e comerciantes. Após o falecimento de Antônio Gonzaga em 1898, Tereza Guilhermina foi a responsável pela formação dos filhos do casal. Sem enfrentar dificuldades econômicas, a viúva Tereza diplomou todos os filhos.

Renato Sêneca de Sá Fleury nasceu em Sorocaba em 1895. Descendente de uma família que incentivava as letras e as artes, realizou os estudos primários em Sorocaba e ingressou na Escola Normal da Praça da República para diplomar-se em 1912.¹²⁷

¹²⁴ “Vultos de Sorocaba: Antônio Gonzaga Sêneca de Sá Fleury”, jornal *O 3 de Março*, 17/08/1958, ano II, nº 58, p. 12.

¹²⁵ ALMEIDA, Aluísio de. “Lendas e narrativas sorocabanas: Antônio Gonzaga Sêneca de Sá Fleury”, jornal *Cruzeiro do Sul*, 14/01/1969. Recorte retirado da pasta nº 12, Casa Aluísio de Almeida, Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba.

¹²⁶ Idem.

¹²⁷ “Fleury, Renato Sêneca de Sá”, verbete do **Dicionário de Autores Paulistas**. Luís Correia de MELO, pp. 226-227.

Como pedagogo, atua em diversas áreas da educação. No período em que contribuiu para as publicações da *Typographia Werneck*, Renato Fleury era professor normalista da Escola Isolada do bairro do Votorantim.¹²⁸

Mudando-se para São Paulo e, posteriormente, para o Rio de Janeiro, o professor Renato Fleury ampliou suas atividades profissionais. Dedicando-se também a carreira de escritor nas grandes metrópoles, acabou sendo um dos autores da literatura infanto-juvenil que mais publicou em meados do século XX. Apenas pela *Companhia Melhoramentos*, foram mais de sessenta livros editados. Mas mesmo morando fora de Sorocaba, sempre enviava artigos para diversos jornais da cidade.

Ao lado do professor Genésio Machado, redigiu *Almanaque de Sorocaba do ano santo de 1950*, organizado por Arlindo Previtali. Saudado como grande profissional da educação e escritor pelos conterrâneos,¹²⁹ em 1979 foi empossado como membro da Academia Brasileira de Literatura Infantil.¹³⁰

Luiz Gonzaga de Camargo Fleury nasceu em Sorocaba em 1891. Realizou seus estudos primários nos grupos escolares “Antônio Padilha”, de Sorocaba, e “Almeida Triunfo”, de São Paulo, sendo diplomado na Escola Normal da Praça da República em 1910.¹³¹

Como pedagogo, atuou em diversas cidades do estado de São Paulo. Iniciou sua carreira em Franca, como substituto do Grupo Escolar Francisco Martins. Algum tempo depois, voltou a Sorocaba onde foi professor normalista do Grupo Escolar Antônio Padilha.¹³² Passou por inúmeros cargos do magistério público, entre eles o de Diretor de Grupo Escolar (Rio Claro), substituto de Inspetor Escolar (Piracicaba), Inspetor Distrital de Ensino (São Carlos), Chefe do Serviço de Educação Primária do Departamento de Educação do Estado (São Paulo), cargo no qual se aposentou em 1939.¹³³ Além de trabalhar

¹²⁸ “A instrução em Sorocaba”. In: **Almanach Ilustrado de Sorocaba para 1914**, p. 260.

¹²⁹ “Homenagem ao Prof. Renato Fleury”, jornal *Cruzeiro do Sul*, 17/03/1946, recorte da pasta Escritores Sorocabanos, MHS.

¹³⁰ “Fleury na Academia Brasileira de Literatura Infantil”, jornal *Cruzeiro do Sul*, 15/07/1979, recorte da pasta Escritores sorocabanos, MHS.

¹³¹ “Fleury, Luís Gonzaga de Camargo”, verbete do **Dicionário de Autores Paulistas**. Luís Correia de MELO, pp. 225-226. “Gente é notícia – Luiz Gonzaga de Camargo Fleury”, jornal *Diário de Sorocaba*, 08/11/1967, recorte da pasta nº 24 do IHGGS.

¹³² “A instrução em Sorocaba”. In: **Almanach Ilustrado de Sorocaba para 1914**, p. 259.

¹³³ “Gente é notícia – Luiz Gonzaga de Camargo Fleury”, jornal *Diário de Sorocaba*, 08/11/1967, recorte da pasta nº 24 do IHGGS.

no funcionalismo público, atuou paralelamente em diversos estabelecimentos de ensino particulares e, de 1947 a 1964, foi revisor da seção editorial da *Companhia Melhoramentos*,¹³⁴ a mesma que lançou algumas de suas obras.

Na literatura, dedicou-se a obras infanto-juvenis, como fez seu irmão Renato Fleury. Eclético, o educador, literato e poeta Luiz Fleury também gostava de desenhar. Na *Revista A B C...* publicou seus desenhos e caricaturas, das quais a edição nº 1 contou com uma charge para cada editor. (Imagem nº 6)

O único redator da *Revista A B C...* que aparentemente não contribuiu com textos escritos para o *Almanach Illustrado de Sorocaba para 1914* foi Luiz Amaral Wagner. Sorocabano de origem teuto-brasileira nasceu em 1892. Diplomou-se pela Escola Normal de Itápolis.¹³⁵ Em Sorocaba atuou como professor normalista do Grupo Escolar Antônio Padilha Sorocaba à época das publicações da *Typographia Werneck*.¹³⁶ Educador, historiador, biógrafo, conferencista,¹³⁷ Luiz Wagner era maçom integrado à Loja Perseverança III, da qual foi orador por vários exercícios maçônicos. (ALEIXO IRMÃO, 1995: 303-311) Reconhecida como a loja mais atuante da cidade, os cargos assumidos por Luiz Wagner dentro dessa instituição conferiam-lhe destaque social.

Na *Revista A B C...*, assinava seus trabalhos apenas com o pseudônimo C. Santelmo, o que não representava uma tentativa de se esconder publicamente. Os lançamentos das quatro primeiras edições da revista literária foram precedidos por artigos no jornal *Cruzeiro do Sul* que informavam aos seus leitores o conteúdo das publicações, os títulos dos textos e seus autores, inclusive com os pseudônimos.

¹³⁴ Idem.

¹³⁵ “Wagner, Luís Amaral”, verbete do **Dicionário de Autores Paulistas**. Luís Correia de MELO, p. 669.

¹³⁶ “A instrução em Sorocaba”. In: **Almanach Illustrado de Sorocaba para 1914**, p. 259.

¹³⁷ “Wagner, Luís Amaral”, verbete do **Dicionário de Autores Paulistas**. Luís Correia de MELO, p. 669.



Imagem nº 6 – “Redação d’ A B C... O LULÚ (Luiz Gonzaga de C. Fleury)”. Revista A B C..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Abril de 1914, nº 1.

Como para qualquer outro redator, a participação de Luiz Amaral Wagner na revista literária sorocabana era mais um meio de fortalecer seu nome entre os homens e as mulheres que cultivavam as letras. A recíproca também era verdadeira; contar com o maçom, escritor, professor Luiz Wagner publicando seus trabalhos aumentava a repercussão social da revista.

Em torno da *Typographia Werneck* circulavam outros potenciais colaboradores que eram pedagogos, literatos, poetas, redatores do jornal *Cruzeiro do Sul* e, saindo do campo da educação, até mesmo comerciantes e políticos do PRP integravam o projeto cultural das publicações. Entre os outros literatos da cidade, destaco Achilles de Almeida, João Padilha, Fernando Rios e Genésio Machado. Participando indiretamente das publicações, esses sujeitos ampliavam o universo de escritores e leitores da cidade.

Nascido em Botucatu no ano de 1890, Achilles de Almeida mudou-se para Sorocaba por volta de 1907, após concluir o curso secundário realizado na Escola Peixoto Gomide, de Itapetininga.¹³⁸ Afeito às letras, logo ingressou no jornal *Cruzeiro do Sul*, no qual foi importante redator nas décadas de 1910 e 1920. Para esse jornal, trouxe quase todos os irmãos. Heitor, Levy, Gamaliel, Joel, Eurico, João Thomaz de Almeida escreveram, compuseram, imprimiram, dobraram e despacharam o *Cruzeiro* por vários anos.¹³⁹ Em 1928 ocupou o cargo de redator-chefe desse jornal. Um ano depois, trocou de jornal para também ser redator-chefe do *Correio de Sorocaba*, por ocasião da campanha para obtenção da Escola Normal de Sorocaba, Ginásio do Estado e Escola Profissional. Com a implantação da Escola Normal em Sorocaba, o professor Achilles de Almeida foi nomeado o primeiro diretor em 1929, cargo que exerceu até 1934, dois anos antes de seu falecimento.

Em meio às atividades jornalísticas desenvolvidas em Sorocaba, aperfeiçoou-se em 1915 na Escola Caetano de Campos de São Paulo. Achilles de Almeida continuou estudando para diplomar-se pela Escola Normal em 1916, e pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1919.¹⁴⁰

Os irmãos Almeida foram fiéis correligionários de Luiz Pereira de Campos Vergueiro em Sorocaba. Trabalhando ao lado da família proprietária do jornal *Cruzeiro do*

¹³⁸ “Vultos de Sorocaba: Dr. Achilles de Almeida”, jornal *O 3 de Março*, 26/05/1957, ano I, nº 13, p. 12.

¹³⁹ Idem.

¹⁴⁰ Idem.

Sul, tiveram papel importante nas lutas políticas da década de 1910. Em relação às publicações da *Typographia Werneck*, Achilles, Gamaliel e Levy tiveram alguns trabalhos/textos escritos publicados.

O sorocabano João Padilha de Camargo nasceu 1865, filho do agente do correio José Padilha de Camargo e de Maria Padilha Antunes Maciel.¹⁴¹

Republicano nos últimos anos do império lutou pela libertação dos escravos e foi um dos primeiros sorocabanos a manifestar o desejo da implantação de um novo regime político para o país.¹⁴²

João Padilha de Camargo e seus irmãos tiveram destaque na política local. Antônio Padilha foi um dos moradores que mais se empenhou na campanha pela criação de um Grupo Escolar na cidade no início do regime republicano. Quando foi anunciada a criação do Grupo Escolar em 28/03/1893, uma grande manifestação organizada pelo PRP local comemorou a conquista da cidade. No outro dia, Antonio Padilha faleceu e, em sua homenagem, esse Grupo Escolar recebeu o seu nome.¹⁴³

João Padilha ostentou a patente de Coronel, foi correligionário do PRP, chegando a membro do diretório estadual do partido na década de 1920. Na imprensa local colaborou com várias publicações. Utilizando pseudônimos, divertia-se com os moradores que não conseguiam identificar seus escritos.¹⁴⁴

Na *Revista A B C...* foi uma espécie de editorialista, escrevendo a primeira crônica das edições nº 2, 3, 4 e 5. No caso da revista sorocabana, ele assinava como D. Ilha, mas o sumário e os artigos do *Cruzeiro do Sul* deixavam evidente que este pseudônimo era do Coronel João Padilha de Camargo.

Entre muitos cargos públicos exercidos durante sua vida, foi coletor federal por mais de 30 anos, aposentando-se um ano antes de sua morte, em 1937.¹⁴⁵

Voltando para os professores, Genésio Machado foi outro colaborador assíduo das produções da *Typographia Werneck*. Nascido na cidade de Capivari em 1886

¹⁴¹ “Vultos de Sorocaba: Coronel João Padilha de Camargo”, jornal *O 3 de Março*, 05/05/1957, ano I, nº 10, p. 12.

¹⁴² Idem.

¹⁴³ ALMEIDA, Aluísio. “Biografias Sorocabanas”. In: **Revista do Arquivo Municipal CLII**. São Paulo: Gráfica da Prefeitura do Município de São Paulo; Secretaria de Educação e Cultura; Departamento de Cultura, 1952, p. 27.

¹⁴⁴ “Vultos de Sorocaba: Coronel João Padilha de Camargo”, jornal *O 3 de Março*, 05/05/1957, ano I, nº 10, p. 12.

chegou a Sorocaba com setes anos de idade com a transferência de toda a família. Coursou o primário no Grupo Escolar Antônio Padilha e seguiu para Itapetininga, ingressando na Escola Complementar, onde recebeu seu diploma em 1906.¹⁴⁶

Iniciou sua carreira no magistério em 1908, na Escola Isolada de Campina de Monte Alegre, então distrito do município de Angatuba. Um ano depois, foi transferido para Sorocaba, ministrando aulas em vários estabelecimentos.

No período em que contribuiu para o almanaque e a revista literária focalizada, Genésio era professor complementarista de uma Escola Isolada situada à rua Cezario Mota.¹⁴⁷

Em 1914 foi nomeado diretor adjunto do segundo Grupo Escolar da cidade – o Visconde de Porto Seguro – implantado no mesmo ano, cargo que ocupou até 1929.¹⁴⁸ Suas relações com o grupo situacionista do PRP sorocabano ficam indicadas tanto nos cargos que ocupou no magistério local como na proximidade com os redatores das principais publicações da cidade no período focalizado. Além de colaborar com as publicações editadas por Braulio Werneck, Genésio Machado era um assíduo articulista do jornal *Cruzeiro do Sul*. Vale lembrar que o professor Genésio redigiu com Renato Sêneca de Sá Fleury o *Almanaque de Sorocaba do ano santo de 1950*, dois anos antes de falecer.¹⁴⁹

Entre os colaboradores recorrentes, o professor Fernando Rios era outro que participava das produções literárias da cidade, escrevendo para jornais e para a tipografia do sr. Werneck. Professor complementarista do Grupo Escolar Antônio Padilha e da Escola noturna para operários mantida pela Loja Perseverança III no período em que foram lançados o almanaque e a revista literária,¹⁵⁰ o espanhol Fernando Rios nasceu no ano de 1889. Com seus pais imigrou para o Brasil em 1892, passando por Tatuí e Itapetininga antes de mudar-se para Sorocaba.¹⁵¹ Em Itapetininga fez o curso primário e a Escola Complementar, formando-se em 1906.

Transferiu-se para Sorocaba em 1908 onde foi nomeado professor da Escola Isolada do Cerrado. Na cidade, entrou para a Loja Maçônica Perseverança III, na qual

¹⁴⁵ Idem.

¹⁴⁶ “Vultos de Sorocaba: Prof. Genésio Machado”, jornal *O 3 de Março*, 25/08/1957, ano I, nº 26, p. 12.

¹⁴⁷ “A instrução em Sorocaba”. In: **Almanach Ilustrado de Sorocaba para 1914**, p. 260.

¹⁴⁸ “Vultos de Sorocaba: Prof. Genésio Machado”, jornal *O 3 de Março*, 25/08/1957, ano I, nº 26, p. 12.

¹⁴⁹ Idem.

¹⁵⁰ “A instrução em Sorocaba”. In: **Almanach Ilustrado de Sorocaba para 1914**, p. 259 e 262.

construiu boas relações sociais. Em 1913 foi nomeado para o Grupo Escolar Antônio Padilha, o mais tradicional da cidade, de onde saiu em 1922 para ocupar o cargo de diretor do Grupo Escolar Senador Vergueiro, instalado no bairro dos imigrantes espanhóis.

Suas boas relações com o líder político sorocabano Luiz Pereira de Campos Vergueiro e sua posição social como professor do Grupo Escolar Antônio Padilha, possibilitaram a Fernando Rios ser uma referência política na cidade.

Observando as origens familiares e as posições sociais ocupadas pelos redatores e principais colaboradores no período de lançamento das publicações da *Typographia Werneck*, acredito que a maioria dos sujeitos envolvidos na produção desses trabalhos editoriais estava expondo suas aptidões artístico-literárias sem o objetivo de lucrar imediatamente. Penso até que os literatos sorocabanos não recebiam pelos trabalhos publicados. Sem dados para afirmar com certeza se os trabalhos eram ou não remunerados, construo essa idéia na relação com as condições materiais da sociedade sorocabana.

Mas como posso acreditar em trabalhos literários não remunerados? Como posso pensar em trabalho voluntário num momento de profissionalização da imprensa nas grandes cidades brasileiras?

Retomando o artigo publicado no jornal *Cruzeiro do Sul* à época da fundação da revista literária sorocabana, procuro compreender o chamado para que as “pessoas inteligentes” da cidade auxiliassem a manutenção da revista *A B C...*, pois essa publicação serviria mais para a elevação do conceito de Sorocaba diante dos estranhos, “do que uma fonte de lucros, pois é conhecida a dificuldade com que tem de lutar toda e qualquer empresa jornalística do interior”.¹⁵²

Lembrando que ano de 1914 não é um momento de expansão dos mercados consumidores no país e que Sorocaba não poderia ser comparada à cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas, pois seu mercado tinha menor poder de compra, imaginar uma remuneração por trabalhos literários parece mais inviável. O público leitor da cidade não contava com muitas escolas para sua formação e ampliação, o acesso ao ensino público para as classes trabalhadoras era muito difícil e a maior parte dos moradores era de analfabetos. (OG, 2000: 11) Com um quadro social diferente das grandes cidades, os custos

¹⁵¹ “Prof. Fernando Rios”. In: **Gente**. Tomo II. (s.n.)

¹⁵² *Cruzeiro do Sul*, Anno XI, Sorocaba, 27/02/1914, nº 2364, p. 2.

de produção de um almanaque ou de uma revista literária, editados com papel couché, seriam impagáveis se os trabalhos publicados fossem remunerados.

Além disso, acredito que os literatos sorocabanos não eram dependentes da imprensa tipográfica, como Ana Luiza Martins expõe sobre São Paulo e Rio de Janeiro nas primeiras décadas da república.(MARTINS, 2001: 140) Excetuando as condições de Braulio Werneck e de Cecê – homens da imprensa –, grande parte dos redatores e/ou colaboradores da imprensa local era pessoas com empregos fixos, tinham uma origem familiar abastada, enfim, não viviam dos trabalhos para a imprensa. É lógico que poder ganhar mais alguns réis num período de crise econômica não era uma idéia descartável. Porém, acredito que a remuneração desses trabalhos literários em Sorocaba, se ela existisse, deveria ser muito baixa.

Então, por que escrever e publicar? Quais eram as motivações que incentivavam a produção de trabalhos para publicações como as analisadas nesta pesquisa?

Face à representação construída em torno da imprensa jornalística, a valorização da cultura letrada e das concepções científicas vigentes no avanço da modernidade capitalista, a participação de sujeitos em projetos de cunho cultural era uma prática social plena de significados. Poder ser reconhecido como um homem culto, de idéias articuladas à civilização do progresso, constituía um valor social muito importante entre as elites letradas de uma cidade como Sorocaba.

Capítulo 5 - Civilização / Europa / Progresso! Por que não?

Imagens impressas em revista e nos almanaques

O tema central dos cinco números da revista literária *A B C...* e dos almanaques sorocabanos para os anos de 1904 e de 1914 é a modernidade capitalista, em suas acepções plurais, contraditórias. Apresentada em múltiplas facetas, a modernidade é instituída por esses documentos através das concepções de sociedade urbana, industrial, científica, racional, letrada, civilizada, entre outras. Esses eixos que compõem o tema central ganham forma nas páginas das publicações focalizadas na composição dos textos escritos com as imagens iconográficas.

Engendrando signos do avanço do sistema capitalista de produção, essas publicações autodenominavam-se, no momento de seus lançamentos, contribuições para o progresso da cidade.¹⁵³ Sendo considerados por seus editores produtos da capacidade intelectual e comercial dos moradores de Sorocaba, as publicações eram visualizadas como demonstrações das potencialidades locais. A concretização dessa contribuição estaria na confirmação textual e iconográfica do desenvolvimento industrial, técnico, econômico, intelectual, educacional da cidade. Participando da construção da imagem de cidade moderna, as publicações faziam sua parte no projeto de desenvolvimento de uma cultura letrada, corroborando para que a sociedade valorizasse as letras, incentivasse o conhecimento formal, bem como a produção de riquezas industriais. Sobre este último aspecto nenhum outro município do interior do estado de São Paulo, ultrapassou neste momento, a produção industrial de Sorocaba, perdendo nesse ponto apenas para a capital.¹⁵⁴ O almanaque ilustrado de Sorocaba para 1914 constrói a representação de que os discursos elaborados pelos redatores e colaboradores das publicações focalizadas estavam em sintonia com seu tempo. A concepção de progresso material baseado na produção de riqueza agrícola em larga escala para a exportação, desenvolvida com técnicas cada vez mais avançadas, articulava-se à valorização de centros urbanos como espaços adequados ao

¹⁵³ Para maiores informações, conferir nas apresentações dos documentos focalizados. Neste capítulo, irei retomar trechos das referidas apresentações.

¹⁵⁴ “Sorocaba Industrial”. In: **Almanach Ilustrado de Sorocaba para 1914**, p. 42.

crescimento das atividades comerciais e à implantação das unidades fabris, forças produtivas que somavam dividendos para o país. (FAUSTO, 1970: 45) Mesmo existindo tensões entre o setor agrário e o ascendente grupo industrial financeiro no decorrer da primeira república, muitos discursos das classes dominantes defendiam a idéia de integração dessas forças sociais, sendo que a produção urbana complementaria o modelo hegemônico agro-exportador. (idem, 46)

Dessa forma, o processo de urbanização do país – intensificado a partir da república – era visto por setores das elites agrárias como um dos desdobramentos do progresso nacional. Podendo contribuir economicamente no conjunto do desenvolvimento do país, as cidades também foram observadas como espaços propícios para o crescimento intelectual do povo brasileiro, sobretudo a partir da expansão da cultura letrada via escolarização. Buscando a modernização da nação, as elites republicanas transformaram as cidades em cenários que deveriam simbolizar o avanço cultural da sociedade brasileira. Seguindo os modelos norte-americano e europeu, o centro urbano deveria ser sinônimo de sociedade educada, disciplinada, tecnicamente preparada para o trabalho, pronta para responder aos desafios e oportunidades do mundo moderno.

Mas como civilizar populações urbanas recém chegadas do campo ou de outros países? Como organizar a vida das cidades se muitas enfrentavam processos caóticos de crescimento desordenado? Como diminuir as tensões entre as diferentes classes que moravam nas cidades?

Para as elites urbanas dos grandes centros, o acelerado crescimento demográfico representava potencialidades econômicas e problemas sociais; usufruir dessas potencialidades sem gerar conflitos de classes seria a prova do progresso pacífico, sem traumas, ordeiro e civilizado. Nos projetos das classes dominantes, tudo deveria ser feito para se alcançar o progresso e a paz social, nem que para isso fosse necessário colocar em ação a força dos poderes públicos, a favor dos objetivos modernizadores das elites.

Não foram poucas as situações na primeira república em que os poderes públicos atuaram violentamente contra movimentos sociais, rurais ou urbanos. Entre a instauração do regime (novembro de 1889) e o fim do governo de Hermes da Fonseca (novembro de 1914), a União – muitas vezes com a ajuda de forças policiais estaduais –

reprimiu duramente o movimento de Canudos, a Revolta da Vacina, a Revolta da Chibata e o Contestado, apenas para lembrar os mais conhecidos historicamente.

Em comum, todos esses movimentos foram organizados por sujeitos marginalizados socialmente, destituídos do poderes públicos institucionais e excluídos dos projetos pedagógicos da república. Nos casos das revoltas da Vacina e da Chibata ocorridas no Rio de Janeiro, a tão propagada “Regeneração” da capital do país não atendeu as demandas das camadas populares, ao contrário, aumentou as diferenciações sociais.(SEVCENKO, 1999: 56-59)

Sem corresponder aos anseios dos diversos segmentos da sociedade brasileira, as elites republicanas deixaram evidentes as contradições de seus discursos liberais, positivistas e românticos e de suas práticas políticas, reservando as benesses do Estado aos grupos que compunham as bases de sustentação dos governos oligárquicos.

As elites republicanas buscaram modernizar o país, mas esse processo foi baseado em modelos europeus ou norte-americano, elitistas, homogeneizadores, negadores dos grupos sociais “e dos rituais da cultura que evocassem hábitos de um tempo que se julgava para sempre e felizmente superado.” (SEVCENKO, 1998: 27-28)

O processo civilizador brasileiro que deveria superar as mazelas do colonialismo, da escravidão, da cultura imobilizada por séculos de atraso, foi projetado nos moldes urbanos e sociais do hemisfério norte industrializado. Fazer com que o passado vergonhoso fosse esquecido e construir uma sociedade comparável aos padrões culturais das nações desenvolvidas estavam entre as tarefas fundamentais do Estado republicano.

Ampliando essa discussão, a historiadora Márcia Naxara afirma que as pretensões das elites brasileiras do período imperial já remetiam a um universo cultural europeu, o que conduzia à contradição de viver entre o amor à pátria e o desejo de conquistar a imaginada civilização racional do velho continente. (BRESCIANI & NAXARA, 2001: 431)

Márcia Naxara acredita que uma sensação de exílio nostálgico era produzida pelo desejo utópico irrealizável, nostalgia (re)alimentada por obras literárias, por imagens iconográficas ou por vozes de viajantes.

A vida como paradoxo insolúvel pela impossibilidade de conciliar desejo e realidade, tensão que, como fenômeno de longa duração, vem perpassando pela nossa história desde o século XIX. O desejo de pertencer a um o outro lado. O desejo de ter, aqui, o mundo civilizado. Olhar posto fora, no horizonte, ao longo do oceano, perscrutando o além-mar – olhar nostálgico, de uma nostalgia que vem menos da lembrança ou da saudade de experiências “reais” vivenciadas e mais da imaginação do que nunca se teve e que, no entanto, ao projetar o desejo de parecer, projeta o de ser, assim como a possibilidade de sua concretização. (idem: 432)

As diferenças entre o sentir e o desejar, entre o ser e o não ser, segunda a historiadora, marcavam o isolamento das elites brasileiras dentro do seu próprio país, o exílio dentro de sua terra natal. Daí surgia o sentimento de impotência pela impossibilidade de alcançar o ideal imaginado de civilização. (idem: 433) Mas quais seriam os grandes obstáculos para se alcançar os padrões de civilidade? Quais ações deveriam ser implementadas para destruir tais obstáculos?

Entre a dificuldades apontadas pelas elites brasileiras desde o período imperial, o “povo” era um dos grandes obstáculos a ser superado. As teorias raciais do século XIX construíram um arcabouço para as elites discriminarem ainda mais a população brasileira, praticamente descartando o homem comum dos projetos civilizatórios.

Um povo que “lamentavelmente” não correspondia ao imaginário que se projetava – a utopia de uma nação branca e civilizada. O povo brasileiro, visto por suas elites, aproximava-se do atraso e da barbárie, o que acabou levando a uma identificação do brasileiro pela ausência do que se esperava que ele pudesse ser, ou seja, por aquilo que lhe faltava. Um povo informe, sem identidade, caracterizado pela pequenez moral, em meio a uma natureza representada, tanto de pontos de vista pitorescos como sublimes, como provedora, grandiosa, exuberante. Estava-se diante de um povo mestiço, em momento de condenação do mestiçamento (com ou sem aval da ciência), diante portanto do que não se consegue definir ou denominar para conhecer efetivamente, condição que o tornava menor ainda com relação ao meio que vivia. Este desconhecimento provocava e aumentava a sensação de insegurança, medo quanto ao futuro e às possibilidades de projeção para bem

pensar o Brasil, ou melhor, um Brasil civilizado. Terra com uma população que se constituiu mestiça e cruzada, carregando os estigmas daí decorrentes, diante do conhecimento e sua divulgação, das representações e do imaginário do mundo ocidental. (idem: 444)

As visões nada edificantes que as classes dominantes do império projetavam do “povo” brasileiro, tornavam suas aspirações civilizatórias um desejo distante. Sem mudar significativamente essa análise discriminatória, as elites republicanas buscaram concretizar a civilização brasileira a partir da ação de um Estado modernizador. Mas essa modernização deveria ser limitada, respeitando uma lógica de interesses das classes dominantes.

As elites republicanas difundiam a idéia de que somente uma sociedade educada, instrumentalizada tecnicamente, racional seria capaz de trazer o progresso para do país. Buscando meios para arrancar o “povo” brasileiro da condição de atraso, educá-lo seria a maneira mais segura. Porém, voltados para atender as demandas das elites dominantes da república, a implantação dos projetos pedagógicos pelos estados brasileiros excluíram a maior parte da população em idade escolar.

A historiadora Marta Maria Chagas de Carvalho, que pesquisou as reformas da instrução pública no estado de São Paulo,¹⁵⁵ apresenta os objetivos das elites republicanas ao assumirem o controle do país.

Tão logo proclamada a república, os governantes do Estado de São Paulo, representantes do setor oligárquico modernizador que havia hegemonizado o processo de instauração da República, investem na organização de um sistema de ensino modelar. Assim, a escola paulista é estrategicamente erigida como signo do progresso que a República instaurava; signo do moderno que funcionava como dispositivo de luta e de legitimação na consolidação da hegemonia desse estado na Federação. (CARVALHO, 2000: 225)

¹⁵⁵ Cf. Marta Maria Chagas de CARVALHO, “Reformas da instrução pública”, IN: **500 anos de educação no Brasil**, org. por LOPES, Elaine Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes, VEIGA, Cynthia Greive, Autêntica: Belo Horizonte, 2000, pp. 225-251.

Signo do progresso e do moderno, a escola paulista também era uma plataforma política para as elites do estado confirmarem sua hegemonia no cenário nacional. A educação de São Paulo seria mais um signo da prosperidade do estado, mais um modelo a ser seguido pelos demais estados da nação. No que diz respeito aos educandos, os responsáveis pela reforma da instrução pública defendiam que os métodos pedagógicos modernos, o ensino seriado e as classes homogêneas reunidas num mesmo prédio seriam eficazes, superando os limitados projetos pedagógicos do império.

Mas além da educação modelar ampliada e eficiente, a visibilidade da escola pública seria um ponto fundamental para o sucesso do projeto pedagógico. A expansão da educação primária com a implantação dos Grupos Escolares sintetizava a procura dos governos em relação ao apoio dos grupos sociais urbanos. Não bastava a adoção de novos métodos pedagógicos; era necessário criar uma referência visual dessa escola moderna. A construção de edifícios escolares em áreas centrais das cidades, todos novos, espaçosos, representantes dos padrões arquitetônicos funcionais, davam indícios importantes de outros objetivos da expansão da educação primária.¹⁵⁶

A preocupação com as classes trabalhadoras era evidente no projeto pedagógico dos oligarcas paulistas. A expansão escolar com seus monumentais Grupos Escolares visava também controlar as populações operárias, rebeldes à ordem republicana instaurada. (idem: 227)

Para as elites urbanas, os processos de industrialização e de urbanização atraíam trabalhadores com outras culturas – inclusive estrangeiras –, que não partilhavam os códigos comportamentais pretendidos pelas classes dominantes. A imagem de invasão da cidade por pessoas “bárbaras”, ameaçadoras de um conjunto de práticas culturais desejadas pelas elites urbanas, promove um discurso hierarquizador e uma articulação para se organizarem mecanismos de controle das populações pobres no espaço da cidade. (idem: 232-233)

As elites pensavam, diante de condições sociais complexas, que a cidade necessitava de ações mais contundentes dos poderes públicos. Para isso, o Grupo Escolar surge como um dos símbolos da firme atuação do estado frente aos novos desafios sociais.

¹⁵⁶ Cf. o trabalho de Rosa Fátima de SOUZA, **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)**.

A educação primária pretendia responder aos anseios das elites urbanas, homogeneizando as práticas culturais das classes trabalhadoras em crescimento.

Nesse sentido, a historiadora Cynthia Greive Veiga afirma que os projetos de reforma urbana dos séculos XIX e XX foram importantes para tornar as cidades locais de deslocamento, trabalho, patriotismo, recepção estética, harmonia e ordem.¹⁵⁷ Contudo, os objetivos dos engenheiros e governantes que projetaram e executaram as reformas urbanas seriam realmente alcançados com a participação da escola. (VEIGA, 2000: 399-404)

Se os projetos urbanísticos buscavam ordenar o uso das cidades e disciplinar seus moradores para as devidas utilidades disponibilizadas, a educação seria um dos pilares do discurso republicano, pela “crença na sua capacidade de regenerar, moralizar, disciplinar e unificar as diferenças”. (idem: 405)

Assim, um projeto de unidade nacional foi concebido pelas elites republicanas, atribuindo à escola um papel fundamental: construir uma identidade da nação brasileira.

A concretização da república brasileira somente se realizaria com a elaboração da unidade nacional, uma comunidade de homens que compartilham uma história e uma cultura, simbolizada por uma bandeira e um hino. Isso implicava a necessidade de romper com a inserção aleatória, desorganizada e rebelde das pessoas na sociedade.

Os desafios postos para as elites diziam respeito à expansão da escola e às formas dessa expansão, para tornar a razão moderna parte integrante da formação humana, sem contudo desestabilizar a nova ordem então conquistada. Entre outras coisas, as novas ações deveriam se voltar para as formas de organização do ensino, para a hierarquização dos saberes na escola, para a difusão de conhecimentos voltados para redefinição do espaço e do tempo escolar, para as ênfases em determinados conteúdos, materiais e métodos e para a formação de professores.

Nesse sentido, a ênfase na formação de uma opinião pública se apresenta como um fator determinante para a consagração da república. (idem: 404)

¹⁵⁷ Cf. o trabalho de Cynthia Greive VEIGA, “Educação estética para o povo”. IN: **500 anos de educação no Brasil**, org. por LOPES, Elaine Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes, VEIGA, Cynthia Greive, Autêntica: Belo Horizonte, 2000.

No projeto republicano, a escola cumpriria suas funções pedagógicas e também educaria os novos cidadãos para uma sociedade em transformação, dentro das expectativas dos grupos dominantes.

Educar para a vida, para o trabalho, mas sem perder o controle social. Formar a cultura e a identidade brasileira, resguardando as bases do regime republicano. Incluir o cidadão na sociedade letrada, sem dividir os poderes públicos, estes eram os pilares sobre os quais as elites republicanas pretendiam ampliar a escolarização no país.

Relações modernas de educação e trabalho

Face aos discursos e práticas políticas das elites republicanas brasileiras, os redatores e colaboradores das publicações sorocabanas engendraram em suas produções a imagem da cidade moderna, da sociedade próspera, de um centro urbano atualizado, educado, higienizado, racional, enfim, de uma cidade com seus moradores aptos para contribuir aos esforços civilizatórios que a nação necessitava. Além disso, com tais publicações apresentam a imagem de Sorocaba como cidade moderna, industrial, aparelhada com as novidades tecnológicas, tinha moradores que nutriam o saber da cultura letrada, fator indispensável para o desenvolvimento completo da nação.

Como grande parte dos redatores e colaboradores das publicações focalizadas era de professores, que atuavam na cidade e que acabavam (re)produzindo em seus textos escritos as concepções de educação vigentes na república, acredito que após exercerem suas funções nas respectivas escolas, eles buscavam ampliar seus discursos pedagógicos para todo o público leitor, ou até mesmo para toda a população da cidade. As produções tipográficas sorocabanas deixam evidenciadas essas metas, a divulgação das concepções culturais hegemônicas no país, a educação política dos sentidos (GAY, 1988) para um público mais amplo do que a clientela escolar.

Trabalhando com os referenciais liberais, românticos, positivistas, enfim, da modernidade capitalista, os redatores e colaboradores das publicações instituíram novas visões e sensibilidades para um público leitor que deveria valorizar as letras, respeitar a ordem institucional, cumprir as leis, trabalhar aproveitando o tempo, potencializando a

capacidade de produção e desenvolver todo um conjunto de práticas sociais urbanas, desejadas pelas elites locais.

Nesse sentido, os eixos trabalho e educação sempre estiveram entre os mais mencionados nas publicações. Por isso, são esses eixos temáticos que pretendo analisar no diálogo com as publicações. Respeitando as especificidades de cada momento de produção das publicações, busco traçar as possíveis relações temáticas entre os almanaques e a revista literária, observando como trabalho e educação eram considerados elementos fundamentais para a construção de uma imagem de sociedade moderna em Sorocaba.

As publicações focalizadas foram consideradas pelos próprios editores, produtos que contribuíram para o progresso da cidade. O conceito de progresso veiculado pelos editores tinha relação direta com a capacidade de produção de riqueza material, por parte das empresas instaladas em Sorocaba, como também era uma referência à produção intelectual representada por tais. Assim, analisando os significados culturais das publicações, vale lembrar que os artigos de jornais e peças publicitárias que anunciaram os almanaques e a revista literária *A B C ...* também apoiavam-se no referido conceito.

O *Almanach de Sorocaba para 1903*, o primeiro lançado pela *Typographia 15 de Novembro* foi considerado uma obra importante pelo artigo que o anunciava. Entre as idéias que procuravam enaltecer a importância da publicação, as mais significativas eram as que relacionavam o crescimento industrial da cidade ao desenvolvimento intelectual de alguns de seus moradores.

Ao lado do desenvolvimento industrial que nos colloca em primeiro plano entre as cidades deste estado, era necessario que não nos esquecêssemos de evidenciar a nossa actividade em outras manifestações do trabalho, e, eis porque, nos sentimos orgulhosos em ver apparecer livros que vão dizer a outras terras, que, Sorocaba, não obstante ser uma cidade do interior, possui, ainda que pequeno, um circulo de espiritos cultos dedicados ás investigações litterarias.

Ha, pois, movimento e vida em nossa pequena esphera intelectual, tanto assim, que algumas intelligencias estão com as atenções presas a trabalho de gabinete, que talvez, muito breve, devem sahir á luz. (...)

Ainda esta semana saíu á luz o “Almanach de Sorocaba”, publicação esta que temos á vista e que, conforme dizem os editores, no prefacio, destina-se principalmente a fornecer ao leitor “um pallido reflexo do nosso desenvolvimento industrial”. (...)

*Em fim a nova publicação merece apoio publico, afim de que continúe a apparecer todos os annos, pois ella vae prestar muito bons serviços a Sorocaba.*¹⁵⁸

A publicação do *Almanach de Sorocaba para 1903* já estabelecia a idéia de que a cultura letrada era um importante alicerce para uma cidade moderna. Pelo artigo do jornal sorocabano *O 15 de Novembro*, verifica-se a intenção do autor em comentar o progresso industrial da cidade, mas de alertar para a relevância das produções intelectuais que estavam sendo levadas ao público. De certa forma, reclamando da “pequena esphera intelectual” existente à época em Sorocaba, o texto defende a idéia de que o almanaque daquele ano prestaria bons serviços à cidade, isto é, serviços e natureza cultural.

“Um pálido reflexo do desenvolvimento industrial” da cidade e a “prestação de serviços” são duas características do almanaque de 1903 que o artigo garante aos possíveis leitores. Dentro das visões defendidas, depreende-se a relação do progresso técnico de produção de riqueza com o avanço da cultura letrada. Para os discursos liberais da cidade, tornar-se rico e inteligente parecia ser o ideal a ser alcançado. Cultivar as letras e trabalhar para a acumulação de capitais fazia parte das visões elitistas do Brasil, e Sorocaba estava integrada, segundo o artigo, a esse projeto de desenvolvimento social.

Mas é interessante ressaltar nesse artigo a idéia de que “outras manifestações do trabalho” surgiam na cidade. Partindo de um referencial de trabalho braçal, desenvolvido na agricultura, na indústria ou no comércio, o artigo apresenta o “trabalho de gabinete” como uma evidência do progresso intelectual da localidade. Para uma sociedade pouco afeita à educação escolar, às letras e ao desenvolvimento das ciências, incentivar o trabalho intelectual seria uma tarefa difícil. Destacando o “ainda pequeno circulo de espiritos cultos dedicados ás investigações litterarias”, o artigo defende que os moradores da cidade precisavam alimentar suas vidas com obras de cunho intelectual, estabelecendo novos patamares para além da desenvolvida produção industrial local.

¹⁵⁸ “Letras sorocabanas”. Jornal *O 15 de Novembro*, Sorocaba, 05/03/1903, anno XI, nº 1005, p. 1.

Buscando a valorização do mundo das letras, o artigo deixa claro que o lançamento do *Almanach de Sorocaba para 1903* destinava-se principalmente a fornecer ao leitor “um pallido reflexo do nosso desenvolvimento industrial”. O artigo defende a valorização da cultura letrada, do trabalho intelectual, para depois evidenciar uma das idéias explicitadas pelos editores do almanaque. Separando as diferentes atividades do trabalho, o artigo reforça a hierarquização social. De um lado, os intelectuais, os letrados, a sociedade culta que tem capacidade e condições para desenvolver as ciências e letras em prol de todos. De outro lado, os trabalhadores braçais que desenvolvem suas atividades na indústria local, a maioria da sociedade que está empenhada em suas atividades e à espera das transformações realizadas pelos homens cultos e letrados. A definição desses diferentes grupos sociais institui uma fronteira social entre os cultos e os trabalhadores braçais.

O *Almanach de Sorocaba para 1904*, que não foi anunciado em artigos de jornal nem recebeu uma campanha publicitária atraente no período de seu lançamento como o almanaque para 1903, mencionou o conceito de progresso desde as suas primeiras páginas. Em sua apresentação, intitulada “Ao publico”, os editores afirmam:

Animados pela boa aceitação e acolhimento que mereceu o nosso Almanach, de 1903, por parte do commercio e da população desta cidade, resolvemos edital-o no próximo anno de 1904, introduzindo em tal publicação os melhoramentos ao nosso alcance.

Apresentamos, pois, ao publico sorocabano o Almanach de Sorocaba, para 1904, certos de que, mais uma vez, seremos merecedores da sua benevolencia para os senões de que esta publicação se fizer sentir e ainda seremos distinguidos com o bom acolhimento que sempre foi dispensado aos empreendimentos que visam o progresso de nossa terra.

*Sorocaba, Dezembro de 1903.*¹⁵⁹

O conceito de progresso surge na apresentação do almanaque, que os editores denominam mais uma contribuição para o desenvolvimento de Sorocaba. Produto comercial assumido, esse almanaque presta serviços ao progresso sorocabano com a

¹⁵⁹ “Ao publico”. In: **Almanach de Sorocaba para 1904**, p. 3.

valorização da cultura letrada, da informação necessária ao homem moderno, das concepções culturais e das sensibilidades que a publicação defende.

Se a apresentação indica as razões comerciais e culturais do empreendimento, os textos escritos da parte literária, as notas informativas distribuídas dentro do almanaque procuram estabelecer dados curiosos, úteis para a vida cotidiana do leitor, referências históricas da cidade, além da parte indicadora que focaliza o progresso local através da apresentação dos capitalistas e do número de estabelecimentos comerciais existentes na cidade. Também posso compreender a parte dos anúncios como uma representação esclarecedora sobre o potencial econômico de Sorocaba.

O progresso sugerido pela apresentação do almanaque para 1904 parece indicar ao público leitor às “qualidades intelectuais” de seus redatores e editores. Na parte literária, o destaque à inventividade de Santos Dumont, à estatura moral do médico sorocabano Álvaro Soares, às belas obras literárias do também sorocabano Antonio de Oliveira, entre tantos outros textos escritos, caracterizam o almanaque como uma publicação que enaltece os avanços científicos, os homens titulados e letrados para o desenvolvimento de uma sociedade civilizada.

Mas a visão liberal positivista de progresso é utilizada à exaustão tanto no *Almanach Illustrado de Sorocaba para 1914* como na *Revista A B C ...* As publicações da *Typographia Werneck* fazem uso do conceito de progresso, com suas implicações mecânicas, instituindo interpretações sociais compartimentadas, hierarquizadoras, excludentes e unidimensionais. Buscando relacionar o progresso social às condições de produção de riqueza tecnicamente avançada e ao modelo de homem civilizado, racional, educado, o *Almanach Illustrado de Sorocaba para 1914* e a *Revista A B C ...* apresentam os símbolos que pretensamente estavam se concretizando em Sorocaba, os objetivos das elites republicanas brasileiras.

Como não poderia deixar de ser, a educação institucional recebeu grande destaque nas publicações através de textos escritos e imagens iconográficas. Mas além do valor conferido ao processo educativo institucional, as publicações indicavam um sentido mais amplo do processo de formação cultural do homem. A idéia de educação, impressa pelos textos analisados, compreende a participação efetiva da sociedade na formação de seus integrantes. Quer dizer, a família, os amigos, os poderes públicos, a escola, a

imprensa, enfim, todos deveriam construir o caminho de uma sociedade culta, civilizada, racional, voltada para o bem estar, a paz e o progresso geral. Nesse sentido amplo de educação, os professores redatores contribuíam duplamente, pois exerciam suas funções profissionais dentro das escolas e levavam a um público maior suas concepções culturais, relacionadas às práticas pedagógicas de um mundo moderno. Por isso, as publicações tanto insistiam na idéia de que eram produtos que concorriam para o progresso da cidade.

A educação é defendida pelos redatores como um meio de progresso do indivíduo que cultiva as ciências e letras, da sociedade que adota políticas públicas pedagógicas para seus integrantes, do país que reconhece a importância do conhecimento formal, científico, acumulado para a realização de novas descobertas. Buscando abordar todos as possibilidades de processos pedagógicos, as publicações inserem em suas páginas, desde simples anedotas sobre situações de alguma figura social diante dos avanços científicos, até crônicas que defendiam a abertura de escolas secundárias em Sorocaba.

Observado a partir da perspectiva cultural, esse progresso estava relacionado ao incentivo à expansão da cultura letrada, à ampliação das práticas de leitura, à divulgação de trabalhos literários, à construção de um imaginário social urbano e à informação referente aos avanços da ciência, que eram encarados como conquistas fundamentais para toda a humanidade usufruir.

Para se ter um exemplo de como a ciência era valorizada nas publicações, o *Almanach de Sorocaba para 1904* comenta a capacidade do amoníaco em combater incêndios, visto que os norte-americanos pretendiam armazená-los em frascos para qualquer eventualidade (“O ammoníaco e os incêndios”, p. 25); o mistério das propriedades extraordinárias do metal radium que dois químicos estavam estudando (“Um metal prodigioso”, p. 49); os avanços das pesquisas em fisiologia na França e na Alemanha que auxiliavam os doentes a se recuperarem mais prontamente (“Sabio fisiologista”, p. 45; “Ovos ferruginosos”, p. 53). Apontadas como vantagens que o homem evoluído tinha em relação ao homem despreparado, as pesquisas científicas eram expostas nesses textos escritos como diferenciais das sociedades que investiam na busca de novos conhecimentos em prol da vida humana. A idéia de que as sociedades que incentivavam as ciências acabariam promovendo melhores condições de vida para seus integrantes estava latente para os leitores.

A História também é contemplada nesse almanaque no artigo “Archeologia Oriental” (pp. 86-88), encarada como ciência reveladora dos “maiores tesouros sobre os conhecimentos” dos antigos povos da Mesopotâmia, Palestina e Egito. O artigo chama a atenção dos leitores para as “novas” descobertas promovidas por técnicas de pesquisa avançadas, que possibilitavam o entendimento mais amplo dos textos bíblicos. Junto com arqueólogos, os historiadores conseguiam esclarecer pontos obscuros da Bíblia, tornando mais compreensível a leitura dos textos sagrados.

Buscando também valorizar a literatura, o livro do sorocabano Antonio de Oliveira intitulado “Raça de Portuguezes” é anunciado num artigo com o mesmo título no almanaque de 1904 (pp. 90-92). Segundo o artigo, o referido romance do escritor sorocabano era uma leitura interessante para aqueles que procuravam conhecer a formação do “povo” brasileiro, constituído por pessoas que amaram a terra e o trabalho, enfrentaram adversidades e cumpriram uma trajetória heróica para desbravar suas riquezas. Ainda segundo o artigo, o romance não poderia ser considerado o “cabelludo Romantismo, nem o Naturalismo, nem o Realismo”. Era obra honesta, sincera, sem pornografia, inspirada “somente pelas impressões reais, pelo romantismo natural, pela violencia dos temperamentos, em que, ao fundo, sempre se descobre o filão poetico, o impulso para os relentos ao luar, para a pratica com o mysticismo celestial, depurador de todos os residuos moraes do odio, da sensualidade, dos vicios hediondos”.

Apontando as qualidades da obra, o artigo crítica escolas literárias do século XIX para ressaltar o romantismo natural, depurador de vícios hediondos que inspirou o autor sorocabano. A literatura é uma arte formadora de bons sujeitos, defensora de boas práticas e costumes. Esquivando-se de características literárias “deturpadoras”, o romance histórico de Antonio de Oliveira é visto como uma leitura edificante, neste artigo, pois trazia conhecimentos culturais, que contribuiriam para a construção de uma sociedade melhor. A leitura como uma prática social transformadora, acaba sendo a principal idéia proposta pelo artigo.

A explicitação da educação institucionalizada está na “Parte indicadora” no almanaque para 1904, na qual o Grupo Escolar Antonio Padilha é apresentado após os poderes públicos da cidade e antes mesmo dos profissionais liberais, da divisão eclesiástica e dos estabelecimentos industriais. Portanto, em destaque no quadro social de Sorocaba, a

escola pública e seus funcionários são identificados como sujeitos importantes. Os estabelecimentos particulares, sem o mesmo espaço da escola pública, são apresentados também à frente do clero e das indústrias da cidade. Na hierarquização proposta pelo almanaque, a educação institucionalizada é parte relevante de uma cidade moderna. A distinção social dada aos estabelecimentos escolares promove a idéia de que os educadores eram importantes para o desenvolvimento local.

Esse destaque fica mais evidente no *Almanach Illustrado de Sorocaba para 1914*. Sem a parte indicadora formal, comum em alguns tipos de almanaques, o artigo “A instrução em Sorocaba” (pp. 259-263) apresenta todas as escolas, funcionários e titulação dos professores. Repetindo a ordem do almanaque de 1904, o único Grupo Escolar da cidade à época é o primeiro da lista. Evidenciando a importância de seu corpo docente, todas as séries são citadas, com seus respectivos professores. Entre eles estão Luiz Camargo Fleury e Luiz do Amaral Wagner – redatores da *Revista A B C...* – o Fernando Rios, colaborador do almanaque de 1914.

Seguindo a apresentação das escolas sorocabanas, surgem as Escolas isoladas, Escolas isoladas de bairros, Escolas Municipaes, Escolas nocturnas para operarios mantidas pela Loja Perseverança III, Externato Sorocabano e Collegio Santa Escholastica. Dessas, apenas a última não tem nomeado o corpo docente, devido à falta de informações necessárias, segundo o artigo.

Estabelecida a hierarquia das escolas sorocabanas, o simples fato dos professores aparecerem em destaque, demonstra a valorização que a publicação dava à educação institucionalizada.

O artigo “Gabinete de Leitura Sorocabano” (pp. 189-192) do almanaque para 1914 traz a idéia de força cultural do “povo” da cidade, que mantinha uma associação com essas características. Fazendo um breve histórico da fundação do “magnifico centro de cultura popular”, o artigo informa a quantidade de volumes no acervo do GLS, que o assegurava a honrosa colocação de primeiro lugar no estado de São Paulo, entre os congêneres. Contando as bibliotecas oficiais, o GLS ocupava o quinto lugar.

Mais um símbolo da “progressista e culta terra” de Sorocaba, o GLS colocava a disposição de todos os interessados, sem qualquer remuneração segundo o artigo, a leitura de jornais e revistas. Associação incentivadora da cultura letrada, sócios e

não sócios eram assim convidados a compartilhar das benesses que o GLS tinha a oferecer para o povo da cidade.

Em se tratando da educação em aspectos mais amplos, os discursos mais diretos foram publicados na *Revista A B C...* O caráter mais próximo do cotidiano da revista literária possibilitou a difusão das visões e sensibilidades modernas, voltadas para a educação institucionalizada, a cultura letrada, a ciência, a razão, o viver urbano, dentre outras concepções.

Na primeira edição da revista literária, o artigo “A nossa revista” é uma forma de apresentação da publicação aos leitores. Buscando evidenciar as motivações que levaram os redatores a fundarem a revista, o artigo insere críticas ao materialismo exacerbado, predominante na época e defende o incentivo à cultura letrada.

Animados pela esperança de que vimos preencher uma lacuna, que muito se fazia sentir no seio do elemento intellectual desta terra, atiramos esta revista aos azares da publicidade.

Ninguém deixará de reconhecer a temeridade do lance: numa epoca em que os fructos da intelligencia fenecem sob a influencia gelida do indifferentismo do homem moderno, apegado tão somente aos calculos rasteiros da materialidade da vida, é audacia, si não redonda parvoice, erguer ás costas um fardo tão incommodo, cujo peso por certo nos esmagaria, si não tivessemos a nos auxiliar esse cyreneu ambicionado, que, no jornalismo, é o acolhimento benevolo do publico.

*Deste e só deste apoio moral necessitamos para nosso incentivo e cremos poder de antemão orgulharmo-nos de que o possuiremos, tal é a feição essencialmente popular de que se revestirá a nossa modesta revista, que em si reunirá as qualidades do util e do agradável, já pela collaboração escolhida e fina da sua parte scientifico-literaria, já pela abundancia de um humorismo leve e bisbilhoteiro, a quebrar a linha severa e triste em que, se perfilam as nossas idéas, quando nos engolphamos em pensamentos sobre esta vida tão cheia de dores e pezares...*¹⁶⁰

¹⁶⁰ “A nossa revista”. In: **Revista A B C...**, nº 1, Abril de 1914, s.n.

O artigo trabalha a utilidade e o entretenimento que a revista proporcionaria aos seus leitores, pessoas que deveriam se esquivar tanto do indiferentismo intelectual do homem moderno, quanto da “linha severa e triste” através da qual, são apresentadas muitas vezes, as idéias sobre a vida.

Porém, demonstrando as incertezas do aspecto comercial do empreendimento, o artigo é perpassado pela crítica ao pessimismo em torno do lançamento da revista. Expondo a indignação dos redatores em relação aos sujeitos que questionavam a viabilidade da publicação, o artigo defende a cultura letrada como o grande meio para o progresso do conhecimento.

Passem por sobre nossas cabeças os ventos asperos da adversidade, para que seja de nossa revista a palma do vencedor.

Que nos importará a nós o pessimismo chronico, em phase aguda nestes tempos, que procure varrer-nos as esperanças que alimentamos, si de uma parte sã, embora restricta, da nossa sociedade, nos vier o encorajamento para a lucta?

Que nos importa a obesidade do burguez ricoço, a bradar-nos com todas as forças do apparelho vocal, que estamos em crise e que precisamos de dinheiro e não de jornaes ?

Que mal nos fará o mendigo de intelligencia que nos venha dizer que pelo preço da revista assiste a 15 fitas num cinematographo ? ...

Alcançando um fim mais alevantado, mais nobre e mais humano, certos estamos de quo deixaremos de collocar em base bem solida os primeiros alicerces da nossa futura obra e para tal certeza contamos merecer um acolhimento favoravel daquelles que se interessam pela dissiminação das luzes da intelligencia e que comprehendem que para tal o jornal illustrado é o mais poderoso vehiculo.

*Por bem remunerados nos daremos si se tornarem um facto as nossas esperanças.*¹⁶¹

Com esse artigo, a revista apresentava aos leitores a defesa do cultivo das letras, a necessidade do homem moderno ampliar seus conhecimentos formais, entreter-se

¹⁶¹ Idem.

com a literatura, pensar em horizontes científicos, sem deixar de rir das próprias dificuldades da vida urbana moderna.

É interessante observar a crítica ao burguês rico, preocupado apenas com o dinheiro. Sem citar nomes, a burguesia é criticada em sua ganância monetarista. Mas a revista não tem o objetivo de atingir toda a classe burguesa, uma vez que o burguês culto também incentivava as letras, talvez com a aquisição da publicação ou da publicidade impressa em suas páginas.

A cidade moderna, que cultivava o saber letrado, era a cidade dos industriais e comerciantes que construíam casas imponentes no centro urbano. (Imagem nº 7) Se de um lado incentivar a cultura letrada era a grande luta dos redatores, de outro lado a exibição da arquitetura moderna, exuberante e monumental das construções residenciais ou não de alguns empresários sorocabanos, instituía o padrão estético burguês. Coincidência ou não, em todas as edições da revista literária os negócios das famílias Soares e Scarpa tiveram anúncios publicados e a fábrica do Comendador Oetterer recebeu uma “homenagem” da edição nº cinco.

Os espaços urbanos privados e públicos foram expostos junto às práticas sociais da cidade moderna. O passeio das senhoritas e dos moçoilos pelo Jardim Público compunha uma parte importante da sociabilidade moderna. Vestir-se a caráter, apresentar-se em horários determinados nos espaços privados e públicos seriam práticas habituais de homens e mulheres modernos. O Jardim Público da Praça Frei Baraúna ganhou status de principal local de sociabilidade moderna pelas páginas da revista *A B C...* Exibido nas edições nº 1 (Imagem nº 8) e nº 3 (Imagem nº 9) da revista – como também no *Almanach Illustrado de Sorocaba para 1914* – o Jardim Público apresenta aspectos similares a outras praças de cidades modernas.

O paisagismo reproduzindo um suposto cenário natural, a vegetação disciplinada cortada por caminhos construídos para os passeios dos moradores ou habitantes (mais privilegiados) da cidade, grandes árvores escondendo as construções urbanas e ampliando a sensação de espaço campestre, as possibilidades de encontros casuais ou formais, conversas à sombra de plantas altas, paqueras e namoros num ambiente romântico.



Imagem nº 7 – “Alguns bons predios de Sorocaba” Revista A B C ..., Sorocaba – SP:

Typographia Werneck, Abril de 1914, nº 1.

Abaixo da imagem, a identificação pelos números: “1, Residencia do Sr. Nicolau Scarpa; 2, do Sr. Joaquim Soares Fernandes; 3, do Sr. Carlos Augusto Malheiros Oetterer e 4, do Sr. Antonio Pereira Ignácio.”

A B C...

Sorocaba em flagrante Os nossos instantaneos




Senhoritas em passeio surpreendidas pela nossa «Kodak»

PAGINA DE RECREIO

1. TORNEIO : ABRIL—JULHO

Charadas novíssimas 1—17

2-2—A mancha nos animaes só a vê o pintor réles.

2-1—Um sujeito maluco escondeu-se do astro debaixo de uma flor!

1-2—A mulher rancorosa lez em pedaços os instrumentos.

Pinguinho.

Oferecidas aos dñs. Luiz Vergueiro e João Tavares

2-1-3.—Pela mulher sinto no coração uma especie de loucura. Que extraordinario amor por ella!

1-2.—Acerra da resolução do Papa vos falei na igreja.

2-1.—Poesia que dedico a ti, mulher.

2-1.—Com a lingua meõ a capacidade do bôlo.

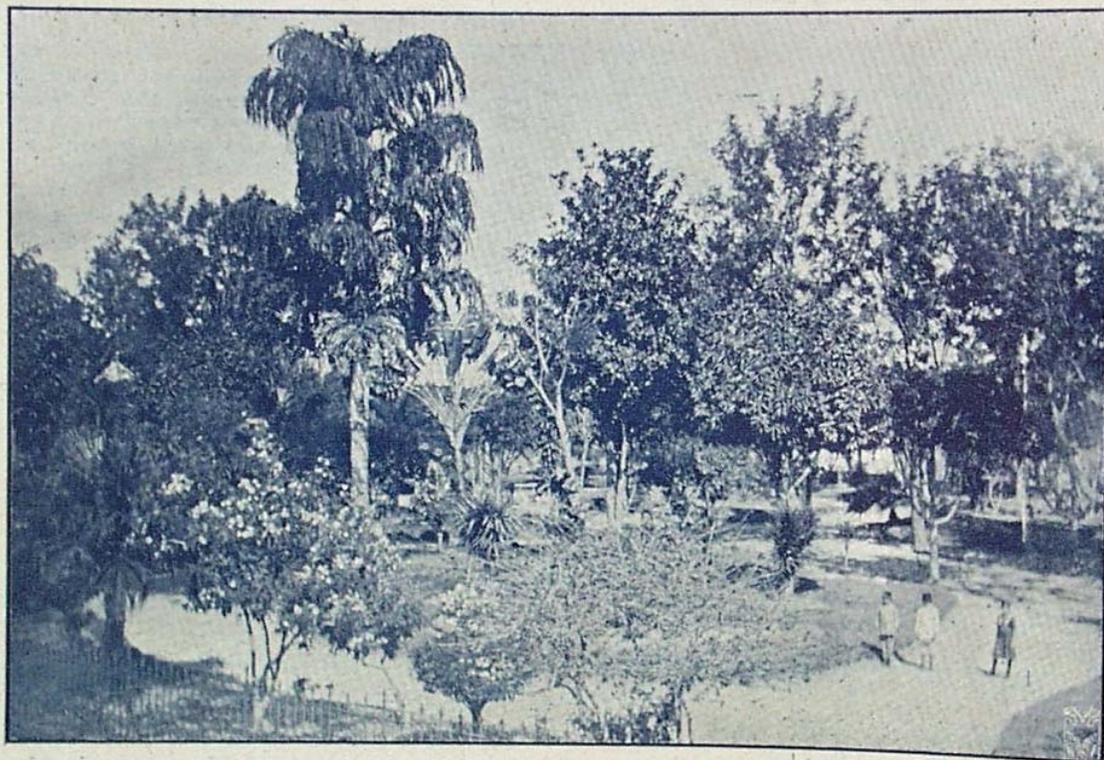
2-1.—A distancia da praça tenho de memoria.

D. Marietta N. G. Lins.



Senhoritas passeando pelo Jardim Publico.

Imagem nº 8 – “Sorocaba em flagrante. Os nossos instantaneos”. Revista A B C ..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Abril de 1914, nº 1.

ASPECTOS LOCAES

Um trecho do Jardim Publico da Praça Frei Baraúna

Imagem nº 9 – “Aspectos Locaes – Um trecho do Jardim Publico da Praça Frei Baraúna”.
Revista A B C ..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Junho de 1914, nº 3.

Esta imagem também foi reproduzida no Almanach Illustrado de Sorocaba (1914), com a
legenda “Jardim Público”, p. 232.

Evocando aspectos naturais, a sociabilidade civilizada encontrava nos espaços privado e público projetados a disciplinarização dos gestos e das sensibilidades no passeio, a determinação dos horários e vestuários adequados para tal fim, mas ao mesmo tempo, a busca de brechas de linhas de fuga em relação a um viver urbano, cada vez mais atrelado ao “des-solado” (fora do solo), ao trabalho, à técnica, à máquina.

A educação institucionalizada é outro foco recorrente da revista *A B C...* A primeira referência direta as escolas locais foi publicada em sua edição de nº 2, exaltando a importância da abertura do segundo Grupo Escolar da cidade.

Outro facto digno de notar, que muito interessa á intellectualidade de Sorocaba, foi a criação de um novo grupo escolar, para que nomearam director o habil e esforçado moço, professor Joaquim Silva

*Ha muito esperada, porque todos sentiam a sua palpitante necessidade com o rapido desenvolver que vai tendo Sorocaba, a criação do novo grupo muito deve aproveitar ás populações escolares do alto do Cemiterio, de Santa Rosalia, de Santa Maria, e de outros bairros affastados que, alargando o perimetro urbano, vão se alastrando por meias encostas e colinas, a attestarem o nosso constante progresso.*¹⁶²

Relacionando o desenvolvimento da cidade, o crescimento da população escolar e o progresso contínuo de Sorocaba, o artigo é publicado no período posterior às reivindicações sociais, colocadas em ação por homens letrados em torno de uma Escola Normal.

Reivindicação que não era nova, pois desde a fundação do jornal *Cruzeiro do Sul* em 1903, moradores da cidade próximos ou correligionários do grupo dissidente do PRP vinham a público com artigos, criticando a falta de escolas em Sorocaba. Comparando seu centro urbano com outros do estado de São Paulo, os moradores locais que defendiam a abertura de mais vagas de educação primária e a implantação da educação ginasial e secundária, estranhavam que cidades de menor progresso econômico e social já contavam com escolas normais. (MENON, 2000: 294)

¹⁶² “Chronica”. In: **Revista A B C...**, nº 2, Maio de 1914, s. n.

Sem acontecer uma mudança significativa no quadro da educação sorocabana até o início da década de 1910, uma campanha que reivindicava a instalação de uma Escola Normal na cidade, mobilizou grupos numerosos de moradores em 1912. (idem: 294-296) Contudo, a grande mobilização social não conquistou seu objetivo. O então deputado estadual Luiz Pereira de Campos Vergueiro, maior líder do PRP sorocabano, não atuou na Assembléia Legislativa do estado, como havia se comprometido perante a Câmara Municipal local, em defesa da expansão do ensino público na cidade.

Desprezando a mobilização política e os apelos de setores mais amplos da sociedade sorocabana – inclusive de correligionários do PRP – o deputado Campos Vergueiro apresentou um projeto que somente pedia a criação de quatro escolas preliminares na cidade. Assim, sua atuação parlamentar desmobilizadora encerrou a campanha pela Escola Normal ainda em 1912.

Por isso, é interessante observar atentamente as “positividades” da linguagem (Michel Foucault) colocadas em ação em artigo da revista *A B C...* Enquanto alguns moradores ainda reivindicavam esperançosos, mas desmobilizados, por uma Escola Normal, um Grupo Escolar seria implantado para responder à “palpitante necessidade” do povo sorocabano. Sem mencionar o âmbito mais geral dessas necessidades, é preciso refletir sobre as relações do líder Campos Vergueiro com as classes letradas de Sorocaba. Um dos pontos que chamaram a minha atenção na leitura da revista literária foi o anúncio do escritório de advocacia do Dr. Luiz Pereira de Campos Vergueiro. O atuante líder local mostrava-se um batalhador das letras sorocabanas, pois seu escritório foi anunciado em todas as edições da revista. Esse apoio do líder sorocabano deveria inibir os professores redatores na produção de seus textos, já que as práticas políticas do líder do PRP local não eram nada democráticas.

Mesmo com o “apoio” constante do político que não trabalhava efetivamente pela instalação de uma Escola Normal na cidade, na edição nº cinco, a “Chronica” da revista literária reserva um espaço para lamentar o quadro da educação institucional em Sorocaba. Aproveitando a ausência dos estudantes que cursavam séries mais adiantadas de seus lares, a “Chronica” reivindica um cuidado maior com a formação dos filhos da cidade.

O fim da primeira quinzena de Julho assignalou-se com a partida do numeroso bando de rapazes e senhoritas que, findas as férias escolares, retornam ao aprendizado, a seguir ou completar os seus estudos em busca do almejado diploma, que lhes assegure uma profissão honesta é nobre nas, carreiras da vida, e desenvolva ao mesmo tempo as faculdades da intelligencia e as forças do espirito.

Por estas occasiões, quando se dá o exodo da mocidade, de volta para as escolas, é que se torna, ainda mais sentida e por vezes dolorosa, a falta de uma instituição de ensino preparatorio e profissional em Sorocaba.

Quem quer educar um filho, tem de sujeitar-se a enormes e pesados sacrificios, tem que resignar-se a segregar-o dos cuidados e carinhos da familia, confiando-os no momento psychologico dos maiores perigos, quando esponenta a juventude, á direcção moral de estranhos e desconhecidos.

Cresce, avulta, neste sentido, a nossa miseria, formando antithese com os nossos possantes aparelhos de industria e produção de riquezas, que já rios conferiram o pomposo titulo de Manchester Paulista.

E dóe isto ao saber-se que Sorocaba noutros tempos, quando São Paulo principiava a desenvolver-se e desferia os primeiros preludios da actividade maravilhosa e febril de hoje, só ella com o seu imposto de barreiras fazia o quinto das rendas da extincta provincia!

E dizer-se que fomos nós que, no momento de maior urgencia e necessidade, contribuimos com maior somma de sementes para o colossal progresso de São Paulo, e estamos agora, aqui, obscuros, ignorados, como zero ou factor cancellado no deslumbrante concerto das grandezas Paulistas!¹⁶³

Mais uma vez, a imagem de *Manchester Paulista* é invocada para ressaltar o progresso industrial da cidade. Porém, esse texto escrito revela a antítese entre o desenvolvimento industrial e a miséria intelectual de Sorocaba. De nada adiantava ser um dos municípios mais prósperos do estado e as famílias sorocabanas não podiam educar seus filhos próximos da segurança dos lares, sem realizar “enormes sacrificios”. A relação do

¹⁶³ “Chronica”. In: **Revista A B C...**, nº 5, Setembro de 1914, s. n.

trabalho moderno com a educação era fundamental, segundo o texto, para se alcançar o “colossal progresso”.

Coincidência ou não, a edição nº cinco da *A B C...* foi a última publicada.

Idealizando a cidade de Sorocaba a partir das propostas liberais, positivistas e românticas, os redatores e colaboradores das publicações, ainda que com matizes específicos, algumas vezes contraditórios, corroboraram para consolidar as tendências culturais triunfantes da modernidade capitalista.

Na guerra de símbolos travada numa sociedade em transformação, o trabalho emerge nas publicações focalizadas, como um dos pilares fundamentais para o progresso, segundo o discurso das classes dominantes. Exaltado pelos capitalistas como o grande meio para se alcançar acumulação de riqueza material, a concepção de trabalho construída pelos redatores sorocabanos tem várias facetas.

Lutando para engendrar visões e sensibilidades modernas, os redatores locais praticamente apagam as referências ao trabalho rural, construindo em suas publicações ambientes urbanos, comerciais e industriais. A agricultura, a pecuária, o trabalho artesanal não se destacam diante da quantidade de textos escritos e imagens iconográficas relacionadas à vida social urbana. Para as publicações focalizadas, os aspectos rurais que faziam parte da sociedade sorocabana, são características do passado, do modo de vida tradicional. É dessa forma que uma imagem iconográfica é publicada da *Revista A B C...* (Imagem nº 10). Com a legenda “Costumes Locaes – O tradicional carro de bois”, a imagem iconográfica remete contraditoriamente o leitor seja aos meios de transporte antigüados da vida no campo, seja a um passado rural que se quer preservar, face ao aturdimento das mudanças tecnológicas, industriais da cidade moderna. A imagem publicada na *Revista A B C...* nº 1 foi produzida num ambiente rural, indicando o distanciamento entre as condições de vida do homem “pacato” do campo e a vida apressada dos centros urbanos.

Contudo, o ideal de progresso que prepondera nestas publicações está representado pela vida nas cidades. Vida nas cidades, apoiada muitas vezes, em imagens românticas e idealizadas das tradições do campo. Vida onde o trabalho urbano é a base do homem civilizado, disciplinado, culturalmente superior.

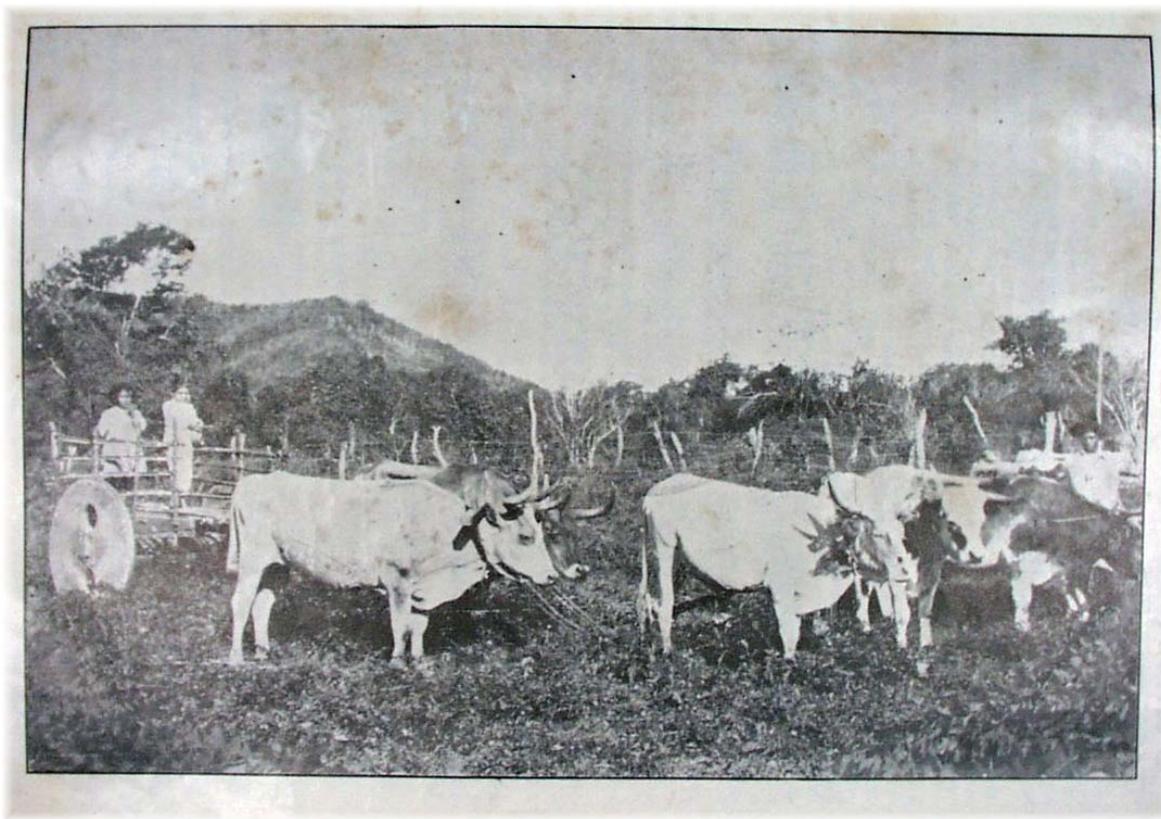


Imagem nº 10 – “Costumes Locaes – O tradicional carro de bois.” Revista A B C ..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Abril de 1914, nº 1.

A valorização do trabalho urbano é uma constante nas publicações focalizadas. Apagando as evidências do passado rural da sociedade sorocabana, surge a cidade industrial, com seu comércio ativo, com os inúmeros estabelecimentos que abasteciam os moradores locais, as ruas, as construções, os endereços residenciais, o correio distribuindo as correspondências.

O *Almanach de Sorocaba para 1904* pouco explicita as atividades agrícolas da região, fazendo uma referência direta à agricultura no artigo “Quinto Districto Agronomico”.¹⁶⁴ Em quatro páginas, são publicadas informações gerais sobre os valores das principais atividades agrícolas da região, compreendida por esse distrito estadual. Mas o artigo também faz referências às indústrias existentes no distrito e aos estudos realizados por pesquisadores que procuravam aumentar a capacidade de produção agrícola no Brasil. Informando sobre as possibilidades dos avanços técnicos aplicados ao setor rural, o artigo destacava a importância dos estudos científicos para o desenvolvimento da produção de riqueza no país. Ou ainda apregoa que no mundo moderno não existia mais espaço para agricultura rudimentar, tradicional, desenvolvida com métodos antigos. A qualidade e a produtividade deveriam ser as metas do homem moderno, tanto na cidade como no campo.

Em outros textos escritos dessa publicação, os aspectos da sociedade rural praticamente desaparecem, ficando evidente que as perspectivas de sua produção foram direcionadas para um leitor habituado aos aspectos sociais urbanos ou mesmo para o leitor que deveria habituar-se às condições do viver urbano. As imagens iconográficas publicadas também são representativas do viver urbano. Posso apontar a capa do almanaque de 1904 como um exemplo da valorização da cidade sobre o campo. (Imagem nº 4) A composição das imagens iconográficas reproduzidas na capa é de ambientes urbanos. Além disso, as publicações de fotografias da agência de correios e do Gabinete de Leitura de Sorocaba confirmam as intenções de valorização da cidade em relação ao campo. (Imagens nº 1 e nº 2) A parte de anúncios no final do almanaque traz mais elementos para a construção da imagem de um centro comercial dinâmico, com uma grande variedade de estabelecimentos comerciais prontos para suprir as necessidades de muitos consumidores, entre eles até mesmo os mais exigentes. Com estabelecimentos de produtos importados, alfaiates, hotéis, bazares, fábricas de bebidas, sapatarias, armazéns de secos e molhados, açougues,

¹⁶⁴ “Quinto Districto Agronomico”. In: *Almanach de Sorocaba para 1904*, pp. 72-75.

relojoarias, ourivesarias, padarias, etc., a cidade era apresentada para os leitores do almanaque com uma gama de serviços importantes para os moradores de qualquer cidade moderna. (Imagem nº 3)

Mas a maior representação das relações sociais e aspectos urbanos está na “Parte indicadora” dessa publicação. Ao apresentar os poderes públicos, as atividades econômicas e seus proprietários, o almanaque para 1904 estabelecia uma hierarquização social que minimizava as atividades agrícolas de Sorocaba, relegadas à poucas referências. Distribuída em doze páginas, a “Parte indicadora” apresenta a sociedade sorocabana da seguinte maneira:

Camara Municipal, Repartição de Agua e Exgottos, Forum, Registro Geral de Hypothecas, Registro Civil, Collectoria de Rendas Federaes, Collectorias de Rendas Estadoaes, Agencia de correio, Policia, Grupo Escolar Antonio Padilha, Escola Mixta Preliminar, Policia Sanitaria, Terceiro Districto Agronomico, Destacamento policial, Cadea publica, Advogados, Medicos, Estabelecimentos de ensino particular, Sociedades, Divisão ecclesiastica, Culto Presbyteriano, Santa Casa de Misericordia, Estabelecimentos industriaes, Casas especiaes de artigos para montaria, de industria sorocabana, com officinas annexas, Dentistas, Viticultores, Marmorarias, Ferragens, Chalet de loterias, Alfaiatarias, Padarias, Armador, Casas especiaes de molhados finos, Casas atacadistas, Pharmacias, Officinas para fabrico de arreio, Ourivesarias e Relojoarias, Confeitarias, Depositos de madeira, cal e outros materiaes para construcção, materiaes para agua e exgottos, Hoteis e restaurantes, Barbeiros, Casas de calçados e sapatarias, Marcenarias, casas de moveis, etc., Officinas diversas, Casas de Secos e Molhados, Officinas mechanicas, Fazendas e armarinho, Louças, Lojas de Chapéus, Açougues, Corporações musicaes, Typographias.

A leitura da “Parte indicadora” aponta para uma cidade industrial e comercial. A agricultura, a pecuária, enfim, as atividades rurais não foram mencionadas da mesma forma que as atividades urbanas. Apresentando o “Terceiro Districto Agronomico” com seu campo de experiências em Sorocaba, os dois viticultores, as quatro casas de artigos para montaria e a única oficina de fabrico de arreio, o almanaque expõe as atividades econômicas relacionadas ao mundo do campo, diante da quantidade de estabelecimentos comerciais e industriais citados. Até o grande proprietário rural não foi citado como tal.

Assumindo o papel de homem público ou de comerciante, o proprietário rural não tem espaço diante da fortalecida imagem do burguês urbano.

Se o proprietário de terra não recebe o destaque do almanaque, o trabalhador rural desaparece completamente nesse quadro social. Nesse ponto, o trabalhador rural fica na mesma condição que o trabalhador urbano, pois os dois são esquecidos pelo almanaque para 1904. É claro que a exclusão dos trabalhadores da cidade não causa estranheza. As referências ao progresso material que a publicação tanto anuncia fica a cargo dos burgueses locais, encarados como os responsáveis pelos empreendimentos comerciais que dinamizavam a produção de riqueza de Sorocaba. Dentro da visão liberal, o trabalhador era um beneficiário do progresso promovido pelos capitalistas. Assim, a sua exclusão do quadro social da cidade era resultado natural da sua participação mínima no desenvolvimento dos negócios locais.

Mas a exclusão do trabalhador urbano não se repete no almanaque para 1914. Sem publicar uma parte indicadora nos moldes do almanaque para 1904, o almanaque de 1914 apresenta também uma hierarquização social dos moradores da cidade, porém incluindo os trabalhadores em seus textos escritos e imagens iconográficas. Essa inclusão pode significar a valorização do trabalhador. É sim uma evidência de que eles existem, não podem ser desconsiderados, constituindo uma representação do trabalhador ideal, produtivo, ordeiro, capaz de corresponder às necessidades impostas pelo ritmo industrial de produção e aos objetivos de desenvolvimento econômico do país. O trabalhador apresentado é aquela figura social responsável, que acompanha os anseios da empresa que o contratou, estabelecendo vínculos fraternais com o capital. Sustentado pela empresa que o empregou, o operário é uma peça importante da produção de riqueza, mas que não chega a destacar-se como verdadeiro provedor do progresso local.

Não deixando de enfatizar o papel dos capitalistas, o artigo “Sorocaba Industrial”, escrito por Francisco Camargo Cesar (Cecê) defende a participação de seus investimentos da seguinte forma:

Dos países latinos da América, o Brasil, igualmente com outros motivos, empunha o sceptro da primazia industrial. Sobretudo a indústria de tecidos tem augmentado bastante, tomando tal incremento nos ultimos cinco annos, que a importação

de fazendas de preço baixo extinguiu-se completamente, cedendo o seu movimento á exportação.

É esse o mais apreciavel symptoma do grandioso porvir que nos anima a trabalhar continuamente, attrahindo o capital estrangeiro, insinuando-nos na confiança dos abastados que fazem utilidade collectiva do seu dinheiro e participando fortemente na empreza dignificante da prosperidade da nossa Patria.¹⁶⁵

Apresentados como os responsáveis pelo progresso da indústria brasileira, os capitalistas nacionais e estrangeiros, neste artigo, dão sua parcela de contribuição quando “fazem utilidade colectiva do seu dinheiro”. O capital privado é encarado como um bem público, pois todos podem ganhar com os investimentos realizados no país. Nesse ponto, a busca pelo lucro individual, a acumulação de riqueza por parte do investidor não é explicitada, dando margem para a idéia de prosperidade para toda a sociedade.

O objetivo central do texto é descrever as principais atividades industriais da cidade. Por isso, o autor apresenta as empresas locais começando pelo setor têxtil, isto é, pelo setor industrial mais desenvolvido da cidade. A ordem estabelecida pelo autor respeita o capital investido – que é mencionando em números – e a quantidade de operários por unidade fabril, do maior para o menor. Após descrever os denominados grandes estabelecimentos industriais, Cecê apresenta as fábricas de chapéus, de calçados, de bebidas, entre outras. Para as pequenas indústrias, o autor não reserva muitas palavras e espaço gráfico, tornando visível o contraste entre o grande e o pequeno capital. A atenção do autor cresce quando o texto escrito comenta a importância dos estabelecimentos tipográficos da cidade, para finalizar sua exposição sobre o progresso industrial local.

A leitura do texto “Sorocaba Industrial” deixa evidente a hierarquização social proposta pelo autor. Fazendo um resumo histórico da formação das grandes empresas, apontando inúmeras características técnicas, comentando sua capacidade instalada de produção, o número de operários e até o volume de vendas, Cecê marca uma diferenciação em relação às empresas, pois somente o nome de seus proprietários e a localização são mencionadas. Ressaltando a contribuição das grandes indústrias têxteis,

¹⁶⁵ “Sorocaba Industrial”. In: **Almanach Ilustrado de Sorocaba para 1914**, p. 39.

Cecê defende que Sorocaba foi denominada a *Manchester Paulista* com méritos, pois as tecelagens locais só estavam abaixo do conjunto fabril do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Separando as fábricas da cidade em grupos de grande e pequeno porte, Cecê valoriza, sobretudo o grande capital, considerado o motor econômico de Sorocaba. Dessa forma, mesmo apresentando as pequenas indústrias para compor um quadro mais detalhado, os capitalistas que investiam em negócios menos vultosos eram coadjuvantes na *Manchester Paulista*.

Enquanto a maioria das pequenas empresas não teve espaço destacado no *Almanach Ilustrado de Sorocaba para 1914*, as tipografias receberam comentários extensos. Apresentadas como estabelecimentos modernos, bens instalados, com máquinas movidas à energia elétrica, as tipografias sorocabanas ganham visibilidade frente às outras indústrias de menor porte. Entre as tipografias, a mais destacada é a *Typographia Werneck*. Cecê não deixa passar a oportunidade de enaltecer a editora do almanaque, “os trabalhos artísticos produzidos pelo moço Braulio Werneck”, que promoveram a rápida prosperidade da empresa. O jornalista Cecê, empolgado com sua área de atuação, finaliza seu texto sobre o progresso da cidade valorizando a participação das casas tipográficas para o crescimento local.

Se grande atenção recebe o capitalista da cidade, o trabalhador urbano é mencionado na relação com as grandes empresas. Dessa forma, o autor estabelece nova hierarquização, agora entre os trabalhadores. Apresentando somente os operários das indústrias de grande porte, Cecê não apenas reafirma a importância do grande capitalista como destaca o trabalhador das grandes unidades fabris. Ou seja, segundo o olhar do autor, ser operário de uma grande indústria é o ideal a ser alcançado pelos trabalhadores urbanos. A exclusão dos operários das pequenas indústrias indica a condição menor dessa força de trabalho.

Porém, as imagens construídas pelo texto escrito sobre o trabalhador chamam a atenção. Ressaltando o papel da empresa, o autor marca a dependência dos operários e familiares em relação ao capital.

Mesmo assim, porém, essa impressão é parcial, pois que á vista curiosa do observador se esquivam diversas fabricas, como por exemplo a do Votorantim, o maior

*estabelecimento industrial do Estado de São Paulo e um dos mais importantes nucleos do trabalho do nosso paiz, situado na Villa Industrial e que facilita o meio de subsistencia a mais de quatro mil pessoas, normalizando os seus negocios com o labor quotidiano de mil e duzentos operarios!*¹⁶⁶

A indústria Votorantim é apresentada como o grande “meio de subsistência a mais de quatro mil pessoas”, responsável direta pela ocupação diária de mil e duzentos operários. A indústria promove o progresso e sustenta as famílias dos operários. Na condição de dependente, os trabalhadores ficam à espera dos investimentos realizados por essa empresa. A hierarquização das relações sociais está evidente nesta passagem do texto. A visão liberal condiciona a força de trabalho à capacidade de geração de emprego do capitalista. Mas o pensamento liberal não está sozinho no texto. Uma visão romântica surge quando o autor procura descrever o processo de transição do espaço rural para o espaço urbano, na área ocupada pelos edifícios fabris da Votorantim.

É para ver-se o soberbo espectáculo que a natureza prodiga e feracissima offerece á vista de quem visita aquella pittoresca região, outr’ora destinada á agricultura e hoje viva colmeia industrial, onde centenas de homens desenvolvem a actividade, a força muscular, no trabalho afanoso.

Impressiona agradavelmente ver o fumo negro das chaminés a contrastar com o verde negro da ramaria da vegetação, com o cabeça azul dos morros longinquos; ouvir o arruido dos machinismos, o bater dos mancaes, dos teares, das peças urdidoras; o silvo dos motores, das locomotivas, a se confundir com a vozeira humana de uma população de mais de quatro mil almas, com o arruido da quéda d’agua dos saltos e das represas, com o bulicio das florestas.

Soberbo panorama! Bellissimo e pittoresco quadro animado pela vida do trabalho, sentindo-se o palpitar das almas felizes; ouvindo-se os pulmões de aço das machinas colossaes e o vozear dos pulmões fortes dos operarios de todas as idades,

¹⁶⁶ Idem, p. 42.

*fallando e casquilhando sadiamente, alegres na faina laboriosa de todos os dias, do romper ao pôr do sol!*¹⁶⁷

Transição sem traumas, o espaço da agricultura foi ocupado pela indústria onde homens mantêm o motivado trabalho braçal. Integrados ao espaço, homens e máquinas parecem fazer parte da natureza, tanto que os sons produzidos pelas vozes humanas, pelos motores, pelos teares em movimento se confundem com os sons das águas e das florestas. A imagem projetada pelo texto é magnífica, perfeita, sem tensões ou problemas. O fumo negro das chaminés é um belo contraste em relação às cores da natureza, as máquinas são naturalizadas, os homens são mecanizados. A aproximação entre os diferentes elementos corresponde a um corpo único, incansável, que trabalha de sol a sol.

O olhar romântico apaga o barulho ensurdecido do interior de uma tecelagem, não vê a poluição causada pela atividade industrial, desconsidera o cansaço das longas jornadas de trabalho e destaca a felicidade dos operários fortes de todas as idades. Por sinal, a descrição triunfante do trabalho na fábrica Votorantim é muito reveladora. Pensar em operários fortes significa encontrar boas condições de trabalho e de vida, isto é, bons salários, boa alimentação, boas condições de higiene e moradia. Mas todos os indícios encontrados sobre as condições de trabalho na fábrica Votorantim no início do século XX problematizam esse olhar. Ao contrário, os indícios remetem para análises de tensões sociais, baixos salários, condições precárias de saúde e educação.¹⁶⁸

O operário que trabalhava todos os dias de sol a sol, seja ele de qualquer idade como o texto expõe, não teria uma feliz alma palpitando no ritmo das colossais máquinas. A perspectiva através da qual o autor do texto apresenta o trabalhador está dentro das perspectivas liberais, positivistas do avanço do capitalismo.

Sem questionar as diferentes formas de trabalho urbano, sem procurar analisar os desdobramentos sócio-culturais dos diferentes lugares produtivos na cidade, os almanaques e a *Revista A B C...* abordam as condições sociais do capitalista e do trabalhador através de imagens em grande parte das vezes comprometidas com as elites

¹⁶⁷ Idem, p. 44.

¹⁶⁸ Cf. no jornal **O Operário**, editado em Sorocaba entre 1909 e 1913.

dominantes. Considerados iguais por alguns discursos liberais homogeneizadores do liberalismo, nas publicações sorocabanas ora enfocadas as diferenças ficam latentes no trato conferido aos empresários industriais. Às vezes, esses são os únicos abordados, dentro de uma perspectiva de valorização de suas atuações sociais.

Esse tratamento exclusivo é exemplificado pelo artigo “Industria Sorocabana – Fabrica Santa Rosalia”, publicado na *Revista A B C...* nº 5. Apontando que essa edição da revista era dedicada à referida fábrica, o artigo descreve a importância do setor industrial para o progresso de um “povo”. No caso de Sorocaba, a fábrica Santa Rosalia era um modelo de desenvolvimento, ótima produção e de sucesso de vendas, devido à grande procura por seus produtos no mercado brasileiro. Segundo o artigo, nenhuma das situações descritas representa surpresa, pois

*á frente da fabrica Santa Rosalia se acham dois cavalheiros de robusta actividade commercial, dois homens creados nas lides asperas da industria, e que, por si sós, representam uma garantia ao progresso constante daquela fabrica ; a direcção desse estabelecimento fabril confiada, como está, aos seus co-proprietarios srs. Franck Speers e cap. Carlos Augusto Malheiros Oetterer, cavalheiros que reúnem as mais distinctas qualidades de acção e espirito, e sufficiente para dar um testemunho indestructivel da maneira galharda por que a fabrica Santa Rosalia rivaliza em todos os pontos de vista com os estabelecimentos congeneres.*¹⁶⁹

Apontados como os responsáveis pelo progresso do estabelecimento industrial, os proprietários Franck Speers e Carlos Augusto Malheiros Oetterer são “cavalheiros criados nas lides ásperas da indústria”. Enquanto isso, os trabalhadores da referida fábrica não são sequer mencionados no artigo. Mas isso não é tudo. Na mesma edição da revista, imagens iconográficas da fábrica são publicadas sem a presença dos trabalhadores. (Imagens nº 11 a nº 14) Deixando de mostrar os operários em ação, o único funcionário reconhecido em várias imagens é o gerente técnico da fábrica, o sr. Robert Valentini. O seu reconhecimento é possível devido à publicação de uma outra imagem iconográfica na mesma edição da *A B C...*, que o destaca na referida função.

¹⁶⁹ “Chronica”. In: **Revista A B C...**, nº 5, Setembro de 1914, s. n.

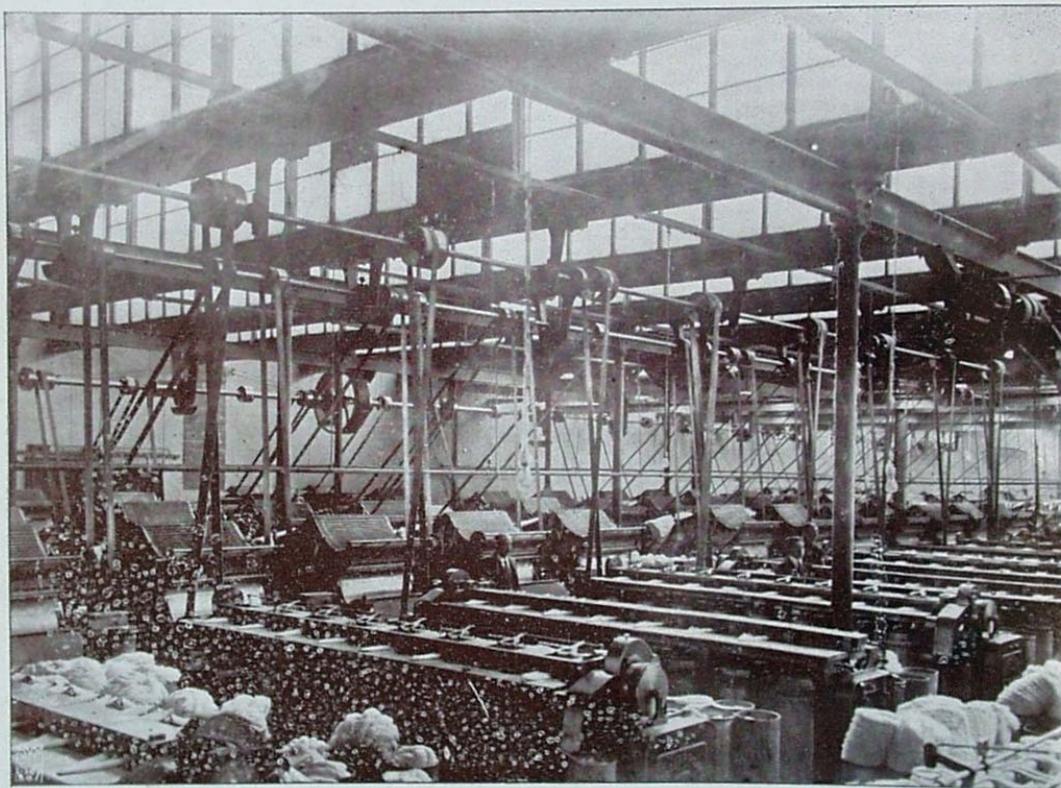
O maquinário da fábrica é o foco principal das imagens iconográficas da fábrica Santa Rosalia. Instaladas dentro de grandes espaços, as máquinas são apresentadas como as peças fundamentais do estabelecimento fabril. Mas a aparente complexidade técnica requer a presença do trabalhador. Mesmo os operários sendo descartados das imagens, a produção só é possível com sua participação. A valorização da máquina, a grandiosidade do edifício industrial podem remeter o leitor à idéia de progresso técnico, de força das máquinas perante o homem, mas também trazem o excluído das imagens para o momento da produção, do trabalhador controlando a técnica, exercendo a atividade produtiva.

O texto escrito e as imagens iconográficas publicadas na edição nº cinco da revista literária são excludentes e hierarquizadoras. Mas acredito que as idéias que constroem uma imagem unidimensional revelam a participação do “outro”, do diferente contexto focalizado. Pensar a fábrica sem os trabalhadores, por mais que a sua figura seja descartada, não faz parte da sociedade industrial.

Contudo, é importante enfatizar, o apagamento dos operários da fábrica Santa Rosalia, tanto no texto escrito como nas imagens iconográficas, não é uma constante nas publicações focalizadas. Como afirmei anteriormente, o trabalhador é citado, como número, como dependente do capital ou como representação da força produtiva ideal, em outros textos escritos.

A própria *Revista A B C...*, em sua edição nº 4, publica imagens iconográficas de trabalhadores da fábrica Votorantim. Ao contrário da edição nº 5, que apresenta um artigo para explicitar a “homenagem” que a revista prestava ao estabelecimento indústria, a edição nº 4 apenas publica imagens iconográficas – nove no total – para evidenciar o valor daquela fábrica Votorantim para o progresso da cidade.

Os trabalhadores que aparecem nas imagens iconográficas estão dentro de um ambiente moderno, dominado pela máquina e pela técnica.

Industria local

FABRICA «SANTA ROSALIA»—Um aspecto da sala de cardas

Imagem nº 11 – “Fabrica Santa Rosalia – Um aspecto da sala de cardas”. Revista A B C ..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Setembro de 1914, nº 5.



Imagem nº 12 – “Fabrica Santa Rosalia – Vista da sala de batedor”. Revista A B C ..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Setembro de 1914, nº 5.

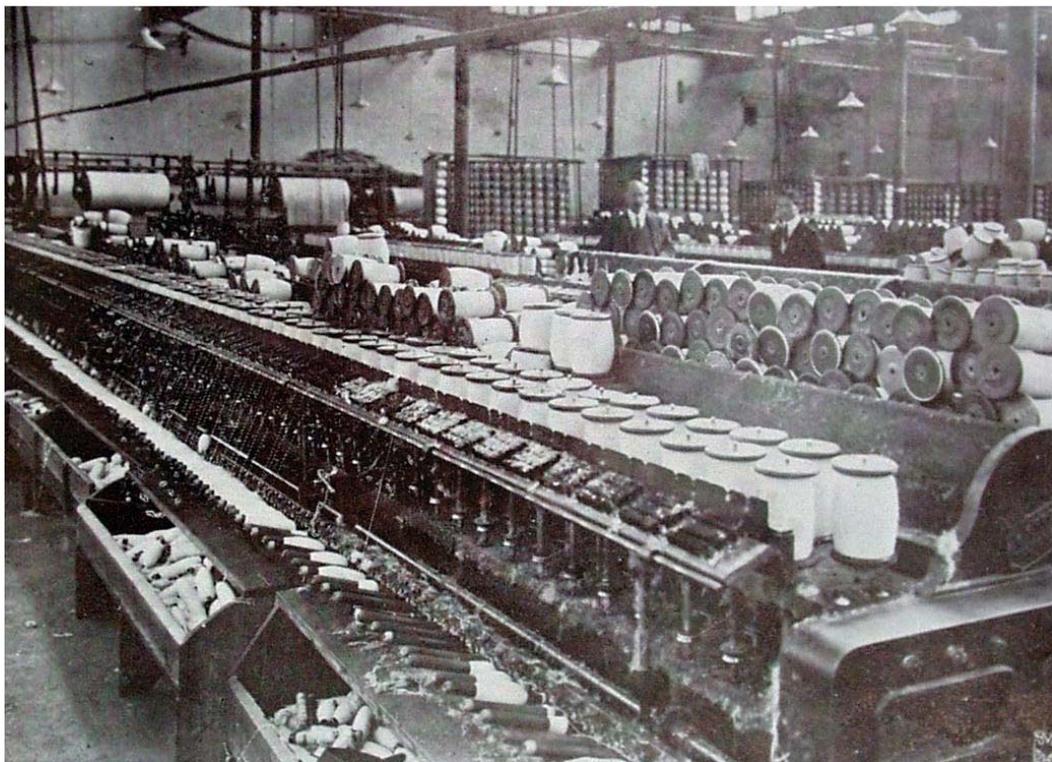


Imagem nº 13 – “Fabrica Santa Rosalia – Sala de Carreteis e Urdideiras”. Revista A B C ..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Setembro de 1914, nº 5.



Imagem nº 14 – “Aspectos Locaes. Fabrica de tecidos Santa Rosalia”. Revista A B C..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Setembro de 1914, nº 5.

Com uma variedade maior de tomadas, a seqüência de imagens da Votorantim (Imagens nº 15 a nº 19) apresenta a fábrica em atividade. Valorizando os aspectos internos e externos do conjunto de prédios, a revista literária reforça a potencialidade econômica da indústria focalizada. O operário em ação, o maquinário no interior da fábrica, as características arquitetônicas da parte externa, a vila operária, os prédios da tecelagem e do armazém da fábrica – com linhas que lembram uma igreja – dominam o espaço urbano em sua volta e conduzem o leitor às concepções da sociedade urbana industrial.

O olhar que produz estas iconografias, focaliza o trabalhador como disciplinado pela fábrica. A técnica industrial é apresentada como racionalizadora da produção de riqueza, exigindo do operário maior esforço e dedicação. Em contrapartida, o conjunto arquitetônico da fábrica surge como componente protetor do trabalhador. Seu espaço de trabalho é amplo, técnico, moderno. O sol, a chuva, as variações climáticas não atingem o trabalhador de forma direta. Os edifícios fabris são projetados para que os fenômenos naturais não obstruam o ritmo da produção. Para completar tais visões, a vila operária, abrigando as famílias dos trabalhadores, é oferecida como mais uma vantagem aos funcionários, ao ocuparem seus postos de produção.

O apaziguamento das relações sociais propostas pela série de imagens iconográficas corresponde a uma dada visão do social interessada na perpetuação das relações capitalistas de dominação. A visualização do conjunto arquitetônico e dos trabalhadores constituía uma maneira de se projetar imagens e relações idealizadas numa cidade industrial movida pelas contradições sócio-culturais, produzidas pelos seus diferentes agentes.



Imagem nº 15 – “Fabrica Votorantim – Uma parte da secção de fiação”. Revista A B C ..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Julho de 1914, nº 4.

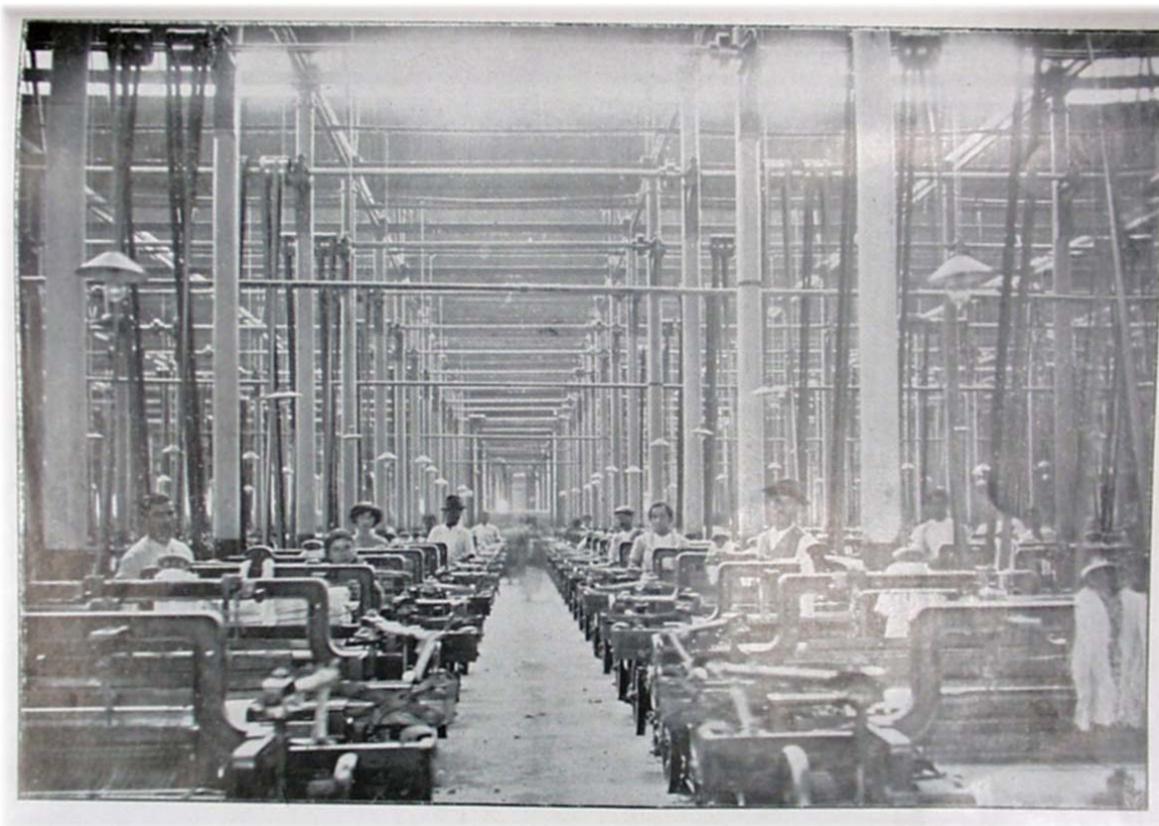
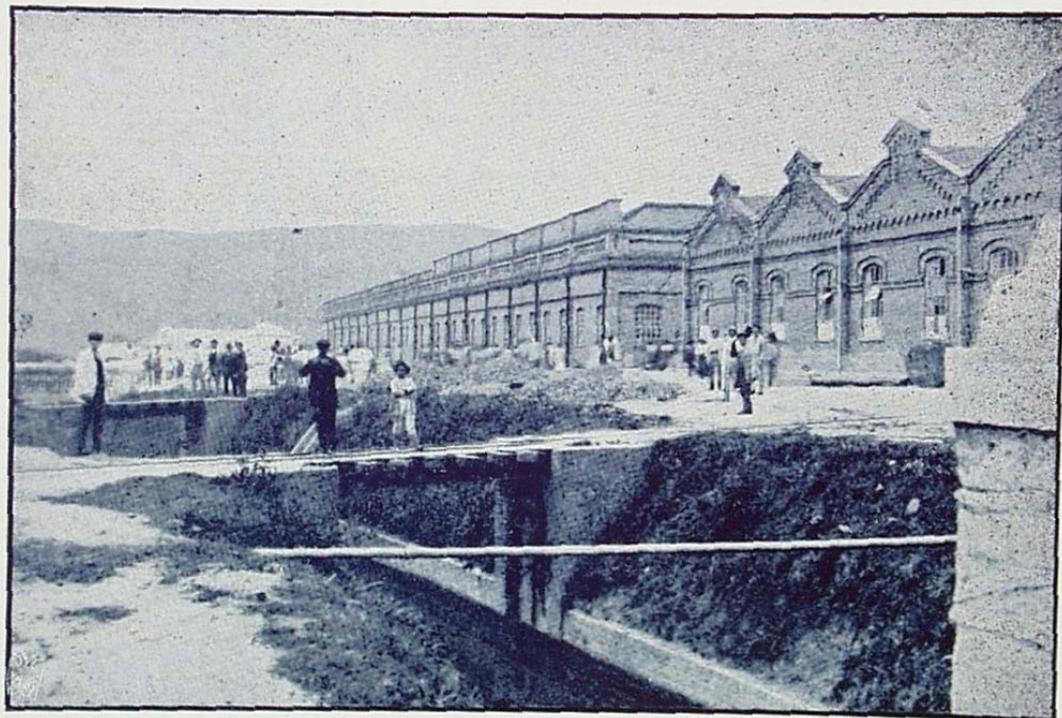


Imagem nº 16 – “Fabrica Votorantim – Uma parte da secção de tecelagem”. Revista A B C
..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Julho de 1914, nº 4.

Industria local

FABRICA VOTORANTIM—Parte da secção de Fiação

Imagem nº 17 – “Fabrica Votorantim – Uma parte da secção de Fiação”. Revista A B C ..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Julho de 1914, nº 4.

Esta imagem também foi reproduzida no Almanach Ilustrado de Sorocaba (1914), com a legenda “Fabrica Votorantim - Fiação”, p. 54.



Imagem nº 18 – “Industria local. Fabrica Votorantim – Um aspecto da villa operaria”.

Revista A B C..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Julho de 1914, nº 4.

Esta imagem também foi reproduzida no Almanach Illustrado de Sorocaba (1914), com a legenda “Fabrica Votorantim – parte da vila”, p. 216.

Industria local

Um aspecto da Fabrica Votorantim: tecelagem

Imagem nº 19 – “Industria local. Um aspecto da Fabrica Votorantim: tecelagem”. Revista A B C..., Sorocaba – SP: Typographia Werneck, Julho de 1914, nº 4.

Considerações Finais

A (re)construção histórica do processo de produção das publicações focalizadas, permitiu uma reflexão mais pontual sobre o cenário sócio-cultural da cidade de Sorocaba nos primeiros anos do século XX. Os documentos analisados são produções paradigmáticas para essa cidade, pois além de representarem um novo produto tipográfico para o mercado local da época, instituem definitivamente na sociedade sorocabana as concepções – ainda que contraditórias – da modernidade capitalista, na relação com as elites brasileiras.

Destaco, entre os inúmeros significados das publicações focalizadas, a potencialidade cultural desses produtos tipográficos. Na análise dos almanaques, dialogando com o trabalho da historiadora Maria Carolina Bovério Galzerani, acredito que este tipo de publicação participou ativamente da consolidação de percepções e práticas culturais relativas à historicidade local, na relação com o avanço da modernidade capitalista. Neste sentido, pesquisando os almanaques da cidade de Campinas do século XIX, a referida historiadora relaciona algumas especificidades desse tipo de publicação que são extensivas aos almanaques sorocabanos do século XX. A concepção de verdade absoluta, a hierarquização dos saberes, o privilegiamento da razão científica, o economicismo, a visão de tempo linear, a valorização dos grandes políticos e dos intelectuais, o conhecimento convertido em consumo, o apagamento dos conflitos sociais (GALZERANI, 1998: 266) entre outros, marcam os almanaques analisados nesta pesquisa.

No mesmo sentido, a historiadora Ana Luiza Martins analisa as revistas paulistanas publicadas entre 1890 e 1922. Essas publicações de São Paulo contribuíram para a ampliação do público leitor, modelaram o quadro social com a formação de um ideário, construíram uma imagem épica da cidade e do próprio estado. (MARTINS, 2001: 557)

Os almanaques campineiros e as revistas paulistanas constituem veículos de difusão de concepções racionais, homogeneizadoras e civilizatórias. Aproximando esses dois trabalhos fundamentais para minhas análises, no que se refere aos objetos de pesquisa, tenho subsídios para compreender o movimento mais amplo de avanço da modernidade capitalista no Brasil, desde as décadas finais do império. As publicações focalizadas nesses

trabalhos historiográficos são produtos de seu tempo, diretamente relacionados às transformações sociais e a novos projetos político-culturais.

Acompanhando o *boom* da imprensa tipográfica paulistana da virada do século XIX para o XX (CRUZ, 1994: 210), as tipografias da cidade de Sorocaba tiveram a oportunidade de projetar novos produtos editoriais, que poderiam corresponder à expansão urbana local. Devido ao ritmo de crescimento da cidade, estabelecimentos tipográficos foram abertos e/ou ampliados. Procurando atender uma possível demanda do mercado em crescimento, os investimentos no setor tipográfico foram visivelmente realizados.

Para além das questões mercadológicas, as empresas tipográficas sorocabanas eram negócios estratégicos, tanto do ponto de vista cultural quanto político. Diretamente relacionados à setores sociais privilegiados da cidade, as maiores tipografias possuíam seus jornais, que representavam “*loci* de combate” de onde partiam suas plataformas políticas. Pretendendo combater os inimigos políticos locais, os grupos que tinham a sua disposição órgãos de imprensa, tratavam de defender-se ou de atacá-los. Em meio aos embates políticos, projetos culturais eram difundidos pela imprensa tipográfica, criando uma guerra de símbolos que acabava alvejando até os moradores marginalizados ou pouco afeitos às questões político-partidárias. Dentro dessa guerra de símbolos, os jornais locais foram as trincheiras mais requisitadas.

Porém, as especificidades dos almanaques e das revistas literárias tornaram essas publicações documentos significativos no processo de engendramento da modernidade capitalista. Diferentes dos jornais de notícias, muito atentos ao cotidiano político da época, os almanaques e revistas literárias representavam um produto de acabamento gráfico mais aprimorado, resistente e que acabava sendo um sintetizador de concepções que circulavam correntemente em jornais.

A expansão da produção tipográfica sorocabana estava relacionada ao processo de urbanização da cidade, que gerou novos consumidores e novos desafios sócio-culturais. Atrair um novo público consumidor de produtos tipográficos e de concepções culturais era uma necessidade face às questões do viver urbano moderno.

Portanto, mesclando textos escritos e imagens iconográficas, as publicações focalizadas instituíaam “novas” possibilidades de leituras para o público em geral. Homens, mulheres e crianças habituados à publicações pouco ilustradas, sem um acabamento gráfico

mais cuidadoso, tinham nos almanaques e nas revistas literárias tanto uma profusão de imagens iconográficas como um material gráfico de qualidade para os padrões do período. Além da escolha dos textos escritos, apresentados através de linguagem simples, atraente, muitas vezes hilariante, os cuidados com a boa apresentação do material, com o acabamento gráfico, com a escolha de imagens iconográficas nítidas e a utilização de um papel especial, produziam publicações mais instigantes aos leitores modernos e, ao mesmo tempo, mais adequadas aos tempos, ou aos poucos tempos modernos.

Dessa forma, incentivar a leitura, criar um círculo de leitores cativos, desenvolver a prática de leitura concebendo a cidade como o espaço ideal para a difusão dessas práticas culturais, levou os redatores e colaboradores a pensarem Sorocaba como uma cidade que necessitava dessas produções tipográficas.

A difusão de percepções, que buscavam relacionar símbolos da modernidade capitalista à Sorocaba nos primeiros anos do século XX, foi um processo realizado por grupos de moradores que poderiam ser considerados liberais, republicanos, românticos e positivistas. Através de jornais, revistas literárias e almanaques editados na cidade, bacharéis de direito, jornalistas, militares, médicos, comerciantes, funcionários públicos, industriais, mas, sobretudo pedagogos, procuravam debater a modernização do país, ressaltando em sua cidade temas como a grande produção de tecidos das indústrias locais, a importância da Estrada de Ferro Sorocabana para o transporte no estado, a presença de imigrantes desenvolvendo diversas atividades, a instalação de cinemas para a diversão das famílias, a chegada de novos professores e a abertura de vagas para as crianças estudarem nos grupos escolares ou mesmo o volume de publicações, consideradas pelos próprios sorocabanos letrados, de qualidade para o período.

Esses sujeitos letrados procuravam transformar a imagem de uma cidade de hábitos coloniais, marcados por atividades que remetiam a um passado conhecido até o final do século XIX no país (ou ao menos na região Centro-Sul) pelas suas feiras de mueres, em uma cidade moderna, civilizada, adequada ao avanço do sistema capitalista no Brasil. Segundo os defensores da modernização urbana voltada para a atividade industrial, com suas implicações mecânicas e maquinicas (GUATARRI, 1986), Sorocaba acompanhava as transformações técnicas e sociais que o país apresentava na então recém instituída república. As idéias de cidade moderna e civilizada, com seus trabalhadores

assalariados, com crianças freqüentando as escolas, com espaços para o lazer de seus moradores, dentre outras práticas colocadas em ação, integravam aquele centro urbano ao discurso moderno, republicano da época.

Assim, essas fontes documentais me permitem dialogar com importantes características difundidas pelo discurso de modernidade capitalista, que envolviam o ideário burguês local, imbricado ao nacional e global da época. Trazendo conteúdos que procuram “inventar” a concepção de *Manchester Paulista* para a cidade de Sorocaba, elas apresentam em suas páginas imagens iconográficas da paisagem urbana com seus imponentes prédios industriais, de seus operários em ação dentro das fábricas e das altas chaminés, produzindo uma fumaça escura. Os *clichês* elaborados em diversas locações procuravam mostrar a atividade fabril, os operários em ação, o amplo espaço ocupado pelos edifícios industriais, com a intenção de construir a imagem de cidade moderna. Das imagens reproduzidas pela imprensa local no início do século XX, as que destacam o conjunto arquitetônico das fábricas constroem a visão de monumentalidade, de grandiosidade, do esforço requerido pelo trabalho, relativamente a tais construções urbanas.¹⁷⁰ A cidade, segundo essas imagens iconográficas e os textos escritos, vivia um momento diferenciado de desenvolvimento com suas fábricas de “grande porte”, criando as condições necessárias ao progresso local.

As contradições do discurso moderno também integram as publicações sorocabanas analisadas nesse trabalho. Textos escritos e imagens iconográficas trazem à tona a contestação a alguns princípios da modernidade. A busca do lucro incessante, o monetarismo exacerbado, a mercantilização da cultura e das relações sociais são aspectos questionados em diversos trechos de textos publicados. Atenuando os efeitos considerados corrosivos do caráter humano, os redatores e colaboradores recuperam sentidos românticos para compor suas descrições sobre a cidade moderna. A civilização, o progresso, a racionalidade foram defendidos constantemente pelas publicações, porém, a manutenção de aspectos como a religiosidade, a solidariedade e a coletividade cristã revelam uma preocupação com as transformações em curso à época. Por isso, imagens que faziam referência à vida no campo, como a de um carro de boi, podem significar tanto o atraso do

¹⁷⁰ Sobre a monumentalidade dos edifícios fabris, verificar o conceito de “estética do sublime” de Edmond Burke. Apud GALZERANI, Maria Carolina Bovério, op.cit, p. 220.

mundo rural em relação às conquistas tecnológicas a disposição dos moradores nos centros urbanos, como a contestação da imagem científica da máquina, a busca do bucólico, reagindo ao *status quo* da sociedade industrial em expansão, uma procura pelo romantismo representado pela vida no campo, pelas relações sociais duradouras, pelo contato direto com a natureza. É dessa forma plural que a constituição da modernidade sorocabana é flagrada nas publicações focalizadas.

Como ágeis meios de veiculação de idéias para a época, os almanaques e as revistas literárias desenvolviam as visões e sensibilidades para a construção de imagens modernas da cidade, imagens plurais, eivadas de contradições, mas diretamente relacionadas ao avanço da modernidade capitalista em nosso país. As fontes ora focalizadas destacavam a participação da sociedade sorocabana nesse processo. As produções de publicações diferenciadas, que instituíam leituras modernas, acompanhavam a expansão do projeto de letramento das elites republicanas. A ampliação do universo de leitores era uma das intenções e/ou motivações dos editores dessas publicações. Atendendo aos projetos culturais das elites republicanas, os editores procuravam alcançar até o grande público não alfabetizado, ou mesmo as pessoas não familiarizadas com a língua portuguesa. Entre as práticas de leitura do período focalizado, posso registrar as leituras coletivas realizadas em armazéns, bares, barbearias, escolas ou mesmo nas residências, onde o ato de ler e manusear diferentes tipos de publicações era valorizado pelos integrantes da família. Assim, os leitores não letrados também tinham acesso às concepções divulgadas pelas mais diversas publicações, de jornais diários aos almanaques anuais.

Sorocaba era uma cidade, no início do século XX, onde poderíamos encontrar, como em grande parte do estado de São Paulo, uma quantidade considerável de trabalhadores nacionais e estrangeiros, além de figuras excluídas ou marginalizadas. Esses trabalhadores, mesmo os não alfabetizados, eram alvos das idéias progressistas, veiculadas pela imprensa liberal da cidade, na tentativa de moldá-los como seres econômicos na sua utilidade máxima, mas politicamente dóceis (FOUCAULT, 1986: 143), para a sociedade gerada pelo discurso da modernidade.

Esse discurso moderno difundia a idéia de emancipação através da educação. O homem educado era sinônimo de homem emancipado, livre das amarras da ignorância, do atraso, da imobilidade. Mas como instituir o culto ao conhecimento numa cidade onde a

maioria dos moradores era de analfabetos? Como defender a educação emancipadora se poucas escolas atendiam a demanda por vagas? Como educar as crianças se muitas famílias não tinham condições de mantê-las apenas estudando?

Os projetos de educação defendidos pelos redatores e colaboradores das publicações focalizadas não eram simples de se concretizar. Existiam forças políticas contrárias à instalação de escolas secundárias, preparatórias ou profissionalizantes na cidade. Existiam tensões sociais nas tentativas de implantação da política educacional em todo o país, e em Sorocaba a situação não foi diferente. A concepção de que a educação era um meio de ascensão do indivíduo era compartilhada por sujeitos de todas as classes sociais. As elites, as classes médias, os trabalhadores, enfim, em todos os setores sociais inúmeros sujeitos entendiam os desafios impostos pelo conhecimento formal e concordavam que para superá-los, a educação institucionalizada era a maior geradora de possibilidades.

Uma cidade com trabalhadores educados e disciplinados, com espaços públicos e privados para o lazer de todos os seus moradores, apresentando sinais claros de progresso técnico e social, eram as imagens apresentadas pelas publicações ora focalizadas. A cidade em franco crescimento, na versão da imprensa liberal local, buscava seu espaço político no cenário estadual e nacional, controlado no período por grupos oligárquicos que tinham nas grandes propriedades rurais a origem de seu poder.

Porém, nem todos os moradores tinham condições materiais de promover a educação de seus pares, o que era mais um ponto de tensão entre os beneficiários e os marginalizados da educação.

A defesa da *Manchester Paulista*, por parte da imprensa sorocabana, consolidou as aspirações modernas locais, além de referendar a importância das elites que administravam o poder público da cidade. Portanto, compreender os objetivos implícitos e explícitos desses discursos, saber quem estava interessado na propagação da *Manchester Paulista*, quais grupos contribuíram para a sua consolidação, bem como as contradições discursivas – produzidas no embate com outras vozes e outros interesses sociais – constituiu o desafio e, talvez, a contribuição fundamental desta produção historiográfica de sentidos voltada para produções culturais sorocabanas do início do século XX.

FONTES

Fontes impressas

Almanach de Sorocaba para 1904. Sorocaba, SP: Typographia 15 de Novembro, 1904.

Almanach Ilustrado de Sorocaba para 1914. Sorocaba, SP: Typographia Werneck, 1914.

Almanaque de Sorocaba para o ano santo de 1950. Itu, SP: Tipografia Macedo, 1950.

Dirigentes da Sorocabana e Fepasa. Jundiaí, SP: Gráfica da Fepasa, 1983.

Jornal Cruzeiro do Sul. Sorocaba, SP: Typographia Cruzeiro do Sul. Edições de 1903 a 1914.

Jornal O 15 de Novembro. Sorocaba, SP: Typographia 15 de Novembro. Edições de 1903 a 1908.

Jornal O Operario. Sorocaba, SP: Typographia O Clarim da Luz. Edições pontuais entre 1909 e 1913.

Jornal O 3 de Março. Edições pontuais entre 1957 e 1958.

Revista A B C... Sorocaba, SP: Typographia Werneck, 1914, n. 1 a 5.

Codificação de Leis da Câmara Municipal de Sorocaba (1914-1915). Sorocaba, SP: Typographia “Quinze de Novembro”, 1915.

Fontes manuscritas

Livro de Alvarás de Licenças (1907 a 1914) Câmara Municipal de Sorocaba. Volume 337 do Serviço de Arquivo Geral do Museu Histórico Sorocabano.

Dicionários

MELO, Luís Correia de - **Dicionário de Autores Paulistas.** São Paulo: Editora Gráfica Irmãos Andrioli, 1954.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia (org.) - **Leitura, história e história da leitura.** Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999. (Coleção Histórias de Leitura)

ALBERT, P & TERROU, F. - **História da Imprensa**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ALEIXO IRMÃO, José - **A Perseverança III e Sorocaba: da queda da Monarquia ao fim da primeira República**. Sorocaba, SP: Fundação Ubaldino do Amaral, 1994.

ALMEIDA, Aluísio de - **História de Sorocaba**. Sorocaba: Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, 1969.

_____. **História de Sorocaba para crianças**. Sorocaba: Secretaria Municipal de Educação, 1980.

_____. **Cavalcadas em Sorocaba**. Sorocaba: Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico; Prefeitura Municipal, Secretaria de Educação e Cultura, 1990.

_____. **Sorocaba: 3 séculos de história**. Itu, SP: Editora Otoni, 2002.

_____. Biografias sorocabanas. **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo**. Volume CLII. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria de Educação e Cultura, p. 13-39, 1952.

_____. **O tropeirismo e a feira de Sorocaba**. São Paulo: Luzes Gráfica e Editora, 1968.

_____. **Vida e morte do tropeiro**. São Paulo: Martins, 1971.

ANDERSON, Perry - **Afinidades seletivas**. Tradução: Paulo César Castanheira;. São Paulo: Bom tempo Editorial, 2002.

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado - **Viver e sobreviver em uma vila colonial: Sorocaba, séculos XVIII e XIX**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2001.

BADDINI, Cássia Maria - **Sorocaba no império: comércio de animais e desenvolvimento urbano**. Dissertação de mestrado. São Paulo: Departamento de História, FFLCH / USP, 2000.

BAKHTIN, Mikhail - **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, 3ª ed.

BARREIRA, Luiz Carlos - **Escola, periodismo e vida urbana: imprensa operária e formação da classe trabalhadora em São Paulo (1888-1925)**. Trabalho apresentado no II Congresso Brasileiro de História da Educação, realizado em Natal, RN, em nov. de 2002, e publicado pela SBHE/UFRN, nos Anais Eletrônicos do Congresso.

_____. **Imprensa operária e educação escolar na cidade de Sorocaba no início do século XX**. Trabalho apresentado no XXV ISCHE – International Standing Conference for the History of Education, realizado em São Paulo em Julho de 2003.

_____. **Teares parados tecem a escola de amanhã: a luta dos tecelões sorocabanos no início do século XX, pelo direito à educação**. Trabalho apresentado no XXII Simpósio Nacional de História, realizado em João Pessoa, PB, em julho de 2003, e publicado pela ANPUH/UFPB, nos Anais Eletrônicos do Congresso.

_____. **Escola, periodismo e vida urbana: imprensa operária e formação da classe trabalhadora na cidade de Sorocaba (São Paulo - Brasil) no início do século XX**. Trabalho apresentado no VI Congresso Iberoamericano de Historia de la Educación, realizado em San Luis de Potosí, MX, em maio de 2003, e publicado nos Anais Eletrônicos do Congresso.

BARTHES, Roland - **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Andrew & OSBORNE, Peter (orgs.) - **A filosofia de Walter Benjamin: destruição e experiência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BENJAMIN, Walter - **Obras escolhidas I. Magia e técnica. Arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **Obras escolhidas II. Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **Obras escolhidas III. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERMAN, Marshall - **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOLLE, Willi - **Fisiognominia da Metrópole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

BONADIO, Geraldo - **Espaço urbano e vida social sob o impacto da atividade fabril: Sorocaba Industrial (1841/1995)**. Dissertação de mestrado. Guarulhos, SP: Universidade de Guarulhos, 1995.

BOURDIEU, Pierre - **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996 (Clássicos; 4).

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, 2ª ed.

BRESCIANI, Maria Stella Martins - **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1982. Coleção Tudo é história, v. 52.

_____(org.). **Imagens da cidade: séculos XIX e XX**. São Paulo: ANPUH/SP, Marco Zero, FAPESP, 1993.

BRESCIANI, Maria Stella Martins e NAXARA, Márcia.(org.) - **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

BUENO, João Batista Gonçalves - **Representações iconográficas em livros didáticos de história**. Dissertação de mestrado. Campinas, SP: Faculdade de Educação, Unicamp, 2003.

BURKE, Peter (org.) - **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

_____. **A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

CAMPOS SOBRINHO, José Carlos de - **João de Camargo de Sorocaba: o nascimento de uma religião**. São Paulo: Editora SENAC, 1999.

CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.) - **Domínios da história**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO, Vicente Licínio (org.) - **À Margem da História da República**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 3ª edição, 1990. Série República, volume 12.

CARONE, Edgard - **A Primeira República: 1889-1930**. SP: Difel, 1969.

_____. **A evolução industrial de São Paulo (1889-1930)**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

CARVALHO, José Murilo de - **A Construção da Ordem: a elite política imperial; Teatro de Sombras: a política imperial**. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Relume-Dumará, 1996.

_____. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. 2ª reimp. SP: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Pontos e bordados: escritos de história e política**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1998.

_____. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de - **Cidade & Fábrica: a construção do mundo do trabalho na sociedade brasileira**. Dissertação de mestrado. Campinas: Dep. de História, IFCH, UNICAMP, 1983.

CASTORIADIS, Cornelius - **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. (Coleção Rumos da cultura moderna, v.52).

CERTEAU, Michel de - **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. **A cultura no plural**. Campinas, SP: Papius, 1995. (Coleção Travessia do século)

CHACON, Vamireh - **História dos partidos brasileiros: discurso e práxis dos seus programas**. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 2ª ed., 1985. (Coleção Temas Brasileiros), vol. 5.

CHALHOUB, Sidney - **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque.** 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda (org.) - **A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARLOT, Monica & MARX, Roland (Org.) - **Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

CHARTIER, Roger - **A história cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. (org.). **Práticas de leitura.** introdução à edição brasileira .São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHAUI, Marilena Sousa - **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas.** 8ª edição. São Paulo: Cortez, 2000.

CHESNEAUX, Jean - **Modernidade-mundo: brave modern world.** Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1995.

COSTA, Emilia Viotti da - **Da Monarquia a República: momentos decisivos.** 6ª ed. SP: Brasiliense, 1994.

COSTA, Angela Marques da - **1890-1914: no tempo das certezas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000. (Virando séculos)

CRUZ, Heloisa de Faria - **Na cidade, sobre a cidade: Cultura Letrada, Periodismo e Vida Urbana – São Paulo (1890-1915).** Tese de doutorado. São Paulo: Dep. de História Social, FFLCH, USP, 1994.

_____. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana (1890-1915).** São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.

DANTAS, Arruda - **Monsenhor Castanho / Aluísio de Almeida.** São Paulo: Editora Pannartz, 1985.

DARNTON, Robert - **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa.** tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução.** São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

_____. **Edição e sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (orgs.) - **A Revolução Impressa: A Imprensa na França (1775-1800).** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

DEAN, Waren - **A industrialização de São Paulo (1880-1945).** São Paulo: Difel, Ed. USP, 1971.

DECCA, Maria Auxiliadora de - **A vida operária fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo 1920/1934.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DEL ROIO, José Luiz (colet. org.) - **Trabalhadores no Brasil: imigração e industrialização.** São Paulo: Ícone, 1990.

DIAS, Maurício Sérgio,(coord.) - **Minha rua, nossa história: personagens e fatos que dão nome às ruas de Sorocaba.** Sorocaba, SP: Linograf, 2002.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios** - 5ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2001. (Série Ofício de Arte e Forma)

ELIAS, Norbert. **Envolvimento e alienação** - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

FALCON, Francisco - **História Cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura.** Editora Campus, 2002.

FAUSTO, Boris - **Trabalho urbano e conflito social (1890-1920).** 4ª ed. São Paulo: Difel, 1986. (Coleção Corpo e Alma do Brasil).

_____. **A Revolução de 1930.** São Paulo: Brasiliense, 1970.

FREITAG, Barbara & ROUANET, Sérgio Paulo (org.) - **Habermas**. São Paulo: Ática, 1990. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

FREIRE, Paulo.- **Cartas a Cristina**, Paz e Terra, 1994.

_____. **Educação como prática da liberdade**, Paz e Terra, 1974.

_____. **Pedagogia do Oprimido**, Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Marcos Cezar (org.) - **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

FOUCAULT, Michel - **Microfísica do poder**. Michel Foucault; organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. . 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos).

GALZERANI, Maria Carolina Bovério - **O almanaque, a locomotiva da cidade moderna: Campinas, décadas de 1870 e 1880**. Tese de Doutorado. Campinas: Dep. de História, IFCH, UNICAMP, 1998.

_____. “Belas mentiras? A ideologia nos estudos sobre o livro didático” IN: PINSKY, Jaime (org.), **O ensino de história e a criação do fato**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1991. (Coleção Repensando o Ensino).

_____. “A produção de saberes históricos: saberes locais & saberes globais”. IN: **Revista do Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas: Área o conhecimento – História**. Ano I, nº 3, pp. 53-57, julho de 2001.

_____. “A tessitura do conhecimento histórico e suas relações com a narrativa literária”. IN: **Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História**. Ijuí (RS): Editora UNIJUÍ, pp. 649-660, 1999.

_____. “Percepções culturais do mundo da escola: em busca da rememoração”. IN: **Anais do III Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História**. Campinas (SP): Gráfica da Faculdade de Educação – Unicamp, pp. 99-108, 1999.

_____. “Imagens Entrecruzadas de Infância e de Produção de Conhecimento em Walter Benjamin”. IN: **Por uma cultura de infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Ana Lúcia Goulart de FARIA, Zeila de Brito Fabri.

GAGNEBIN, Jeanne Marie - **Walter Benjamin: os cacos da história**. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

_____. **História e narração em Walter Benjamin**. 2ª ed. rev. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

GARRARD, John - **Leadership and power in Victorian industrial towns: 1830-80**. Manchester: Manchester University Press, 1983.

GASPAR, Antônio Francisco - **Minhas memórias: Sorocaba – São Paulo – Santos e viceversa no período 1896 a 1909**. Sorocaba, SP: Editora Cupolo, 1967.

_____. **Sorocaba de ontem: crônicas da cidade**. Sorocaba, SP: s/ed., 1954.

_____. **Histórico do início, fundação, construção e inauguração da Estrada de Ferro Sorocabana (1870-1875)**. São Paulo: Editora Cupolo, 1930.

GAY, Peter - **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: o cultivo do ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Guerras do prazer: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a paixão terna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **O século de Schnitzler: a formação da cultura da classe média (1815-1914)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GEERTZ, Clifford - **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

GIDDENS, Anthony - **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GINZBURG, Carlo - **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIROLETTI, Domingos - **Fábrica, convento e disciplina**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991.

GOUBERT, Pierre - "História local". IN: **Revista História & Perspectiva**. Nº 6. Uberlândia: Jan./Jun. 1992, pp. 45-57.

GUATTARI, Felix & ROLNICK, Sueli - **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1986.

HARDMAN, Francisco Foot (org.) - **Morte e progresso: cultura brasileira como apagamento de rastros**. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998.

_____. **Trem fantasma: a modernidade na selva**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

HARDMAN, Francisco Foot & LEONARDI, Victor - **História da indústria e do trabalho no Brasil (das origens aos anos 20)**. 2ª ed. São Paulo, Editora Ática, 1991.

História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III. O Brasil Republicano. 2º Volume. Sociedade e instituições (1889-1930). Rio de Janeiro: Difel, 1977.

HOBBSBAWN, Eric & RANGER, Terence. (Org.) - **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOBSBAWN, Eric J - **A Era do Capital: 1848-1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ª edição, 1982.

_____. **A Era dos Impérios: 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **A Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião a jazz**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

JOBIM E SOUZA, Solange - **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. 3ª ed. Campinas, S.P.: Papirus, 1996. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

KOSSOY, Boris - **Fotografia & história**. 2ª ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOTHE, Flávio R - **Benjamin e Adorno: Confrontos**. São Paulo: Ática, 1978.

_____(org.). **Walter Benjamin**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

KOWARICK, Lúcio (org.) - **As lutas sociais e a cidade: São Paulo, passado e presente**. 2ª ed. ver. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina - **A formação da leitura no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política** -. 2ª ed. Campinas, Papirus, 1986.

LE GOFF, Jacques - **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **A civilização do ocidente medieval**.. Lisboa: Estampa Editorial, 1983, vol. I.

_____. **História e memória**. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

LEIS, Nilson - **A caracterização do processo de urbanização e industrialização: o caso de Sorocaba**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Economia, Pontifícia Universidade Católica, 1995.

_____. “A caracterização do processo de urbanização e industrialização: o caso de Sorocaba”, IN: **Revista de Estudos Universitários da Universidade de Sorocaba**. Sorocaba: UNISO, Vol. 21, nº 02, Dez/1995.

LOPES, Eliane Marta Teixeira, FARIA, Luciano Mendes Filho, VEIGA, Cynthia Greive (orgs.) -**500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LÖWY, Michel - **Romantismo e messianismo: ensaios sobre Lukács e Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1990 (Coleção Debates; v. 234).

_____. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento**. São Paulo: Busca Vida, 1987.

_____. **Redenção e Utopia. O Judaísmo Libertário na Europa Central..** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista..** 14ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Romantismo e política** / Michael Löwy, Robert Sayre. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

MACHADO Neto, Antônio Luís - **Estrutura social da república das letras: sociologia da vida intelectual brasileira, 1870-1930**. São Paulo: Grijalbo, Ed. da USP, 1973.

MARTINS, Ana Luiza - **Revista em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1920)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MARTINS, José de Souza - **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: Hucitec, 2000.

MENON, Og Natal - **A educação escolarizada em Sorocaba entre o império e a república**. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC/SP, 2000.

NAXARA, Márcia Regina Capelari - **Sobre o campo e cidade – olhar, sensibilidade e imaginário: em busca de um sentido explicativo para o Brasil do século XIX**. Tese de doutorado. Campinas: Dep. de História, IFCH, UNICAMP, 1999.

NORA, Pierre - “Entre memória e história: a problemática dos lugares”, IN: **História e Cultura. Projeto História.** São Paulo: PUC, dezembro, 1993, pp. 7-28.

ORTIZ, Renato - **Cultura e modernidade: a França no século XIX.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

PADILHA, Márcia - **A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo nos anos 20.** São Paulo: Annablume, 2001.

PARK, Margareth Brandini - **História e leituras de almanaques no Brasil.** Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999. (Coleção Histórias de Leitura)

PENTEADO, Jacob - “Na velha Sorocaba”, IN: **Belenzinho, 1910: retrato de uma época.** São Paulo: Martins Fontes, 1962.

PEREIRA, Leonardo Affonso - **Footbaallmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938).** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PERROT, Michelle - **História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra.** São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

_____. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PINHEIRO, Paulo Sérgio & HALL, Michael M. - **A classe operária no Brasil 1889-1930.** Documentos vol. II. Condições de vida e de trabalho, relações com os Empresários e o Estado. São Paulo: Editora Brasiliense: Funcamp, 1981.

PINSKY, Jaime (org.) - **O ensino de história e a criação do fato.** 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1991. (Coleção Repensando o Ensino)

PINTO, Maria Inez Machado Borges - **Cotidiano e sobrevivência: a vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo (1890-1914)**. São Paulo: EDUSP, 1994.

PIRES, Reynaldo Camargo - **Cecê: uma vida, um exemplo**. Sorocaba, SP: 1968. (texto fotocopiado)

PRESTES, Lucinda Ferreira - **A Vila Tropeira de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba: aspectos socioeconômicos e arquitetura das classes dominantes (1750-1888)**. São Paulo: ProEditores, 1999.

RAGO, Margareth - **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ROSANVALLON, Pierre - "Por uma História Conceitual do Político". IN: **Revista Brasileira de História**. Vol. 15, nº 30. São Paulo: ANPUH: Contexto, 1995, pp. 9-22.

SALE, Kirkpatrick - **Inimigos do futuro: a guerra dos luditas contra a Revolução Industrial e o desemprego: lições para o presente**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SALLES, João Alberto de - **Cathecismo Republicano**. São Paulo, Leroy King Bookwalter, 1885.

SAMUEL, Raphael - História local e história oral. IN: **Revista Brasileira de História**. Vol. 9, nº 19. São Paulo: ANPUH/CNPq/Marco Zero, Set. 1989/Fev. 1990, pp. 219-243.

SCHWARCZ, Lilia Moritz - **Retrato em preto e branco: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL.- **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ensino fundamental de História. Brasília: MEC/SEF, 1997.

SENNETT, Richard - **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 5ª reimpressão.

_____. **A corrosão do caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Carne e pedra.** Rio de Janeiro: Record, 1997.

SEVCENKO, Nicolau (org. do volume) - **História da vida privada no Brasil : da Belle Époque à Era do Rádio.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (História da vida privada no Brasil; 3)

_____. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** 1ª reimpr. da 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. “Futebol, metrópoles e desatinos” IN: **Revista da USP**, n.22, jun./ago. 1994.

_____. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001 (Coleção Virando Séculos; 7)

SILVA, Marcos A. da – “A história e seus limites” IN: **Revista História & Perspectiva.** Nº 6. Uberlândia: ...Jan./Jun. 1992, pp. 59-65.

_____(coord.). **República em migalhas: história regional e local.** São Paulo: CNPq/Marco Zero, 1990.

_____. **Caricata república.** São Paulo: Marco Zero, 1989.

SILVA, Paulo Celso da - **De novelo de linha à Manchester Paulista: fábrica têxtil e cotidiano no começo do século XX em Sorocaba.** Sorocaba: Projeto LINC, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck - **A história da imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOUZA, Rosa Fátima de - **Tempos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910).** São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

SÜSSEKIND, Flora - **Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **As revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Casa Rui Barbosa, 1986.

THOMPSON E. P. - **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VEIGA, Cynthia Greive - **Cidadania e educação na trama da cidade: a construção de Belo Horizonte em fins do século XIX**. Tese de doutorado. Campinas, SP: Dep. de História do IFCH/UNICAMP, 1994.

VYGOTSKY, L. S. - **The psychology of art**. Mit Press, 1971.

_____. **Pensamento e Linguagem**. Martins Fontes, 1978.

_____. **A formação social da mente**. Martins Fontes, 1984.

_____. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Ícone, 1988.

WILLIAMS, Raymond – **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

_____. **Cultura e sociedade (1780-1950)**. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

ZAMBONI, Ernesta. - Representações e Linguagens no ensino de História In: **Revista Brasileira de História**. ANPUH/Humanitas Publicações, vol. 18, nº 36, 1998.

_____. **Que história é essa? Uma proposta analítica dos livros paradidáticos de história**. São Paulo: Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, USP, 1991.

_____. As Linguagens e a produção do conhecimento Histórico no Ensino Fundamental de História In: **Revista Brasileira de História**, Nº 29.